"Com uma simples premissa especulativa – e se o seu nome determinasse os caminhos da sua vida? –, Florence Knapp cria um retrato realista e devastador do efeito borboleta. Uma história engenhosa e primorosa." ELLE

RECORD

Os Nomes



Três nomes.

Três versões de uma vida.

Florence Knapp

Os Nomes

Florence Knapp

Tradução de
Juliana Romeiro

1ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2026

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K75n

Knapp, Florence
Os nomes [recurso eletrônico] / Florence Knapp ; tradução Juliana Romeiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2026.
recurso digital

Tradução de: The names
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-92637-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Romeiro, Juliana. II. Título.

26-103566.0

CDD: 823
CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Título original:
The Names

Copyright © by Florence Knapp 2025

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-92637-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para meu marido, Ian...
com amor



Sumário

PRÓLOGO

1987
- BEAR
- JULIAN
- GORDON

SETE ANOS DEPOIS 1994
- BEAR
- JULIAN
- GORDON

SETE ANOS DEPOIS 2001
- BEAR
- JULIAN
- GORDON

SETE ANOS DEPOIS 2008
- BEAR
- JULIAN
- GORDON

SETE ANOS DEPOIS 2015
- BEAR
- JULIAN
- GORDON

SETE ANOS DEPOIS 2022
- BEAR
- JULIAN
- GORDON

EPÍLOGO

NOMES DAS PERSONAGENS

NOTA DA AUTORA

AGRADECIMENTOS

PRÓLOGO

Outubro de 1987

A mãe de Cora sempre dizia que o vento mexe com as crianças, que até as mais quietinhas voltam meio selvagens da rua depois de brincar. É isso que Cora sente agora, essa inquietação. Lá fora, rajadas de vento sacodem os pinheiros nos fundos de casa e passam pela lateral para se lançar contra o portão. Dentro dela, as preocupações também se agitam num turbilhão. Porque amanhã — se o dia amanhecer, se a tempestade der uma trégua — Cora vai registrar o filho. Ou talvez, e é isso que a preocupa de verdade, vá oficializar quem ele vai se tornar.

Cora jamais gostou do nome Gordon. O jeito como começa com um estalo, que lembra uma bala rígida quebrando na boca, e termina com um baque, como se alguém largasse uma bolsa pesada no chão. *Gor*-don. Porém o que mais a incomoda é que agora ela vai ter de verter a bondade do filho nesse molde, na esperança de que ele seja forte o bastante para encontrar seu próprio formato dentro disso. Porque Gordon é um nome que passa de geração em geração na família do marido, e parece que é impossível ser de outro jeito. Mas isso não a impede de debater consigo mesma, pensando em todas as vezes que achou que o nome de alguém pode ter influenciado o curso da vida daquela pessoa. Amelia Earhart. Os irmãos Lumière. Na semana passada mesmo, ela viu um livro na mesa de cabeceira do marido, *Neurologia clínica*, de lorde Walter Russell Brain.

— Você não acha esquisito? — perguntou ela.

— Pura coincidência — respondeu Gordon. — Se bem que você nem imagina a quantidade de urologista com sobrenomes tipo Burns, Cox ou Ball. Ah, e Legg é muito comum entre ortopedistas.

Você não percebe o risco?, ela quase perguntou. *Não percebe que, se a gente chamar o nosso filho de Gordon, ele pode acabar que nem você?* Mas não podia falar isso. Porque, no fundo, era justamente esse o ponto.

Cora faz carinho na bochecha quentinha do bebê, como se a pele dele pudesse transmitir alguma mensagem vital. Do que ele quer. De quem ele é. Mas, antes que possa detectar qualquer coisa, algo se choca com a parede dos fundos da casa — um barulho que ela não só ouve mas sente. Cora traz o filho para junto de si, e a luz de segurança pisca lá fora, iluminando as silhuetas agitadas dos pinheiros. Imensos e assomando à casa, depois se afastando, até parecerem enormes de novo. Ela ouve Gordon sair do quarto ao lado e descer correndo a escada e o imagina cruzando a sala de pijama até a porta do jardim, então parando sob a lâmpada, estreitando os olhos míopes sem as lentes de contato, tentando entender o que aconteceu. Ela o imagina diminuído diante da ameaça das árvores, da imensidão da tempestade.

Alguns minutos depois, ele abre a porta do quarto do neném, e Cora sente uma lufada de ar frio, como se tivesse se agarrado às roupas dele e o seguido escada acima.

— Foi só o regador — diz ele. — Vem para a cama.

— Já vou — responde ela.

Mas Cora não quer sair de perto do filho, então o deixa dormir, a cabeça pesando no braço dela e os sons da tempestade marcando os minutos da noite que se desvela em dia.

***

Gordon está ao telefone com um colega que já está na clínica. Cora os ouve comentando a falta de aviso na previsão do tempo da noite anterior, que talvez tenham de desmarcar algumas consultas e que alguns funcionários podem não conseguir chegar ao trabalho. Ela prepara o café da manhã com uma das mãos, segurando o bebê com a outra, enquanto ajuda Maia a sintonizar o rádio na estação local para ouvir a lista de escolas fechadas por causa do temporal. A de Maia aparece no meio de uma sequência de outras escolas do fundamental que elas não conhecem, provocando um sorrisinho feliz e um joinha, que ela esconde assim que o pai entra na cozinha.

Ele pega uma torrada antes de sair e diz:

— Os meus pais vêm para cá no domingo. Vê se tira essa certidão hoje. — Duas frases, uma seguida da outra, ditas como se uma justificasse a outra. — Ah, e vê se não corta caminho pelo parque — acrescenta.

Tarados, assassinos e, hoje, árvores que ainda podem cair por causa da tempestade.

As casas da rua têm todas a mesma fachada de falsa imponência, com colunas de estuque, jardins de arbustos baixos e bem podados e janelas idênticas e inexpressivas. Elas saem e não veem quase evidência alguma da tempestade. Mas, assim que fazem a curva da rua sem saída, a paisagem provoca aquela mesma sensação ofuscante de sair do cinema no meio do dia. Árvores inclinadas em ângulos estranhos. Cercas derrubadas, expondo o quintal das pessoas. Um varal de roupa caído na calçada. Algumas casas mais adiante, elas veem uma camisa masculina enroscada em uma cerca viva, com os pregadores ainda presos nos ombros. Maia corre os olhos ao redor, era como se a cidade tivesse virado um jogo dos sete erros.

Elas dão a volta no parque, contornando galhos caídos e parando para olhar as imensas raízes de um carvalho tombado, pingando torrões de lama. Maia se agacha perto do buraco no chão.

— Cuidado para não sujar o casaco — avisa Cora. *Palavras dele*. Por ela, mandava Maia deitar no chão para sentir o cheiro de terra molhada e se imaginar feito um filhote de raposa, com o focinho enroscado na cauda. Ela tem nove anos, está quase passando da idade em que ainda pode querer fazer essas coisas.

Maia se levanta e bate a sujeira do casaco. Na faixa de pedestres, ao lado da cúpula de vidro amarelado do poste de rua que jaz decapitada perto do meio-fio, elas esperam os carros pararem. Maia olha para o carrinho e pergunta:

— Se ele vai ter o nome do papai, por que eu não tenho o seu?

Cora agradece ao motorista com um aceno de mão.

— Ah, mas você tem. Só que ninguém sabe — responde ela, atravessando a rua. — Maia significa "mãe". Depois eu te mostro lá em casa no meu livro de nomes de bebê.

— Ah, é?! — Cora fica surpresa de ver a felicidade da filha com aquilo. — Então por que a gente não chama ele de uma coisa que signifique só "pai"?

Cora olha para o neném, cujo rostinho redondo espreita o mundo do seu macacão acolchoado bem quentinho. Ela para de empurrar o carrinho por um instante e se inclina para o casulo com cheirinho de

talco. Os olhos dele brilham de alegria ao encontrar os dela, seus bracinhos e suas perninhas embalados se agitam freneticamente em comemoração. Ele não é um Gordon. Ela pisca um "eu te amo" para ele e se ajeita.

— Sabe, eu cheguei até a olhar uns nomes que significam "pai", e o que eu mais gostei foi Julian, que quer dizer "pai celeste".

Para Cora, seria transcender a uma longa linhagem de pais terrenos problemáticos, e ela chegou a se perguntar se Gordon não aceitaria um nome como Julian. Se significa "pai", um nome ainda escolhido em homenagem a ele, na certa deveria ser quase tão bom quanto Gordon, não? Mas um dia desses ele voltou mais cedo para casa e encontrou o livro de nomes de bebê aberto virado no sofá. Gordon pegou o livro e deu uma olhada nas páginas abertas. "Cora, só os nomes de menina, hein? Se for menino, vai ser Gordon." E, quando ele fechou o livro com força e o guardou na prateleira, foi como se tivesse guardado também qualquer possibilidade de conversa.

— Eu gosto de Julian — comenta Maia.

— Eu também. E *você*, se pudesse escolher qualquer nome, ia chamar de quê? — pergunta Cora.

— Bom — diz Maia, e, pelo jeito como estica a palavra, Cora sabe que ela já pensou no assunto. — Não é assim um nome muito normal, mas eu gosto de Bear.

— Bear? Você quer que o seu irmão se chame "urso"? — pergunta Cora, rindo.

— É. Tem um som fofinho, carinhoso e dá vontade de apertar — explica Maia, abrindo e fechando as mãos como se estivesse apertando uma coisa fofa. — Mas também é forte e corajoso.

Cora olha o neném e pensa nele como todas essas coisas. É isso que quer para o filho.

Mais perto do centro da cidade, a limpeza já começou. Dois homens cortam tílias caídas em pedaços fáceis de transportar, deixando só os tocos baixos nos canteiros.

Maia dá um tchauzinho para uma menina loira cujo "oi" se perde no barulho das motosserras.

Assim que passam, ela explica:

— É Jasmine. Do balé.

— Ah, é, aquela que tem uma irmã mais velha no...

— Sadler Swells. Mas tem uma coisa que não entendo — diz Maia, retomando a conversa antes que Cora possa corrigir o nome do teatro. Ela respira fundo, como se fosse dizer algo proibido, então pergunta: — Por que é tão importante assim? Pro papai. O negócio do nome igual.

A vontade de Cora é dizer que é importante porque tem uns homens grandes que se sentem pequenos por dentro. Porque alguns deles — que nem o pai de Gordon — levam a vida certos de que são tão superiores que acham que os filhos, e os filhos dos filhos, devem todos ser feitos em homenagem a eles. Porque às vezes a necessidade dessas pessoas de agradar as gerações passadas é maior do que a de amar as futuras. Para Cora, parece uma coisa tribal, de bater no peito e afirmar posse. Mas ela não fala nada disso. A filha já percebe coisas demais. No dia seguinte a uma briga, por mais que Cora tente aguentar tudo em silêncio, Maia sempre chega perto dela na pia da cozinha, a abraça na cintura com os braços finos e diz "Mãezinha querida", com o rosto colado nas suas costas. Nessas horas, Cora sente a compaixão, a tristeza compartilhada. E uma vez sentiu até a umidade no ponto do vestido onde o rosto de Maia havia estado pouco antes.

— Para algumas pessoas, tradição é uma coisa muito importante — diz ela, por fim.

— Mas ter o próprio nome também é. Às vezes, né? Vai ver até o papai teria gostado de ter um nome só dele.

Cora tira uma das mãos do carrinho e passa o braço pelos ombros da filha.

— Você é tão inteligente.

Ela se questiona de novo se está fazendo a coisa certa. Cada detalhe, tudo. Se para o próprio Gordon vai ser bom seguir com essa tradição. Talvez consentir em viver à sombra do pai e do pai do pai signifique apenas repetir um padrão, aumentar esse peso para si mesmo. Talvez dar outro nome ao filho fosse uma libertação. Não a princípio, mas mais tarde.

E ainda tem Maia. Será que ela não estaria só ensinando à filha que manter a paz é mais importante do que fazer o que é certo? Cora se pergunta o que Maia pensa dela por ter aceitado dar ao irmão esse nome que vai amarrá-lo a gerações de homens dominadores. E então se dá conta de que, embora o nome de Maia tenha sido escolhido como um vínculo silencioso entre as duas, ao revelar seu significado, ele também

pode ter virado um fardo. Talvez ela tenha sem querer transmitido a ideia de que a vida delas está destinada a seguir o mesmo caminho, quando sua maior esperança é a de que os filhos trilhem os próprios passos.

1987

Bear

Cora fica observando as letras surgirem como que por mágica da ponta da caneta da escrivã conforme ela desliza pela página. Bear Atkin. Bear. Só quatro letras, B-E-A-R, mas cada uma parece carregada, não mais simples consoantes e vogais. Ela sente uma onda de — o que é isso? Alegria? É isso, alegria — alegria varrer todo o seu ser. Uma felicidade estonteante que toma conta de todo o seu corpo. Cora olha para Maia de relance, de pé do lado da sua cadeira, e vê a surpresa no rosto da filha.

A escrivã entrega a certidão de nascimento e comenta que, em vinte e dois anos de carreira, nunca tinha registrado um Bear antes. Ela estica o pescoço por cima da mesa e dá uma olhada no carrinho.

— Mas que nome mais perfeito para ele, não é? — Então olha para Maia. — E você parece uma irmã muito orgulhosa. Você vai ajudar a cuidar desse ursinho lindo, não vai?

Fora do cartório, Maia mal consegue se conter.

— Eu nem acredito que você escolheu o meu nome... Eu... Eu nunca imaginei que você ia escolher o *meu* nome! — Cora beija a testa da filha e guarda o envelope na bolsa, enquanto Maia empurra o carrinho.

A primeira sensação é de que ela está flutuando na calçada e, ao notar o próprio reflexo na vitrine de uma loja, chega a se assustar com os pés tocando o chão. Maia está uns poucos passos à frente, mas ela a ouve tagarelando, admira as costas bonitas da filha quando ela se debruça pela beirada do carrinho para chegar bem perto do irmão e fica tão feliz. Cora sabe que aquele vai ser um momento marcante na vida de Maia, o dia em que ela ganhou voz, em que não teve de se enquadrar na sombra do casamento dos pais. Mas então, antes mesmo de chegarem ao alto da ladeira, fica angustiada ao tomar ciência do que acabou de fazer. Se Gordon souber que foi Maia quem escolheu o nome... Ela pisca e tenta afastar o pensamento. Ele nunca machucou a filha. Mas talvez porque ela se comporta bem, é pequena e só aparece em situações em que Cora

pressente que não corre perigo, sempre chamando-a de volta, mandando-a tomar banho ou buscar uma coisa de que ninguém precisa toda vez que ela chega perto demais do fogo.

Cora sente a camiseta ficar úmida por baixo das roupas de frio. O absorvente pesa entre as pernas, e um suor frio recobre sua testa e faz a nuca formigar. É como se todas as partes fluidas dela estivessem tentando escapar do seu corpo. Fugir.

O que foi que ela fez? Como pôde ser tão burra? E logo "Bear". Como vai explicar isso, além do fato de que foi a escolha de uma criança de nove anos? Porque isso ele não pode saber, nunca. Um nome que vai parecer uma provocação, como se ela tivesse escolhido de propósito para humilhá-lo, para dizer que a tradição da família dele, a aprovação do pai dele importam tão pouco que ela nem se preocupou em limitar sua traição a um nome normal. Um nome como Julian, quem sabe.

Pensa em repetir as palavras de Maia, em dizer que um menino que se chama Bear é fofinho e carinhoso mas também forte e corajoso. Mas ela sabe que ele não vai dar o menor valor a essas qualidades, que isso só vai enfurecê-lo ainda mais. E como vai contar para ele? Qual a melhor hora e lugar para suavizar a notícia? Pegá-lo de bom humor, fazer a comida preferida dele, nada disso vai adiantar. E a boa vontade recente que ele tem tido com ela, na gravidez e nas primeiras semanas desde que o bebê nasceu, tratando-a com o mesmo profissionalismo com que trata em seu consultório as pacientes que acabaram de dar à luz... Essa boa vontade não vai sobreviver a um golpe desses. Onde estava com a cabeça? Ela vai ter de dar um jeito. Vai ter de voltar à escrivã e pedir desculpas. Ainda deve dar tempo; a tinta mal secou. Ela vai entender que foi o turbilhão da tempestade; o fato de ter passado a noite em claro depois de semanas de sono picado. Não é um período normal. Mas, quando Maia chega à faixa de pedestres, ela se vira para a mãe com uma expressão tranquila de um jeito que Cora quase nunca viu no rosto da filha, livre da tensão que em geral molda suas feições.

— Mamãe... — E o jeito como ela a chama. Faz anos que Maia não a chama assim, tendo trocado o "mamãe" há muito tempo pelo "mãe". — Obrigada, mamãe. Essa foi uma das coisas mais especiais que já aconteceram comigo.

Elas contornam o parque, e Cora confere o relógio. Faltam cinco horas para Gordon chegar do trabalho, o que parece uma eternidade, mas ao

mesmo tempo não é quase nada. Ela precisa bolar um plano. Lembra que Maia teria natação no fim da tarde e se pergunta se a piscina vai estar aberta. Desde que o neném nasceu, Mehri tem levado Maia à natação. Será que ela não poderia pedir à vizinha que a levasse só mais essa vez, já que vai levar a própria filha de qualquer jeito? Talvez Maia pudesse até jantar com eles depois — ela não conhece a filha de Mehri muito bem, mas elas moram perto e têm a mesma idade; não seria pedir muito, seria? Se ela conseguir manter Maia fora de casa até as sete, vai ter meia hora entre Gordon chegar da clínica e Maia voltar da casa de Mehri.

Elas entram em casa, e Cora deixa o carrinho no hall de entrada, com o bebê dormindo dentro, então prepara um lanche para Maia e liga para Mehri. Não vai ter natação hoje. Mas Cora não precisa nem pedir: Mehri convida Maia para jantar com Fern. Por um instante, isso lhe dá um pouco de confiança, como se o fato de essa pecinha do quebra-cabeça ter se encaixado tão bem fosse um sinal de que talvez tudo desse certo. Ela vai até o banheiro, tira as roupas suadas e coloca no cesto, troca de calcinha e então pega uma blusa limpa na gaveta, enquanto pensa no que fazer com Bear. E, apesar da ansiedade, percebe que pensou nele como *Bear* sem titubear, como se esse sempre tivesse sido o nome dele. Como se ele estivesse só esperando para recebê-lo, e agora só precise que ela torne isso real — que dê a notícia a Gordon —, e é isso que a faz seguir em frente.

Fica pensando em um jeito de proteger Bear. Cogita pular uma mamada e dar de mamar às seis, até ele cair naquele sono pesado em que pode transferi-lo para o moisés sem acordá-lo. Mas e depois? Ela vai até o armário e começa a tirar as caixas de sapato do chão, empilhando-as num canto do lado da cômoda. Quando abre um espaço grande o suficiente, limpa a poeira com a mão, pega o moisés e o coloca dentro do armário para ver se cabe. Parece loucura, e ela sabe disso. Ele não iria machucar o bebê, iria? Mas, por causa daquele instante de impetuosidade, a existência de Bear é agora uma afronta pessoal a Gordon e à família dele. Ela quase consegue ouvir o marido gritando. *O meu filho? Bear? Ficou maluca?* Não, pensa ela, movendo as coisas ao redor do moisés, ela tem de proteger o bebê.

Ela desliza o dedo pela fresta entre as portas do armário e fica na dúvida se passa ar o suficiente, então abre as portas de novo, entra no armário e fecha as portas por dentro. A fresta deixa passar uma linha

vertical de luz, e, quando ela cola o rosto na porta, vê uma faixa do quarto. Ela fica de pé ali, na escuridão, observando essa fatia da própria vida de um novo ângulo. A cama que divide com Gordon, o edredom florido, presente de casamento dos sogros. Mesas de cabeceira iguais. Do lado dela, só um relógio. Do lado dele, um abajur, um caderno e uma pilha de livros. Ela percebe que o cômodo não tem nada dela, nenhum vestígio de sua presença física. Só o que existe mesmo é a *sensação* de estar pairando sobre a quietude daquele quarto.

Ela ouve Bear começar a se agitar no carrinho lá embaixo, mas, antes de abrir a porta do armário, ouve Maia se aproximando do irmão com uma voz carinhosa, pedindo a ele que não chore. Cora a imagina abrindo o zíper do macacão acolchoado e erguendo seu corpinho quente com cuidado e, quando fica tudo em silêncio, conclui que Maia o levou para a sala de estar. Ela continua dentro do armário mais um pouco, sentindo como se tivesse se afastado momentaneamente da própria vida e apertado o botão de pausa.

Às seis e meia, Cora ouve a chave de Gordon na porta de casa. Sente que vai vomitar. Ela vai até o hall, onde ele a cumprimenta com um beijo no rosto e lhe entrega o paletó. Ela passa os dedos pelo tecido grosso antes de pendurá-lo, querendo adiar tudo um pouco, sentir essas coisas tangíveis, aproveitar os momentos em que pode escolher no que se concentrar.

Ela o segue até a cozinha e, incapaz de continuar segurando a tensão que carregou o dia inteiro, ouve a própria voz escapar:

— Gordon, eu fiz uma coisa.

Só então ele se vira, recosta-se na bancada com os olhos fixos nos dela, e Cora sabe que Gordon não vai perguntar o que ela fez, não vai ajudá-la a falar. Ele afrouxa a gravata sem desviar o olhar. E, quando ela fala, ouve a si mesma do jeito que ele vai ouvi-la: patética, fraca.

— Eu fui tirar a certidão, que nem você pediu, e... e eu espero que você não se importe, mas eu botei outro nome. Eu não botei Gordon. Você sabe que eu nunca quis que ele se chamasse assim, e... e...

Ela para de falar, porque ele nem sequer piscou; não tirou os olhos dela. E essa parte é igual a quando alguém que tem medo de altura para no alto de uma escada, tão convicto de que vai cair que sente o impulso de pular e acabar logo com aquilo. É preciso muita força para não se

jogar aos pés dele e deixar que a chute, sem nem tentar escapar da inevitabilidade e só se submeter, porque essa antecipação só adia o que ela já sabe que vai acontecer. Mas então ela pensa em Bear, no armário do quarto, e em Maia, jantando na cozinha de Mehri, e endireita as costas antes de continuar.

— Eu botei o nome de Bear.

Gordon sorri, e ela vê a mudança na postura dele, vê quando ele balança a cabeça e estende a mão para pegar a jarra de água. Cora percebe que ele acha que é uma piada.

— Não — continua ela —, é verdade. — E pega o envelope escondido entre dois livros de receitas.

Ele se vira, ainda com a jarra na mão, e lê a certidão de nascimento. Demora mais que o necessário encarando o documento, e a mão de Cora, que ainda segura o papel, começa a tremer, fazendo a folha vibrar com um ruído seco que preenche o silêncio. Ele olha para ela e, sustentando esse olhar, larga a jarra com todo seu peso, e ela se espatifa no piso da cozinha. Cora sente a água encharcar suas meias e percebe que deveria ter botado um sapato.

Ele agarra um chumaço de cabelo no alto da cabeça de Cora e puxa para trás, colando o rosto dela no seu. Por um segundo, ela se confunde, acha que Gordon vai beijá-la, mas, em vez disso, ele arremessa sua cabeça contra a lateral da geladeira.

Mesmo tendo prometido que não ia gritar, Cora solta um grito de susto e logo em seguida fecha a boca, com medo de acordar Bear. Não pode deixar Gordon se lembrar da presença do filho.

— Você é a minha mulher — sibila ele. — Eu pedi para você fazer uma coisa por mim... — ele bate a cabeça dela na geladeira de novo — ... e você não foi capaz. Só... — *bum* — ... uma... — *bum* — ... coisa.

Uma parte dela entende que Gordon está só começando; que há um limite para quantas vezes ela ainda vai sentir o impacto do cérebro, do crânio e da carne no metal antes de não sentir mais nada. Então abandona o desejo de que Bear não acorde e faz uma coisa que nunca fez antes: grita por socorro. E não é uma vez só, mas várias vezes, sabendo que o basculante da despensa está aberto, e que a porta está só encostada, e que seria impossível alguém na rua não ouvir. Quando ele tapa sua boca, ela morde com força, enfiando os dentes na carne e nos pelos grossos. Ele recua, assustado. Mas o alívio dura pouco, porque agora ele

está a poucos passos dela, e Cora percebe que vai usar a distância para ganhar velocidade, e Gordon está prestes a se lançar sobre ela.

Cora pula para o lado e nota os pontos cuidadosos da parteira arrebentando. Mas não sente dor — só a descarga de adrenalina — enquanto ele a persegue até a sala. Gordon a segura pelo cabelo de novo, mas ela se esquiva e se liberta, e é como se o seu couro cabeludo ardesse em chamas.

Ele se atira sobre ela e a derruba no chão, e, embora ela não tenha ouvido o som de vidro quebrando nem a porta de casa se abrindo, tem alguém — mas quem? — na sala com eles. É o vizinho de duas casas depois da deles, que se mudou há poucos meses; o homem que ela às vezes vê voltando do parque com o cachorro, nas tardes em que vai encontrar Maia no meio do caminho da escola; o homem que sorriu para a barriga de grávida dela e que um dia comentou algo como "que belo dia, hein" quando se esbarraram debaixo de chuva. Esse homem agora está puxando Gordon de cima dela, e, por um instante, é como se isso fosse uma espécie de desfecho, como se, aconteça o que acontecer, a situação fosse se acalmar.

Mas então Gordon grita:

— O que você está fazendo na minha casa?!

E o cachorro do vizinho começa a latir nos calcanhares de Gordon, com a guia se enrolando nas pernas da mesa de centro. O homem ergue as mãos, como quem diz "Eu não quero confusão, não vim aqui para brigar", e Gordon espalma as mãos no peito dele e o empurra com tanta força que Cora só consegue assistir enquanto o homem cai de costas e atravessa as portas de vidro que dão para o jardim.

Mais tarde, mas não necessariamente nesta ordem, um policial — jovem, talvez nem tenha vinte e dois anos — vai discar o número de Mehri, anotado perto do telefone, e combinar com ela de ficar com Maia naquela noite. Depois ele vai subir e pegar Bear no armário, e Cora vai se perguntar como ele pode saber como embalar o bebê do jeito certo e acalmar seu choro com palmadinhas nas costas até ele ficar só suspirando, assustado. Mas ela não vai nem pensar em perguntar isso, porque as palavras simplesmente desapareceram da sua cabeça; a ligação entre pensamento e voz foi provisoriamente interrompida. Ela vai ficar tapando a orelha direita, tentando calar o tinido que ressoa na cabeça,

sem compreender por que está ouvindo aquilo nem entender que tem a ver com a cena na cozinha, ocorrida apenas quarenta e cinco minutos antes. Ela vai notar o brilho das luzes azuis deslizando para fora da parede da sala quando a ambulância for embora. E vai ficar olhando um policial mais velho algemar as mãos de Gordon nas costas e, embora não consiga ouvir o que ele diz, vai entender que se trata de um paciente, e algo na sua postura vai fazer com que ela perceba que ele está sem jeito de estar naquela situação, prendendo o homem que talvez tenha acompanhado a morte da mãe dele; diagnosticado a depressão da sua esposa; dito "Não se preocupe, já lidei com muitos casos assim" ao sentir sua próstata aumentada. Porque Gordon é muito querido pelos pacientes. Ele é um bom médico, apesar do que o pai cirurgião pensa da clínica geral. Cora vai fazer que sim e apontar para o encosto da cadeira, quando o policial mais jovem começar a juntar as coisas dela, enfiando a mão na parte da frente da bolsa para verificar se a chave de casa está lá dentro. Ele vai sair da sala brevemente para receber um segundo grupo de paramédicos, assim que os ouvir entrar pelo hall. E eles vão sorrir e tratá-la com tanta gentileza que ela vai sentir que é isso — entre tudo o que aconteceu — que vai por fim fazer com que ela desabe. Ela observa os lábios da paramédica, incapaz de decifrar as palavras, mas capta a delicadeza e percebe como ela mantém os olhos fixos nos seus, sem retribuir os olhares ansiosos do colega mais novo. Todas aquelas pessoas, muitas delas tão jovens, arrastadas para aquele horror, para a bagunça da vida deles, que vinha se desenrolando ano após ano, mês após mês, semana após semana, dia após dia, hora após hora, até culminar neste momento.

Julian

Mais tarde, Cora não sabe muito bem o que a fez dizer aquilo, só sabe que disse e que pareceu certo. Agora, com o bebê no carrinho — Julian, *pai celeste*, etéreo, transcendente —, ela se sente mais ancorada como há anos não se sentia. Como se, com os pés no chão, segurasse na palma da mão duas linhas de pipa com as vidas dos filhos.

Ela segue com uma nova certeza nos passos, uma consciência da extensão e da contração dos músculos. Como se algo tivesse despertado dentro dela. Sem pensar, se vira para cortar caminho pelo parque e só percebe quando Maia para. "Mas o papai falou..." O tênis suspenso no ar, no meio da passada, como se a mãe estivesse pedindo que ela pisasse em outro mundo.

— Vai dar tudo certo — diz Cora. — É só não sair do caminho principal. Quase não tem árvore grande perto dele, e vai ter um monte de coisa para a gente ver.

Maia parece surpresa, mas para por um instante, então segue em frente, explorando quietinha aquele novo ambiente.

Cora nunca quis restringir a liberdade de movimento de Maia, mas se lembra de como, anos antes, quando era bailarina, o próprio corpo parecia vivo, alerta, sintonizado com a música, intuindo o menor indício de emoção — uma ousadia, uma hesitação — só pela forma como o par a segurava. Ela sente essa mesma sensibilidade aguçada agora, ciente da energia cinética nas coisas ao redor. Percebe os solavancos e a rotação das rodas do carrinho girando pelo chão do parque, castigado pelo vento. O cheiro da umidade penetrando as pedras de arenito. A forma como suas pupilas reagem quando a luz de outubro ilumina o branco do pavilhão de críquete. O jeito como seus ouvidos registram o som abafado dos passos de Maia e o estalar dos galhos sob seus pés enquanto ela segue pela trilha de terra adiante. *Sinta o chão*, diziam todos os seus professores desde que tinha cinco anos, as vogais se misturando à música do piano

que ecoava nas paredes do salão da igreja, do centro comunitário ou do estúdio de dança. E agora, tantos anos depois, ela sente o chão de novo. Sente tudo. Reconhece seu apoio, seu amparo, e sabe que o chão — esta terra — está com ela. Que ele se eleva imperceptivelmente para encontrá-la e que vai ampará-la se ela cair, porque ela fez a coisa certa.

Cora está acostumada com explosões repentinas, seja por causa de uma luz esquecida acesa, ou por perceber, tarde demais, que foi mais simpática do que deveria com algum prestador de serviço. Vive tentando não acender o pavio da raiva de Gordon, mesmo assim respinga gasolina em si mesma, nos sapatos que se esqueceu de engraxar ou numa camisa específica que não lavou a tempo. Corre de uma coisa a outra, tentando apagar qualquer faísca, mas sempre tem algo atrás dela, fora do campo de visão, em que não tinha pensado. Hoje vai ser diferente. Hoje ela pode escolher como vai contar, em que condições, o jeito como vai apresentar o caso. E está se sentindo destemida. É, Gordon talvez fique com raiva — ele *vai* ficar com raiva —, mas desta vez as consequências não vão ser desprezíveis. Cora vai conseguir o que quer: que o filho cresça com o próprio nome.

Quando Maia se aproxima e passa a acompanhar o ritmo dos seus passos, Cora percebe que ela está cantarolando num timbre grave e frenético, cheio de mudanças de tom erráticas. Ela tira uma das mãos do carrinho e aperta a mão enluvada de Maia.

— Não precisa ficar nervosa. Ele pode ficar meio chateado, mas vai acabar esquecendo.

— Mas você falou que foi por causa do que *eu* disse antes de a gente entrar. Vai ser tudo culpa minha.

— Não, eu disse que você foi a minha inspiração. Tem uma diferença. Van Gogh pode me inspirar a pintar um quadro, mas isso não significa que é culpa dele quando os meus girassóis ficam parecendo um pote de pirulito amarelo, significa? Você me lembrou de como é importante para todo mundo ter o próprio nome, mas dar um nome diferente para ele foi uma decisão todinha minha.

— Um girassol nunca ia ficar igual a um pirulito.

— Ué, você não tem como saber. Você não viu os meus. Mas olha só: eu já tinha escolhido Julian muito antes de hoje, então a ideia já devia estar rondando a minha cabeça. E olha só para ele — continua ela, apontando para o carrinho com a cabeça —, você não acha que ele tem

cara de Julian? Não podia ser outro nome. Já pensou chamá-lo de Gordon? Sério?

Maia dá uma risadinha nervosa. Olha de lado, como se quisesse confirmar que é mesmo sua mãe quem está ali.

— Você não precisa nem estar lá quando eu contar. Mas vamos pensar no que a gente pode fazer para essa noite ser especial.

— O que você vai fazer para o jantar? Lasanha? — pergunta Maia, e mais uma vez Cora tem certeza de que fez a coisa certa, porque nenhuma criança deveria estar tão acostumada a se adaptar a um pai a ponto de sugerir uma comida que ela própria detesta.

Quando Maia era mais nova, num almoço só das duas, Cora abriu um canudinho de penne ao meio.

— Olha só, parece um mapa do tesouro enroladinho — comentou ela —, fica lisinho quando a gente abre. Massa de lasanha é só isso.

Mas Maia franziu os lábios.

— Macarrão liso tem um gosto diferente. É mais duro e gordo.

Cora pegou um penne do prato de Maia.

— É, pode ser — concordou ela, mordendo o macarrão —, não é bem a mesma coisa.

Mesmo assim, da próxima vez que comeram lasanha, quando Cora serviu o jantar e Gordon proclamou que era sua comida preferida, ela e Maia trocaram um olhar breve — sem querer —, e Maia desviou os olhos e disse:

— É, o molho é gostoso. — E aquela gentileza fez Cora sentir um quentinho no peito.

Maia sempre pareceu sintonizada com as correntes subterrâneas de um ambiente. Cora enxergava isso na rigidez do corpo miúdo da filha, como se alguém tivesse colocado duas barras por dentro das costuras dos ombros da camiseta. Via no jeito como os olhos dela iam de um para o outro, acompanhando as interações dos pais, mas tomando cuidado para não deixar transparecer nenhuma aliança. Via na pressa com que corria para pegar papel-toalha para limpar qualquer coisa que pudesse ter derramado e pela qual Cora podia acabar levando a culpa. E no jeito de ver televisão com o prato embaixo do biscoito, para não deixar cair farelo.

Um dia, Cora passou na escola para levar alguma coisa que a filha tinha esquecido, a merenda ou a bolsa com a roupa da educação física, e

a mulher da secretaria falou:

— Se a senhora não se importar de entrar, é melhor entregar direto na sala dela.

Cora foi andando pelos corredores vazios, com todos os alunos em aula, e, quando chegou à sala certa, olhou pelo vidro da porta, já com a mão na maçaneta, mas parou. Porque viu uma menina. Parando de escrever por um instante para dizer algo à amiga ao lado, e isso fez as duas rirem. E, por um instante, Cora não reconheceu a filha. Mesmo depois que a reconheceu, aquelas duas Maias não se encaixaram direito. O riso daquela Maia chegava até os olhos, o sorriso era um pouco mais relaxado do que o que ela conhecia.

Maia ergueu o olhar então, como quem sabe que está sendo observada, e sorriu, fazendo um sinal de positivo quando Cora ergueu o item esquecido no vidro. Mas a Maia que tinha acabado de ver já havia sumido. E, no caminho de volta para casa, Cora sentiu um vazio profundo no peito ao se dar conta de que, por mais que quisesse acreditar que poderia existir sozinha na mente da filha, só a "mamãe" — calorosa, acolhedora, encorajadora —, na verdade ela e Gordon vinham juntos, um pacote só, duas metades inseparáveis. Quaisquer que fossem os papéis que cada um desempenhava, Cora não deixava de ser um obstáculo — algo que a filha sentia que precisava proteger, com o que precisava se preocupar. Do mesmo jeito que Gordon era uma presença a ser temida.

Em casa, Maia recorta luas e estrelas em papel colorido e prende tudo com uma fita amarela.

— Dá pra colocar em volta dos pratos — explica a Cora, que está na cozinha, cortando legumes, enquanto Julian dorme no carrinho no corredor.

Cora sorri e se sente quase otimista. Sua esperança é de que não esteja enganada e consiga fazer Gordon enxergar as coisas do mesmo jeito.

Ela se pergunta em voz alta se, depois da tempestade, ainda vai ter aula de natação.

— Tomara que não — responde Maia, fazendo careta.

Cora imagina Maia no vestiário, colocando a roupa por cima do corpo ainda molhado e saindo de cabelo úmido na noite fria.

— Verdade, duvido que abram a piscina hoje.

No fim da tarde, Cora coloca Julian no bebê-conforto em cima da mesa da cozinha, de onde pode conversar com ele enquanto monta as camadas de massa e molho branco numa travessa. Vez ou outra, ela olha para ele e pensa: "Julian"; e depois: "pai celeste". E as palavras lhe parecem fortes, como um talismã.

— Gostou do seu novo nome, Jules? — pergunta Maia.

— *Jules* — repete Cora, experimentando o som pela primeira vez. — Nunca tinha pensado em como o apelido ia ficar. Gostei. Mas cuidado para não falar o nome dele antes de eu contar para o papai, tá bom?

Às seis e meia, ela ouve a chave de Gordon na porta e o imagina pendurando o paletó no hall. "Sinta o chão", diz a si mesma, os calcanhares instintivamente indo para a primeira posição do balé. Ela percebe o tom de aprovação na voz dele ao exclamar:

— Lasanha! Senti o cheiro lá da porta. — Ao passar pela mesa de jantar a caminho da cozinha, ele acrescenta: — E com decoração ainda por cima. Muito bem, Maia. — Mas logo em seguida diz: — Ah, Cora, não é seguro deixar o bebê-conforto em cima da mesa. — Ele pega a cadeirinha bem devagar, para não acordar o bebê. — Não é como se eu já não tivesse te contado histórias de terror do consultório. Vê se pensa.

Cora se desculpa e pede a Maia que coloque a mesa.

Maia vem da sala e começa a pegar talheres na gaveta. Pelo canto do olho, Cora percebe que ela ficou abalada com a mudança no tom de Gordon. Mas, antes que possa intervir, os talheres caem no chão com um estrondo, e Julian toma um susto, os bracinhos tremendo no ar como se tentasse agarrar o vazio, a testa franzida mesmo dormindo. Por um instante, Cora congela. *Por favor, não chore. Julian, pai celeste, seguro*, pensa ela. E, milagrosamente, a careta se desfaz, em poucos segundos o rostinho volta a relaxar, e ele segue dormindo tranquilamente.

— Mão furada — diz Gordon repreendendo Maia, e Cora se vira para a estante de livros de receita, respirando fundo em gratidão silenciosa.

As lombadas dos livros de Prue Leith e Mary Berry parecem quase vibrar com a pressão da certidão de nascimento enfiada entre elas. *Por favor, Mary, me ajude a fazer isso dar certo*, implora Cora por dentro. Ela imagina uma torta de limão com cobertura de merengue fofo, os picos todos tostados por igual, acreditando que, se conseguir tornar essa imagem perfeita o bastante, vai ficar tudo bem. Ela questiona a confiança

que está depositando em coisas aleatórias — o cheiro de arenito úmido, a visão de uma sobremesa bem-feita —, mas o que mais ela tem?

Cora pousa as mãos nos ombros de Maia, tentando acalmar aquele corpinho ansioso, tão tenso sob suas palmas. Talvez devesse ter ligado para Mehri, perguntado se ainda ia ter aula de natação.

— Não se preocupe com a mesa. Deixa que eu arrumo — diz.

No jantar, eles conversam sobre a clínica, sobre um esquema novo que Gordon está testando para recrutar pacientes com depressão como voluntários na comunidade, para entregar receitas a pessoas que não podem sair de casa. Mas então surge a pergunta.

— Você foi lá tirar a certidão de nascimento?

— Ã-hã — diz Cora. Ela está de boca cheia e ergue a mão, indicando que tem mais a dizer. Termina de mastigar e engole. — Eu ia comentar sobre isso. Queria fazer uma coisa especial. É uma comemoração. Em sua homenagem, na verdade. Mas... err, eu andei pesquisando nomes e descobri que Julian... — Cora faz uma pausa porque Gordon acabou de pousar o garfo e a faca no prato. — Bom, eu descobri que Julian significa "pai". E eu sei que Gordon é o nome da sua família, mas gostei da ideia de algo mais pessoal, que homenageasse você. Só você. Então... bem, espero que não se importe, mas foi esse o nome que eu registrei.

A cozinha mergulha no silêncio.

— Você... você o chamou de Julian? E não de Gordon? — pergunta Gordon, e Cora percebe que ele está tendo dificuldade para processar o que acabou de ouvir. Ela gostaria de preencher o silêncio com palavras, mas nenhuma lhe ocorre, então só faz que sim com a cabeça. E repete o gesto, como se ele tivesse feito a pergunta duas vezes. — Mas que...

Só que Maia começa a falar por cima dele, num tom animado, confiante, como se fizesse isso o tempo todo, como se estivesse acostumada a interromper o pai:

— Foi por isso que eu fiz as luas e as estrelas que estão do lado do seu prato — explica. — Julian quer dizer "pai celeste". Eu usei o seu peso de papel para desenhar as luas e fiz as estrelas do jeito que você me ensinou: dois triângulos. Depois apaguei, mas ainda dá para ver um pouquinho as linhas na parte de trás. É só virar — diz ela. E então se levanta, vai até ele e ergue a fita com as decorações. — Está vendo? — continua, passando o dedo pelas linhas apagadas. — Você gostou? Do nome? Do que ele significa?

— Julian — repete ele.

— Pai — traduz Maia mais uma vez.

E Cora entende que a filha aprendeu o que tem de fazer. Como acalmar a situação, aplacar os ânimos. Que, só de assistir, na primeira vez em que assume esse papel, já sabe o suficiente para desempenhá-lo bem. E, se isso não parar, pensa Cora, o padrão vai se repetir indefinidamente, o destino de cada geração seguindo o mesmo curso.

E, por mais impossível que tudo pareça — os obstáculos intransponíveis de para onde ir, como ela vai arrumar dinheiro, quem vai acreditar nela, como vai impedir que Gordon tire as crianças dela —, algo se acende dentro de si. Cora sabe que precisa de um plano.

— Você gostou? — pergunta Maia de novo.

Gordon sorri e diz:

— Então me conta, irmãzona, foi você que teve essa ideia genial? Ou foi a sua mãe?

— Foi mais da mamãe — responde Maia, voltando para o lugar. — Mas eu também gostei.

Só se ouve o arranhar dos talheres nos pratos. Julian ressoa em seu sono no bebê-conforto aos pés deles. E então Cora percebe que, diante do silêncio prolongado do pai, Maia começa a cantarolar baixinho, nervosa. Ela fica arrasada. Tenta engolir em seco, mas a garganta parece fechar, como se estivesse se afogando, então finge que está comendo, equilibrando porções minúsculas nos dentes do garfo, enquanto Gordon mastiga cada garfada — bem devagar, meticuloso como sempre — até esvaziar o prato, ainda sem dizer uma única palavra. O ambiente parece uma corda de violino esticada além do limite. É só uma questão de tempo até arrebentar.

— Pode ir tomar banho — diz Gordon a Maia por fim.

Cora vê a filha piscar, sem conseguir encará-los, e a observa juntar as pontas do garfo e da faca sobre o prato e afastar a cadeira da mesa para sair da cozinha. Cora quer abraçar aqueles ombros finos e tensos, como varetas sob o tecido da camiseta.

Gordon se levanta e, mesmo sem se virar, Cora sente sua presença atrás da cadeira. Sente a palma da mão dele pressionar de leve a parte de trás da sua cabeça. À espera. Só quando os canos começam a gemer no andar de cima, quando a água da banheira começa a correr, ele empurra

a cara dela contra a lasanha intocada, o prato duro no nariz, os cílios mergulhados no molho, fios soltos de cabelo grudando nas bochechas.

As palavras vêm baixas, mas nítidas.

— Um nome que passa de pai para filho há gerações e você achou mesmo que eu não ia ligar? — Ele ri. Uma risada social, que usa entre os amigos. Depois puxa o rosto dela do prato, usando o cabelo como alavanca. As mãos de Cora se movem por reflexo para limpar o rosto, mas ela luta contra esse instinto e as mantém no colo. Continua de cabeça erguida. Pisca. — Isso não vai ficar assim — diz. — Entendido?

Ela faz que sim, um leve movimento de cabeça, e diz a si mesma que esta será a última vez. Que nunca mais vai se ver sentada à mesa do jantar com a comida que preparou escorrendo do rosto. Que nunca mais vai assistir à filha tentando apaziguar esse homem. Que não vai mudar o nome do filho. Tudo — absolutamente *tudo* — mudou.

Ela permanece sentada, a coluna reta, o pescoço erguido, os pés firmes no tapete. Ela sente o chão, e, mesmo agora, ele ainda a sustenta.

— Agora vê se come — ordena Gordon, soltando a cabeça dela com um tranco.

Ela espera. Espera até ele sair da cozinha e subir a escada. E, quando tudo o que ouve são os sons da casa, o estalo da caldeira, o sussurro do aquecedor, ela pega um guardanapo e limpa o molho do rosto com gestos rápidos e decididos. Olha para baixo e vê os olhos de Julian — grandes, azuis, límpidos — fixos nela. Como se ele tivesse testemunhado tudo e, inexplicavelmente, não estivesse com medo. Como se, em vez disso, acreditasse nela. Julian, *pai celeste*, pensa ela, com a certeza de que o filho vai transcender ao homem que acabou de sair da cozinha.

GORDON

NA VOLTA DO CARTÓRIO, PARECE QUE UMA NUVEM DESCEU SOBRE ELA. CORA OLHA PARA O neném e a sensação é de que quebrou alguma coisa. Menos de uma hora antes, no caminho contrário, aquela pessoinha parecia cheia de esperança e possibilidades. Mas agora isso está maculado. Onde antes ela só via as bochechas rosadas e a delicadeza das pálpebras com veias azuladas, agora vê um queixo babado de vermelho e lábios franzidos num ar papal de superioridade. Ela podia ter se recusado a seguir as ordens de Gordon, dito outro nome para a escrivã. Julian. Até Bear. Mas não disse. E, embora sua verdadeira mágoa seja consigo mesma — com o marido —, de algum modo parece mais fácil deixar que o ressentimento recaia sobre esse recém-nascido deitado no carrinho.

Maia correu na frente para andar ao longo do muro da igreja, subindo num *relevé*, estendendo a perna esquerda, braços abertos para manter o equilíbrio, o volume das camadas de roupas encobrindo qualquer graça nos movimentos. Cora sente alívio por não precisar falar. Está com frio e cansada quando entram em casa. Deixa o bebê dormindo no carrinho, no hall, e se deita na cama de casaco e tudo. Não sabe quanto tempo passou quando é despertada por Maia gritando da escada que o neném acordou, mas permanece sentada na beirada da cama ainda por um minuto, ouvindo o choro do filho e tentando reunir forças para se levantar, só se movendo quando Maia chama de novo.

Lá embaixo, depois de libertá-lo do macacão acolchoado, Cora desaba no sofá, ergue o suéter e... para. Com repulsa. Como se nada pudesse ser mais estranho. O bebê bate a cabeça no peito dela, frustrado, até encontrar sozinho o caminho do leite, e ela vira o rosto para a parede enquanto ele mama.

Alguns dias depois, enquanto Cora e Gordon escovam os dentes antes de dormir, ela se inclina para cuspir a pasta e pergunta:

— Será que você poderia me dar dinheiro para eu comprar fórmula?

Quando ele não responde, ela ergue o rosto e seus olhos se encontram no espelho. Ele continua movendo a escova em círculos cuidadosos, um dente de cada vez. Ela nunca conheceu alguém que escovasse os dentes com tamanha diligência, as gengivas preservadas em arcos impecáveis. Desvia o olhar, sem querer parecer presa a essa pausa no tempo, e abre o seu lado do armário do banheiro, fingindo que ainda não limpou o rosto. Espreme um pouquinho de loção cor-de-rosa num chumaço de algodão.

Ele enxágua e cospe, enxágua e cospe, e só então diz:

— Por quê?

Uma pergunta tão simples que parece roubar todo o ar do ambiente.

— Ah, não sei. Não estou lidando tão bem dessa vez — responde ela, tentando soar casual.

— Não está lidando bem? — repete ele, como se as palavras dela fossem incompreensíveis.

Quem sabe se ela tivesse dito "Com a Maia foi mais natural, mas dessa vez parece diferente. Você já ouviu isso de alguma paciente sua?", talvez ele escutasse daquele jeito atento, quase clínico, conversasse com ela e chegasse à solução da fórmula por conta própria. Mas não foi o que ela disse.

— Então você quer desistir? — Ele encara o reflexo dela no espelho. — Você não tem ideia da importância dessa fase? Os nutrientes, os anticorpos? Não é só uma semana ou um mês. É para o resto da vida dele, é proteção contra doenças cardiovasculares, diabetes, tudo. Mas, em vez disso, você quer dar uma porcaria industrializada que vem numa lata para o nosso filho? Me diz: o que mais exatamente eu te peço, além de ser mãe para os nossos filhos? Mas até isso é demais para você?! — exclama ele. Então pega o algodão da mão dela e o empurra na sua boca entreaberta. — Pois não vai rolar, Cora. E acho bom você começar a lidar bem com isso logo.

Ele sai do banheiro, e ela fica ali parada, sem reação.

Cora tira o algodão da boca e enfia o dedo na parte interna da bochecha, tentando não se engasgar enquanto limpa os fiapos soltos da língua e do céu da boca. Então se abaixa e joga o chumaço encharcado na lixeira, tomando cuidado para a tampa de metal não bater na parede.

Quando eles se conheceram, mais de uma década atrás, a primeira coisa que chamou a atenção de Cora foi a gentileza dele. Ela estava num café na Strand, guardando a carteira no bolsinho com zíper da bolsa, e deixou a embalagem com o sanduíche cair no chão. Ela se abaixou para pegar, esquecendo que usava uma bota ortopédica, e quase perdeu o equilíbrio.

— Deixa que eu pego — ofereceu-se ele, recolhendo o sanduíche e abrindo a porta para ela, enquanto dispensava os pedidos de desculpas. — O que aconteceu? — perguntou Gordon, apontando para a bota assim que se encontraram do lado de fora.

— Ah, tive que tirar um ossinho do pé. Não é tão ruim quanto parece.

— Qual deles?

— Sesamoide? — respondeu ela, mais como uma pergunta do que uma afirmação, já que tão pouca gente parecia ter ouvido falar daquilo.

— Medial ou lateral?

— Os dois. Você é cirurgião?

— Clínico geral. Os dois? Isso é raro — comentou ele, avaliando-a, antes de concluir: — Você é dançarina.

— Talvez. Talvez não. Depende da minha recuperação.

— Olha, eu estava indo para os jardins do Embankment pegar um sol. Quer vir comigo?

E porque parecia ser o primeiro dia da primavera, e porque ele era médico e parecia carinhoso e confiável, e porque ele ainda estava segurando o lanche dela e Cora não tinha nada melhor para fazer, ela aceitou.

No parque, sentaram-se sobre o casaco dele, estendido na grama ainda úmida.

— Você não trouxe nada para comer — reparou ela, percebendo que ele tinha saído do café de mãos vazias.

— Tudo bem, acabei de sair de um congresso com biscoitos ótimos.

Ele entregou o sanduíche a ela e, enquanto comia, Cora se pegou contando sobre a espera excruciante. Sobre saber que a remoção daqueles ossinhos minúsculos poderia ter acabado com seu equilíbrio, com sua capacidade de aterrissar dos saltos; o medo de que o dedão ficasse deformado sem o sesamoide embaixo. Ele escutou com ouvidos de médico, fazendo perguntas atentas, precisas, sobre sua dor, sua recuperação. E, depois de riscar da lista as questões físicas, passou a perguntar como tudo isso a afetava como pessoa.

Ela contou que parecia o fim lento e tumultuado de um caso de amor avassalador. Um amor pelo qual havia deixado a família na Irlanda ainda adolescente e que agora a estava abandonando.

— Passei tanto tempo focada nisso que acho que nem sei quem eu sou sem a dança. Mas agora vejo que, mesmo que não acabe agora, uma hora vai acabar. Talvez eu tenha mais uns seis meses, um ano, até alguma outra parte do meu corpo falhar. E é como se fosse... — ela gesticulou para o ar com as duas mãos — ... tudo...

Os detalhes daquele dia voltam com tanta facilidade. As meias arrancadas, os pés pálidos por causa do inverno afundados na grama: os dele, com pelos escuros e unhas perfeitamente aparadas; os dela, calejados e maltratados, ainda vermelhos em alguns pontos, mesmo depois de meses sem dançar. "Pés de trabalhadora", comentou ele com gentileza, quando ela se desculpou pelo estado do pé à mostra. Ele se esticou e tirou um fiapinho da meia preta de um dos dedos dela, e o toque dele pareceu ao mesmo tempo inesperado e natural.

Ela se lembra de como dividiram uma maçã, virando a fruta com educação, para morderem de lados opostos, até sobrarem só duas faixas estreitas de casca verde onde o encontro dos dois foi tudo o que sobrou. Contou sobre sua última apresentação. Como tinha sido feita com base num poema de Betjeman; e como, no palco imenso, a voz do poeta ecoava com a precisão de uma música. Ela marcou no chão o primeiro verso de "A Subaltern's Love Song", para mostrar a ele, três fileiras de tutus subindo e descendo com as palavras, e ele a surpreendeu recitando o verso seguinte. Cora sempre achou que as pessoas se dividiam entre o mundo das ciências ou das artes, mas ali estava alguém que habitava os dois mundos. Quando se levantaram para ir embora, no cair da tarde, com a mão dele apoiada na sua cintura e o pé na bota ortopédica formigando de volta à vida, ela sentiu aquele friozinho na barriga de... amor? Nem imaginava que dali a apenas cinco meses estaria grávida da primeira filha.

Quando foi que tudo mudou? Teria sido naquele jantar com os pais dele, quando Gordon cravou as unhas na coxa dela por baixo da mesa para que ela se calasse? Provavelmente, mas ela não percebeu na hora. Nem quando, num domingo, irritado com algo que ela disse, ele atirou uma pera comida pela metade — com força — na direção dela, e,

por causa do formato irregular, a pera saiu de rumo e caiu no sofá ao lado dela. Na hora, Cora olhou feio para ele e disse:

— Se queria me acertar, vai ter que melhorar a mira.

E os dois riram, e ele pediu desculpa. Ela não se lembra de Gordon ter pedido desculpa desde então. Nem de rirem juntos depois disso. Será que as coisas teriam sido diferentes se ela não tivesse rido? Se tivesse ameaçado ir embora?

Cora sai do banheiro e encontra Gordon sentado na cama, lendo um livro grosso de capa dura. Ele ergue os olhos e sorri, e ela entende que a briga por causa da fórmula passou, assim como qualquer possibilidade de conversa sobre o assunto.

— É sobre um cara que trabalhou no Líbano na mesma época em que eu estava lá — comenta ele. — Depois foi para as Falklands, para São Salvador, na época do terremoto. Aposto que agora está na Somália...

Numa vida paralela, em que ela e Maia não tivessem surgido em sua vida, ele também teria ido ajudar nesses lugares — alternando o trabalho como clínico na Inglaterra com períodos sabáticos humanitários. Ela sabe que deveria reconhecer isso de alguma forma, mas tudo o que quer é dormir antes que o bebê acorde de novo, então se limita a fazer que sim com a cabeça e emite algum som para demonstrar interesse. Desde que voltaram do cartório, três dias antes, ela tem achado difícil cumprir seu papel. Sente o rosto como se fosse de cera endurecida, as linhas do sorriso fixas numa expressão de repouso, incapazes de se mover.

No meio da noite, ela acorda com Gordon chutando sua canela.

— Pelo amor de Deus, Cora. Eu tenho que trabalhar cedo amanhã! Como é que você não ouve que ele está chorando, se até eu estou ouvindo? — Cora desliga a babá eletrônica, e o choro do bebê vira um lamento distante, abafado. — E precisa levantar o cobertor assim? Dá para sair da cama sem deixar todo o ar frio entrar. Um pouco de consideração faz bem.

Ela abre a porta do quarto do filho, e o som a golpeia, como se alguém tivesse girado o volume de um aparelho de som até o máximo, sem aviso. Sua vontade é de se virar e ir embora. Em vez disso, ela pega o bebê no berço e se senta com ele na cadeira de balanço, os soluços dele aos poucos se transformando em pequenos tremores. Cora fita a escuridão

azulada lá fora, pois se esqueceu de fechar a persiana na hora de dormir, e uma imagem da infância lhe vem à mente. Não sabe bem por que estava lá, nem com quem, mas se lembra de estar diante do estábulo de ordenha do Sr. Barry, espiando por uma fresta da porta entreaberta. Lá dentro, viu os traseiros grandes e ossudos das vacas holandesas malhadas em fila, com ventosas de metal penduradas nos úberes inchados, o ar preenchido pelo ruído rítmico do leite sendo bombeado. Lembra-se de como as vacas ficavam ali, submissas e resignadas, e agora se pergunta por que elas não se opunham, por que não davam coices quando o Sr. Barry se abaixava para pegar seus úberes. Será que ele batia nelas? Era por isso que aceitavam? Por medo? Talvez, pensa Cora, porque aqui está ela, sentada em seu próprio galpão de ordenha, em súplica bovina, os seios expostos pelas aberturas do sutiã de dormir. Ela quer arrancar o peito da boca do bebê. Levantar e deixá-lo rolar no chão. Fazer Gordon lidar com os gritos indignados do filho que carrega seu nome. Quer sair daquele quarto, descer a escada, ir para a rua e sair dando *grand jetés* pelo asfalto, sentindo o ar frio e o luar no corpo livre, um rebanho de vacas tropeçando atrás dela, numa fuga desajeitada rumo à liberdade. A violência dessas imagens é ao mesmo tempo revigorante e perturbadora. Mas Cora não é como o marido; jamais se entregaria a esses impulsos. O bebê dá uns tapinhas na sua clavícula enquanto mama. Ela sente os olhos dele procurando pelos seus, implorando que ela o encare. Ela recosta a cabeça na cadeira e aperta fraquinho a mão dele entre o polegar e o indicador. É o máximo que consegue oferecer.

No dia seguinte, a parteira passa na casa com um questionário para Cora preencher, aparentemente para diagnosticar depressão pós-parto: *Eu me sinto animada pensando no futuro: a) Tanto quanto antes; b) Um pouco menos que antes; c) Bem menos que antes; d) Quase nunca.* Como é que uma folha de papel dessas poderia dar conta da complexidade da sua vida? Da vida de qualquer pessoa? Ela nem tenta disfarçar nas respostas: marca a opção mais feliz em todas.

— Olha só, estamos animadinhas hoje, hein? — comenta a parteira, folheando as respostas de Cora.

Mais cedo, naquela mesma manhã, Gordon apareceu por trás dela, afastando seu cabelo sem lavar para dar um beijo no seu pescoço.

— Você sabe que, se estiver com algum problema, não precisa envolver essas parteiras malucas. Pode vir falar direto comigo que eu

peço para alguém lá do trabalho receitar alguma coisa para você.

E ela fechou os olhos enquanto ele beijava sua pele, não porque estivesse gostando, mas porque estava cansada, e de olhos fechados podia se desligar e quase sair do próprio corpo.

— Agora vai tomar um banho e se arrumar. Hoje de manhã eu só tenho uma reunião na clínica, então posso ficar de olho em Gordon por uns minutinhos — disse ele, dando um tapinha leve na bunda dela.

E aqui está ela: de banho tomado, cabelo escovado, roupas limpas. *Essa não, Cora, tem vômito no ombro.*

A parteira mergulha um biscoito no chá e passa a língua nos farelos dos lábios enquanto fala:

— Para ser sincera, eu devia dar uma olhada nos seus pontos antes de te dar alta, mas estamos com duas parteiras a menos na equipe, e, nesse ritmo, não sei nem se vou conseguir visitar todos os meus bebês hoje. A senhora pode só mencionar para o seu marido se tiver algum problema, certo? Já que ele é médico. Ou prefere que eu volte mais para o fim da semana?

A parteira termina o biscoito e, mesmo dizendo que não é preciso acompanhá-la, Cora a leva até o hall e fecha a porta atrás daquele breve capítulo de cuidados domiciliares. Ela se observa fazendo isso. Tem se visto assim com frequência, como se observasse de fora, de cima, andando pela casa, trocando fraldas, passando as camisas de Gordon, cozinhando para os pais dele. Quase como se fosse outra pessoa fazendo tudo aquilo. Só com Maia é que ela às vezes se sente de volta ao próprio corpo.

Cora se senta ao lado da filha, que assiste à televisão, e Maia se aninha nela e comenta:

— Humm, esse seu cheirinho. — E então volta a olhar para a tela.

Cora sente que ela deixou algo por dizer: *Esse seu cheirinho... mas que de alguma forma não é bem você.*

— O que tem o meu cheiro? — pergunta.

— É cheiro de mãe, né?!

Mais tarde, Cora se pergunta se imaginou a cena, mas, de todo modo, a puxa de volta à tona. Ela encara a tela da televisão e promete a si mesma que amanhã vai ser diferente. Que vai ser melhor. Que vai fazer com o bebê o que fazia com Maia: soprar a barriga dele, ler para ele um dos livros do marido, embalá-lo para dormir com o som da própria voz,

a bochecha rosada dele esquentando sua pele à medida que a tarde avança. E depois, quando ela for guardar a roupa, vai levá-lo de cômodo em cômodo no moisés, conversando com ele enquanto dobra as peças e guarda nas gavetas. Juntos, eles vão encontrar Maia na volta da escola e vão comprar biscoitos de gengibre, e se sentar no muro de arenito perto da pedra do Porco, e a bolha que nas últimas semanas tem contido apenas ela vai se expandir para englobar os dois filhos. E aí, aonde quer que eles forem, vão se mover como um só. A bolha se esticando quando Maia corre na frente, se moldando quando Cora se afasta por um instante do carrinho de bebê, mas sempre se contraindo de volta para manter os três lá dentro, em segurança.

Mas, quando o dia amanhece, ela percebe que não tem energia para fazer nada daquilo, que não consegue espantar o torpor que a domina. No dia seguinte, é a mesma coisa. E no outro também. Ela amamenta o bebê olhando pelas portas de vidro que dão para o jardim, observando os pinheiros no fundo, que de alguma forma criam a ilusão de chuva mesmo quando o céu está limpo. Depois, sobe com ele e o deita com cuidado no berço e, quando ouve que ele acordou apenas vinte minutos depois, corre para aumentar o som do rádio na cozinha, fingindo que não escutou. Ele deveria ter dormido mais. Acordar tão cedo não estava nos planos. Ela coloca a roupa suja na máquina, liga o lava-louça, e o zumbido dos eletrodomésticos ajuda a abafar o choro do bebê. É uma surpresa quando, algum tempo depois, ajoelhada no chão da cozinha, arrumando as sacolas plásticas para caberem melhor na porta da despensa, vê de canto de olho a mão estendida de Gordon e sente os dedos dele apertando seu braço. Cora solta um gritinho, assustada por encontrar Gordon — ou qualquer pessoa — dentro de casa com ela.

— Pelo amor de Deus, Cora! — exclama ele, largando seu braço para desligar o rádio. — Ainda bem que eu passei em casa. Você não está ouvindo ele lá em cima? O que você está fazendo? — pergunta, encarando as sacolas espalhadas pelo chão da cozinha.

Ela olha para ele com uma das mãos suspensa no ar, a outra apontando de maneira vaga, sem conseguir formar palavras. Porque a verdade é que nem ela sabe o que está fazendo.

— Você não merece ter filhos se é assim que vai cuidar deles — continua ele. — Isso é negligência, Cora. Negligência pura.

Ele se vira e sai da cozinha, e ela vai atrás, deixando as sacolas caírem no chão. Ela sobe correndo as escadas atrás dele.

— Me desculpa. — Ela já está chorando, meio histérica. — Gordon, me desculpa.

Ele a ignora, subindo dois degraus de cada vez. Quando Cora entra no quarto, ele está tirando o bebê do berço, e ela vê que o filho está com o rosto vermelho, coberto de lágrimas. Com vômito talhado grudado no macacão e no lençol.

— Por favor — implora ela, esticando os braços. — Por favor, me dá ele — pede, com as mãos abertas, tentando consertar seu erro. Mas Gordon lhe dá as costas e, quando ela tenta passar o braço em volta dele, ele lhe dá uma cotovelada e ergue o bebê mais alto, apoiando-o no ombro.

— Você não serve para ser mãe — diz ele por cima do choro do filho.

— Eu não fiz por mal, por favor, me dá ele aqui, por favor — insiste ela.

Pela primeira vez desde que ele recebeu aquele nome, Cora sente um impulso vindo de dentro. Um vínculo primitivo. Uma urgência de acalmar, de ser abrigo, de fazer cessar o choro nos seus braços. Ela tenta de novo, e Gordon ergue o bebê ainda mais alto, fora do seu alcance.

— Não, não faz isso — pede ela, ouvindo o choro se intensificar. — Eu vou ser boa, eu vou ser boa.

Ela não sabe de onde vieram essas palavras, só que saíram como uma súplica, como uma oferta de submissão total e imediata.

Gordon está com o bebê erguido no alto da cabeça, os pés batendo na testa do pai, os gritos agudos enchendo o quarto. Cora recua, se senta na cadeira de balanço, agarra os braços de madeira com força para conter o impulso de se lançar de novo para pegá-lo. E, quando Gordon espera o suficiente para ter certeza de que ela não vai se mover, só então abaixa o bebê até o ombro, mantendo os olhos fixos nos de Cora. Dá tapinhas nas costas arfantes do filho, que, impotente, esfrega o rosto nas lapelas do pai, manchando sua camisa de baba e lágrimas.

— Se algum dia eu chegar em casa e encontrar o meu filho assim de novo, eu tiro os dois de você. E você nunca mais vai ver as crianças. Entendido?

Cora faz que sim, desesperada, ainda agarrada à cadeira, as lágrimas escorrendo pelo rosto. O quarto parece carregado, como se uma bomba

tivesse acabado de explodir, como se os destroços ainda estivessem caindo ao redor deles, flutuando no ar, vibrando no eco do que acabou de acontecer.

— Agora vê se faz o seu trabalho e dá de mamar para o nosso filho — ordena Gordon. Ele balança a cabeça, ainda olhando para ela. Então conclui: — Eu resolvo as coisas lá embaixo.

Um minuto depois, ela ouve a porta de casa se abrindo e o barulho de algo pesado batendo na lixeira recém-esvaziada.

— Não, infelizmente não — ouve a voz dele, alta, falando com algum vizinho. — Parou de vez.

E ela sabe que ele jogou o rádio fora, um Roberts com acabamento em madeira, que a mãe dela tinha mandado da Irlanda no Natal retrasado. Uma dor lateja no peito de Cora enquanto cenas saltam à mente: a mãe escolhendo o aparelho; embalando a caixa em papel pardo na mesa de jantar, as mãos macias e cheias de sardas dobrando o papel; e então colocando o pacote no carro para levar aos correios depois da escola. *Foi você que fez isso. A culpa é sua*, diz a si mesma.

Por uns dias, Cora sente uma virada. Uma convicção de que precisa reconstruir o vínculo com o filho. A vontade existe, o desejo também, mas algo mudou no bebê. Onde antes ele a buscava, agora ele se afasta.

— Acho que ele não está mamando nada — diz ela a Gordon algumas noites depois, os dois sentados na cama.

Ele desvia os olhos do livro e toca a moleira afundada da criança. No dia seguinte, depois das consultas da manhã, ele deixa seis mamadeiras e uma caixa de fórmula na bancada da cozinha. Sem dizer uma palavra.

Mas não é o alívio que Cora esperava. As mamadeiras são a sua culpa materializada: o rádio ligado para abafar o choro; os gritos do bebê erguido fora do seu alcance. Ela sente nojo das suas tentativas patéticas de cuidar do filho. Do seu desespero de evitar que ele seja ouvido chorando antes que ela consiga alcançá-lo. Do modo como ele já não parece mais se acalmar só por estar no aconchego dos seus braços. Ela não consegue mais ver como melhorar.

Quando o bebê completa seis meses, Mehri ainda a convida, toda semana:

— Maia quer jantar com Fern depois da natação? Não dá trabalho nenhum, de verdade.

E Cora aceita, grata por Mehri parecer entender que ela não pode retribuir o convite.

— Cadê aquele neném lindinho? — pergunta ela ao deixar Maia em casa, estendendo os braços para o bebê, que parece quase vibrar de empolgação, um átomo carregado nos braços de Cora diante da perspectiva de ser entregue a outra pessoa por alguns instantes.

Um dia, elas se esbarram na rua, em frente à padaria e, depois de se inclinar sobre o carrinho de Gordon para fazer graça com ele, Mehri pousa a mão no braço de Cora e diz, com os olhos fixos nos seus, como se tentando sondar as profundezas do que ela mantém escondido:

— Faz um tempo que estou querendo te falar, mas, se um dia precisar, pode conversar comigo, tá?

Cora agradece e se pergunta o que Maia pode ter comentado e se já passou da hora de ela mesma começar a buscar a filha na natação. Ela leva a mão à testa, como se para proteger o rosto de um sol imaginário, e estreita os olhos contra a luz que não está ali.

Ao se afastar, costas eretas, tentando parecer composta, tem a impressão de sentir os olhos de Mehri a acompanhando, mas, ao apertar o botão do semáforo, olha por sobre o ombro e vê que ela já se foi. Cora sente o estômago revirar, como se tivesse pulado de um avião sem paraquedas, o chão vindo rápido demais. Mas, antes que a sensação a engula por completo, o bonequinho verde aparece, e ela atravessa a rua, grata por ter o carrinho para se apoiar.

Sete anos depois

1994

Bear

Bear corre pela rua de braços abertos, a mochila batendo de lado, os cachinhos castanhos quase esticados pelo vento. A boca num *O*, urrando de alegria. Quando chega até Maia, ele larga no chão a mochila, a lancheira e um robô que fez com papel-alumínio e rolos de papel higiênico e se joga num abraço em volta da cintura da irmã.

— Abelhinhas! — grita ele. — Você voltou! — Enquanto ela ri e tenta se manter de pé, Fern diz que morar com Bear deve ser como ter um cachorro; Maia pode estar no humor que for, ele sempre acha que ela é a melhor coisa do mundo.

Meia hora antes, ao entrar no apartamento, Maia largou a bolsa de pano com as roupas sujas e as balas de fruta compradas com os últimos francos que ainda tinha no *duty-free* de Calais e sentiu um alívio enorme por estar em casa. Estava cansada de ser hóspede na casa dos outros por uma semana inteira. De fingir que ainda estava animada para conversar com Valérie, que deixava seus nervos à flor da pele fumando os Gauloises do pai com os lábios vermelhos de um batom roubado na farmácia da esquina. Antes da viagem, Maia tinha imaginado que as duas talvez pudessem ser como irmãs, ou que Valérie talvez fosse até o seu primeiro amor. Imaginava conversas profundas ao anoitecer, sentadas no muro do cais do porto, com mais vocabulário em francês, mais autoconfiança e roupas mais estilosas do que as que tinha em casa. Mas então percebeu que as francesas eram iguais às inglesas. E pior: que *ela* era exatamente a mesma pessoa também, mesmo na França. Mas agora, com Bear, esses pensamentos desaparecem. Ela é só Abelhinhas, e isso, por si só, tem algo de acolhedor e descomplicado.

Maia virou Abelhinhas desde que Bear aprendeu a falar. Quando bebê, ele saía engatinhando pela casa batendo as mãozinhas no chão, e ela corria atrás dele, "Vou pegar o seu mel, Bear! As abelhinhas vão te pegar! Bzzz!". E ele dava gritinhos de alegria, até que a velocidade superava a

coordenação motora e ele tropeçava nos próprios braços, caía de cara no chão, rindo, enquanto ela se abaixava sobre ele. "Vou te picar de beijos, Bear!" E enchia aquelas bochechas de beijos, só parando antes de morder. Ele era uma delícia para ela.

Uma vez, quando ele tinha uns três ou quatro anos, numa rara e constrangedora visita dos pais do pai, a avó comentou com ninguém em particular:

— Você não acha que já passou da hora de ele chamar a irmã pelo nome? — E então, mais alto, como se Bear fosse surdo. — Você sabe que o nome dela é Maia, né?!

Mas Bear chegou bem pertinho da irmã, ali do lado no sofá, e disse:

— A gente é bicho. Eu sou o urso, ela é Abelhinhas.

A avó soltou um suspiro exagerado e disse:

— Bom, se é para usar esse nome ridículo, que seja pelo menos no singular: uma abelhinha só.

Ao que Bear respondeu, como se estivesse dizendo a coisa mais óbvia do mundo:

— Ela é um enxame.

Maia ficava toda boba de ser incluída na loucura dele. Ela via como os adultos reagiam ao irmão. "E qual é o seu nome?", perguntava alguém do outro lado do balcão de uma loja, e algo no rosto da pessoa se suavizava ao ouvir a resposta. Afeição imediata. Encanto. Ele era um raio de sol. Ninguém saía incólume. E Maia se banhava no calor daquela luz.

Às vezes, Fern dizia:

— Ai, meu Deus, que sorte a sua. Mãe, por que a gente não teve um desses?

E Mehri ria e respondia:

— O mundo só aguenta um número limitado de ursos. Você não acha que elas mereciam mais do que a gente?

— Ai, como você pode ser tão certinha. Vem cá, Bear, estou precisando de você. Me abraça igual você abraça a Abelhinhas. Quero que você esmague os meus ossos.

Outras vezes, ela o puxava para perto e passava o dedo pela marca de nascença em formato de coração no antebraço dele.

— Olha isso aqui, *um coração de urso*! Um coraçãozinho de urso, fofinho e perfeito!

Para Bear, a vida sempre foi assim. Mas, para Maia, a vida se divide em duas partes. Antes. E depois. No depois, sempre houve Mehri e Fern. É engraçado pensar que um dia elas eram só pessoas que conhecia da aula de natação, mas agora são família, ou pelo menos praticamente isso. O pai de Fern vive em turnê por meses a fio e, quando ele está fora, a vida delas parece um casulo de calor, intimidade, risadas e comida. Mehri estende a colher e eles provam o curry ou o molho que ela está preparando. Um pouquinho mais de cominho? Mais pimenta, mais limão, mais sal? Juntas decidem o sabor da comida e da vida delas. Falam todas ao mesmo tempo, dividem roupas, e até mães e filhas às vezes parecem intercambiáveis — Cora e Fern, Mehri e Maia —, o convívio é fácil. Bear ama com a mesma facilidade com que é amado, mas todas ali sabem que o coração dele pertence a Maia.

O pai de Fern é simpático. Traz presentes para as duas meninas: quimonos combinando do Japão; bonequinhos dos bebês Gumnut com chapeuzinhos de feltro da Austrália; barras de chocolate Milka com embalagem lilás da Suíça. E quase sempre traz alguma coisa para Bear também. Mas a casa de Mehri e Fern parece diferente quando Roland está lá, e Maia para de pôr os pés no sofá ou de se servir na geladeira.

— Você não precisa ficar cheia de dedos só porque ele está aqui — diz Fern.

— Mas eu não estou.

— Está, sim. A maioria dos pais não é que nem o seu, sabia?

Maia sabe. Mas uma coisa é saber, outra é sentir.

Às vezes, durante a aula, ela olha pela janela e imagina como teria sido a vida se o *Antes* tivesse continuado, e, quando a professora chama "Maia!", para trazê-la de volta, ela leva um susto e, naquele instante, entende. O sangue latejando nos ouvidos enquanto pisca furiosamente para espantar as lágrimas que surgem do nada. Peggy disse que era uma "reação de luta ou fuga". Mas saber dar nome àquilo não faz com que desapareça. Na sessão seguinte, ela contou para Peggy que achava que, no caso dela, não era nem uma coisa nem outra, era mais uma "paralisia". E Peggy respondeu:

— Tem razão, eu devia ter falado antes. A reação pode ser de *luta*, *fuga*, *paralisia*... ou *bajulação*. É a quarta reação. E o que você devia fazer quando ainda morava com o seu pai.

Maia entendeu o que ela quis dizer, mas as palavras ficaram circulando na sua cabeça, enquanto ela ficava sentada ali, com um lenço de papel se desmanchando nas mãos, bolinhas de fiapo branco grudadas na lã da saia do uniforme. Quando a sessão terminou, Peggy lhe deu um abraço.

— Quem sabe na semana que vem você não me conta no que estava pensando agora há pouco? — E então ela abriu uma gaveta da escrivaninha e tirou um lenço de pano limpo e recém-passado. — Leve com você. Tem choro que às vezes só um lenço de papel não dá conta, né?

Maia fez questão de lavar e passar o lenço, deixando-o bem esticadinho para a sessão seguinte. Guardou no bolso interno do blazer do uniforme e, quando contou a Peggy como as palavras deram voltas na sua cabeça, não se permitiu chorar, mas levou a mão ao lugar onde o lenço estava. Só quando se levantou para ir embora é que se obrigou a dizer:

— Ah, já estava quase esquecendo...

Mas, antes que ela pudesse tirá-lo do bolso, Peggy a interrompeu:

— O meu lenço? Pode ficar, eu devia ter avisado.

E, pela primeira vez naquela semana, Maia sentiu o corpo relaxar. Ainda carrega o lenço consigo, mesmo vendo Peggy só uma ou duas vezes por ano, só para fazer um acompanhamento.

Assim que os meninos perceberam o quanto ela era assustada, passaram a se divertir tocando seu ombro ou puxando o rabo de cavalo quando ela menos esperava.

— Deixem ela em paz — sempre diz Fern.

Mas é engraçado demais, e eles não conseguem se segurar.

— São uns bobos — comenta Mehri. — Só estão provocando porque todos gostam de você.

Fern revira os olhos.

— Toda vez que um menino faz *qualquer coisa* irritante, você diz isso.

— Porque é verdade! Olha só para vocês duas!

— Ai, você só diz isso porque é a minha mãe. Nós somos duas esquisitinhas. — E elas colam o rosto uma na outra, rindo. E então Fern diz: — E a Abelhinhas nem gosta de menino, ela gosta de menina.

Maia fica vermelha, mas Mehri reage como se tivessem acabado de contar que Abelhinhas prefere a uva-passa branca à preta.

— Infelizmente, isso não vai impedir os meninos de acharem que são a última Coca-Cola do deserto.

Maia não sabe ao certo quando percebeu que era lésbica. Talvez no ano seguinte à partida do pai. Ela se lembra de o professor de natação dividir a turma em dois grupos. Enquanto o primeiro grupo nadava, o segundo ficava esperando. Ela ainda se lembra de Fern pulando na piscina e emergindo. Cabeça para trás, sustentada pelas pernas. Fern sorriu para ela, com os cabelos pretos e lisos boiando num semicírculo na água. E Maia sentiu um frio na barriga, o peito se inflando de algo glorioso e inesperado. Como um balão de ar sendo enchido. Precisou desviar o olhar. Já sabia, mesmo naquela época, que Fern gostava dela, mas não daquele jeito.

Hoje, depois de catar as coisas que Bear derrubou no chão, Maia e Bear sobem a ladeira rumo à casa, enquanto ele faz perguntas sobre a França e escuta meia resposta antes de emendar outra pergunta:

— A Mamãe Urso tá em casa? — pergunta ele quando chegam à porta.

Maia responde que ainda não. Ela deixou um bilhete na mesa dizendo que vai tentar sair do trabalho até as cinco e que vai trazer pizza.

— Oba. Tomara que ela traga Sprite também. E Mehri? — continua ele.

Maia lembra que Roland volta do Japão hoje, então Mehri e Fern não vão estar por perto.

— O que você acha que ele vai trazer para a gente? — pergunta ele. Maia diz que não sabe e que eles não deviam ficar esperando nada, embora ela mesma esteja curiosa.

Na cozinha, Maia prepara milk-shakes para eles, mergulhando o espumador de leite no copo até o pó de morango se dissolver e surgirem bolhas.

— Bate mais, Abelhinhas, o bom é quando fica bem *espumudo* — diz Bear, ficando na ponta dos pés para espiar.

— Es-pu-mo-so.

— Es-pu-mo-so — repete Bear.

— Obaaa — diz ela, servindo o milk-shake.

— Obaaa — repete ele, os olhos acompanhando o leite subindo no copo.

Depois de lamber o bigode de morango, Maia se lembra das balas de fruta e deixa Bear escolher uma de cada sabor. Ele se senta na cama dela, mascando, enquanto ela desfaz a mala. Separa as roupas claras das

escuras e tira um centavo de franco do bolso da calça jeans antes de jogá-la na pilha de roupa suja.

— Olha aqui, dinheiro francês — diz, e Bear leva a moeda bem pertinho do nariz e dá uma boa cheirada antes de sair correndo para o próprio quarto para buscar seu cofrinho. Ele o vira de cabeça para baixo até uma moeda de dois centavos escapar pela fenda, depois coloca as duas lado a lado e cheira uma, depois a outra, para comparar os cheiros.

— É igual — conclui. — Mas dinheiro tem um cheiro esquisito. Quando você sente, já sabe certinho que gosto tem, né?

Maia faz que sim.

— De sujeira.

— Tipo sujeira da rua misturada com o xixi das privadas de pé da escola.

— Dos mictórios?

— E também — diz ele, cheirando de novo — um gosto de metal. A gente pode provar, pra ter certeza?

— Você quer lamber uma moeda depois de dizer que ela tem cheiro de mictório?

— Quero! — responde ele, e Maia se deixa embalar pelo som da risada dele. Estava com saudade.

Cora se enfia na folhagem densa do sino-dourado, procurando ninhos antes de escolher alguns galhos para podar junto do caule principal. Ela escuta os papos de fim de dia das pessoas conversando na volta para o estacionamento, as vozes se aproximando e então se afastando de novo. Sempre que anda pela cidade ou cruza o parque, fica na dúvida se alguém vai reconhecê-la e se lembrar do caso. A foto dela não saiu nos jornais e, como diz Mehri: "Me conta, *azizam*, como é que alguém vai te reconhecer se você mal saía de casa?" Mesmo assim, Cora gosta do fato de que aqui as pessoas raramente reparam nela; falam à vontade, como se ela e os outros jardineiros da propriedade ouvissem tanto quanto as plantas de que cuidam. O que é meio verdade, pensa Cora. Dá para perder horas podando as rosas ou aparando arbustos em forma de cúpula, alheia até aos próprios pensamentos. Mas aí ela ergue a cabeça e percebe que estava remoendo alguma coisa que uma das crianças contou, alguma novidade na vida delas. Ou uma memória de antes.

“Estéril”, disse ele. Foram anos entre o nascimento de Maia e a chegada de Bear. Culpa dela. Ela que não conseguia engravidar. Embora... será que ela alguma vez permitiu a si mesma imaginar que o problema pudesse ser dele? A memória é turva. Talvez o único jeito de suportar, na época, fosse justamente não pensar. Não sentir. Ela vai podando os galhos externos e se pergunta agora se ele estava certo. Se foi mesmo ela quem causou aquilo. Se, num nível profundo e inconsciente, era uma forma de autoproteção. De si mesma. De um filho ainda por nascer. Até hoje, às vezes, ouve a voz dele dentro da cabeça, as coisas que talvez dissesse se pudesse escutar o que ela pensa. *Que bobagem. Olha só para você, tentando fazer parecer que foi tudo algum tipo de inteligência suprema da sua parte, quando a verdade é que você era estéril*. A palavra já não machuca tanto. E com o sol do fim de tarde nas costas e as mãos sujas de terra, ela pensa, mais uma vez, em como a sua vida mudou.

Começa a juntar os galhos cortados, ansiosa para voltar para casa e encontrar Maia e Bear; e Mehri e Fern. E então se lembra que Roland também chega hoje. Mesmo depois de tanto tempo, ainda fica meio insegura diante da ideia de tocar o próprio barco sozinha. Não que ela não veja Mehri quando Roland está em casa, é só que percebe que, nesses dias, a amiga está um pouco menos presente.

No começo, depois que Gordon foi levado, eles ficavam perambulando de um cômodo a outro, como se procurassem algo sem nome, algo impossível de encontrar. As imagens da televisão passavam diante dos olhos dela sem fazer o menor sentido, e os dias se embaralhavam, interrompidos por uma sucessão de visitas. Policiais, assistentes sociais, uma mulher de uma instituição de caridade de apoio a vítimas de violência doméstica, um funcionário da Promotoria de Justiça. Todos como dentes de uma engrenagem imensa que tinha começado a girar nos bastidores. Ela não fazia ideia de que havia tanta gente nas coxias, esperando para entrar em cena. Alguns vinham regularmente, outros apareciam sem aviso, estendendo um crachá pendurado no pescoço como forma de apresentação. A mãe de Cora, Sílbhe, se movia em silêncio pela casa, preparando chá, lavando roupas, fazendo refeições sem deixar o menor rastro na cozinha. Toda noite ela armava acampamento aos pés da cama onde Cora e as crianças dormiam, uma guardiã de cabelos prateados que se colocava entre elas e a porta.

— Ele está preso — disse Cora. — Agora a gente está a salvo. — Mas ela reconhecia uma ferocidade nova no olhar da mãe e sabia que ela não ia deixar os três dormirem sozinhos. Não por enquanto.

— Me desculpa, minha filha, eu não sabia. Eu simplesmente... nunca percebi — sussurrou Sílbhe uma noite, com a mão macia e cheia de sardas pousada sobre a de Cora, enquanto ela amamentava Bear.

— Porque eu não deixei. Era arriscado demais pedir ajuda. Ninguém podia saber.

— Mas eu sou a sua *mãe*. Era minha obrigação saber.

Com o passar das semanas, o hematoma que tomava um lado do rosto de Cora foi mudando de cor como uma poça de gasolina até enfim desbotar num amarelo pálido e sumir na pele. O zumbido constante no ouvido também foi diminuindo, revelando o som do silêncio; sua própria respiração; os ossinhos da mandíbula se mexendo e estalando dentro do ouvido toda vez que mastigava.

As portas dos fundos foram substituídas, e, onde antes havia tábuas cobrindo o vidro quebrado, a luz voltou a inundar o cômodo. Na véspera de voltar para a Irlanda, Sílbhe esfregou o piso do pátio com uma escova grossa e tigelas e mais tigelas de água com sabão, até que um vizinho, provavelmente vendo da janela, veio ajudar com um lava-jato de alta pressão. Cora ficou no quarto de Maia, que dava para a rua, com Bear dormindo no ombro, incapaz de testemunhar o esforço necessário para apagar a mancha deixada pelo sangue de Vihaan. Pensou em Lady Macbeth e se perguntou se os vizinhos também pensaram a mesma coisa; como se apagar o sangue fosse de alguma forma associado com a culpa feminina. Ainda hoje, ela repassa na cabeça uma citação anônima de uma reportagem do jornal do bairro: "Dr. Atkin sempre foi um homem tão gentil, fazia tudo pelas pessoas. Se foi assassinato, tem que ver o que provocou. Não dá para acreditar."

Na manhã em que o táxi chegou para levar Sílbhe para o aeroporto, ela disse para a filha:

— Eu não quero despedida. Senão vai ser difícil demais ir embora.

Então eles ficaram sentados na sala — Cora, Maia e Bear —, ouvindo o carro se afastar, até mergulharem num silêncio carregado, a quietude que ficou de alguma forma maior do que o espaço que a mãe ocupava. E, mesmo sem querer que ela fosse embora, Cora precisava saber que era capaz de fazer aquilo sozinha. Seja lá o que *aquilo* significasse.

— Certo, vocês dois — disse ela, querendo fazer alguma coisa, qualquer coisa, que servisse como um primeiro passo. — Vamos cozinhar. Você, senhorzinho, vai ser o supervisor — dirigiu-se a Bear, pousando o bebê-conforto na mesa da cozinha. — E você, minha linda meninona, vai ser chef da batedeira, do controle de qualidade e degustadora oficial.

Enquanto mediam farinha, açúcar e manteiga gelada direto da geladeira, a ansiedade de Cora foi diminuindo. Viu Maia despejar a massa nas forminhas, deixando escorrer pelas beiradas, e entendeu que era isso que precisava fazer. Só continuar. Um passo depois do outro.

Os meses que antecederam a condenação de Gordon pareceram uma pausa no tempo. Mesmo sabendo qual seria o veredicto, Cora se via, de algum modo, incapaz de tocar a vida adiante, de parar, respirar e dizer para si mesma, e para Maia, e para Bear: *Então é assim que vai ser.* Sentia-se meio sem raízes, quase como se estivessem num período de férias, em que as regras e os padrões que antes regulavam sua rotina tivessem sido temporariamente deixados de lado. Os pedaços de rotina que restavam — escola, refeições, aulas de natação — pareciam surpreendentes; coisas ao redor das quais precisavam navegar. Mas, uma vez dentro de casa, a porta trancada e a corrente passada, as horas ficavam sem forma, abertas à possibilidade. Tomavam banho às quatro da tarde, estudavam tabuada durante as mamadas noturnas de Bear. Aos sábados, Cora e Maia comiam torrada com melaço e Rice Krispies, espalhando farelos pelo edredom e pelo macacão do bebê.

— Essa comida é saudável — dizia Maia para Bear —, cada floquinho vem fortificado com ácido *frólico*! — E Bear dava chutinhos e a presenteava com sorrisos banguelas.

Havia uma leveza em fazer as coisas à medida que elas iam acontecendo, e Cora se perguntava a respeito da estrutura que antes marcava o ritmo dos dias da família. Sobre como, com a saída de Gordon, eles também haviam se livrado de todas as outras amarras que organizavam a vida. Pela primeira vez em mais de uma década, Cora voltou a dançar, só pelo prazer íntimo e simples de dançar. Meio hesitante, a princípio. Quando Maia estava na escola, às vezes ela empurrava a mesa e girava pela cozinha dando piruetas, enquanto Bear a observava do bebê-conforto, rindo. Uma risada calorosa, que fazia borbulhar algo dentro dela; uma parte esquecida de si voltando à tona.

Naquela época, Mehri aparecia com comida feita em casa. No início, Cora notou como o purê de batata tinha uma textura diferente do seu, ou como o molho de queijo era tão mais cremoso que o dela. Mas logo essas diferenças se tornaram familiares, queridas até, e passaram a fazer refeições juntas com frequência.

As meninas eram tão pequenas naquela época, tinham só nove anos. Agora estão com dezesseis. Fern é a mais desinibida das duas — "desbocada", como Mehri tem orgulho de dizer. E Maia, tão incrivelmente talentosa. No começo, Cora tentou impedir que ela ajudasse tanto com Bear, mas a terapeuta disse que, muitas vezes, as pessoas fazem instintivamente o que precisam para se curar.

— Você vai saber se ficar demais para ela.

Quando Cora volta para casa com a pizza, está morta de cansaço. Mas de um jeito bom. Ela abraça Maia, depois vai lavar a terra das unhas, enquanto a filha pega os copos no armário e espera a pia desocupar, contando sobre a viagem à França e, entre uma coisa e outra, lembrando Bear de usar o que aprendeu na aula de frações para dividir as fatias.

Cora seca as mãos.

— Peraí — diz ela, se inclinando para cortar um fio de muçarela que se esticava entre a caixa e o prato. Mas Bear já sai levando o prato, rindo, só para ver até onde o queijo vai antes de arrebentar.

É nesses momentos domésticos, os três se espremendo na cozinha pequena do apartamento, que Cora se sente mais impressionada. *Nossa. E não é que estamos conseguindo? Estamos aqui, e estamos bem.*

JULIAN

JULIAN SE DEBRUÇA SOBRE A LATINHA DE CONTAS, PROCURANDO UM CRISTAL DA MESMA COR do vinho que a avó toma depois que ele e Maia vão para a cama. Deixa as contas escorrerem por entre os dedos, feito uma chuva rala de pequenas joias, até encontrar o que procura.

— Achei!

— Ótimo — diz Eileen, da mesa.

Julian gosta de Eileen; conhece-a desde que chegaram à Irlanda, dois anos antes. É a vizinha de porta e a pessoa com quem ele fica quando a avó precisa sair para resolver alguma coisa. Em geral, eles ficam em silêncio, nenhum dos dois vê necessidade de preencher o espaço com conversa fiada. O trabalho dele é montar argolinhas de contas; um peso decorativo que fica na ponta de cada bilro para manter a tensão exata da renda de Eileen.

Lá na mesa, Eileen trabalha com os bilros que ele já decorou em visitas anteriores, e eles fazem um clique-claque gostoso toda vez que ela os passa com cuidado de um lado para o outro na almofada verde abobadada. Para Julian, os movimentos dela parecem aleatórios, como se ela estivesse só embaralhando os bilros entre os dedos, sem cuidado nem direção, mas, ainda assim, no topo da almofada, vai surgindo uma teia intrincada de renda, presa no lugar por uma malha de alfinetes de aço inox. Às vezes, na escola, ele pega um punhado de lápis da caixa e os espalha sobre a mesa, mas, quando move uns contra os outros, o barulho que fazem não é tão gostoso quanto o dos bilros. Ele chegou a perguntar isso para Eileen uma vez.

— É o eco da madeira oca — explicou ela. — Gostei de você ter reparado... Não é todo mundo que percebe.

Ele vai enfiando contas num fio de latão, prende as pontas e se levanta para olhar contra a luz que entra pelo jardim de inverno. Só mostra a Eileen as melhores combinações, e, quando ela gosta muito de uma, pede

a ele que faça outra igual, porque os bilros sempre funcionam em pares, e Eileen gosta de decorar os pares com paetês combinando. O nome é esse mesmo. No começo, Julian achou que era uma palavra inventada por ela, mas uma noite, ele ficou até mais tarde na casa dela e, quando o grupo de rendeiras chegou, ouviu-as usando a mesma palavra e ficou curiosamente contente por ela ter confiado a ele o nome certo. Elas passam de mão em mão um prato de biscoitos amanteigados com uma camada brilhante de açúcar granulado por cima, porque abençoadas sejam as rendeiras; é o que dizem toda vez que comem bolo ou biscoito. Elas riem e então oferecem o prato para ele também, porque abençoados sejam os fazedores de paetês. Ele também faz enfeites com paetês para algumas das outras, mas guarda os melhores para Eileen. Antigamente, Julian passava as contas no fio e deixava que ela prendesse no bilro, mas hoje em dia ela deixa que ele use o alicate e o cortador. Com os dedos pequenos, é fácil passar o arame duas vezes na última conta, apertar bem e cortar rente. Eileen diz que, com a artrite dela, ele caiu dos céus.

Quando Maia e a avó chegam da terapia para buscar Julian, a sensação sempre é de que elas interromperam a quietude que se instalou na sala quando era só ele e Eileen e como se, ao fechar a caixa de contas, ele estivesse guardando uma parte de si. Mas Julian também sente alívio. Mesmo quando está concentrado na tarefa, ele tem consciência da ausência delas. Imagens das duas passam pela sua cabeça: o carrinho da avó na estrada longa e sinuosa que atravessa os campos. O céu cinzento, o carro azul, a grama verde, o líquen amarelo, as pedras escuras. Maia e a avó dentro do carro, um cheiro distante de gasolina e do couro das luvas que a avó usa para dirigir.

— Por que a senhora só dirige de luva? — perguntou ele, uma vez.

— Antigamente, mesmo antes do meu tempo — respondeu ela, sorrindo pelo retrovisor —, os volantes eram de metal ou de madeira. Era preciso proteger as mãos do frio. Ou das farpas.

Ele se lembra das mãos do pai no volante, grandes e firmes, uns poucos pelos grossos nas costas, e pisca para afastar a memória.

— Por que a mamãe nunca aprendeu a dirigir? — perguntou há pouco tempo. Ele viu os ombros da avó subirem e descerem no banco da frente, do jeito que sempre fazem quando ele faz uma pergunta desconfortável sobre a mãe.

— Bom, ela foi para Londres com catorze anos, então acabou não tendo a chance de aprender comigo. E depois acho que ele não queria que ela dirigisse. — Então ela se corrigiu: — Não, isso não é verdade. Ele não deixava.

Ela piscou para ele pelo espelho com os dois olhos, apertando com força por um instante, do jeito que o gato dela, Thistle, faz.

— É como os gatos dizem "eu te amo". Ela só faz isso para quem gosta de verdade — explicou Maia, quando eles chegaram à Irlanda. A avó diz "eu te amo" em voz alta para ele o tempo todo, mas ele gosta ainda mais das suas piscadelas silenciosas de gato.

"Ele não deixava." Eles nunca se referem ao pai pelo nome. Só por "ele". Julian notou que as pessoas falam de Deus do mesmo jeito. A vovó Sílbhe não — ela já não acredita mais nele —, mas na escola, quando vão à igreja do outro lado da rua para a missa da manhã, Julian ouve o padre falando d'Ele. É Pai para cá, Pai para lá, e isso tudo parece uma confusão de pais que ele ainda não conseguiu entender direito. Ele ainda não fez o sacramento da Penitência, mas no recreio os meninos falam disso, quase eufóricos com a ideia da primeira confissão.

— Vou dizer que roubei um lápis! — diz Reggie.

— Você devia contar do dinheiro que pega na bolsa da sua mãe para comprar sorvete — provoca outro. Os olhos deles brilham. Todos concordam que o pecado não pode ser grave demais a ponto de dar problema, mas que tem de ser ruim o suficiente para justificar uma confissão.

— A mamãe falou com alguém quando foi te buscar hoje? — ele se lembra do pai perguntando, lá no primeiro ano dele na escola, quando ainda moravam na Inglaterra. — Ninguém? Você não mentiria por causa dela, né? — A voz soava como uma unha tentando abrir as pontas de um grampo. — Ela andou falando no telefone de novo? Eu vou saber se você estiver mentindo, Julian.

Hoje, só de pensar em contar seus pecados para o padre, parece que todo o ar é sugado do seu peito. A vovó Sílbhe diz que eles não precisam fazer nada daquilo. Que ele só precisa manter a cabeça baixa e tentar se enturmar na escola. Mesmo assim, as palavras que ele ouve na sala de aula reverberam na sua cabeça, sombrias e agourentas, assim como o céu encoberto sobre os campos ao redor de casa, logo antes de uma tempestade. *Ó, meu Deus, sinto muito por tê-Lo ofendido. Detesto todos os*

meus pecados, porque receio a Sua punição... e temo a perda do Céu e as dores do inferno...

Julian não quer as dores do inferno. Mais do que isso, ele não quer ser quem causa a dor. Quando brincam de pique-esconde, Julian só consegue continuar escondido por um ou dois segundos depois que Maia entra no quarto. Por algum motivo, vê-la procurando atrás do sofá ou da porta a faz parecer tão vulnerável. E, mesmo sabendo que é só uma brincadeira, ele não aguenta. Não quer vê-la se assustar; não quer ver a irmã pulando de medo. Então modula a voz do jeito certo — nem alto demais, nem baixo demais.

— Maia, tô aqui.

Ele observa Maia estudando na mesa da cozinha, o cabelo caindo por cima dos livros escolares, a expressão distante, como se tivesse ido para dentro de si. Quando ela fica assim, distraída, presente e ausente ao mesmo tempo, Julian sente um tremor dentro do peito.

— Maia — chama ele baixinho, quando a solidão fica forte demais. — Maia.

E ela expira, fazendo a franja subir com o sopro.

— Estou concentrada, Jules. — E mesmo que, um instante depois, estenda a mão por cima da página para apertar a dele, ela o faz sem erguer o rosto, a caneta ainda parada sobre uma ilustração, nomeando as partes de uma célula vegetal ou de um coração humano.

Ele já ouviu a vovó Sílbhe conversando com Eileen. Dizendo que ele — Julian — vai ficar bem; que mal se lembra da noite em que a mãe morreu. Quem a preocupa mesmo é Maia. E então ele entende que esse tremor por dentro é algo que ninguém mais consegue ver.

Às vezes, depois que Julian finalmente pega no sono, Maia se levanta e se junta à avó na sala, e as duas conversam em tom de confidência, e a avó lhe serve um pouco de vinho — só um dedinho no fundo da taça, "só pra fazer companhia".

Numa dessas noites, Maia cria coragem e pergunta:

— Eu sei que a mamãe não gostava que eu fizesse, e sei que a senhora também não deve gostar, mas será que eu podia continuar com o balé? Será que a gente podia achar uma aula aqui?

— Mas por que você ia querer isso? — pergunta Sílbhe. — Achei que você só fazia porque ele insistia.

— É, mas...

— Desculpa, pode falar. Sei que você deve ter os seus motivos.

— A mamãe não queria que eu dançasse por causa dos riscos para o corpo. E acho que também porque via que eu nunca gostei do mesmo jeito que ela. Mas agora sinto falta. É tipo uma... conexão com ela. — Ela para. Tinha outras coisas que poderia dizer, mas a avó já está assentindo, sugerindo que encontrem uma escola de dança e façam o trajeto até a cidade uma vez por semana.

— Mas nada de sair de casa antes dos dezoito — avisa a avó. Assim que diz isso, seu rosto fraqueja e, por um instante, parece que vai desabar. Mas então ela leva os dedos aos olhos. — Olha só para mim, despejando todos os meus arrependimentos em cima de você. Como se a pessoa precisasse sair do país só para fazer uma aula de dança. — Ela segura a mão de Maia por cima da mesinha lateral e a aperta com força, em sinal de desculpas, embora não consiga encarar a neta. Nem mesmo quando acrescenta: — Mas ela era jovem demais; hoje eu sei disso. Ela precisava de mais cuidado. Precisava dos pais. Não sei o que a gente tinha na cabeça, deixar que ela saísse pelo mundo daquele jeito. — Maia entende o que ela quer dizer e imagina a mãe sentada ali, na mesma cadeira que ela agora. Antes de Jules e de ela existirem, antes de sequer serem imaginados.

Depois de um tempo, Maia quebra o silêncio.

— A senhora sabe que eu nunca ia querer sair dessa cidade, quanto mais da Irlanda. — E, ao dizer isso, ela sente a honestidade daquelas palavras.

Na aula de balé, as outras meninas a observam e só a acolhem de verdade depois de avaliarem seus *jetés* e o ângulo do seu *brisé*. Um sorriso, uma queixa trocada enquanto tiram as sapatilhas e libertam os pés doloridos. Ela vê a mãe em tudo à sua volta. Nas outras meninas de pescoço comprido, no hábito da professora de ficar perfeitamente parada, com os calcanhares unidos na primeira posição, quando quer a atenção da turma. A mãe adotava essa mesma postura na pia, lavando louça, ou esperando Maia no portão da escola. Maia sempre achou que a mãe tinha abandonado o balé por completo, mas agora vê que ele sempre esteve ali.

— Sua mãe morre de inveja — ele costumava dizer, a expressão severa exigindo que Maia erguesse os olhos, como se, ao cruzarem os olhares, ele pudesse, só com o contato visual, suplantar os pensamentos dela com os dele. — Ela não suporta ver você conquistando o que ela nunca pôde ter. Mas a culpa não é sua se o corpo dela falhou; você não tem que pagar o pato.

Naquela época, quando morava na Inglaterra, Maia não gostava de dançar. Ela só ia porque ele pagava as aulas e insistia que Cora a levasse toda semana. Maia sabia que nunca alcançaria o nível da mãe. Não tinha a mesma gana, aquele chamado natural pela dança. Era uma obrigação, algo que fazia só para agradar o pai. Mas agora, na Irlanda, isso tinha mudado, virado outra coisa. E ela ansiava por dançar. E habitar o mesmo espaço intangível que um dia havia sido da mãe. Sente a presença dela nas próprias panturrilhas e nas coxas contraídas, na planta dos pés pressionada contra o chão.

Às vezes, no meio da noite, Julian sobe na cama dela, enroscando o corpinho no seu. Ele dorme envolvendo os dedos nos cabelos dela, no escuro, o sopro quente e leve respirando em sua nuca. Nessas noites, Maia fica acordada o quanto consegue, e só quando os olhos começam a se fechar contra a vontade é que ela carrega Julian de volta para a cama dele. Pousa-o e o cobre, então volta para seus lençóis impermeáveis e barulhentos. Toda manhã, ela tira a roupa de cama e põe na máquina de lavar, e, quando chega da escola, os lençóis já secaram ao vento e vovó Sílbhe já colocou de volta na sua cama. As duas compartilham essa sua vergonha em silêncio, embora Maia saiba que a avó não a julga.

— Depois do que você passou, isso é mais do que normal — comentou a avó na primeira vez que aconteceu.

Ainda assim, Julian é nove anos mais novo e mantém os lençóis sempre secos. Às vezes, ela passa a mão no colchão dele só para conferir e depois se sente mal por ter ficado decepcionada.

Não é a aposentadoria que Sílbhe tinha planejado. Ela imaginava um arrefecer lento, um desacelerar gradual rumo à penúltima etapa da vida. Não era assim que acontecia? Infância, juventude, casamento, filhos, meia-idade, aposentadoria, até que, por fim... Mas isso foi antes de as crianças chegarem. Será que teria usado esse tempo de outra forma, se soubesse? Feito mais colchas, lido mais livros, ido a Veneza? Se

apaixonado de novo, talvez, pensa ela, nos momentos de maior honestidade.

Sílbhe conheceu Cian na escola. Sempre houve algo entre os dois. Ainda se lembra dos lábios dele aos dezesseis, macios e jovens, gentis e ansiosos ao mesmo tempo. Mas então ela conheceu Hugh, e Cian conheceu... Agora ela nem lembra mais o nome. Foi há tanto tempo, ou talvez ela estivesse envolvida demais com Hugh para se importar. Acabaram perdendo o contato. Alguns anos atrás, no entanto, depois de uma chuva forte, ela teve de voltar para casa por um caminho diferente do habitual, porque a ponte estava interditada, e o carro deu um tranco e morreu num trecho de estrada desconhecido que ziguezagueava no terreno escarpado. Ficou um tempo sentada, ouvindo o motor estalar e reclamar enquanto esfriava, mas, quando girou a chave de novo, nada aconteceu. Então resolveu seguir a pé.

Depois de andar mais ou menos um quilômetro e meio, com o dia já escurecendo, Sílbhe viu a silhueta de uma casa surgindo por trás de uma colina. A casa estava escura, mesmo assim ela contornou o terreno, na esperança de encontrar alguém que pudesse ajudá-la. Nos fundos, havia um pequeno ateliê separado da casa, com uma luz acesa na janela. Ela bateu à porta e, quando Cian abriu, sentiu alívio e surpresa. Mas também algo mais, como se uma expectativa tivesse se cumprido. Como se, lá no fundo, depois de todos aqueles anos desde a morte de Hugh, ela soubesse que um dia seus caminhos voltariam a se cruzar.

Cian sorriu, abriu os braços — um gesto ao mesmo tempo passivo e confiante —, exigindo dela a decisão de entrar neles.

— Olha só, parece que eu sabia que você ia aparecer assim na minha porta qualquer dia desses. Por que demorou tanto? — perguntou ele. — Vamos lá para casa? Deixa eu desligar o ferro de solda, e a gente toma alguma coisa.

Ele desligou o ferro, que soltou um fio preto de fumaça da ponta, e Sílbhe reparou, então, na pilha de caixinhas bege gravadas com o sobrenome dele. Reconheceu na hora: já tinha visto aquelas caixas nas vitrines das joalherias da cidade, mas nunca havia associado o nome à pessoa; Brennan não é um sobrenome incomum na região.

Ela o viu algumas outras vezes. Cian era interessado e interessante, com coisas a dizer sobre livros, arte e política, e, quando perguntava sobre a vida dela com Hugh — ou sobre a filha na Inglaterra —, fazia isso

com carinho e generosidade. Reencontrar Cian foi como abrir uma ostra e encontrar uma pérola dentro.

Numa dessas noites, depois de jantarem, Cian a deixou de carro em casa e se aproximou dela no espaço entre os dois bancos, e ela se viu se inclinando na direção dele também. O beijo pareceu familiar, e ela entrou em casa e se recostou na porta, toda boba, como uma adolescente outra vez. Naquela noite, sentou-se à penteadeira e correu os dedos pelos lábios, então olhou para a foto de Hugh, falecido havia mais de vinte anos. O sorriso na foto parecia encorajá-la. "Vai lá. O que você tem a perder?" Talvez ela só estivesse vendo o que queria ver, pensou. Velha tola. Ainda assim, ela se viu tirando com cuidado a aliança do dedo e guardando-a num pratinho de cerâmica que ele tinha lhe dado de presente num Natal. Pronto.

Mas então, poucos dias depois, ela recebeu o telefonema. Uma ligação que a fez jogar as coisas na mala às pressas, esquecendo tudo de que realmente precisava; teve de comprar até calcinhas no aeroporto. Quando voltaram, algumas semanas depois, ela estava esgotada. Pela perda da única e amada filha. Por ter de cuidar de duas crianças que agora tinham medo do escuro, que se encolhiam quando a lenha estalava e chiava na lareira e que se grudavam feito ímãs toda vez que ela deixava cair a tampa de uma panela. E a ideia de Cian Brennan... bom, mal teve tempo de considerá-la.

Ele apareceu certa noite, depois de Maia e Julian terem finalmente adormecido. Ela ficou parada na porta, ele lá fora, no frio. Só hoje, tanto tempo depois, é que se deu conta de que ele estava só de camiseta, o casaco devia ter ficado no carro, como quem esperava ser convidado a entrar. Sílbhe contou o que havia acontecido em frases curtas, vacilantes, escolhendo as palavras com cuidado para evitar que cenas se formassem na cabeça dele. Ainda assim, foi o suficiente. Ele abriu os braços para ela, mas Sílbhe não se mexeu no batente.

— Cian, sobre... — Ela sabia que "nós" era a palavra certa, mas não conseguiu dizê-la. Procurou a aliança com os dedos, e ele baixou os olhos para as mãos dela.

— Nós? — perguntou ele. E então, com as palmas abertas, num gesto de rendição, disse: — Eu entendo. Não é a nossa hora. — Ela fez que sim, grata por ele ter dito aquilo por ela. — Mas, se você precisar de mim, para qualquer coisa, qualquer coisa mesmo... — E, quando ela baixou a

cabeça de novo, ele entendeu que já tinha falado o que podia. Tocou o braço dela, a mão calejada roçando as fibras estáticas do seu suéter de lã, e deu meia-volta para retornar para o carro.

Uma parte dela quis permanecer ali, no limiar entre dois mundos, e vê-lo partir. Mas a porta aberta deixava o frio entrar em casa, e ela não queria que as crianças acordassem e não a encontrassem no lugar de sempre. Ela não guarda mágoa dos netos, mesmo agora, dois anos depois. Só dele, do pai das crianças. E de Deus.

Sílbhe sente uma necessidade feroz de habitar essa vida que é sua agora, e isso dissipa o cansaço, afasta qualquer ideia iminente de aposentadoria, de cuidar de si mesma, de seguir um caminho só seu. Ela é tudo o que eles têm. Sílbhe não estava preparada para voltar a ter filhos pequenos. A escola secundária mais próxima fica a quarenta e cinco minutos, e, embora Maia pudesse pegar o ônibus no último trecho do trajeto, isso só economizaria vinte minutos de viagem, e Sílbhe não é do tipo que faz as coisas pela metade. Não quando se trata dos netos. As tardes deles são tomadas pelas aulas de balé de Maia e pelo clube de arte de Julian. Terapia para todos. Inclusive para ela, embora encaixe suas sessões bem cedo pela manhã, quando os netos estão na escola, para que eles não vejam seus olhos inchados na hora da saída. “Heroica, corajosa”, foi como uma jovem radialista a descreveu certa vez, numa entrevista sobre homicídio doméstico, mas não era assim que ela se sentia. Sílbhe se sentia como se tivesse sido centrifugada numa máquina de lavar e pendurada para secar no varal junto com os lençóis de Maia. Mas também se sentia energizada, obrigada a viver uma segunda juventude pela qual não havia pedido. O que mais podia fazer? O que mais qualquer um faria?

GORDON

SENTADO À SUA MESA, GORDON VASCULHA O ESTOJO EM BUSCA DA COR CERTA DE LÁPIS. O estojo tem uma carinha de macaco, com olhos grandes e engraçados, como se alguém tivesse acabado de contar uma piada. Ele o escolheu com o pai, num dia em que saíram "só os meninos", porque não dá para confiar na mamãe para fazer compras. Depois, foram ao Pizza Express e se sentaram um de frente para o outro numa das mesas de mármore cinza, os talheres arrumados sobre guardanapos com o logo da pizzaria.

Gordon queria agradar, dizer coisas que o pai talvez quisesse ouvir, então contou uma piada que se lembrava do livro de piadas de "toc, toc" e, quando isso não surtiu o efeito desejado, começou a narrar o episódio de *D'Artacão e os três moscãoteiros* em que a espada de D'Artacão quebrou.

— Não sei como ele vai se proteger sem a espada — disse ao pai. Gordon sentia um frio na barriga desde que isso aconteceu, e, dois episódios depois, D'Artacão ainda não tinha conseguido consertar a espada.

O pai fez que sim e se debruçou para a frente, levando a cabeça à altura da de Gordon.

— Então me conta uma coisa: o que a mamãe faz nas férias, quando eu estou no trabalho?

— Ah, sei lá — respondeu ele, decepcionado por não falarem da espada. Ele tentou pensar nas coisas que a mãe fazia, mas era difícil; ela só ficava *pela casa*. — Er... Ela cozinha, passa pano no chão, rega as plantas. — O pai cruzou os braços e se recostou na cadeira, e Gordon ficou desesperado para dizer alguma coisa que pudesse chamar de volta a atenção dele. — E teve uma vez que ela falou um palavrão — acrescentou, e, como havia imaginado, o pai já não parecia mais entediado e se debruçou de novo para perto dele.

— O que ela falou?

A sensação foi tão boa, uma adrenalina, igual a quando se passa de bicicleta por uma lombada na rua e a barriga pula. Ele ficou vasculhando a memória em busca de mais indiscrições, coisas que pareciam animar o pai, despertar o interesse dele, como se estivesse bebendo as palavras de Gordon. Ele se viu aumentando as coisas, misturando o que tinha acontecido com o que *poderia* ter acontecido, ou até com o que ele gostaria que tivesse acontecido:

— ... e depois que a gente ficou um tempão fazendo carinho no gato, a mamãe disse: "Ele não tem coleira, então vamos levar para casa e esconder debaixo da sua cama, e o papai nunca vai saber!"

Naquele momento, Gordon percebeu que tinha ido longe demais.

— A conta, por favor — pediu o pai ao garçom. E depois ficou olhando para o nada, como se uma cortina tivesse se fechado.

— Toc, toc — disse Gordon, tentando retomar a conversa. O pai não respondeu, então ele começou a fazer os dois papéis na piada, mas foi perdendo o embalo antes de chegar à parte engraçada.

Na rua, ele teve de correr para acompanhar os passos largos do pai. Mesmo assim, naquela noite, no jantar, o pai comentou à mesa algumas das coisas que Gordon tinha contado. Não falou do gato, que deve ter percebido que era mentira, mas falou de outras coisas. Parecia satisfeito com os detalhes, quase como se estivesse provocando a mãe, e Gordon se sentiu vingado. Principalmente quando a mãe não rebateu que era tudo invenção e ficou só piscando e olhando para o próprio prato, o que fez Gordon se perguntar se ela havia mesmo escondido pacotinhos de Monster Munch enquanto ele e Maia estavam na escola; se havia mesmo usado a espuma de banho do aniversário dele.

Mais tarde, Maia apareceu na porta do quarto dele.

— Por que você tinha que ser tão...

Gordon não sabia bem que palavra ela ia dizer, só que era uma palavra feia. E o único motivo pelo qual ela não terminou a frase foi porque os dois ouviram o pai subindo a escada. Na cama, ele ficou com uma sensação esquisita na barriga. Um pouco de fome, mas misturada com algo feio e triste. Virou de lado e enfiou a cara no travesseiro, tentando apagar da mente a imagem da mãe piscando daquele jeito. E de Maia, olhando feio para ele.

A professora coloca um retângulo de cartolina diante de cada aluno e diz que é para colar nas bandejas onde eles vão guardar os livros e os

cadernos que vão usar ao longo do ano letivo. Ela manda cada um escrever o próprio nome e desenhar uma moldura. Gordon fica um tempo olhando o que os colegas estão fazendo, então começa a trabalhar na sua própria etiqueta. Com muito capricho, pronunciando as letras em silêncio na cabeça, para ter certeza de que está tudo certo, ele escreve L-U-K-E com canetinha laranja. Quando se dá por satisfeito com a caligrafia, começa a desenhar uma moldura de foguetes e espaçonaves, planetas com anéis e estrelas cadentes. As canetas se encontram tão novas e cheirosas que ele toma um cuidado extra para não deixar as cores se misturarem nem sujar as pontas. Ele está pensando no céu preto e aveludado, nos astronautas com capacetes redondos, na comida de astronauta e em passar pasta de dente em escovas flutuando no ar, até que se dá conta de que o menino da mesa ao lado está se inclinando para ver o que ele está fazendo.

— Ei, professora! Esse não é o nome dele! — diz o menino.

Outros já estão se levantando das cadeiras, se aglomerando em volta. Gordon esconde a cartolina com o braço. Mas então vê a sombra da professora parada ao seu lado, e a Sra. Bellamy puxa a pontinha da cartolina. Ele vê o desenho, feito com tanto cuidado, borrar ao ser puxado de baixo do braço.

A professora lê a cartolina, depois a rasga ao meio. Gordon sente o lábio tremer e ouve alguém dizer:

— Gordon vai chorar!

Ele morde o lábio com força para conter o tremor e sente o gosto metálico de sangue na boca.

— Eu sei muito bem quem você é, Gordon. — A professora olha para ele, vê os olhos cheios de água e, com um misto de frustração e pena, completa: — Ai, pelo amor de Deus. Vai sentar no corredor até a gente terminar.

Sua vontade é de se explicar, mas percebe que não consegue explicar nem para si mesmo, só sabe que sempre quis se chamar Luke. Do lado de fora da sala, se senta no corredor, encostado na parede, beliscando a mancha de nascença no braço, vendo o contorno torto de coração sumir e reaparecer, sumir e reaparecer.

Quando a professora o chama de volta para a fileira de bandejas com os nomes que as crianças colaram, a dele salta aos olhos no meio dos

cartões todos enfeitados. A professora escreveu em letras pretas inconfundíveis: G-O-R-D-O-N.

Ele sente vontade de chorar de novo, mas, desta vez, consegue se conter. Gordon sente a tristeza secar e se transformar em raiva. E, no caminho até sua carteira, quando uma menina se inclina, com o cabelo preso num rabo de cavalo no alto da cabeça, ele não esbarra nela *de propósito* mas também não faz nenhum esforço para desviar. Ela solta um grito, segurando o cabelo desalinhado, enquanto o nome dele ecoa pela sala. Ele queria estar em outro lugar. Queria *ser* outra pessoa. Mas ele é o Gordon. Da turma 2C, no começo do ano letivo. Vai ser *esse* o nome que vai ser repetido na sala dos professores. Gordon de novo. Aquele mala do Gordon Atkin. E ele capta algo nisso, a sensação de não ser querido.

Naquela noite, durante o jantar, o pai pergunta como foi o primeiro dia de aula.

— Bom — diz ele, enfiando garfadas de macarrão na boca.

— Não fale de boca cheia — repreende o pai, então encara os cotovelos erguidos, tortos, enquanto ele manuseia os talheres com os punhos fechados. Gordon os abaixa.

Ele repara na bebida da mãe e pergunta:

— Também posso ganhar um canudinho?

— Não — diz Maia.

— Você não manda em nada. Por que a mamãe pode beber de canudinho e eu não? Ela nem é criança.

— É porque eu fui ao dentista — explica ela.

Maia suspira, e o pai olha feio para ela. Gordon para de devorar a comida, encara o rosto da mãe e repara na bochecha esquerda inchada, como se ela tivesse enfiado uma bolinha de pingue-pongue na boca. E, sem saber direito por quê, percebe que ela não está dizendo a verdade e que os outros sabem disso. É sempre assim. Os três, todos eles sabem de alguma coisa que ele não sabe. E, de repente, ele deseja sair outra vez apenas com o pai, "só os meninos", para se afastar de Maia e da mãe e redefinir as alianças. Desde o dia no Pizza Express que ele vem pensando em outras coisas que poderia contar para o pai, coisas que o fariam feliz. Agora está guardando tudo isso na cabeça, numa espécie de "lista de supermercado" de todas as coisas que a mãe faz de errado.

Maia está no sofá, com o prato de biscoitos que a Sra. Radley deixou para ela pela metade. Ela gosta de trabalhar de babá para os Radley. Eles moram a poucas ruas de distância, mas, enquanto a casa de Maia tem colunas falsas ladeadas por vasos simétricos, a deles tem um caminho de ladrilhos velhos que parecem estar ali desde sempre, cercado por plantas selvagens que fazem cócegas nos tornozelos quando se chega perto da porta. Por dentro, a casa tem a bagunça da vida cotidiana. Coisas largadas onde foram deixadas e que só são recolhidas quando a Sra. Radley anuncia que é hora da *blitz*. Tem algo de acolhedor, e não de sujeira, naquela bagunça, e Maia mergulha nela com gosto. Assim que as crianças dormem, Maia tira os livros da escola da mochila e os espalha na mesa de centro, deixando um deles meio torto de propósito no chão, querendo que suas coisas se misturem às deles.

Na casa dela, as almofadas estão sempre afofadas, as superfícies sempre limpas, como se a fachada de ordem pudesse purificar a realidade da vida deles. Mas, de alguma forma, isso não funciona. Quanto mais arrumada está a casa, mais parece que eles estão tentando esconder algo.

— Credo, Maia! Parece casa de revista — comentou uma colega da escola, que apareceu sem avisar para pegar um tutu emprestado para uma apresentação. — Cadê as suas coisas? — perguntou, espiando a sala de estar, enquanto Maia subia correndo para buscar a saia.

— Ah, a gente guarda um monte de tralha na garagem — respondeu ela, torcendo para a amiga não pedir para ver.

Quando os Radley chegam, ela ouve os dois conversando no caminho antes mesmo de a chave girar na porta. Estão sempre rindo ou comentando alguma coisa, e, quando a Sra. Radley chama o marido de estabanado por ter deixado a chave cair no chão, ele só dá risada. O Sr. Radley puxa papo com Maia enquanto a esposa procura o dinheiro na bolsa, mas os olhos dele continuam voltando para a mulher, como se ela fosse um pedaço de bolo de chocolate e ele estivesse só esperando Maia ir embora para poder atacar. Ela imagina os dois como os personagens do vídeo de educação sexual da escola, aquele do casal de desenho animado que fica se perseguindo pelo quarto tentando se fazer cócegas com penas, parecendo felizes e animados. Ela sabe que sexo não tem nada a ver com penas, mas o Sr. e a Sra. Radley parecem o tipo de casal que se divertiria assim. Às vezes, ouve o próprio pai grunhindo através da parede. Ela se

esconde debaixo das cobertas, mas o reflexo de querer saber se a mãe está bem é mais forte. Tenta ouvir por debaixo do edredom, mas não escuta nada. O que a faz pensar que o pai transa *contra* a mãe e não *com* a mãe, o ato recíproco que explicaram na segunda parte da conversa sobre menstruação que tiveram na escola no ano passado.

Maia não se interessa por meninos. Às vezes, quando a amiga Sadie está falando, ela fica hipnotizada pelo rosa-claro dos lábios dela e imagina como seria beijá-la. Mas não faz nada, porque é tudo complicado demais. Toda a sua atenção está voltada para entrar na faculdade de medicina.

Seguir os passos do pai parece estranho, mas, quando o vê em modo profissional, o medo que normalmente sente dele dá lugar a algo muito próximo da admiração. Ela fica impressionada com a voz firme e tranquilizadora que ele usa com os pacientes; com o jeito meticuloso como sacode o termômetro antes de ler o mercúrio, sem demonstrar o menor sinal de preocupação, não importa quão alta esteja a febre; com a calma precisa com que aplicou uma injeção de adrenalina quando Gordon foi picado por uma vespa. Por um instante, naquele dia, pareceu que ele podia morrer ali mesmo, na mesa de piquenique, fantasiado de Batman, mas o pai vestiu sua capa invisível de médico e o salvou. Por um instante fugaz, um herói. Ela gostaria de ter esse tipo de competência e controle.

Embora a sala de Maia na escola tenha uma cópia do calhamaço do Serviço Britânico de Admissões em Universidades, numa das últimas reuniões entre pais e mestres, Cora nota um papel no quadro de avisos e, alguns dias depois, começa a sugerir para onde Maia poderia se candidatar.

— O papel dizia que tem que escrever uma declaração pessoal. Você sabe o que é isso?

Maia lembra que ainda está no penúltimo ano da escola e que só vai precisar fazer isso no início do ano que vem. A mãe parece tomada pelo pânico, como se houvesse o risco de simplesmente esquecerem. Maia olha num mapa os lugares sugeridos. Manchester, Leeds, Cardiff, Edimburgo, até uma cidade na Irlanda, onde a vovó Sylvia mora. Todas cidades muito, muito longe de casa.

Maia sabe que a mãe quase nunca fala com a vovó Sylvia. O pai não gosta que ela faça ligações internacionais, e eles nunca vão visitá-la. Às

vezes, a vovó Sylvia manda cheques de Natal ou de aniversário, que o pai deposita numa conta bancária junto com o dinheiro que Maia ganha trabalhando de babá.

— Mãe — perguntou ela uma vez —, por que o nome da vovó está escrito "Sílbhe" aqui?

— Ah, é o nome dela. É a versão irlandesa de Sylvia.

— Então por que a gente não chama ela assim? — Ela viu a mãe parar, abrir a boca e então fechar de novo. — E como é que se pronuncia? Do jeito certo, quero dizer.

— *Shilva* — disse a mãe, e o rosto dela se suavizou ao dizer a palavra. Foi ali que Maia entendeu por que o pai queria apagar qualquer conexão com a Irlanda.

Ela repete o nome mentalmente, deixa que ele se espalhe pelos pensamentos durante o jantar, como num ato de rebeldia. Sílbhe. Gosta do acento agudo sobre o í, como a chama de uma vela que se recusa a se apagar. Na escola, ela começa a escrever o próprio nome como Maía, uma mudança tão sutil que ninguém além dela percebe.

Aos poucos, a vovó Sílbhe começa a parecer a única pessoa capaz de salvá-los. Maia se imagina aparecendo na porta da casa dela ou ligando de uma cabine telefônica e perguntando se pode fazer uma chamada a cobrar. Mas, no fim, ela escreve uma carta e paga o selo com moedas que achou na rua. Basta uma ou duas semanas andando com os olhos grudados no chão no caminho da escola. Perto de casa, as pessoas não costumam deixar dinheiro cair, mas ali perto das lojinhas, no parque, do lado da máquina de bilhetes da estação de trem, ela encontra moedinha em tudo que é canto. Tem vontade de contar isso para a mãe, para que ela também tenha algum dinheiro só dela, mas sabe que a mãe — a esposa do médico — jamais poderia ser vista catando trocado no mato, no meio de garrafas de vidro descartadas, feito uma mendiga. Maia pensa nisso e se espanta ao perceber quão tênue é a linha que separa as duas. A mãe mora numa casa aquecida e ganha roupas, mas não tem mais dinheiro nem liberdade que a mulher que anda pela cidade empurrando um carrinho de supermercado cheio de tralhas cavoucadas por aí.

Certa noite, bem tarde, ela desceu para pegar um copo de água na cozinha. A luz da sala estava apagada, e Maia ficou ali, no escuro, sem ser vista, enquanto o pai ajoelhado se debruçava sobre a mãe, com os

pulsos dela presos para trás, enquanto ela comia de uma tigela no chão da cozinha, e ele falava num tom calmo, quase gentil, junto ao ouvido dela:

— Talvez agora você pense duas vezes antes de fazer a gente viver como bicho, Cora. Não é legal, né? Espero que isso ajude você a se lembrar de limpar a geladeira da próxima vez. Ninguém quer ter que comer comida podre desse jeito.

Maia deu meia-volta e subiu a escada em silêncio, carregando consigo a cena que tinha acabado de presenciar. Chegou ao corredor e vomitou no carpete. Ficou ali por um instante, olhando a parede suja com pedaços de cenoura que nem se lembrava de ter comido, sem saber o que fazer. Então chamou, baixinho, do alto da escada:

— Eu passei mal.

Pouco depois, os pais apareceram, sem trazer no rosto o menor indício do que ela havia acabado de presenciar na cozinha.

Na manhã seguinte, ela escreveu a carta na biblioteca da escola, arrancando folhas do fim do caderno de exercícios.

***

Sílbhe liga numa terça-feira de manhã. Cora está esfregando as bocas do fogão e repassando mentalmente a "Dança da fada do açúcar". Algumas sequências ela lembra como que por instinto, outras já não tem tanta certeza e fica na dúvida se não está inventando trechos de coreografia para tapar os buracos da memória.

— Cora, você está sozinha? — A voz do outro lado da linha é tão familiar, mesmo que elas quase não conversem mais. Cora evita fazer ligações que possam aparecer na conta de telefone, mas a mãe parece ter interpretado essa falta de contato como um sinal para também não ligar com frequência. E, de alguma forma, é mais fácil assim. — Você está podendo falar?

Cora olha ao redor, como se a mãe soubesse de alguma coisa que ela mesma ainda não sabe.

— Estou? — responde, quase que numa pergunta.

— Recebi uma carta de Maia, querida. Eu sei o que está acontecendo.

Cora se senta no braço do sofá, sem fôlego. E logo se levanta, num reflexo, lançando um olhar para a janela da cozinha, para ver se ele não

resolveu passar em casa entre uma consulta e outra.

— Mãe, eu acho que... Não sei se consigo lidar com isso agora.

— É verdade?

Cora não responde, e o silêncio se estende pelos cabos telefônicos que conectam as duas.

— Eu gostaria de saber.

Cora continua sem dizer nada. Ela se pergunta o quanto Maia contou, o quanto Sílbhe sabe.

— Eu sei que você não tem acesso à sua conta bancária, então vou mandar um cheque para Maia. Ela pode sacar o dinheiro para você, e quero que use isso para comprar passagens e vir para cá.

Cora ri, uma risada curta e irônica de descrença que não queria ter deixado escapar.

— As crianças não têm acesso às contas delas, mãe. Quem cuida disso é ele.

— Quer dizer que elas nunca receberam nada? E o dinheiro que eu mando para elas?

— Imagino que esteja guardado em algum lugar, para quando forem mais velhas. Mas elas não podem ir ao banco e sacar. Não têm cartão nem nada do tipo.

Sílbhe fica em silêncio por um tempo.

— Mas eu podia te mandar dinheiro em espécie, pelo correio? Você conseguiria receber? Quando o carteiro passa, ele está no trabalho, não está?

Cora suspira.

— Não é assim tão fácil. Se eu tentar ir embora, vou perder as crianças. Ele pede a um colega na clínica que receite remédios no meu nome, está tudo na minha ficha... Antipsicóticos ou sei lá o quê.

— Você é psicótica?

— Não, claro que não. Mas se até a minha própria mãe tem que perguntar... É a apólice de seguro dele. Ele faz parecer que eu sou louca para garantir que eu nunca fique com a guarda das crianças. Ele já me disse isso uma vez. — A mãe fica em silêncio. — Mas nada disso importa. Não é tão ruim assim. Eu não sei o que Maia te contou, mas eu estou bem, e as crianças estão sendo bem cuidadas. Têm roupa limpa, comida à vontade, atividades depois da escola, balé... — Cora gagueja diante da própria distorção; as aulas não foram escolha de Maia. Mas então

continua: — Ele nunca encostou nem um dedo nelas. Elas têm tudo que podem querer. Tem criança por aí passando necessidade, a senhora sabe disso.

— Mas isso não está certo, Cora.

Ela ainda está olhando pela janela. Quanto mais a ligação se estende, mais convencida fica de que ele vai virar a esquina a qualquer momento e aparecer lá fora. Às vezes, ele enfia a chave na fechadura bem devagarinho, tentando pegá-la desprevenida. Ela o imagina agora parado junto da porta, ouvindo tudo, sem que ela sequer perceba que ele está ali.

— Só um segundo — diz, e pousa o fone em cima da mesa enquanto espreita o hall. Quando volta, está com o tom mais firme. Nunca devia ter se deixado levar. O choque de saber que a mãe está por dentro de tudo, de perceber que foi Maia quem contou, de ouvir aquele sotaque cantado da terra natal, tudo aquilo a pegou desprevenida.

— Mãe, me desculpe por Maia ter te deixado preocupada. Ela não devia ter falado nada. Está tudo bem.

— Pense com cuidado nisso, Cora, por favor.

Cora pensa nisso o tempo todo. Em quando Gordon vai completar dezoito anos. Faltam só onze agora, e ela já aguentou tão mais tempo do que isso. Mas não diz nada disso à mãe.

Quando Maia chega da escola, Cora liga um desenho animado para Gordon na televisão, prepara um lanche para ele e depois sobe até o quarto da filha. Maia está sentada na cama, usando um cantinho de uma folha de lixa já quase totalmente gasta que pegou na aula de design e tecnologia para polir as unhas até adquirirem um brilho vítreo.

— Você escreveu para a sua avó?

Maia para de polir a unha e encara a mãe com expectativa no olhar.

— Ela vai ajudar a gente?

Cora se ajoelha no chão, diante da filha.

— Eu sei que as coisas podiam ser melhores — diz. — Mas você entende o que pode acontecer se começar a envolver outras pessoas assim?

Maia abaixa os olhos, aperta o papel.

— O quê?

— Eu posso perder você. Ninguém vai acreditar em mim. Seu pai é médico. Ele ia distorcer as coisas de um jeito que o tribunal daria a

guarda para ele. Eles podem me proibir até de te ver. — Maia não diz nada. — Não existe nada que ele possa fazer comigo que seja pior do que isso.

Maia pensa na mãe, curvada sobre uma tigela no chão da cozinha.

— O que foi? — pergunta Cora ao notar a expressão que passa pelo rosto da filha.

— Eu vi. Na noite em que passei mal. Eu vi.

Cora sente que está prestes a desabar, mas, em vez disso, endireita as costas, contrai o abdômen, alonga a respiração, sente o diafragma se expandir.

— Não faz isso — pede Maia.

— O quê?

— Isso. Essa coisa do balé. Isso é para te ajudar no palco, não para enganar a própria filha.

Cora amolece, os ombros cedem.

— Tem alguma coisa que você não percebe?

As duas se encaram por um instante e trocam o mesmo sorriso triste, de boca fechada. Maia passa o dedo sobre uma unha recém-polida. Vê a mãe virar o pulso discretamente para verificar as horas, e então ela mesma se vira para a janela, esticando o pescoço para tentar ver a esquina da rua sem saída.

— Ele ainda não está vindo — diz.

— Perder você e Gordon seria a pior coisa do mundo, a *pior*. Não estar aqui por vocês. Eu tenho uma escolha — continua ela —, e é isso que estou escolhendo. — Maia ergue as sobrancelhas. — De verdade. É, sim. Sei que parece pouco, mas eu que escolhi. Toda vez.

— Mas a gente não podia só contar como ele é? Dizer que a gente quer ficar com você? Iam ouvir a gente, não iam?

Cora faz que não.

— Ele diria que eu sou uma mãe incapaz. E aí não poderiam deixar vocês comigo. Não podem correr o risco de manter uma criança com alguém que possa machucar vocês ou que pode não cuidar de vocês direito. E o seu irmão... — A voz dela mal passa de um sussurro. — Ele talvez nem *queira* ficar comigo.

Ela pisca, tentando conter o quanto dói admitir isso. Maia aperta a mão dela.

— Desculpa. Não queria que as coisas fossem assim. Eu nunca quis que você crescesse tendo que ver... — Ela para, porque dizer isso em voz alta torna tudo mais real, mais terrível. — Espero que não me odeie por isso. Quando você for mais velha. Espero que não ache que eu fui fraca ou...

— Mãe! — grita Gordon lá de baixo, chamando-a da escada. Cora se levanta, os joelhos estalando depois de tanto tempo ajoelhada. — Mãe! — repete, mais alto desta vez, sua impaciência encobrindo qualquer resposta que ela tente dar.

Naquela semana, a mãe liga todos os dias, mesmo que Cora tenha parado de atender e deixado o telefone tocar até a ligação cair na casa silenciosa, pronta para atender só se ouvisse a voz de Gordon na secretária eletrônica. Ela sabe que a mãe não colocaria tudo a perder deixando um recado e se sente grata por isso. Não quer ouvir nada que possa desmontar o andaime cuidadosamente erguido ao redor da sua existência. Sem ninguém para contestar, ela quase consegue acreditar que aquilo tudo é normal. Mas as palavras da mãe afrouxam os parafusos e os encaixes, e Cora sente que o andaime poderia desabar. E aí, o que aconteceria com ela? Ainda naquele lugar, naquela mesma prisão, sem escapatória.

Cinco dias depois da última vez que atendeu a ligação da mãe, alguém bate à porta. Quando Cora abre, dá de cara com um policial, o quepe debaixo do braço. Ela repara nesse detalhe e sente alívio, lembrando-se de algo que o pai disse certa vez: que eles só mantêm o quepe na cabeça quando vêm dar notícia de morte.

O policial raspa o cabelo bem baixo, e ela quase consegue ouvir o zumbido da máquina que ele deve usar toda manhã, os olhos acompanhando o progresso no espelho, a pia coberta por uma fina camada de pelos. Ele se remexe, trocando o peso de um pé para o outro, enquanto explica por que está ali, e só quando Cora diz que a mãe é senil e explica que ela às vezes inventa coisas é que vê o alívio estampado no rosto dele.

— Ah, graças a Deus — diz ele, soltando uma risada e logo se corrigindo. — Desculpa, não me leve a mal. Não foi o que eu quis dizer. É só que ia ser muito estranho se fosse verdade. Ele é meu médico. A gente teve que tirar no palitinho lá na delegacia para ver quem vinha atender

esse chamado — explica ele. — Eu sou o novato. Acho que vou continuar tirando o palito mais curto até aparecer alguém mais novo.

Ela observa por um instante o policial se afastar de casa. Quando chega à esquina, ele coloca o quepe de volta na cabeça. É então que ela sente. A morte silenciosa de alguma coisa.

Sete anos depois

2001

Bear

A criança na mesa do outro lado do vagão deve ter uns três ou quatro anos. O choro dela rivaliza com o barulho do trem e penetra a barreira dos fones de ouvido de Bear, encobrindo a música do White Stripes. Ele espera até a menina olhar na sua direção, pronto para fazer contato visual. Não demora muito, e, assim que o vê, a menina para no meio do grito, de boca aberta, e fica observando-o sacudir as sobrancelhas igual a uma cobrinha, primeiro uma, depois a outra.

Ela o encara, e Bear tira o fone de ouvido e pergunta:

— Quer ver de novo?

Meio na dúvida, mas incapaz de desviar os olhos, a menina faz que sim, quase imperceptivelmente.

— Está prestando atenção? — pergunta ele, embora ela esteja com os olhos cravados nele. A mãe também está olhando. Desconfiada; ela não viu o que tinha chamado a atenção da filha.

Bear se debruça na direção da menina.

— Lá vai. — Ele sorri e repete o truque das sobrancelhas, e desta vez a menina ri, e ele vê a mãe relaxar e soltar o braço da filha. — De novo? — pergunta. Ela faz que sim, e outros passageiros viram para olhar, gratos pelo garoto que fez a criança parar de berrar.

Ele muda para o assento vago em frente a elas.

— Ei, quer ver outra coisa? — pergunta.

— Sim, pelo amor de Deus — responde a mãe. Bear espera a menina fazer que sim, então abre a mochila e pega uma folha de papel A4 do seu maço.

— Tá legal, você pode escolher: um cisne, sabe qual é, né, do pescoço compridão. Uma borboleta. Ou um urso — diz ele, abrindo os braços e rosnando baixinho.

A menina ri.

— Bear — pede ela.

— Bear. Excelente escolha. É o meu nome também. Eu me chamo Bear. E você? — pergunta ele, fazendo dobras no papel e marcando-as bem com a lateral da mão.

— Robyn — diz ela.

— Jura? Que nem o passarinho, o pintarroxo?

Quando ele termina, faz o urso andar na mesa até a menina, passando o peso de um pé triangular para o outro.

— Quer um pintarroxo, para fazer companhia? — pergunta ele, e ela faz que sim, segurando o animal e desviando os olhos de Bear por um instante. — Está mais para um passarinho qualquer, mas, se você tiver canetinha em casa, pode pintar a barriga de vermelho.

Quando o trem chega ao fim da linha, em Brighton, Maia observa da catraca enquanto Bear se despede de uma mulher e da filha, as mãos da menina cheias do que só podem ser bichinhos de papel. Ele se vira, vê a irmã, e seu rosto se ilumina com um sorriso enquanto atravessa a plataforma, os braços estendidos nos últimos passos, abraçando Maia por cima da barreira antes mesmo de passar pela roleta.

— Abelhinhas — diz ele. — Que saudade!

O corpo inteiro de Maia se aquece.

Eles param num quiosque que vende peixe empanado com batata frita, depois andam à beira-mar e colocam os principais assuntos em dia: a mãe, a escola, a última excursão da aula de geografia que Bear acabou de fazer, o curso de homeopatia de Maia, então entram naquela conversa fácil sobre tudo e nada.

— E como ela é? — pergunta Maia, quando Bear conta que chamou uma menina para sair.

— Meio quieta, mas também, tipo, muito segura de si e simpática. Inteligente também. Às vezes, na aula de inglês, a gente começa a discutir algum livro, e todo mundo vem com as mesmas baboseiras de sempre, e aí ela solta um comentário e a sala inteira fica meio... sei lá, dá para ver que ela está em outro nível. Mas não é como se ela estivesse querendo aparecer nem nada. É só o jeito dela.

Ele não menciona que o sobrenome deles é quase igual, só que ela se chama Atkins com *s*, nem que ele se senta ao lado dela na aula de matemática, matéria em que ela não é tão boa assim; são detalhes que prefere guardar só para si. Uma gaivota com um dedo faltando vem

saltitando na direção deles, e Bear parte uma batata frita ao meio e joga para a ave, que a devora, ansiosa, e depois sai voando.

— E com quem ela anda?

— Lily? Ela não é do grupinho popular — comenta Bear, entendendo o que a irmã quis dizer —, mas todo mundo gosta dela.

Fern uma vez comentou que Bear era do tipo que podia estar entre os populares, mas preferia se enturmar com algum outro grupo mais obscuro, e Mehri sorriu, como quem concordava. Maia percebeu que era verdade: Bear era capaz de transpor com naturalidade as linhas invisíveis que limitavam a rotina escolar da maioria das crianças. Coisa que ela própria nunca conseguiu fazer.

— O cabelo dela tem alguma coisa. Sempre me lembra de bala de alcaçuz com caramelo, sei lá... — E ele se cala, meio envergonhado.

— Tipo os doces que a vovó Sílbhe faz? Ai, Bear, você está caidinho mesmo, hein! — diz Maia, e os dois riem. Ele encosta o ombro no dela, sentados num dos bancos turquesa enferrujados, olhando o mar. — E os olhos dela, de que cor são? — pergunta Maia, provocando.

De volta ao apartamento da irmã, eles tomam chocolate quente sentados de pernas cruzadas no sofá, que está coberto por uma manta que Bear não reconhece. Ele se pergunta se Maia e a namorada escolhem essas coisas juntas, ou se a sala é uma mistura das coisas das duas. Decide que depois vai usar parte do dinheiro que ganha entregando jornal para comprar um presente para a irmã em alguma loja no centro de Brighton, uma almofada, quem sabe.

— Aconteceu uma parada esquisita na aula outro dia — comenta ele. — Nem lembro direito como o assunto surgiu, mas acho que a gente devia estar falando de *Os contos da Cantuária*, de como os homens são definidos pelo que fazem, e as únicas mulheres... bom, é mais sobre quem elas são em relação a um homem. Tipo a "mulher de Bath", ou até a freira, de certa forma.

— Não me lembro mais das histórias, mas com certeza incluiria a freira.

— Enfim, aí o professor acabou perguntando como seria o título da nossa vida se a gente tivesse que ser definido por outra pessoa. E aí eu percebi...

— Ah — diz Maia, entendendo aonde ele queria chegar. Porque, até ela se mudar, isso também sempre rondou o fundo da sua cabeça.

— Sabe no que eu pensei?

— Acho que sim. Depois que tudo aconteceu, eu sempre imaginava as pessoas nas lojas, os professores, os vizinhos... bom, eu sempre imaginava que, quando passava por eles na rua, todos pensavam: "Olha lá, aquela ali é a..." — Ela faz uma pausa e depois continua: — "Aquela ali é a filha do assassino."

Eles ficam em silêncio. Maia aproxima os pés até encostarem nos de Bear, bem no meio do vão entre as almofadas do sofá. E por um tempo ficam ali, olhando os dedos dos próprios pés.

— O mais estranho é que eu levei catorze anos para pensar isso. Que eu sou o filho do assassino.

— Mas você ainda sente que tem alguma ligação com ele? Vocês mal se conheceram.

— Acho que não. Na maior parte do tempo eu nem lembro que tenho pai. E você?

— Eu lembro, mas é como se tivesse sido em outra vida. Tipo, eu tive um pai, mas agora, nessa vida, não tenho.

— Você acha que ele pensa na gente? Tipo, como se a gente fosse dele?

Maia volta a fitar as meias. As dela, listradas. As dele, de um preto já desbotado. Ela já pensou nisso várias vezes, mas nunca disse em voz alta: que acredita que ele provavelmente ainda pensa nela como filha, mas talvez não em Bear como filho. E que ela gostaria de ter esse mesmo anonimato na cabeça do pai.

— Não sei — diz, por fim.

— É no ano que vem, né? Que ele sai da prisão.

Maia quer mudar de assunto. Evitar que isso envenene a mente de Bear ou estrague o tempo que eles têm juntos. Mas sabe que precisa ceder um pouco. Que, se negar que isso também faz parte da história dele, Bear só vai ficar mais faminto por respostas.

— Se ele tiver bom comportamento — responde ela.

— E você acha que ele vai ter? Bom comportamento?

— Acho — diz Maia, sentindo um frio subir pela espinha. — Eu e a mamãe até ficamos surpresas por ele não ter sido solto antes. Ele sabia ser charmoso. Acho que ninguém teria acreditado no que ele fazia com a mamãe se ele não tivesse feito o que fez com Vihaan.

Eles dizem seu nome como se o tivessem conhecido. Mas não é intimidade; é uma questão de respeito, um reconhecimento do sacrifício

que ele fez por eles.

— Não podemos nunca esquecer que só somos livres porque ele morreu por nós — diz Cora.

Para Maia, sempre soou como se ele fosse uma espécie de Jesus da família. Eles não frequentam a igreja, mas todo ano, no dia dezesseis de outubro, até hoje, vão ao túmulo de Vihaan e depositam flores. Às vezes, já tem outras flores lá, começando a murchar. Só com o tempo, já crescida, é que Maia começou a notar que as flores que encontravam — crocos, narcisos, peônias, dálias, cíclames — eram as flores preferidas da mãe e entendeu que ela devia ir lá com alguma frequência.

— Você acha que ele vai, sei lá... vir atrás dela? Ou da gente?

— Ai, Bear — diz Maia. — Já tem tanto tempo. E ele nunca tentou entrar em contato.

São essas as coisas que ela repete para si mesma quando está deitada na cama à noite. Ou quando anda sozinha pela rua escura, o coração acelerado, sentindo a presença dele à espreita, prestes a agarrá-la para sussurrar ameaças no seu ouvido. Mas daqui a pouco ela não vai mais ter o consolo de saber que tudo isso é só coisa da sua cabeça.

Bear se sente um idiota por ser tão melodramático, mas o que aconteceu quando ele era bebê parece tão desconectado da vida que ele conhece que às vezes custa a acreditar. Porém, esses dias ele tem se pegado construindo cenários imaginários. O pai aparecendo na janela quando ele vai fechar as cortinas à noite, mesmo morando no segundo andar de um prédio vitoriano. Algum vizinho esquecendo o portão do prédio aberto, dando ao pai a oportunidade de se esconder debaixo da escada para o primeiro andar. O fio do telefone sendo cortado... Às vezes, ele tira o fone do gancho só para conferir. Ele sabe que vão ser avisados quando marcarem a data da soltura, mas mesmo assim...

Esses dias, Bear se pegou desejando que a mãe tivesse conhecido alguém. Um cara grandalhão, com um lado intimidador que só aparece quando a nova família está ameaçada. Pensou em Aaron, que de tempos em tempos aparece para consertar o encanamento velho do apartamento e que nunca cobra a visita como deveria e sempre joga uma partida de *Mario Kart* com ele antes de ir embora. Nunca percebeu nada entre os dois, e, até onde sabe, Aaron pode até ser casado, mas tem certeza de que ele saberia se defender se precisasse.

Não é que Bear ache que *ele mesmo* não saberia se virar, é só que nunca foi posto à prova. Na escola, quando vê alguém sendo maltratado, sempre intervém, e, ele não sabe bem por quê, o agressor acaba cedendo sem bater de frente. Às vezes ele se pergunta se é por causa do pai; se as pessoas cedem porque acham que Bear pode perder o controle como o pai. Qualquer que seja o motivo, ele não sabe dizer se sua presença teria qualquer efeito diante de alguém capaz de matar.

Também se preocupa com quem ele vai ser se o pai aparecer. Foi a ausência dele que moldou suas vidas. E se sua presença bagunçar tudo? Derrubar quem Bear é com a mesma facilidade com que uma bola de sorvete cai de uma casquinha?

— Você acha que ele deve ter mudado muito? — pergunta Bear.

Maia dá de ombros.

— Muito do que ele era vinha do respeito que inspirava, do quanto as pessoas o admiravam. Não sei o que vai sobrar sem o título de médico. Sem aquela casa grande e perfeita. É como se tudo que fizesse dele quem ele *era* tivesse sido arrancado.

— Outro dia eu passei lá de bicicleta — comenta Bear. — Não consegui imaginar a gente morando lá.

Maia sente uma coisa esquisita ao imaginar Bear cruzando a cidade de bicicleta para parar em frente àquela casa — eles se mudaram para o apartamento perto de Mehri e Fern logo depois do julgamento, antes mesmo de Bear completar um ano. Ela sempre pensou na vida dele como relativamente intocada pelo pai, mas agora o vê ali, parado na bicicleta, os dedos dos pés firmes no chão para se equilibrar, observando as janelas, tentando preencher os buracos do que sabe com imagens que podem ou não ser piores do que a realidade. Ela se pergunta quem mora lá hoje. E se essas pessoas sentem. Se notam a violência que ficou impregnada naquele lugar. Não só com Vihaan, mas com tudo o que veio antes.

— É, o apartamento sempre foi mais a nossa cara — concorda ela. — Você não devia ir lá. Na casa, quero dizer.

— Não estou tentando desenterrar nada. Eu só... — E a frase morre aqui.

— É, eu sei — diz Maia, e aperta o pé do irmão.

Cora vai ter um encontro. Ela se senta diante do pequeno espelho da penteadeira e gira a base de um batom até revelar um rosa-escuro intocado. Então passa a ponta chanfrada com cuidado nos lábios e encara o próprio reflexo. Na loja de cosméticos, cercada por outras mulheres, tudo pareceu normal — quase divertido —, mas agora é tudo tão estranho: escolher uma parte específica do corpo para ressaltar assim. Uma seta de neon: "Aqui, olhe para cá." Ela percebe que seus lábios se tornaram tão dessensualizados quanto um cotovelo ou um joelho e fica com medo ao imaginar que talvez se espere que eles despertem de novo, voltem a ser algo mais.

— Você não precisa beijar ninguém — disse Mehri. — É só um encontro. Você vai, conversa, jantam juntos. Não precisa ser nada além disso, a não ser que você queira.

O nome dele é Felix. Tem um sorriso largo e o cabelo cacheado que cai sobre os olhos feito as espirais de uma mola que volta ao lugar toda vez que ele tenta afastá-la do rosto. Aos quarenta e oito anos, é só um ano mais velho que ela, o que a faz pensar em como ainda é jovem, porque ele não parece velho, nem um pouco. Ele usa uma camisa de algodão macio, desabotoada no colarinho, e ela se vê atenta ao pequeno triângulo de pele que isso revela — clara e macia. Quente, ela imagina. Depois o pomo de adão, a penugem de barba por fazer no queixo.

Ele é veterinário e fala sobre os animais e seus donos como se fossem personagens de um livro de que gosta muito.

— É estranho, sabe? Meu contato com as pessoas é por esse prisma específico, mas é impressionante como acabo sentindo que as conheço de verdade. Vejo como elas lidam com o estresse, com o luto, como reagem quando o bicho de estimação começa a ter incontinência e deixar lembrancinhas no sofá. — Os olhos dele se enrugam nos cantos ao sorrir. — Na maioria das vezes, nem sei com o que trabalham, mas ouço como conversam com o gato quando tiram da caixinha. Tem, não sei, uma vulnerabilidade nisso. E uma abertura. — Ela o imagina no consultório, com aquele sorriso acolhedor. O medo do animal. Um leve cheiro de desinfetante.

Ele serve mais vinho na taça dela da garrafa que pediram e faz perguntas interessantes. É fácil conversar com Felix. Ela gosta dele. É o tipo de pessoa por quem ela poderia se sentir atraída. Ele é educado com ela. Gentil. E esse é o ponto crucial. Ela está acostumada com a gentileza

das pessoas — dos filhos, de Mehri e Fern, de Roland, dos outros jardineiros no trabalho —, mas essas são relações que não carregam o mesmo peso. Enquanto Felix fala, ela se flagra pesando cada gesto, cada frase, como se fossem de um parceiro em potencial. Alguém que ela poderia deixar entrar na sua vida. E, conforme a conversa avança, ela percebe que tudo que joga a favor dele desequilibra alguma outra medida interna. Cora se sente como se estivesse num parque de diversões, numa casa de espelhos: o que está ali diante dela talvez não seja exatamente o que parece.

Mais tarde, ao telefone com Mehri, ela tenta explicar:

— Nenhum homem tem a menor chance. Se ele é gentil, parece que só está tentando me enganar. Quando ele começou a me fazer perguntas, sabe o que passou pela minha cabeça?

— Que ele estava numa missão de reconhecimento para descobrir os seus pontos fracos.

— Exatamente. Anotando tudo para usar contra mim depois. Não quero um homem que me trate mal, mas como é que eu vou confiar num que seja bom comigo?

— Porque a maioria dos homens não é como Gordon.

— Eu sei disso. Na teoria. Mas não muda o que eu *sinto*. Mesmo sabendo que você e Roland não iam me apresentar para qualquer um, eu...

— Olha, Roland conhece a ex do cara. Felix ainda é amigo dela. Isso não parece o histórico de um abusador, né?

— Por que você não me falou isso antes?

— Eu não sabia. Roland só comentou agora, enquanto eu estava esperando você ligar.

— Você estava preocupada comigo?

Mehri suspira.

— Não. Talvez um pouco. Mas só daquele jeito que fiquei quando Fern foi ao primeiro encontro dela.

— Eu lembro. Você dormiu no sofá depois de tomar uma garrafa inteirinha de vinho e só ficou sabendo se ela chegou bem no dia seguinte.

— E ela está viva até hoje — replica Mehri, rindo. — Não deu em nada. Ele era um garoto decente. Era Jake? Ou Joseph? Alguma coisa com

J. Mas escuta, Cora, eu adoro ter você só para mim, mas isso não é certo. Você merece ser amada. E por um cara legal.

— Você me ama.

— Amo. Mas eu não vou arrancar as suas roupas e te devorar. Você também precisa dessa parte.

— Não sei se eu quero essa parte — rebate Cora.

— Claro que não. Você trancou esse lado seu para se dedicar às crianças. Mas olha, Bear já está com catorze anos. Está lá com a Abelhinhas, vai saber, no ano que vem ele pode acabar passando o verão todo em Brighton com ela.

— Você fala como se eu não tivesse vida. Isso é demais para uma noite só — diz Cora. — Eu fui num encontro, e agora você...

— Tá bom, desculpa — diz Mehri, e as duas riem, e a conversa segue para a Sra. Wilbur, a vizinha de Mehri.

Na manhã seguinte, é domingo. Cora quer aproveitar o silêncio da folga antes de Bear voltar para casa, mas sabe que não vai conseguir relaxar enquanto não resolver a questão de Felix. Então, às sete e meia da manhã, ainda na cama, ela escreve uma mensagem que espera que seja gentil, mas que também deixe claro que a noite passada não vai se repetir. Poucas horas depois, o celular dela vibra.

Oi, Cora,

Obrigado por deixar claro em que pé estamos. De qualquer forma, eu me diverti muito ontem.

Tudo de bom,

Felix.

E, com sua polidez impecável, ele volta a ser aquele homem que parece gentil e educado e em quem ela não consegue confiar. Ela olha para o relógio. Bear deve chegar dali a poucas horas. Ela poderia folhear o catálogo de sementes que trouxe do trabalho, ouvir um pouco de Tchaikovsky e alongar os músculos. Coisas que normalmente a encantariam. Mas hoje Cora só quer servir o almoço e colocar a roupa de Bear do fim de semana para lavar. O que ela quer é voltar a ser só *mãe* de novo.

Julian

Faz tempo desde a última vez que Sílbhe esteve no estúdio de Cian. Ela contorna a casa, que não mudou nada, mas de repente fica meio sem jeito, ciente dos anos que se passaram e de como o luto por Cora a fez envelhecer visivelmente, embora se sinta mais jovem em vários aspectos, como se essa segunda maternidade a tivesse lançado de volta a outra fase da vida.

Ele abre a porta. Sílbhe tinha esquecido que ele também estaria mais velho. Vê a gentileza e a cordialidade marcadas nas suas feições, em rugas profundas ao redor da boca.

— Desculpa ter demorado tanto — diz Sílbhe.

— Imagina, deixa disso — responde ele. — Você esteve ocupada. Eu entendo. Entra, entra. — E então ele faz uma pausa, deixando transparecer uma ponta de nervosismo. — Ou prefere ir lá para casa? Onde você quiser.

— Não, aqui está ótimo — diz ela.

Ele prepara um chá, e os dois se sentam diante da bancada de trabalho, ela ainda de casaco, sob o brilho ofuscante da luminária de mesa. Ele a apaga, deixando só as luzes do teto.

— Desculpe, é meio forte. A minha visão já não é a mesma — comenta, sorrindo sem jeito. — O que traz você aqui hoje? Ou é só para bater papo? — Ele inclina a cabeça de lado e sorri; um convite discreto, deixando claro que ficaria feliz se fosse o caso. Ela se sente culpada por não ser.

— Bom, é para bater papo, sim. Mas eu também queria saber se você pode me ajudar com uma coisa.

— Ah, lógico, é só falar — responde Cian.

— É o meu neto, Julian.

— Está tudo bem com ele?

— Está, está, sim. Ele é que nem você... gosta de usar as mãos. Fazer arte, marcenaria, metalurgia. Esse tipo de coisa. — Cian espera até ela

dizer mais. — Mas ele... Não sei, ele não é igual aos outros meninos. Ele se dá bem com os colegas. Ninguém implica muito com ele na escola. Mas ele é diferente. — Ela faz uma pausa, porque não sabe se é capaz de explicar como o neto foi afetado pelo passado; admitir que sua impressão é de que Julian experimenta a vida em tons de cinza, sem se deixar envolver por todas as cores. Que há certa apatia nele. Em vez disso, ela diz: — Ele se dá melhor com adultos, talvez porque passa tanto tempo com a avó.

— Faz sentido — diz Cian.

— Tentei matriculá-lo num curso. No centro de educação para adultos. Ele quer fazer ourivesaria. Mas ele só tem catorze anos; me disseram que o seguro não cobre.

— Então você quer que eu ensine a ele aqui?

— Eu não ia pedir, mas, quando vi que você era o professor do curso, achei que...

Dá para ver que ela está constrangida, incomodada por pedir um favor depois de tanto tempo. Não deve ter sido fácil ter a vida virada de cabeça para baixo daquele jeito. Por causa de duas crianças com as quais mal tinha contato.

Ele faz que sim com a cabeça. É tudo que ela precisa para saber que ele topa. E Cian não quer que ela se sinta obrigada a agradecer nem se veja em dívida com ele, então muda de assunto.

— E Maia? É esse o nome dela, né? Quantos anos ela tem agora? Uns vinte e um, talvez?

— Vinte e três — diz Sílbhe. — Eu costumava me preocupar que ela ia acabar indo embora, voltar para a Inglaterra, mas hoje nem tanto. Ela é caseira, não se interessa muito por sair nem por meninos. Uma vez por semana, ajuda com as alunas pequenas na escolinha onde fazia balé. É só um trocado — admite ela. — O trabalho mesmo é na Doyle's, no centro.

— A lanchonete?

— Essa mesma. Ela é muito inteligente, só tirava dez na escola, podia ter ido muito mais longe. Mas a nossa perspectiva muda. Só quero que eles sejam felizes. Ou que pelo menos se sintam em paz com a vida que têm.

— E você?

— Eu o quê?

— Está em paz? — pergunta ele.

— Eu? — Ela ri, surpresa com quão franca foi a pergunta. — Não sei se já parei para pensar nisso. — Eles ficam em silêncio enquanto a água escorre pela calha lá fora. Por fim, Sílbhe diz: — Eu sinto como se tivesse um propósito. E acho que existe certa paz nisso. Saber quem eu sou, o que eu vim fazer nesse mundo. E você, Cian Brennan?

— Ah, eu estou bem — diz ele, olhando o estúdio em volta. E está mesmo. Quando está trabalhando. Quando as horas se perdem moldando o metal. Mas também se sente sozinho. Como se o tempo estivesse passando por ele. Como se tivesse deixado algo importante escapar. Ela acha que talvez os dois sintam o mesmo, mas não insiste no assunto.

— Posso trazê-lo aqui, então?

— Pode trazer num fim de tarde, ou no fim de semana. O que for melhor para vocês.

— Pode ser na terça? — pergunta ela.

Ele faz que sim.

— Vou ficar esperando.

— E quanto ao pagamento...

Ele levanta a mão.

— Para mim, é um prazer. Não precisa disso.

Ela já sabia que ele diria isso, e já está pensando em como pode retribuir o favor. Vinho, uísque, um cupom da livraria. Houve um tempo em que ela sabia esses detalhes sobre ele, as coisas que poderia querer, e espera ainda saber.

Desde a primeira vez que a avó o deixou no estúdio e ele pisou no cascalho, vendo a oficina pela janela, Julian sentiu como se algo tivesse se acendido dentro dele. Sua mente fervilhava de possibilidades muito além daquilo que sabia fazer.

No centro de educação para adultos, Cian sempre começa o curso com um projeto definido. Algo que introduz os conceitos básicos e dá logo uma sensação fácil de realização. Mas, depois de algumas semanas, ele percebe a frustração de Julian e diz:

— Tá bom, desenhe aqui o que você quer fazer. Liste todos os detalhes, e a gente vai aprender com o processo.

Julian passa a semana inteira na escola enchendo as margens dos cadernos com esboços. É difícil escolher. Quer fazer tudo. Mas acaba se

decidindo por um pingente com duas folhas de castanheira. A maior, de prata; a menor, encaixada sobre ela, de ouro. Primeiro ele desenha com todos os detalhes — todas as nervuras e vênulas à mostra, como num diagrama do seu livro de biologia. Mas então imagina a peça encostada na pele de alguém e simplifica o desenho, deixando só o contorno fino da folhinha e sua veia central. Instintivamente, sente que isso está mais próximo das joias que quer criar. Deitado na cama, Julian percebe que não quer os metais preciosos com aquele brilho espelhado dos broches e dos colares que as amigas da avó usam. Prefere um acabamento fosco, com uma leve textura, como a superfície de um papel de aquarela. Ele acende o abajur e anota isso nos esboços e, quando se deita de novo, sente o corpo inteiro vibrar, como se estivesse vivo *demais*, elétrico demais, intenso demais para conseguir dormir. Aquela insegurança de antes dá lugar a um novo sentimento; em vez de preocupação e solidão, agora às vezes também sente certo entusiasmo.

Cian ouve Julian descrever a peça, então examina os planos dele e comenta:

— É bem contemporâneo misturar metais assim. Gostei.

O garoto tem uma visão clara do que quer, e Cian se lembra de ter tido essa mesma certeza quando estava começando. Sente um lampejo da antiga empolgação ao ir até a estante buscar os materiais.

Nas semanas seguintes, eles aquecem e resfriam, dobram e viram, soldam e martelam, chumbam e lixam. Numa aula de inglês, a professora de Julian lê um poema de Sylvia Plath — "Canção da manhã" —, e o verso inicial fica com ele feito um refrão de uma música pop que não sai da cabeça. É quase como se ele pudesse sentir algo lá dentro, pulsando no ritmo do grande relógio de ouro do poema, quando pensa no estúdio, nas ferramentas em mãos, criando algo a partir do nada; Cian sugerindo mudar o ângulo ou usar uma lima mais fina, e ele notando a diferença que isso faz; uma tarefa que antes parecia tão difícil de repente se deixa domar. Julian fica até tonto. Isso — a ourivesaria — é amor, pensa ele. É isso que o faz pulsar.

As sessões com Cian começam a se alongar. Julian vai até a casa principal e liga para a avó, perguntando se pode ficar até mais tarde.

— Mas volte para o jantar, tá? — pede ela.

— Tá bom. Cian se ofereceu para me levar. A senhora não precisa nem vir me buscar.

— Você agradeceu?

Em vez de responder, ele pergunta:

— Quer que eu convide Cian para jantar?

— Ah... pode ser — diz ela, envergonhada por não ter pensado nisso antes, já reorganizando mentalmente o que tinha planejado fazer com os legumes na geladeira, adaptando a receita para quatro.

Aquela foi a primeira vez. Um convite casual que abriu caminho para a fusão da vida deles, para que houvesse uma pessoa a mais à mesa nas terças-feiras e depois em um sábado ou outro. E então no almoço de domingo e na ceia de Natal, por que não? Tinha comida de sobra, e ele ia acabar jantando sozinho em casa.

Para Cian, Sílbhe e os netos são como um gole de uísque, queimando por dentro com o prazer cortante do contato humano. De ser acolhido, tirado do frio lá fora. E, para Sílbhe, há o arrependimento por não ter feito isso antes, por ter perdido tempo, porque agora vê como a presença dele faz bem às crianças. Ter outro adulto em quem confiar. No começo, Maia ficou com o pé atrás, mas acabou se afeiçoando. E logo os dois começam a pedir coisas a ele — uma carona até o centro, ajuda para colocar a corrente de volta na bicicleta — porque sentem que podem e que ele vai dizer que sim.

Numa noite de neve, Cian busca Maia no trabalho. Faz anos que ele não vê nevar tanto.

— Eu não sabia se ainda ia ter ônibus passando — comenta ele, abrindo a porta do carona para ela. — E eu já estava no centro mesmo. — Ela não precisa saber que ele largou o que estava fazendo e fechou o estúdio mais cedo assim que ouviu a previsão do tempo no rádio.

O aquecedor sopra um jato de ar quente dentro do carro, e flocos grossos de neve dançam diante do para-brisa antes de se achatarem contra o vidro. Maia sente o calor se espalhar por dentro dela.

— Obrigada — diz. — Foi uma mão na roda.

Mais tarde, enquanto o carro sobe a ladeira e ele se inclina para a frente no banco do motorista, com o rosto voltado para o para-brisa, focando nos trechos da estrada dos quais consegue ter um vislumbre logo depois que o limpador passa, Maia começa a falar do trabalho. Dos fregueses que pedem sempre o mesmo sanduíche, todo dia.

— A Sra. McCarthy, da loja de ferragens. Conhece?

— Já ouvi falar — responde Cian.

— Hoje de manhã, na hora de pagar, ela pegou uma moeda e disse: "Ih, olha só, é lá da sua terra." E me deu uma libra.

— Ah, é? — Cian continua com os olhos na estrada, mas ela sabe que ele está ouvindo e esperando o resto.

— De vez em quando aparece uma. Rita não se importa de trocar, se a taxa de câmbio estiver a nosso favor. Mas talvez isso mude quando a gente passar a usar o euro.

Cian diminui o aquecedor, e o barulho do ar entre eles fica menos intenso.

— Se começar a embaçar, eu ligo de novo — diz ele. Então pergunta: — Você está na dúvida se isso é uma coisa boa ou ruim?

Maia não responde, só sente os olhos arderem de repente, sem aviso. Cian lança um olhar de relance. Sílbhe já tinha contado que os fregueses chamam Maia de "a inglesa", e ele se pergunta se ela ainda sente falta de casa.

— É. Mas é bobagem minha.

Cian estende o braço e toca o dela.

— Coisas pequenas assim são uma espécie de conexão, né?

— Ainda sinto falta dela. — A voz quebra no meio da frase. Maia limpa o rosto com a lã grossa do casaco de inverno.

— Só vi a sua mãe por aqui uma ou duas vezes, quando ela ainda era uma garotinha. Mas, olha, Maia... se um dia você quiser conversar sobre ela, sobre como se lembra dela, essas coisas, eu estou sempre aqui para ouvir. Mas, se quiser ficar na sua... ela vai continuar viva no seu coração do mesmo jeito.

Maia sorri diante da doçura meio desajeitada de Cian e por receber essa chance de lembrar, de dizer as partes boas em voz alta.

— Ela era linda. E, mesmo sem dançar mais, depois que a gente nasceu, ela tinha uma graciosidade. Dava para ver, sabe?

Cian apenas faz que sim, e ela continua:

— E ela adorava ler. Ele não deixava que ela tivesse os próprios livros, mas ela adorava ler para mim. Os meus livros. Toda noite, antes de ele chegar. *Anne de Green Gables*. *Mulherzinhas*. *O sol é para todos*. Ela leu para mim... para a gente... até o fim. Qualquer livro que eu trouxesse da biblioteca da escola. Ela nunca julgava, nunca dizia: "Esse não" ou "Você não devia estar lendo isso". Eu ainda lembro. A sensação de ter alguém lendo para você, de ser embalada pela voz dela, pelas palavras, seja lá

para onde a história estivesse levando a gente. Parece bobo, mas era igual a um tapete mágico.

— Para escapar um pouco de tudo aquilo?

— É, como se a gente tivesse mesmo ido junto para algum lugar. Quer dizer, para longe daquela casa, dele. — Ela observa os flocos grossos se espatifando na janela, e o reflexo tênue de Cian riscado no vidro. — Ela era uma boa mãe. Queria o melhor para a gente. Foi por isso que ficou. — Seca o rosto de novo. — Eu queria só falar das partes boas. Mas fica tudo misturado com ele. Nunca conheci a minha mãe sem ele. Só naquelas semanas no abrigo.

— E como ela era lá?

— Mal lembro direito. Tinha tanta gente... mulheres, crianças... tudo apertado. Algumas tinham coisas em comum com a gente. Quer dizer, tirando o fato de *estarem lá*. Com outras a gente só aprendia a conviver. Não eram pessoas com quem você escolheria dividir uma cozinha. E ninguém estava no seu melhor. Todo mundo tinha passado por coisa demais. A mamãe falava com alguém lá, um assistente social ou algo assim, mas com a gente ela era só a mamãe. Mas acho que ela devia estar com medo.

— Com certeza — concorda Cian, reduzindo a marcha ao ver um carro vindo no sentido contrário.

— Eu nunca cheguei a sentir medo. Quer dizer, por mim, antes daquilo. Mas, quando a gente foi para o abrigo, eu senti. Porque às vezes eles vinham. Os homens. Não sei como descobriam onde as mulheres estavam, mas eles apareciam gritando, batendo na porta. Ele não. Outros. Mas eu ficava achando que ia aparecer a qualquer momento. Ou que ia me puxar da rua, no caminho de volta da escola.

— Foi só uma vez? Que vocês ficaram no abrigo.

— Foi. Mas aí ela recebeu uma carta. Do tribunal ou qualquer coisa assim. E ela sabia que ele no mínimo ia conseguir a nossa guarda. Então a gente voltou para casa, e uma parte de mim ficou aliviada.

Cian faz que sim com a cabeça.

— Dá para entender.

Maia se concentra no para-brisa. Na neve e naquele branco sem contorno da paisagem lá fora.

— Eu tinha catorze anos quando aconteceu. A idade de Julian agora.

— Você não precisa me contar, tá? Mas, se quiser, se ajudar, pode falar.

— Quanto você sabe? — pergunta ela.

— Não muito. Nunca saiu nada nos jornais daqui. E a internet não era o que é hoje. A sua avó me contou um pouco, mas, sabe como é, eu não queria ficar me intrometendo. Mas de vez em quando ouço entrevistas dela no rádio. Você não vai acreditar, mas eu ligo todo dia de manhã no *Women's Hour*, no estúdio.

Cian dá uma risadinha, e Maia ri também.

— Eu devia ter imaginado.

Ele sorri.

— Acho que tem muito homem que ouve, viu.

— E o que você ouviu? O que ela falou? A vovó Sílbhe.

— Ela disse que o momento mais perigoso é logo antes de a mulher sair de casa, ou logo depois. Que é nessa hora que o... que ela corre mais risco de vida — relembra ele, sem saber muito bem como abordar o assunto, como encontrar as palavras certas. — Ela disse que é por isso que muitas ficam. Porque sair de perto de um homem desses pode ser ainda mais perigoso.

— Ele sempre foi horrível com ela — comenta Maia. — Mas não era... Eu não sabia do que ele era capaz até aquela noite. A gente estava no quarto ao lado. Ele colocou alguma coisa atrás da porta para eu não conseguir entrar. Eu não conseguia chegar até ela. Não conseguia ajudar. Tapei os ouvidos de Julian. Mas isso quer dizer que eu não podia tapar os meus. Então eu ouvi.

Cian balança a cabeça.

— Os sons. Até hoje eu ouço. Ficam rodando na minha cabeça, como uma fita em loop. Não sei como ele descobriu que ela ia fugir de novo.

— Ele era médico?

— Era — responde Maia. E ela entende o que ele quer dizer. Que havia milhões de maneiras de ele descobrir. Que a clínica onde ele trabalhava, ou algum colega, podia ter ligação com o abrigo, ou atender as mulheres que estavam lá. Já pensou muito nisso. Em como a situação da mãe era ainda mais impossível por causa da profissão dele. De quem ele era. — Filho da puta — diz, as palavras ardendo na garganta.

Cian nunca tinha ouvido Maia xingar, e arregala os olhos sem querer. Torce para que ela não tenha percebido.

— Não tem jeito ruim o suficiente para descrever aquele homem — diz ele. — Pode dizer o que quiser. Eu vou entender. Ou pelo menos vou

tentar.

Algumas semanas depois, quando Cian já foi embora, Maia está recolhendo os pratos do jantar e encontra uma caixinha bege da Brennan no lugar em que esteve sentada. Ela abre a caixa e levanta a seda protetora, e lá dentro encontra um medalhão fino de prata, com a imagem de uma moeda de uma libra gravada nela. Maia se deixa cair na cadeira e fica olhando, em silêncio, para aquela coisa linda apoiada na palma da mão. Aquela moeda é ela na fila da cantina da escola; é o trocado que ganhava da Sra. Radley quando ficava de babá — dinheiro que era dela, mesmo que só por um instante. É a Inglaterra, que é a mãe dela, que é o lar. E, agora, é Cian cuidando dela — se debruçando sobre a bancada de trabalho para fazer uma coisa só para ela. Ela examina os detalhes, uma rosa, um alho-poró, uma flor de cardo e um trevo. Nunca tinha analisado a moeda desse jeito. Mas tem algo reconfortante em vê-la capturada na delicadeza do que Cian fez para ela.

Mais tarde, sentada na cama de Julian, ela pergunta:

— Você sabia que ele estava fazendo isso?

Estende a corrente para que ele veja, os elos escorrendo por entre os dedos. Ele não pega, mas admite que sim.

— É, foi muito legal o que ele fez. Só pressionou a moeda na chapa de prata em argila. Aí não fica parecendo um medalhão, sabe?

Ele não diz que nunca iria querer um pingente daqueles. Que não entende por que ela poderia querer. Julian odeia a Inglaterra.

— Fiquei bastante emocionada por ele ter feito isso para mim — diz ela, passando o polegar na peça, sentindo o relevo dos detalhes.

Os dois ficam ali, cada um no seu silêncio, até que Maia pergunta:

— O que você acha que rola entre ele e a vovó?

Julian dá de ombros.

— Sei lá. Nada, acho. Ele só... está sempre aqui.

— Acho que eles fazem bem um para o outro — comenta Maia.

Julian dobra o arame de um clipe de papel até onde dá, sem quebrar o metal.

— Talvez. Mas eles já não são velhos demais?

— Velhos para quê? Para serem felizes? Para se apaixonar? — Ela cutuca as costelas do irmão. — A vovó tem sessenta e sete anos, ela merece ter uma vida além da gente, né?

Ele afasta a mão dela. Eles não têm aquela troca fácil e descontraída que Maia imagina que irmãos normais tenham. Entre eles, tudo tem um peso. E essa tentativa de brincadeira — de fazer de conta que são outras pessoas — a deixa se sentindo meio boba.

Ela boceja, sem jeito, então se levanta, e Julian percebe que a magoou.

— Foi mal — diz ele.

— Está tudo bem — responde ela, sem olhar para trás. — Boa noite.

— Te amo — diz ele, quando ela já está na porta.

— É, eu também — diz ela, mas Julian quase consegue ouvir a tristeza nos passos da irmã ao descer para o primeiro andar.

As palavras de Maia sobre Cian e Sílbhe ficam com ele. E, enquanto trabalha no estúdio de Cian, os pensamentos vão e vêm, feito água nos canais escavados em torno de um castelo de areia. As horas passam como minutos. Ele se pega imaginando como os dois eram quando mais jovens, antes de a avó se casar. Pensa em como seria se Cian se tornasse uma parte mais central na vida deles. E percebe que, no fundo, ele já é. E está tudo bem com isso.

Algumas semanas depois, sem nem perceber que vai dizer alguma coisa, Julian se ouve dizendo:

— Você vai se casar com ela? Com a minha avó? — E logo se arrepende do tom possessivo do "minha". — Quer dizer, com Sílbhe.

Mesmo sem olhar, Julian sabe que Cian está corado.

— Eu fiz alguma coisa de errado? Você está chateado? — pergunta Cian.

Julian faz que não.

— É só que, por mim, tudo bem. Se vocês se casassem. Maia também ia gostar.

— Ah — diz Cian. — Bom, muito obrigado por me avisar. É muita gentileza sua. — E então, pouco depois, prossegue: — Mas acho que a sua avó também pode querer dar a opinião dela.

— É, você ia ter que perguntar para ela — devolve Julian com um sorrisinho no canto da boca enquanto aperta uma tira de metal com o alicate.

GORDON

MAIA SAI DO QUARTO ATRÁS DO PRECEPTOR. O PAGER DELE ESTÁ TOCANDO, E ELE FAZ UMA careta antes de olhar para o relógio e sair apressado pelo corredor.

— Dr. Davies, posso dar uma palavrinha? — pergunta ela, tentando acompanhar o passo dele.

— Agora não dá. Estou atrasado para uma cirurgia e tenho exatamente três minutos para engolir o almoço antes de botar o avental cirúrgico. — Ele então olha para ela, como se só agora estivesse se perguntando quem é e o que está fazendo ali.

— Mas é sobre a sua última paciente. Acho que não dá para esperar. — Ele suspira, enquanto Maia o segue pelo corredor em direção à cantina. Está apenas na quarta semana da residência em obstetrícia, e o Dr. Davies já tem fama de fazer os residentes chorarem. — Quando o senhor perguntou se algo poderia ter causado aquilo, eu reparei que o parceiro dela apertou a mão dela.

— Você está interrompendo os meus poucos minutos de paz para me dizer que a paciente tem um parceiro solidário, Srta...

— *Dra*. Atkin — corrige ela. — Sou residente. Mas não, acho que ele queria que ela não falasse nada. As narinas dela têm sangue seco, os olhos estão lacrimejando, as pupilas, dilatadas. E ela ficou irritada quando o senhor cogitou interná-la.

O Dr. Davies para e se vira para ela.

— E o que você está sugerindo com isso? — pergunta ele, conferindo o pager de novo.

— Descolamento prematuro de placenta pode ser causado por abuso de substâncias.

— Eu sei muito bem disso.

— Acho que pode ser o caso aqui.

— Tá. Não tenho tempo para isso. Mas, se você acha que é o que está acontecendo, peça ao laboratório que analise a urina dela e segure a alta.

— E se ficar confirmado?

— Avise à enfermeira-chefe, e ela vai tomar as providências. — Maia faz que sim, e, ao se afastarem pelo corredor em direções opostas, ele grita: — Bom trabalho, Dra. Atkin. — E ela sente como se tivesse recebido um elogio de Deus em pessoa.

O jardim do terraço não passa de um banco de madeira, uma cadeira de plástico e um vaso de plantas cheio de bitucas de cigarro encharcadas, os outros blocos do hospital bloqueando qualquer vista de Londres, mas Maia sempre acaba indo para lá quando tem uma folga. Uma fileira de armários bloqueia a porta para o exterior, então ela e alguns outros médicos passaram a pular pela janela da sala dos funcionários, mas só depois de já estar lá fora, quando ficaria esquisito mudar de ideia e voltar, é que dá para ver se já tem alguém ali. Hoje é Kate, outra residente.

— Se importa em ter companhia?

— Pode ficar, mas eu já estou saindo.

— Ah, posso voltar outra hora — diz Maia. — Não quero atrapalhar a sua hora livre.

— Não, não. — Kate sorri e faz um gesto para Maia se aproximar. — É que eu já preciso mesmo voltar, mas até lá vou adorar ter um pouco de companhia.

Ela oferece um maço de Marlboro Lights, que Maia recusa. Cigarro é uma coisa que não combina muito com a aparência de Kate; ela tem um rosto de pintura pré-rafaelita: lábios carnudos, bochechas rosadas, o cabelo castanho ondulado.

— Acabei de ajudar no parto da bebê Portobella — anuncia Kate, sorrindo ao soltar uma nuvem de fumaça, e Maia se senta ao lado dela. — Um nome inédito para o hospital, talvez para o mundo.

— Sério? A menina vai ser uma cogumela — diz Maia.

— Pois é. — Kate ri. — Ela é uma delicinha.

— Saquei o paralelo.

— Ah, foi sem querer, mas imagino que ela vai ouvir esse tipo de coisa a vida toda.

Só então Maia repara que, em poucas frases, acabou passando uma imagem que não é bem a sua; ela quase nunca faz gracinhas. Mas tem algo em Kate que a faz oferecer uma versão mais leve de si mesma.

— Aliás, o meu nome é Kate.

— O meu é Maia. Acho que a gente estava junto no St. Thomas na última rotação, mas não chegou a se esbarrar por lá.

— É mesmo? Tenho certeza de que teria reparado em você — comenta Kate, arqueando uma sobrancelha.

Maia fica surpresa com o flerte escancarado. Às vezes é difícil captar sinais vindos de outras mulheres, mas nesse caso há uma certeza rara. Maia sorri e diz:

— Acho que a minha melhor fala foi: "Pode ir, eu pego o próximo."

— Na fila dos elevadores?

— É.

— Bom, obrigada, mesmo que com atraso — diz Kate. Ela se levanta, prende o cabelo num coque e sorri para Maia. — Topa sair para beber alguma coisa hoje? Eu largo às sete.

— Eu fico ainda mais uma hora.

— Te encontro lá fora?

— Bora — diz Maia, então se tortura com a ideia de que Kate talvez ache que ela rimou de propósito.

Kate se vira e sorri, e Maia nota o jeito como ela torce o nariz ao fazer isso.

Maia fica no banco, aproveitando o sol, e se pergunta por que agiu feito uma boba nesses poucos minutos que passou com essa mulher e se Kate ainda vai gostar dela quando descobrir que ela não é feita só de leveza e trocadilhos descontraídos.

Também se pergunta se Kate vai sacar na hora o motivo de Maia sugerir um lugar que não seja o pub da esquina e se talvez resolva que não quer se envolver com alguém que ainda não saiu do armário. Às vezes, Maia acha que teria sido mais fácil se não tivesse seguido os passos do pai na medicina. Se tivesse escolhido viver num mundo completamente diferente.

Eles estão no carro, ouvindo o CD da suíte para violoncelo nº 3 de Bach, e, quando ela termina, Gordon tira a mão do volante e aponta para o porta-luvas.

— Antes que eu me esqueça, tem uma coisa aí para você.

Cora pousa os dedos no fecho e espera até ele assentir, indicando que ela pode abrir. Lá dentro, encontra outro CD com a capa encoberta por

um Post-it. “Para Cora, com amor, um beijo”, na caligrafia caprichada de Gordon. Ela levanta o bilhete. São as suítes de Grieg para *Peer Gynt*. Ela abraça a caixinha contra o peito e suspira.

Gordon sorri.

— Pode colocar. É a faixa quatro — diz ele. “Na gruta do rei da montanha.” É um presente altruísta; ele detesta o teatrinho afetado dessa peça. No início do relacionamento deles, Gordon a chamou de “a disneyficação da música clássica”. Porcaria orquestral. “Meu Deus, Cora! Até o próprio compositor detestava. Era para ser uma sátira!”

Para Cora, no entanto, é como uma “Fada do açúcar” com personalidade e um pouco mais de ousadia. Ela relaxa no banco, fecha os olhos e enxerga o covil de veludo da plateia, sente o calor do holofote no palco. Os membros formigam, imaginando os movimentos. Gordon tira a mão do volante mais uma vez e a apoia sobre a dela.

Quando a faixa termina, ele desliga o som, e eles percorrem os últimos quilômetros pela zona rural das Cotswolds em silêncio, com Gordon só soltando a mão dela de vez em quando para trocar de marcha. Ela pisca por trás das pálpebras fechadas — tentando conter lágrimas que surgiram do nada; uma tristeza que aparece depois da última nota, junto com o medo de não saber quando vai poder ouvi-la de novo. E o desejo de que essa cena fosse mesmo o que parece ser. Só um homem e uma mulher, num casamento normal, fazendo coisas normais, algo tão simples que eles nem se dão conta.

No hotel, eles deixam as malas no quarto, e Gordon pega a mão de Cora enquanto vão se juntar aos outros casais que já estão bebendo e conversando no saguão.

As outras esposas a recebem com abraços e protestos carinhosos por ela aparecer tão pouco. Cora sabe que elas se encontram sem os maridos nos meses entre esses encontros anuais. E que, com o passar dos anos, ficou meio que entendido que, por algum motivo — sua juventude em comparação com as demais, sua introspecção, o balé (que todo mundo ainda parece achar que ocupa parte da vida dela) —, ela não vai estar presente. Mas ninguém parece levar isso para o lado pessoal. Em vez disso, tratam Cora como uma borboleta rara, aceitando esses momentos em que ela dá o ar da graça, por mais breves que sejam. Gordon uma vez disse que a vida média de uma borboleta é de vinte e nove dias. Cora se pergunta se, somando esses momentos em que ela existe no mundo lá

fora, sua vida média vai ser mais longa. E o que seria melhor? Viver todos esses dias condensados num único surto intenso de cor ou poder tirar o alfinete do peito de vez em quando, sacudir a poeira das asas e aproveitar um pouquinho daquele tempo antes de voltar para a sua prisão?

Alguém pediu chá da tarde, e, quando Cora morde um scone coberto por uma camada espessa de creme e geleia de morango, a doçura faz com que ela feche os olhos por um segundo. Quando os abre, Gordon está olhando para ela, lá do outro lado da mesa, onde conversa com os outros maridos, e ele ergue a taça num brinde. Ela fica meio desconcertada, como quando o último degrau da escada é mais curto do que a gente imagina, mas sorri e, por um instante, antes de voltarem às conversas, são só os dois.

As mulheres estão comentando um livro que andaram lendo, e Dorie diz a Cora que terminou o dela na viagem e que pode deixar o seu exemplar com Cora, mais tarde. A conversa segue adiante, mas Cora se pega pensando se as regras vão mudar aqui, se ela e Gordon podem se sentar lado a lado na cama, lendo juntos antes de dormir. Quem sabe ela não consegue terminar o livro antes de retornarem para casa. Ela volta a olhar para Gordon, que agora conversa animado com os homens. Ele está rindo; parece feliz, relaxado.

À tarde, eles saem para caminhar, primeiro por estradinhas de terra e depois atravessando os campos em direção à torre de Broadway. Gordon diminui o passo e vai andando com as mulheres, e Cora percebe que elas ficam todas encantadas por ele ter se aproximado e perguntado da vida delas. Ele só está reforçando a opinião já altíssima que elas têm dele. Alguns anos antes, em sussurros mal disfarçados, reunidas no fim de uma noite ao redor de uma mesa, as mulheres o haviam declarado o marido ideal: atencioso, bem-sucedido, sempre bem-vestido, atlético, um bom pai para as crianças. Alguém que tem o dom de fazer qualquer um com quem esteja conversando se sentir especial. O tipo de rosto em que você confia de imediato. Olhos gentis, um sorriso aberto, bonito, mas não de um jeito que pareça ameaçador. Cora ouviu tudo, piscando. Porque, sim, é tudo verdade.

— Resumindo, Cora, estamos todas apaixonadas pelo seu marido — disse Dorie.

— E os nossos maridos no mínimo estão todos apaixonados por *você* — completou outra, rindo. Mas Cora sabe que isso foi só uma gentileza; ela é um vazio, um espaço em branco.

O campo à frente deles é marcado por sulcos paralelos, como ondas correndo em intervalos regulares, a cada dois metros, seguindo colina abaixo.

— O que vocês acham que causou isso? — pergunta Dorie, sem se dirigir a ninguém em particular, e Gordon explica como a terra antes era dividida em tiras, trabalhadas por famílias diferentes, e como os sulcos se formavam com o uso repetido de arados não reversíveis.

Cora se demora no final do grupo e fica imaginando aquele espaço cheio de gente, uma plantação do século XVII, dividida em lotes. Ela nota o jeito como o sol incide sobre as cristas e os vales de grama, fazendo o alto de cada sulco brilhar mais forte, como ondas num cabelo sedoso, com o brilho de que foi escovado cem vezes antes de dormir. Mas então Gordon começa a gritar. Está correndo na direção dela, e, por um instante, Cora não sabe o que ele vai fazer ao alcançá-la. Ele vem com tudo, e ela fica paralisada, esperando o impacto. Mas ele não vem. Em vez disso, Gordon a pega no colo — "Vamos, sua preguiçosa!" — e sai correndo com ela, girando, gritando, enquanto tenta alcançar os outros. Ela está com os braços em volta do pescoço dele, rindo de alívio, e tudo vira um borrão de campos ondulantes e botões-de-ouro passando diante dos olhos. Ela vê a cena de fora, de cima, como através do olhar alheio. Como numa fotografia. Ali, doce como mel.

Eles sobem a torre de Broadway. Dentro da antiga construção de pedra, os cômodos são pequenos, e Cora toma o cuidado de ficar o tempo todo perto de Gordon ou de uma das outras mulheres; evitando se colocar numa situação em que pudesse acabar sozinha com um dos homens. Ela admira a vista das colinas, olhando lá embaixo para a cidadezinha de Broadway, encaixada no vale. E deseja poder ficar ali para sempre.

Estão todos de rosto corado e pernas cansadas quando voltam ao hotel e desabam nas poltronas do saguão para se recuperar, antes de subir para os quartos e se trocar para o jantar.

Cora se maquia diante do espelho do banheiro, enquanto Gordon faz a barba ao seu lado. Por um tempo, eles conversam com os reflexos um do

outro.

— Vi que você gostou do scone — comenta ele, e ela sorri, lembrando-se do momento em que seus olhares se encontraram. Mas então Gordon acrescenta: — Talvez seja melhor se controlar no jantar. — E a avalia de cima a baixo no vestido que ele mesmo escolheu para ela.

Ela pega um lenço de papel da caixa sobre a pia e se vira um pouco para secar o rosto, tomando cuidado para não borrar o rímel.

— Ah, nem vem, Cora. Não é nenhum absurdo dizer isso, com o histórico da sua família.

Mais um golpe baixo. Seu pai morreu de ataque cardíaco quando ela estava com dezessete anos, e Gordon sabe que ela ainda se sente culpada.

Depois da morte dele, ela ficou na Inglaterra por mais alguns dias, sem querer abrir mão de um papel muito concorrido que tinha acabado de conquistar em um novo balé. Uma decisão da qual logo se arrependeu. Passava as noites em claro tentando visualizar o pai agachado na horta, pressionando sementes contra o solo com as mãos sujas de terra. Ela conseguia visualizar sua silhueta, mas a imagem sumia, porque ela não conseguia se lembrar da roupa que ele estaria usando. Quando voltou para casa para o velório, Cora abriu um armário na cozinha uma noite e perguntou para a mãe:

— Tem Ovomaltine?

E a mãe respondeu, se desculpando:

— Ah, não, querida, fazia anos que o seu pai não bebia isso.

Foi quando ela percebeu que a rotina noturna dele já havia mudado, e ela não estava lá para notar. A memória que tinha dele já estava desatualizada muito antes da morte.

Gordon para de pé atrás dela, abraça sua cintura, e, por um instante, ela acha que talvez só tenha lhe faltado tato. Mas então ele pousa uma das mãos logo acima da sua barriga e a outra logo abaixo, num gesto imediatamente reconhecível. É assim que mulheres grávidas abraçam o ventre. E então ele dá uma palmadinha na barriga dela.

— *Bonne Maman* — comenta, beijando o pescoço dela. E sorri para o espelho, erguendo uma sobrancelha, divertindo-se com o fato de até a marca da geleia parecer estar a seu favor.

Alguém bate à porta. Ele afasta as mãos dela, dá um tapinha em sua bunda e fecha a porta do banheiro ao sair.

É Dorie, com o livro que mencionou mais cedo. Gordon agradece, puxa conversa, diz que Cora está no banho, enquanto ela, do lado de dentro, se vira de perfil diante do espelho, observando como o vestido desenha sua barriga.

No restaurante, eles pedem vários pratos para compartilhar, e, enquanto esperam a comida chegar, Alice comenta sobre um curso de eneagrama que está fazendo, que mapeia as pessoas em nove tipos diferentes de personalidade. Cora se interessa, mas os homens se intrometem na mesma hora, dispostos a desqualificar o assunto antes mesmo de saber do que se trata.

— Não dá para reduzir todo mundo a nove tipos. Isso é mais científico que signo, por acaso? E o que dá para fazer com essa informação, afinal?

Mas então Gordon diz que andou lendo uma coisa parecida, que divide as pessoas em dezesseis tipos diferentes de personalidade.

— Quer dizer, é só um pouco mais, mas os dois modelos parecem ter raízes no trabalho de Jung. Para falar a verdade, no começo eu não dei muita bola, mas alguns colegas lá na clínica fizeram o teste de Myers-Briggs, e foi uma surpresa como ele acertou em cheio o nosso estilo de trabalhar — comenta ele, girando a taça de vinho pela haste, entre o polegar e o indicador. — É bem útil para entender como outro colega enxerga as coisas... os conflitos deixam de parecer tão pessoais.

A conversa se desvia para perfis de recrutamento, e Jeremy emenda uma história longa sobre um *headhunter*, enquanto Cora se recolhe, torcendo para que voltem a falar sobre tipos de personalidade.

Quando a comida chega, todos se servem, passando os pratos de um lado para o outro pela mesa. Cora toma cuidado de se servir só um pouco, com as palavras de Gordon ainda retumbando na cabeça, mas então ele comenta:

— Ah, Cora, você come feito um passarinho. — Ela fita o marido, confusa, e ele começa a empilhar comida no prato dela, fazendo uma cena. — Deixa eu te servir um pouco desse *dahl* também — diz, enfiando fundo a colher no curry de lentilha.

— Para — pede ela, frustrada, pousando a mão no pulso dele.

É um toque quase imperceptível. A ponta dos dedos mal encosta na pele dele. Mas Gordon reage como se ela tivesse empurrado com força,

jogando o braço de lado e fazendo uma taça de vinho quase cair, salva no último segundo por um dos outros homens.

Gordon encara Cora, com a mesma surpresa refletida no rosto dela. E, por um instante, a mesa inteira fica em silêncio, os amigos congelados, todos os olhos voltados para ela. Cora fica vermelha; ela abaixa os olhos, envergonhada e furiosa. Não adianta explicar. Só pioraria a situação.

Quem quebra o silêncio é o próprio Gordon, fingindo leveza.

— Bom, quem nunca se surpreendeu com a própria força, não é mesmo? Não foi de propósito, foi, querida?

Concordâncias murmuradas, risadas tensas. Todos voltam a fingir interesse pelo próprio prato e se concentram na tarefa de montar uma garfada. Por fim, há um alívio em poder elogiar a comida, o que abre espaço para alguém puxar outro assunto qualquer, um tema leve e sem importância que os demais podem agarrar e esticar até reencontrar o ritmo natural da noite. Mentalmente, no entanto, já estão todos de volta aos próprios quartos, os brincos deixados na prateleira sob o espelho do banheiro, o relógio pousado com cuidado na mesa de cabeceira, comentando "Que saia justa", enquanto, de alguma forma, se sentem mais próximos um do outro, enroscados nos recém-trocados lençóis de algodão e no conforto dos próprios relacionamentos imperfeitos.

Quando os pais viajam, Maia costuma ficar em casa. Mas Gordon já está com quase quinze anos — idade suficiente para se virar sozinho por uns dias. Ele já fez o dever de casa, comeu uma daquelas comidas prontas direto da embalagem que foi ao micro-ondas, detonou um pacote de salgadinho tamanho família e, mais tarde, vai para "uma social". Ele não sabe bem o que esperar, se vai ser só um grupinho ou uma festa de verdade, com álcool e meninas. Mas sabe que Lily vai estar lá. Ele só foi convidado por causa dela. Gordon se senta ao lado dela na aula de matemática e deixa que Lily copie suas respostas.

— Valeu, Atkin — diz ela.

E tem algo no jeito como ela fala seu sobrenome — devagar, com intenção — que faz parecer que ela está estendendo um lençol, deixando a maciez pairar sobre ele. A entonação dela — At-kin — se demorando na palavra. Gordon não está acostumado a ser tratado como se pudesse ser alguém gentil, alguém que valha a pena conhecer, mas gosta da sensação. Quer retribuir o favor, dizer o sobrenome dela — Atkins — do

mesmo jeito, mas o "s" muda tudo. E, de qualquer forma, ele prefere "Lily".

Na quinta-feira, alguém da fileira de trás disse, num falso sussurro:

— Ei! — E os dois olharam para trás. — Não é com você, seu mané — disse Alfie para Gordon.

— Não fala assim — retrucou Lily, virando-se para ver o que Alfie queria.

— Vou juntar uma galera no fim de semana, Lily. Quer chegar junto?

— Talvez — Gordon a ouviu responder.

— Isso é um sim ou um não?

— Gordon pode ir também? — Ele ouviu o suspiro de Alfie e um dos amigos dele abafando a risada com o braço.

— Pode. Se ele estiver a fim — respondeu Alfie.

— E aí, tá a fim? — perguntou Lily, voltando-se para ele.

— Ah. É... pode ser.

Ainda faltam duas horas para ele encontrar Lily. Gordon anda de um cômodo a outro sem rumo. É tão raro a mãe não estar por perto, ocupada com alguma coisa em outra parte da casa. Ele não sabe muito bem por que a ausência dela parece tão opressora, mas é como ele se sente, e Gordon comemora o silêncio traçando um arco gigante com os pés no carpete recém-aspirado. Depois de um tempo, vai até a cozinha, abre a porta da despensa e dá uma olhada na prateleira mais alta, onde o pai guarda as bebidas, que só tira de lá nas raras ocasiões em que recebem visita para o jantar. Gordon examina os rótulos, sem saber qual escolher, até que bate os olhos numa com o seu próprio nome. *Gordon's Gin*. Ele toca o vidro verde-escuro e tira a garrafa da prateleira, sentindo um prazer estranho, uma conexão.

— Vem pro papai — diz ao desenroscar a tampa, e na mesma hora se sente idiota e aliviado por não ter ninguém por perto para ouvir. Ele aproxima o gargalo do nariz e dá uma cheirada. Tem o cheiro dos pinheiros nos fundos do jardim. Bebe um gole.

É ruim, com gosto de remédio, e, se não tivesse o nome dele na garrafa, ele guardaria de volta e experimentaria outra coisa, mas, como tem, toma mais um gole, então sacode a cabeça, deixando as bochechas moles com um barulhinho, enquanto tenta se livrar do gosto. Depois de mais alguns goles, a coisa começa a descer melhor e, com a cabeça ficando mais leve, ele se sente menos ansioso em relação à noite que tem

pela frente. Levanta a garrafa verde contra a luz. Ainda tem bastante, então deixa no aparador, junto à porta de casa, decidido a levar para beber com Lily no caminho.

Ele encontra Lily na esquina da rua dela, às oito em ponto. Ela está diferente sem o uniforme. Parece mais velha e mais bonita. Ela está com uma saia florida, botas Doc Martens e o cabelo preto dividido em duas tranças. Em qualquer outra pessoa, o penteado pareceria infantil, pensa Gordon, mas nela fica bonito.

— Gostei do cabelo — elogia ele.

— Obrigada.

— Olha só — diz ele, abrindo o casaco para mostrar a garrafa no bolso interno e levantando só o suficiente para ela ver o rótulo. — O meu próprio gim. — Lily ri, e Gordon fica na dúvida se ela está rindo dele ou com ele. Mas, quando ele pergunta: — Quer um gole? —, ela faz que sim e se aproxima.

Ela abaixa a cabeça e inclina a garrafa com cuidado dentro do casaco dele. Dá uma risadinha, e Gordon percebe que o cabelo dela cheira a maçã. Ele respira fundo e é como se fosse ficar maluco. Principalmente quando eles começam a andar e ela entrelaça os dedos nos dele.

Quando chegam à casa de Alfie, quem abre a porta é um garoto da turma de história.

— Aê, aê! — grita ele para ninguém em particular. — É a Lily e o paspalho!

Alguém comemora lá dentro, e, enquanto seguem pelo hall, Lily diz:

— Ele só está com inveja. — E aperta a mão de Gordon.

Ele leva a garrafa do bolso à boca e dá outro gole. Não sabe onde foi parar a tampa, mas tudo bem, desde que não resolva fazer uma estrela no gramado.

Não tem lugar para todo mundo na sala, então Gordon se senta no braço do sofá, e Lily se apoia na perna dele. E, de alguma forma, é como se uma porta se abrisse. Os meninos conversam, lançando olhares na direção dele de vez em quando, e Gordon entende que está sendo incluído no papo.

— O que acha, Gord? — pergunta um deles mais tarde. — Três baseados e você me ajuda com o trabalho de história?

Gordon demora um pouco para entender e, mesmo não fumando, acaba dizendo:

— Negócio fechado.

Mais tarde, ele e Lily vão para fora. Quando se afastam das luzes da casa, fica difícil ver onde o jardim termina. Arbustos enormes pontuam o gramado como pedras escuras e ameaçadoras. Gordon tropeça no escuro, e Lily pergunta se ele está bem. Ele se sente quente, leve, meio zonzo do álcool e da proximidade dela. Quando chegam a uma árvore, bem afastada da casa, Gordon a puxa para junto de si, passa o braço pelo pescoço dela e a beija.

Os lábios dela são mais macios, mais acolhedores do que ele esperava, e Gordon gosta quando a língua dela se arrisca a entrar um pouco em sua boca. Ele faz o mesmo, e leva um tempo até sentir que está fazendo direito, mas, com Lily, tudo parece certo. Ficam ali, de pé, se explorando com as línguas, um deles às vezes mudando o ângulo da cabeça, o que transforma o beijo de repente, como se, mesmo sendo um beijo só, tivessem chegado a uma parte nova. Às vezes, seus dentes se chocam, e ele a sente sorrindo, o que o faz sorrir também. Às vezes, seus lábios mal se tocam; outras, parece que estão grudados um no outro, quase como se quisessem devorar um ao outro. Eles se beijam com carinho, e então com força. E, quando Gordon a pressiona contra a árvore e esfrega a ereção nela, ele geme dentro de sua boca, mesmo contra a vontade. Eles continuam se beijando, ele se esfrega nela, e o burburinho vindo da casa vai ficando tão distante, enquanto uma voz alta e eufórica grita dentro da cabeça dele: "Isso! É isso!"

Ele coloca a mão na coxa dela, por baixo da saia florida, e, a princípio, Lily não o impede. Ela continua o beijo. Ele sobe a mão, cada vez mais perto da calcinha, e ela se remexe um pouco, murmurando algo contra a boca dele. Mas Gordon não entende o que é, ele só consegue pensar em enfiar o dedo nela, em saber qual é a sensação. Num movimento ágil, bem mais fácil do que tinha imaginado, ele afasta a calcinha e seus dedos alcançam o calor da pele dela. Lily tenta empurrá-lo, tenta interromper o beijo, mas ele quer mais, então força sua boca, apertando a cabeça dela no tronco da árvore, cobrindo os lábios de Lily com os seus, mesmo com as palavras que ela continua tentando pronunciar. Gordon nunca havia se dado conta da força que tem. Mesmo com Lily tentando se afastar, de alguma forma ele consegue mantê-la ali. Ele só queria que ela ficasse parada. Queria que ela continuasse o beijo, igual estava fazendo antes. Mas ela está se debatendo, tentando fazê-lo parar, e só então o cérebro

dele, entorpecido pelo álcool, entende que precisa soltá-la. Ela se afasta, e o dedo dele pega no elástico da calcinha.

— Tá maluco?!

— Desculpa. Eu só... Não fica brava, vai... — pede ele.

Eles ficam parados ali, no escuro, se encarando. Ele acha que ela está chorando, mas não tem certeza. Estende a mão, querendo consolá-la, e pensa, por um instante, que vai ficar tudo bem, que talvez ainda voltem juntos para a festa, de mãos dadas. Mas Lily grita:

— Nunca mais chegue perto de mim, Gordon Atkin! — E sai correndo pela grama.

As palavras dela já não soam como um lençol macio descendo sobre ele. E ele sente uma pontada de raiva. Fica ali por um instante, parado, sem saber o que fazer. Então leva a mão ao rosto, num gesto disfarçado, como se estivesse tirando algo da cara, e cheira os dedos. Inspira. Sempre quis saber que cheiro as mulheres têm lá embaixo. E agora ele sabe: é meio doce e forte. Pelo menos isso ela não pode tirar dele.

Gordon entra na casa e não vê Lily em lugar nenhum, mas os meninos o envolvem na conversa, e ele fica por ali, rindo e fazendo que sim.

— Cadê ela? — pergunta um deles, depois de um tempo.

— Quem?

— Lily.

— Ah, sei lá — diz Gordon.

— Achei que vocês estavam juntos. Quando chegaram. Não?

— Nada a ver — diz Gordon, com desdém. — Aquela ali é meio vagabunda, para ser sincero.

— Eu não dispensaria.

— Pois deveria — diz Gordon. — Ela tem um cheiro ruim lá embaixo.

— Eeecaaa! — exclamam eles, rolando de rir.

Ele vê um misto de espanto e diversão na cara deles, e um dos garotos segura seu pescoço numa chave de braço e bagunça seu cabelo com o punho fechado.

— Até que você é firmeza, Gord.

E, simples assim, ele passa a ser um deles.

Sete anos depois

2008

Bear

No breve intervalo entre a entrega do TCC e a formatura, Bear volta para casa para pintar os quartos do apartamento no segundo andar onde cresceu. Uma visita espontânea, depois que Cora comentou que ia tirar uma semana de folga para reformar a casa.

— Eu ajudo — ofereceu ele.

— Ah, maravilha! Vou adorar — respondeu ela, o sorriso transparecendo na voz.

As janelas estão abertas, e o frescor de fora se mistura ao cheiro de tinta, dando ao quarto uma aura de novidade. Com os olhos fixos no vaivém dos rolos de pintura, a conversa flui descontraída, assim como os silêncios. Ainda assim, às vezes Cora precisa afastar os pensamentos que vez por outra a invadem com uma onda de maresia. "Guarde isso na memória." Sim, ele passou todo esse tempo fora, na faculdade, mas ainda depende dela para alguma ajuda financeira, ainda volta nas férias, entre uma visita e outra a Maia, em Brighton. A casa seguiu sendo o porto seguro nesses anos de transição para a vida adulta. Mas em breve a carreira vai levá-lo embora de vez. Primeiro para uma escavação em Khirbet Safra, na Jordânia, e, depois, vai saber aonde...

Ela quer tudo isso para ele. Ainda assim, uma parte dela deseja poder tê-lo junto de si, aquela mãozinha gordinha e cheia de covinhas entre as suas. Entre as de Maia. Suspeita que, para ser uma boa mãe, seja preciso guardar essa parte coruja dela numa caixa e fechar a tampa com cuidado. Não tinha imaginado que isso faria parte do processo, não viu esse momento chegando. Mesmo assim, vai fazer isso, e de muito bom grado. "Você daria a vida pelo seu filho?", pergunta o mundo em silêncio. Sim, ela já fez isso. Mas não sabia que haveria um segundo acerto de contas, uma nova entrega, e que agora isso significaria abrir mão dos braços da maternidade: a cautela, o pressentimento, o controle, os avisos, o cuidado, o carinho explícito. Porque é como se algo dentro dela tivesse

sido acionado e, em vez de manter a criança em segurança, se continuar à vista, seu amor pode implodir. Pode sufocá-lo. Por isso ela tem de tentar desaparecer um pouco da mente de Bear, abrir espaço para que outras pessoas ocupem o centro da cena. E o que vai restar dela, então?, pergunta-se Cora, e na mesma hora se repreende por pensar assim.

Tenta imaginar como Lily se sente. Mas não pergunta a Bear, não quer acionar alavancas de culpa que nem são suas.

— Você às vezes fica com medo? — pergunta Bear.

Cora se surpreende com a pergunta e continua pintando, aliviada por, naquele instante, estarem os dois focados em suas respectivas partes da parede.

— Dele, você quer dizer?

— É — responde Bear.

— Não, acho que não. Não mais. De vez em quando dou uma pesquisada no nome dele no Google. Só para saber onde ele está.

— Eu também. Mas nunca achei nada.

O coração de Cora aperta só de pensar no filho fazendo isso; ela prefere imaginar que a vida de Bear não foi tocada por Gordon.

— Você não tem como saber o endereço dos pais dele. Mas o título de eleitor dele está cadastrado lá. Em Londres. Já tem uns anos. Deve ser justiça divina — acrescenta ela, e logo se arrepende.

— Como assim? — Bear conhece alguns pedaços da história por Maia, mas quer ouvir da boca da mãe.

— Só que não deve ser nada agradável viver com eles. Acho que você tinha uns quatro ou cinco anos quando a gente parou de vez de vê-los, mas, se tivesse conhecido o pai dele, bom... Explica muito sobre quem ele era.

— Em que sentido?

Cora hesita, mas decide que deve ser seguro dividir esses detalhes; não é justo esperar que Bear viva em completa ignorância. Não agora que já é adulto.

— O pai dele era um cirurgião brilhante. Neurocirurgião. Já se aposentou, mas fez um trabalho pioneiro. E era para Gordon seguir os passos dele. Mas, quando ele foi fazer a rotação de cirurgia na residência, descobriram que ele tinha um tremor essencial.

Bear para de pintar e se vira para ela.

— Um o quê?

— As mãos dele tremiam de um jeito incontrolável — explica Cora. — Não é raro em cirurgiões, e normalmente dá para tratar com remédio. Betabloqueadores ou algo assim. Mas, no caso dele, não funcionou. Então ele virou clínico geral. E o pai não soube lidar com isso.

— Mas por quê? Ele ainda era médico.

— Existe uma hierarquia na medicina. E, para um neurocirurgião, pelo menos um que nem o pai de Gordon, trabalhar num consultório era praticamente a mesma coisa que ser um atendente de sala de espera com diploma. Eles podem encaminhar pacientes, pedir exames, prescrever remédios, mas não é a mesma coisa que abrir o crânio de alguém na faca e reabilitar a fala de uma pessoa. O pai dele achava, de verdade, que era Deus. E que o filho era um fracasso. Quando vinham visitar, ele dizia "Ah, Dr. Gordon, o clínico", só de implicância. Aí oferecia a mão e falava: "Vê se você consegue apertar."

— Hein?

— Como se faltasse firmeza na mão dele.

— É sério? Se ele era esse cirurgião assim todo-poderoso, não podia fazer nada para ajudar? — O rolo de Bear pinga tinta na meia dele, mas ele nem percebe, e Cora decide não comentar.

— Isso é que era o mais estranho. Quando a gente se conheceu, ele dizia que era um tremor essencial, que é uma questão neurológica. E era assim que os médicos viam. Mas, para mim, parecia mais uma questão psicológica, porque, fora do centro cirúrgico, ele não tremia. Vi quando ele enfiou a linha numa agulha uma vez e a mão dele estava bem firme.

Bear estremece. Abelhinhas já tinha contado que o pai às vezes cuidava dos ferimentos que ele mesmo causava, em vez de levar a mãe para o hospital. Mas ele não tem coragem de tocar no assunto, nem de forma indireta. Já é uma surpresa que a mãe esteja se abrindo tanto.

— Você acha que ele teria sido diferente? Quer dizer, se o pai dele fosse diferente — pergunta Bear.

— Acho. Pode ser difícil imaginar, mas, em algumas áreas da vida, eu acho mesmo que ele tentou fazer o bem. Os pacientes gostavam muito dele. E o jeito como ele tocava a clínica era bem inovador.

— É meio reconfortante. Saber que era o pai dele, e não alguma coisa genética.

Cora vê um lampejo de incerteza passar pelo rosto do filho e diz:

— Ah, meu amor, você nunca seria igual a ele.

— Eu sei — diz ele, parecendo mais consigo mesmo. — Mas não tem como não pensar. Às vezes eu estou numa fila, impaciente com a pessoa do caixa, porque ela nunca consegue achar o código de barras... E aí me vem o pensamento: "É isso? Eu herdei isso dele?"

Cora ri.

— Todo mundo fica impaciente em fila. Sério, Bear, você não podia ser mais diferente.

Eles voltam a pintar. A luz vai sumindo, e a cor escurece nas paredes à medida que seca.

— Posso te perguntar uma coisa? — diz Bear. Tenta manter a voz casual, como se não tivesse conduzido a conversa até ali o tempo todo. — O que aconteceu? Naquele dia. O que foi que fez com que ele perdesse a cabeça? — Ele já tinha perguntado isso a Maia várias vezes, e ela sempre dizia que não sabia. Mas nunca se sentava com ele para fazer conjecturas, o que faz Bear pensar que é porque ela já sabe.

Os ombros de Cora se enrijecem, e a cabeça fica cheia, pensando em para que lado correr. Ela se concentra na parede, aliviada por não ter de olhar para Bear quando responde:

— Pode ter sido qualquer coisa... Ele sempre arrumava um motivo para se irritar. Coisa pequena, tipo a televisão não ser desligada direito, ou o jantar não estar pronto na hora.

Ela vacila por dentro, na dúvida se essa é a melhor abordagem, embora ela e Maia sempre tenham concordado que esse é um fardo que Bear jamais deveria ter de carregar. E não é algo que ela queira revelar num impulso.

— Então não teve nada específico? — insiste ele.

Cora sente um arrepio na nuca sob o olhar do filho. *Ele sabe*, pensa ela. *Ele sabe, e mesmo assim eu não vou falar para ele.*

— Não que eu me lembre.

Bear fica mudo. Ele não a pressiona; nunca sentiu como se tivesse o direito de reabrir aquela ferida. Mas se lembra de um dia, uns meses antes, quando estava se inscrevendo para concorrer a uma bolsa. Como ele hesitou ao ver a data de emissão da certidão de nascimento: dezesseis de outubro. Ficou olhando para a tinta preta da caneta da escrivã, a relevância daquela data específica surgindo em sua memória. Foi o dia em que Vihaan morreu. O dia em que, todo ano, desde que Bear se entende por gente, eles visitam o túmulo dele. Ele guardou a certidão na

gaveta, mas a coincidência acabou rolando para fora da sua cabeça igual a uma bolinha de gude. E então, poucas semanas depois, estava voltando da faculdade para casa de bicicleta e teve de parar num sinal vermelho, e, assim que seu pé tocou o asfalto para se equilibrar, foi que ele pensou. Beleza, quem escolheu o nome dele foi Maia, mas como um homem daqueles poderia ter concordado em romper com a tradição e chamar o filho de Bear?

São três semanas maravilhosas de um verão de horários malucos. Acordar às duas da manhã e dormir no meio da tarde, enquanto Bear e os colegas de república seguem o fuso dos Jogos Olímpicos de Beijing. É quase um emprego em tempo integral, e eles mal saem de casa ou preparam refeições de verdade. Bear nem lembra quem comprou o pacote de palitinhos de bambu, mas já sabe que, no futuro, quando se lembrar dessa época, ela vai estar marcada pelas comidas que eles espetavam nos palitos sobre a mesinha de centro. Quadradinhos de pizza requentada cortada com uma tesoura cega, alternados com cebola em conserva; o combo salgado de rolinhos de salaminho com azeitona; um ovo cozido espremido entre folhas de espinafre.

— Por que tudo fica tão mais gostoso quando a gente espeta num palitinho? — maravilham-se eles, os olhos colados na tela.

Depois de entregar o TCC e terminar o estágio voluntário no festival Fringe, Lily pega o trem de Edimburgo para passar o resto do verão com Bear, e os dias voam do calendário como se tivessem sido levados por um vendaval — vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove, trinta — e o mês acaba. Com o contrato de aluguel se encerrando e as caixas empilhadas junto à parede, prontas para Abelhinhas vir buscar no dia seguinte com um carro alugado, os dois estão deitados na cama, a última noite no apartamento. A janela está entreaberta, e, lá fora, Bear ainda ouve uns grupos de estudantes passando, numa balbúrdia de frases entrecortadas e gritos embriagados. É o tipo de noite em que, mesmo às duas da manhã, o ar quente envolve seus ombros nus. O tipo de noite em que a sensação de fim e de possibilidade é tão inebriante quanto o jasmim crescendo sob o parapeito da janela.

— Está acordada? — pergunta Bear.

— Estou. E você?

— Também — responde ele, e os dois sentem o sorriso do outro no escuro. — O que a gente vai fazer?

— Sobre o quê?

— Ah, você sabe.

— Não achei que a gente ia durar até agora, e olha só. Será que a gente precisa mesmo de um plano? — pergunta Lily.

— Parece injusto não ter um. Quer dizer... pelo menos para você.

— Porque eu que vou ficar? Ou porque você quer terminar de vez?

— A primeira opção.

— Então vai lá e faz a sua escavação. Eu vou ficar bem.

Ele sorri de novo e aperta a mão dela debaixo do lençol. Gosta do jeito como Lily o provoca, como transforma seu trabalho meticuloso em arqueologia numa imagem de cachorro cavando um buraco na areia da praia.

— Mas isso nunca vai mudar. Pode ser que tenha umas semanas entre uma escavação e outra em que eu consiga voltar. Mas, no geral...

— Você acha...

— É, mas eu poderia arrumar um emprego com gerenciamento de patrimônio histórico por aqui... interromper uma obra quando acharem alguma coisa interessante, com algum empreiteiro nervoso respirando no meu cangote. Mas não é o que eu quero.

— Posso falar?

— Desculpa.

— Eu ainda não sei o que *eu* vou fazer. Talvez volte para casa, ou para Edimburgo, se rolar o trabalho no Fringe. Mas também estou pensando em me candidatar para alguma vaga no exterior.

— Ah, é?

— É. — Ela não comenta que, embora deseje essas coisas, parte da motivação é mostrar para ele que ela também tem a própria vida, que não está tentando segurá-lo. Não é a melhor motivação para correr atrás de algo, mas o efeito é que sua vida está se expandindo, ficando maior no esforço de se tornar essa mulher independente que sabe que ele vai amar. Que ele ama. Que ele já amava, desde que eles tinham catorze anos, quando se sentaram lado a lado na aula de matemática. Atkin e Atkins. "Somos praticamente um laboratório farmacêutico", brincou ele, na época.

Quando foram para universidades diferentes, não fizeram promessas um ao outro. Mas, nas primeiras férias de Natal, se esbarraram no pub logo na primeira noite depois de voltarem para casa e retomaram o relacionamento na mesma hora. Nunca perguntavam o que o outro tinha feito naquele primeiro período na faculdade. Se tiveram outra pessoa. Mas, pelo menos para Lily, não houve ninguém. Só um beijo em uma menina da turma dela para experimentar como era — ficou surpresa com como os lábios de Celeste eram mais macios que os de Bear; ela pensava muito naqueles lábios. Mas não em Celeste. Às vezes, algum garoto a acompanhava até em casa depois de um ensaio, ou pagava uma bebida no bar subsidiado da universidade, sustentando seu olhar por tempo demais. E ela respondia desviando o rosto.

E Bear. Bear chegou a sair por um tempo com uma aluna do curso de história que era paga para dançar num palco de boate, como uma espécie de messias conduzindo os outros seres da noite numa dança turbinada pelo efeito das drogas, enquanto o suor escorria por seus corpos e eles bebiam copos de água descartáveis, que então eram jogados no chão e pisoteados. Ele gostava do corpo esguio dela, do jeito como se deixava ser olhada.

Mas, quando dormia na casa dele, ela dizia:

— Me passa o controle, gato. — E abria a mão para pegar um controle remoto que estava tão ao alcance dela quanto dele. E, enquanto se inclinava para entregar, Bear sabia que Lily jamais faria aquilo. E que ele não queria aquela outra encarnação de mulher. O padrão se repetiu algumas vezes, um pano de fundo daqueles anos. A aluna de química que ria alto demais e cujo cabelo cheirava a acetato de isoamila, e não a maçã. E a garota do sítio arqueológico de Silchester, perto de Reading, cujos olhos brilhavam sempre que falava da camada de lixo arqueológico, aquele solo escuro salpicado de relíquias antigas, mas cujo corpo, ao se encostar no dele numa noite, parecia uma peça de quebra-cabeça mal encaixada. "Peraí", disse ele, movendo-se com delicadeza para ficar em cima dela, mas sem entender por que aquilo também parecia errado.

Nas férias de verão entre o segundo e o terceiro ano de faculdade, Lily veio de Edimburgo, e ele foi buscá-la na estação, e o toque da mão dela na sua, o jeito como ela o beijava e, mais tarde, a forma como seus corpos se encaixavam perfeitamente, o tipo específico de nada e tudo que

conversavam quando estavam juntos... Tudo parecia tão certo e inevitável. Ele nunca contou isso para Lily, pois não queria forçar nenhuma promessa. Mas parou de procurar outras meninas esperando que fossem ela.

— Então, por você tudo bem deixar as coisas como estão? — pergunta ele.

— Por mim tudo bem. E para você?

— Tudo — responde ele, e os dois sentem o sorriso um do outro no escuro.

Em casa, na volta do aeroporto, Cora, Maia, Sílbhe, Mehri, Fern e Lily se apertam no hall, olhando para a natureza-morta que virou o quarto de Bear. Parece que já está tudo coberto por uma camada de poeira. Elas se recostam no batente, umas nas outras, observando em silêncio. É um misto de infância e vida adulta, nunca atualizado por completo para refletir a versão mais recente dele, agora aos vinte e um anos. Por fim, Mehri diz:

— Olha para a gente. Um monte de mulher sofrendo por causa de um homem. Nossa, e que homem, não é não?

Todas sabem exatamente o que ela quer dizer.

Elas comem pizza e assistem a *Harry e Sally — feitos um para o outro*. Não é tão bom quanto lembravam, e elas logo começam a conversar por cima do filme e a se perguntar que horas Bear pousa na Jordânia.

À meia-noite, Lily volta a pé para a casa dos pais, e um gatinho laranja mia por atenção, fugindo por entre os jardins e reaparecendo na garagem da casa da frente.

— Boa noite, gatinho — diz ela, fazendo um último carinho nele antes de entrar.

Ela sobe a escada e se senta na beirada da sua cama de infância. Sente-se tão vazia. E, à luz azulada do luar que entra pelo quarto, a certeza de que Bear talvez nunca seja seu parece tão inequívoca. Ele não é o único homem do mundo, diz a si mesma. Alguém vai querer dividir um apartamento com ela, um gato, um carro, uma casa, filhos, um cachorro, uma vida inteira. Mas então pensa que mesmo só um pouquinho de Bear já é melhor que nada.

No dia seguinte, Lily recebe uma proposta de trabalho remunerado organizando a próxima edição do festival Fringe, em Edimburgo. Ela

recusa. Precisa ir embora. Não só da cidade natal mas também da cidade da universidade. Ficar para trás dói demais. Então se candidata a uma vaga de assistente de um professor de literatura romântica em Roma e, bem antes do que poderia imaginar, já está na Itália.

Ela e Bear mantém contato por mensagens e e-mails desencontrados, que chegam nas horas mais inusitadas. Lily não conta do vizinho, Davide, que rearma o disjuntor da antiga caixa de fusíveis no canto da sala dela quando falta luz e que a pressiona contra a parede, subindo as mãos por entre suas coxas, debaixo da saia, sussurrando seu nome — *Giglio* — em italiano. Ela não sente culpa nem acha que isso significa um término com Bear; é só o que consegue fazer para manter o mínimo de autoestima diante do fato de saber que Bear talvez nunca esteja pronto para construir uma vida com ela. Quando Bear escreve, ela tenta não reparar nos nomes femininos que aparecem com cada vez mais frequência. Se existe alguma ameaça, diz a si mesma, o mais provável é que ele não diga o nome. E, assim, ela se concentra nas coisas que ele diz e tenta imaginar como é o dia dele, o que deve estar fazendo a cada hora. Sabe que ele come melancia no café da manhã, porque é barata e tem de sobra. Que acorda às quatro da manhã, porque o calor da tarde torna impossível trabalhar no sítio. Que toda noite eles cobrem tudo com lonas gigantescas, mas que mesmo assim sempre entra algum bicho, trazendo terra desta década para áreas de escavação de dez mil anos de idade. Ela e Bear dão apelidos a esses bichos e brincam sobre a batalha perdida, e ela conta das gírias italianas que está aprendendo, do sentimento constante de ser uma estrangeira desajeitada. "Ai, que humilhação que é ser inglesa!", escreve ela. Com ele é a mesma coisa. Nos fins de semana, longe do sítio arqueológico, Bear anda por Madaba, assimilando os sons, os cheiros e o idioma árabe que corre a cidade com aquelas vogais guturais.

Depois de alguns dias sem se falarem — durante os quais Lily interrompe o que está fazendo para atualizar o e-mail a cada poucas horas, depois a cada poucos minutos —, Bear reaparece e diz que teve disenteria amébica. Manda uma foto com a legenda: "De volta ao trabalho, finalmente." Lily analisa a imagem. Bear está segurando uma espátula, com um ar quase travesso. O rosto está parcialmente encoberto pela sombra do chapéu, mas, pelo que ela pode ver, ele parece abatido, e a camiseta parece pender dos ombros dele como num cabide. "Chega",

pensa ela. “Vamos voltar para a Inglaterra e fazer coisas normais, seguras.” Mas o trabalho dela está indo bem, e Lily sabe que não poderia, em hipótese alguma, pedir que ele abandonasse seus sonhos.

***

Maia e Charlotte estão juntas não tem muito tempo. Uns quatro ou cinco meses, talvez, e ainda estão naquela fase esfuziante em que remanejam os planos só para conseguir mais uns momentos juntas e em que todo dia parece uma aventura, só porque estão na companhia uma da outra.

— Passa lá na obra amanhã — convida Charlotte numa sexta à noite, entrelaçando os dedos nos de Maia. — A gente está restaurando uma caixa-d’água antiga, lindíssima, e as vigas de aço começaram a ser instaladas para uma extensão curva de vidro enorme, de dois andares.

Maia sabe que ela não convidaria se houvesse chance de parecer falta de profissionalismo, mas, ao levar o dedo de Charlotte aos lábios, pergunta:

— Não vai ser esquisito?

— Esquisito? Claro que não. O cliente vai passar a semana inteira trabalhando em Amsterdã, então ele está só agradecido por eu topar mais uma visita no fim de semana. E essa foi marcada de última hora, porque os pedreiros dele pisaram na bola. — Ela se ajeita no sofá. — Mas o principal é o caminho. Três horas de estrada, ida e volta. A gente nunca andou junta de carro.

Maia gosta da ideia de fazer uma viagem com Charlotte. De dividir aquele tempo entre o ponto A e o ponto B. As ruas de Brighton perto de onde moram são movimentadas demais para alguém querer ter um carro, mas o escritório de arquitetura de Charlotte tem alguns veículos que os sócios dividem para visitas às obras.

— Vai ter lanchinho? — pergunta Maia.

— Dentro do carro? — Maia às vezes fala coisas, como agora, só para ver o cabelo preto e escorrido de Charlotte balançar ao redor do queixo dela, antes de cair de volta no lugar, junto com sua compostura.

— É — responde Maia. — Eu estava aqui pensando em como ia ser bom levar um pacotinho de edamame torrado. Aquele sal todo caindo nas frestas do couro em volta da alavanca de câmbio.

— Ai, pelo amor de Deus. — Charlotte ri. E então se inclina, os lábios encontrando os de Maia, o corpo se encostando no dela e fazendo o gato abandonar o lugar entre as duas.

Na manhã seguinte, já quase no fim da rua, já vislumbrando o mar reluzente, Maia se arrepende de não ter trazido um livro. Pede a Charlotte que encoste o carro, enquanto ela vai correndo buscar. Mais tarde, vai se perguntar se, caso tivesse se lembrado do livro de primeira — se não tivesse voltado para pegá-lo —, teria evitado cruzar com ele.

Sempre que está no meio de uma multidão, numa cidade, Maia procura por ele. Vê a nuca dele, o rosto de perfil, o jeito de andar... em todo homem de meia-idade em que ele poderia ter se transformado ao longo das décadas desde a última vez que o viu. Seu coração dispara, como se a vida — o mundo — estivesse sempre prestes a lançar uma granada em sua direção. Mas hoje ela não está procurando por ele. Maia está entregue ao ritmo descontraído da conversa leve com Charlotte, na sensação de que, quando os carros na estrada desaceleram até parar, o braço de Charlotte atravessando o banco do carona funciona como um segundo cinto de segurança. Um gesto tão instintivo quanto o de pisar no freio.

Elas ficam ali paradas. Cinco minutos, depois dez, até que enfim um caminhão na pista ao lado dá a partida e avança.

— Odeio essa sensação — comenta Charlotte — de parecer que a gente está indo para trás de repente.

— Me lembro de ler sobre isso uma vez. É uma ilusão de ótica. O cérebro usa tudo em volta como pontos de referência espacial. Então nossa faixa ainda não andou, mas por um instante o cérebro...

Enquanto diz isso, Maia olha para o carro ao lado. E, mesmo sem parar de falar, ela fica pensando: "Será? Não pode ser." Já se acostumou a estar enganada. Mas, como se sentisse que estava sendo observado, ele vira o rosto. E, por um instante, seus olhares se cruzam. Eles se encaram. Inexplicavelmente. Como se houvesse uma falha no vidro que os separa.

A vontade de Maia é de desviar a cara, se abaixar. Mas também quer continuar olhando.

— Tranca as portas — ordena ela para Charlotte.

— O quê?

— As portas! Tranca! — berra ela, em pânico, levando a mão até o botão ao lado dela, para verificar se está abaixado.

Ele se virou de corpo inteiro agora. Está olhando diretamente para ela, se ajeitando no banco como se estivesse prestes a sair do carro. Maia se assusta com o estalo do mecanismo e o som da voz de Charlotte:

— Já estavam trancadas. Por que a gente... — Mas ela se interrompe. — Olha, acho que vai andar.

E o carro delas avança, fazendo o carro com o pai de Maia parecer ir para trás. A cara dele, a expressão no rosto, mudando ao perceber que está ficando para trás. Um segundo depois, ele e o carro desaparecem.

Enquanto a faixa delas vai ganhando velocidade, Maia pisa num acelerador imaginário, querendo ir mais depressa.

— Pelo amor de Deus, você pode só...

— O que você quer que eu faça? Que eu passe por cima do carro da frente? — Charlotte parece estar achando mais graça do que qualquer outra coisa, como se estivesse lidando com uma criança. — Toma. — Ela se inclina e abre o porta-luvas. — Eu sei que você estava só me provocando, mas olha como eu te amo: trouxe lanchinho.

Maia ignora o pacote de edamame e se vira para observar o trânsito. Não vê o carro prateado — pelo menos acha que era prateado. Mas era mesmo? Sua memória se inunda com possibilidades. Talvez fosse azul. Ou preto... Poderia ser de qualquer cor. Poderia ser de todas as cores. A estrada agora se enche de perigos, todo carro uma ameaça potencial. Ela escorrega no banco do carona, se espremendo no encosto como se pudesse se mesclar ao couro, à espera do momento de impacto, esperando que ele venha atrás delas. O carro ganha velocidade, ultrapassando seu próprio batimento cardíaco. Cinquenta quilômetros por hora. Sessenta. O sangue martelando no peito, a ponto de fazê-la querer vomitar o medo e o pânico no painel.

Charlotte pousa a mão no joelho dela.

— Está tudo bem?

E Maia a afasta. Por instinto. A lataria do carro agora parece invisível, porque, se ele as alcançar, se emparelhar com elas, ele vai ver. Vai saber. E vai sentir nojo dela.

Maia passa a visita inteira sentada no carro, emburrada feito uma adolescente — o livro fechado —, revivendo aqueles poucos segundos de

novo e de novo. Ela tenta visualizar o rosto do pai, com medo de estar distorcendo a imagem a cada reprise da cena. Tinha nove anos quando o viu pela última vez. Agora ele está mais grisalho — mais velho —, os traços marcados por rugas mais fundas. Mas raiva, vergonha, remorso...? Impossível dizer. E será que ele a reconheceu mesmo, ou será que ela mudou tanto que já não é mais reconhecível? Mas ele com certeza seria capaz de reconhecer a própria filha, não seria?

A expressão dele muda cada vez que ela tenta se lembrar. Às vezes ele está com uma cara boa, às vezes está sério, quase malévolo. Mas a expressão dele não importa. O mais importante é para onde ele estava indo. E quem poderia estar esperando por ele no destino.

Charlotte e o cliente voltam para o campo de visão. Só depois, no caminho de volta para casa — com o dia já arruinado —, é que Maia vai contar tudo para ela.

JULIAN

TODO DIA DE MANHÃ, JULIAN ATRAVESSA O CORREDOR ATÉ SEU ESTÚDIO, NA ANTIGA FÁBRICA de Chocolate; ele olha de relance pelas pequenas janelas internas, assimilando fragmentos de cada sala. Algumas são um caos de ferramentas e bagunça, e o artista lá dentro parece quase soterrado, como se prestes a ser consumido pelo próprio trabalho. Outras são mais organizadas, e é possível discernir o fluxo de trabalho: mesa de corte, máquinas industriais, rolos de tecido, moldes de roupa pendurados em ganchos gigantes de açougueiro.

A antiga fábrica ressoa com o barulho das batidas e das perfurações, com o zumbido das máquinas, mas Julian capta uma quietude em meio ao barulho, e depois de algumas semanas ele entende que é pela quase ausência de vozes. Como ele, todos os outros estão concentrados no trabalho que têm nas mãos. Há uma etiqueta silenciosa: música só nos fones de ouvido; oferecer um chá só se a porta da sala estiver aberta; nada de ficar olhando os outros enquanto trabalham. Julian mantém a porta fechada, mas se imagina parte de uma colmeia.

Arrumar uma sala ali não tinha sido ideia dele, e sim de Sílbhe e Cian.

— Por que você não vai dar uma olhada nas garagens que transformaram lá na cidade? — perguntou a avó, colocando um jornal na frente dele.

Ele fez que não com a cabeça e empurrou o jornal de volta pela mesa, sem nem olhar.

— Eu estou bem lá no estúdio de Cian, valeu.

Mas algumas semanas depois, indo para a cidade entregar pessoalmente encomendas nas joalherias que revendiam suas peças, Cian disse:

— Sabe, Jules, não vou ficar ofendido se você resolver expandir o seu negócio, ficar mais perto de gente da sua idade. A gente continua se

vendo à noite, lá em casa. — Julian não respondeu, e Cian acrescentou: — É só uma ideia.

Mesmo que Sílbhe já tivesse plantado a sementinha, as palavras de Cian foram inesperadas, e Julian sentiu um vazio no peito, como se o ar estivesse escapando devagar de uma bolsa de água quente.

— Tá bom, talvez eu dê uma olhada nessas salas, então — respondeu ele.

Ele sabia que sua vida tinha ficado mais isolada desde que havia terminado a escola, três anos antes, mas não sentia que estava perdendo qualquer coisa. A amizade com Connor e Liam nunca girou em torno de interesses em comum. Na verdade, eles ficaram próximos pelas coisas que não faziam. Não puxavam as alças do sutiã das meninas nem jogavam coisas nas costas da professora quando ela se virava para escrever no quadro e, no último ano da escola, não tinham mais que participar das olimpíadas gaélicas, porque os três desertaram suas equipes. Connor e Liam porque odiavam o frio, a lama e o jeito como os professores gritavam com eles, mesmo quando eram arremessados no ar por um sujeito forte, com o dobro do tamanho deles. Para Julian, era mais complicado. Ele era forte o bastante, e gostava da sensação do corpo elástico e alerta enquanto corria atrás da bola, mas percebeu que não dava conta das entradas violentas, desacelerando ou desviando quando devia se jogar contra o ombro do outro jogador. E o professor de educação física gritava da lateral do campo:

— Que que é isso? Se toca e para de frescura, ninguém vai te machucar!

Quando Connor e Liam reclamaram no vestiário, Julian resmungou junto. Porque parecia menos vergonhoso do que admitir a verdade: que ele tinha medo de machucar outra pessoa. Quando terminou o ensino médio, eles mantiveram contato pelo Facebook, mas Julian achou que nunca mais iam se ver pessoalmente e, depois de um tempo, deletou o perfil. Ele mantém contas comerciais em umas poucas redes sociais, mas não se dedica muito a elas. Já tem trabalho suficiente com os contatos de Cian e o boca a boca. Cian vive dizendo que ele deveria mirar mais alto, procurar revendedores em Londres. Mas a ideia de mandar suas peças para o outro lado do mar da Irlanda dá um aperto no peito. Ele não volta à Inglaterra desde que tinha cinco anos. A terra do pai; a terra que não foi capaz de manter ninguém de sua família em segurança.

— A sua avó fica muito preocupada. Quer garantir que, se a gente... sabe como é, né... enfim, que você vai ter gente por perto.

Os dois sorriram com aquilo; é uma piada recorrente que a avó de Julian vai viver para sempre. Aos setenta e quatro, ela nunca esteve tão bem de saúde. Acorda todo dia às cinco e meia da manhã, sai da cama quentinha que divide com Cian, veste uma legging frouxa nas pernas finas e corre dez quilômetros pelos campos nos arredores de casa, voltando a tempo de preparar o café da manhã antes de os outros sequer se mexerem na cama.

Um dia, fazendo a contabilidade na mesa da cozinha, Julian ouviu uma entrevista no rádio em que alguém comparava o ato de correr com um desejo de fugir de alguma coisa.

— Que bobeira — zombou ela. — Eu estou correndo *pela* minha vida. Por vocês três. E não para fugir de nada.

Julian sorriu, sem saber o que dizer.

Sílbhe continuou:

— Quando a gente começa, eles falam para você se concentrar numa coisa lá na frente, tipo uma torre telegráfica ou um portão, e correr até lá. Aí, quando você chega, escolhe outro objetivo e corre até ele. Eu costumava imaginar o seu próximo aniversário, ou o dia em que um de vocês ia trazer alguém para casa pela primeira vez. E corria pensando nisso.

— Ai, me diz que a senhora já desistiu disso! — Julian praticamente já não acreditava que alguma garota iria se interessar por ele.

Sílbhe também riu.

— Qualquer hora dessas vai acontecer. Mas, como eu estava dizendo, tem dias que é só mais do mesmo. Aí tem outros em que eu olho em volta e sinto uma... uma euforia, sabe? Tipo, olha esse céu maravilhoso, e essas árvores, e essa grama. Se isso não for a coisa mais maravilhosa da vida, então não sei o que é. Eu penso na sua mãe também. Em como ela era quando pequena. E no que viveu depois.

Aí ela se ocupou de virar o pão na grelha.

As próprias lembranças que Julian tem da mãe são meio vagas. De alguma forma, ele lembra mais *dele mesmo*, como se o medo tivesse marcado aquela presença nele mais profundamente. As memórias da mãe parecem menos confiáveis, como se talvez ele as tivesse construído com base nas histórias que Maia contou. Mas, quando o rádio toca “Lucy

in the Sky with Diamonds", ele tem certeza de que se lembra da mãe trocando o nome da música por alguma variação do nome dele. Talvez fosse Juley. Ele tem uma imagem dela pegando partículas de poeira que brilhavam na frente de uma porta de vidro, e então se ajoelhando atrás dele e dizendo que fizesse um pedido. Em outra lembrança, ele está sentado no joelho dela, sobre uma toalha de piquenique, e quase consegue sentir o algodão quente da blusa dela. Ele se lembra de uma cozinha — piso de linóleo azul, portas de armário bege —, dela o protegendo atrás da saia, a textura macia do tecido, o som de gritos, até que Maia o pegou pela mão e levou embora. Ele não sabe se foi naquele dia que tudo aconteceu.

Ele sabe que a mãe era linda. Está mais do que evidente pelos porta-retratos espalhados pela casa. Mas, de alguma forma, isso só a torna ainda mais intangível, como uma atriz de Hollywood que morreu tragicamente cedo. Julian tenta imaginar rugas na pele lisa dela, fios grisalhos no cabelo, pensando que, se conseguisse visualizar a pessoa que ela seria hoje, talvez ela parecesse mais real. Mas não adianta. E acha que deve ser ainda mais difícil para Maia, que sabe exatamente o que perdeu.

Tem uma garota nos estúdios. Foi o primeiro trabalho ali que chamou a atenção dele. Uns painéis enormes pendurados na parede, que lembram as colchas de retalhos que as amigas da avó fazem, mas, em vez de tecido, os pedaços entrelaçados são feitos de metros dobráveis antigos e daquelas réguas velhas de madeira do tempo em que ele ainda estava na escola. A geometria das formas, a maneira como se interligam, os centímetros e as polegadas desencarnados marcando a superfície, tudo aquilo dá vontade de parar e ficar olhando mais um pouco. Mas, sempre que passa ali, vê uma figura loira e pequena curvada sobre a bancada, e só se permite diminuir o passo por um instante a caminho do próprio estúdio. Depois de algumas semanas, ela começa a levantar os olhos quando ouve os passos dele.

— Oi — diz ela.

— Tudo certo? — responde ele, meio desajeitado, as palavras se espalhando pelos cantos escuros do corredor enquanto ele segue em seu caminho.

Mais tarde, essa frase vai ecoar na cabeça dele enquanto lixa uma beirada até ficar lisa ou martela um disco de prata para reproduzir a

cavidade perfeita de um bloco de matriz. O barulho dos instrumentos não abafa as palavras; pelo contrário, as amplifica, repetindo-as sem parar até que percam o sentido e soem ainda mais ridículas do que no momento em que saíram da sua boca. Ele começa a temer essas breves interações diárias.

Mas então, um dia, quando está com os braços cheios de pacotes recém-retirados na recepção, ela aparece na sua porta.

— Julian?

Ele deposita os pacotes na bancada. Fica surpreso por ela saber seu nome. Ela parece notar e comenta:

— Reconheci suas caixas — diz, fazendo um gesto com a cabeça em direção à prateleira onde elas estão empilhadas, todas com o seu nome em relevo. — Tenho uma peça sua...

Ele olha para o pescoço dela, depois para a mão.

Ela ri.

— Não estou usando. Não queria pagar de tiete... Ia ser tipo tocar uma música do Ronan Keating para ele ouvir. Não que eu goste de Boyzone...

Ele não diz nada, então ela continua:

— Mas eu uso direto. Quer dizer, usava, até você aparecer aqui. É um colar... um aro de ouro com uma barra de prata atravessada.

Ele reconhece a peça.

— Ah, *Equilíbrio*. É o nome da peça. Tecnicamente falando — explica, e se sente pretensioso por ter citado o nome, como se levasse o próprio trabalho a sério demais. — Mas você só saberia disso se tivesse comprado pelo site.

Ele está claramente divagando, e os dois sabem disso.

— Comprei na Pears — diz ela. A joalheria de Dublin foi uma das primeiras a revender o trabalho dele.

Julian faz que sim, optando por não prolongar a conversa, já que provavelmente só vai fazer com que pareça ainda mais desajeitado.

— Então, Julian, o joalheiro... — E ele repara na covinha que aparece no rosto dela quando diz isso e se vê esperando que ela surja de novo, fixado na maciez daquela bochecha. — Tem uma galera que vai dar um pulo no bar aqui perto, depois do trabalho. Eu... A gente achou que talvez você quisesse ir também.

— Ah. É. — Ele repassa mentalmente os motivos pelos quais não pode ir. Teria de avisar a Sílbhe que vai chegar atrasado para o jantar. E hoje

vai sair um episódio novo da série que ele está acompanhando. Mas os motivos soam fracos até para ele mesmo, então acaba dizendo: — Parece ótimo.

Ela sorri, e a covinha reaparece.

— Passo aqui para te chamar. Você consegue parar lá pelas cinco? — E, ao se virar para ir embora, acrescenta: — Aliás, o meu nome é Orla.

Só quatro pessoas vão ao bar — um grupo pequeno o bastante para manter uma conversa só, sem se dividir em rodinhas. Isso já alivia Julian, mas logo percebe que não é o tipo de papo para o qual precisa fingir interesse, como acontecia com Connor e Liam: esportes, carros, carros esportivos. A conversa, na verdade, soa familiar, como se um reflexo dos pensamentos dele tivesse criado asas e saído por aí. Frap conta sobre um problema que está tendo com um globo que está desenvolvendo — um modelo que pode girar em qualquer direção, num eixo duplo, permitindo que até os polos Norte e Sul sejam estudados. Equilibrar a esfera de gesso de modo que sempre retorne à posição vertical está sendo mais difícil do que ele pensava, e eles discutem o peso e o que pode estar desestabilizando. Depois a conversa muda de rumo, e Orla começa a falar de um filme ambientado no Marrocos, onde o piso ladrilhado de uma mesquita fez com que o trabalho dela tomasse um rumo totalmente novo. Ela mostra uma foto no celular, e eles debatem como ela poderia reproduzir o centro, onde as pontas de uma estrela de dezesseis lados se encontram. Na mesquita, há rejunte entre as peças, o que permite alguma imperfeição, mas Orla quer que suas lascas de madeira se encaixem perfeitamente, o que exige que cada peça tenha um ângulo interno exato de 22,5 graus. Existe um entendimento entre quem trabalha com as mãos. Eles são de áreas diferentes, mas todos ali são capazes de visualizar os possíveis desafios e aplicar o conhecimento da própria área no trabalho da outra pessoa.

Poucas semanas antes, Julian tinha descoberto um artista de Ann Arbor, no Michigan, que faz esculturas tridimensionais em papel. Havia algo na geometria do trabalho dele que o fez se lembrar das peças de Orla, e agora ele mostra para ela. Ela dá zoom na tela, para ver melhor.

— Uau! — exclama. — É incrível.

Eles analisam as obras e discutem se ele usa corte a laser para fazer aquelas formas.

Julian percebe que, sempre que Orla se anima ou quer reforçar um argumento, ela toca o braço ou o joelho dele. Parece um gesto inconsciente, e ele se pergunta se ela faz isso com todo mundo. Frap e Seamus estão do outro lado da mesa, longe demais para receber esse tipo de toque casual, então não dá para ter certeza.

Mais tarde, depois de assistir ao episódio que Cian teve a ideia de gravar para ele, Julian sobe até o quarto de Maia, no sótão, e pergunta para ela:

— E por que você acha que eu vou saber? Porque sou mulher? — Ela ri, mas não é um riso descontraído. — Vai ver, se eu tivesse encostado mais no braço de homens por aí, não seria uma solteirona de trinta anos que ainda mora com a avó.

Eles ficam um tempo em silêncio, e Maia parece à beira das lágrimas. Julian não sabe bem por que achou que ela saberia responder. Mas a reação dela o deixa desconcertado. Até então, nunca tinha parado para pensar se ela era feliz com a vida que levava.

Está prestes a dizer alguma coisa, mas, quando abre a boca, Maia o interrompe.

— E essa garota, hein? Como ela é? Além do fato de que é cheia de intimidades?

Ele quer dizer que Orla é ousada. Que parece enxergar quanto ele está preso dentro da própria falta de traquejo e que não interpreta isso como antipatia. Que tem algo nela — uma curiosidade, talvez —, como se ele fosse uma das formas nas obras dela, que precisa entender como fazer para encaixar no lugar. E que, embora uma parte dele se sinta desconfortável com a atenção recebida, outra parte anseia por isso. Mas ele não diz nada disso para Maia. Em vez disso, oferece só um:

— Ah, ela é legal, sabe?

Julian começa a deixar a porta do ateliê aberta com mais frequência e descobre que gosta das interrupções, de largar as ferramentas por um instante para ir até a cantina tomar um chá. O espaço é aberto ao público, mas sempre tem alguém dos estúdios por lá também, e a combinação de pessoas muda a cada visita. E ele percebe que se sente à vontade com qualquer uma delas. É surpreendente mas também muito... normal. Se Orla está por perto, ele se sente atraído por ela e por isso tenta equilibrar a própria atenção, obrigando-se a olhar para Frap ou Gráinne. Observa

Orla de relance, esperando a covinha aparecer. Ele agora sabe que ela é cheia de toques com todo mundo, não só com ele, nem só com homens. É um alívio. E uma decepção.

Um dia no começo de agosto, chove forte desde o raiar do dia, a água batendo com força nas janelas da Antiga Fábrica de Chocolate. Lá pela hora do almoço, Julian ouve os sons de gente trancando os estúdios mais cedo. Seamus enfia a cabeça pela porta antes de ir embora.

— Vê se não demora, viu? — avisa. — Os ralos estão começando a transbordar. A esquina da Lower Geraldine com a Mill já está debaixo da água.

Julian não está preocupado. Já choveu tanto nesse verão que todos estão acostumados a ver o fim da rua inundando, bem onde as duas vias se encontram ao pé da colina. Julian está concentrado numa nova peça — algo que lembra uma pequena antena parabólica martelada em ouro, com um diamante montado fora do centro, sobre uma base de prata polida, que passou a manhã toda refinando. Conforme a tarde avança, ele mal repara que quase não ouve carros lá fora, só a chuva batendo nas janelas. Tirando isso, há um silêncio quase sobrenatural. Segue trabalhando, parando só quando sente cãibras nas costas. Vai então até a janela e vê que a rua lá embaixo virou um rio. Quando estica o pescoço na direção da Dooley Street, um carro sem motorista é levado pelo cruzamento. Ele estava com o telefone no mudo e, quando o pega no bolso, encontra várias mensagens de Sílbhe avisando que o rio perto de casa transbordou e que a estrada vai ficar bloqueada até a água baixar.

Ele decide que pode muito bem passar a noite ali, contanto que tenha algo para comer. Desce até a cantina e encontra o prédio vazio. As luzes estão apagadas. Nunca tinha visto o lugar sem nenhum cliente.

Na bancada, há alguns bolos expostos sob tampas transparentes. Ele deixa algumas moedas do lado e serve uma fatia de bolo de cenoura num prato, então a leva até uma mesa e se senta no antigo banco de igreja diante dela. Na primeira mordida, percebe como estava faminto, e está de cabeça baixa, garfando o bolo esfarelado, quando ouve um barulho. Ao levantar o rosto, vê Orla. A calça jeans dela está encharcada, num azul muito mais escuro da coxa para baixo, e seus Converse rangem molhados no cimento do chão.

— Minha nossa senhora, está um dilúvio lá fora! — exclama ela.

— Nem me diga — responde Julian, sorrindo.

— Um idiota passou do meu lado com um quatro por quatro e jogou uma onda gigante por baixo do meu carro, que morreu na hora. Tive que voltar.

Julian pousa o garfo no prato.

— Quer ajuda para tirar o carro do meio da rua?

— Não, vou só torcer para ainda estar lá amanhã.

— E como você conseguiu entrar sem alagar tudo?

— Pela porta dos fundos. Tem uma escadinha de cinco degraus — explica. — Mas a água já chegou no quarto.

Orla se senta no banco da mesa ao lado e começa a desamarrar os tênis. Julian percebe que no mínimo ela vai tirar a calça também.

— Eu fecho os olhos, juro — diz ele, rindo de leve.

— Você tem uma irmã. São só pernas.

Mas o que as pernas de Maia têm de macias, com uma ou outra covinha, as de Orla têm de firmes e lisas. Ele se pega olhando para elas de esguelha, entre uma garfada e outra do bolo de cenoura, que já não está mais com a menor vontade de comer, mas segue mastigando só para se distrair do fato de que ela está tirando a roupa.

— Quer que eu pegue um avental para você? — pergunta ele, apontando para a cozinha.

Ela para e pensa.

— Tipo aqueles de hospital, que de frente são comportadinhos, mas é só virar de costas que... Não, obrigada!

Julian ri.

De volta ao estúdio, ele pendura a calça jeans e as meias dela no aquecedor e sacode o cobertor cinza áspero que costuma deixar enrolado atrás da mesa para abafar o som das marteladas. Entrega o cobertor a Orla, que está sentada com as costas apoiadas no velho aquecedor vitoriano, com aquelas pernas — aquelas pernas perfeitas — dobradas à frente do corpo, joelhos para cima.

Ele fica de pé ao lado da bancada de trabalho, e ela pergunta:

— Você faz uma peça para mim? Será que dá? Assim, em poucas horas?

— O que você quer que eu faça para você, Orla?

— Você escolhe. Mas me conta o que estiver fazendo. Etapa por etapa. Quero saber como foi feito.

Ele vai até as prateleiras rasas onde guarda os metais, depois se vira, avaliando o tom da pele dela, embora já saiba qual é.

— Vou usar principalmente prata — declara, pegando uma chapa pequena. — Vai combinar melhor com o seu tom.

— E que tom você acha que eu tenho?

— Frio — responde ele, e manda que ela olhe as veias na parte interna dos braços. — Quem tem a pele quente tem as veias mais esverdeadas, mas as suas devem ser um azul meio arroxeado.

Orla avalia a parte interna dos pulsos e faz que sim, mas não o encara. Julian sente como se tivesse acabado de passar o dedo na pele dela, mesmo estando do outro lado da sala. E se pergunta se ela também sente isso.

Enquanto trabalha, ele vai falando. Explica cada etapa, do jeito que ela pediu.

— A pontinha azul é a parte mais quente da chama — diz, ajustando o maçarico —, mas a gente só quer aquecer o metal com cuidado, então eu uso uma chama mais larga, amarela.

— Tipo um rabo de raposa — diz ela, e ele faz que sim.

Ele tenta manter um tom natural, cotidiano, mas não consegue evitar a sensação de que suas explicações são uma estranha forma de sedução. Como se houvesse algo íntimo no fato de Orla ter pedido que ele compartilhasse isso com ela. Orla presta atenção, faz uma pergunta aqui, outra ali, mas em geral só ouve. Até que, em determinado momento, Orla, o cobertor e as pernas sob ele saem de perto do aquecedor e vêm se acomodar ao lado dele, na cadeira giratória de madeira que ele tinha trazido do estúdio de Cian quando se mudou para ali.

— Recozer amolece o metal — explica ele, agora com a voz mais baixa, porque ela está mais perto, inclinada sobre o trabalho. — Está vendo o arco-íris que se forma?

Ele mergulha o metal ainda quente na água fria, depois na salmoura, para realçar o brilho, então lixa as bordas. São gestos repetitivos, tranquilizadores, previsíveis. Amolecer, dobrar, esculpir, martelar, lixar, esfregar, esfriar até endurecer de novo. Repetir.

Quando termina de polir a peça até ela brilhar, de alisar as beiradas e de botar as fianças no verso, para fixar a corrente, já está escuro lá fora. Julian entrega o colar acabado para ela, mas, em vez de pegar a peça, Orla afasta o cabelo para o lado. Ele se posiciona atrás dela e abaixa a

corrente na frente do seu rosto, até o pescoço. Vê os pelos finos continuando abaixo da linha do cabelo, o osso saliente da nuca ressaltado pela inclinação da cabeça.

Julian tenta fechar o colar sem tocar na pele dela, mas os dedos se atrapalham e ele quase deixa escapar uma das pontas da corrente. Ouve a própria respiração enquanto foca em encaixar o fecho na argolinha.

— Pronto — diz, quando finalmente consegue, e a palavra sai como um suspiro de alívio.

Orla gira lentamente na cadeira até ficar de frente para ele, um pé no assoalho de madeira, uma perna à mostra sob o cobertor. Ela tateia a frente do colar, passa pela curva martelada e deixa que ele caia suavemente de volta no lugar, logo abaixo da base do pescoço, exatamente onde ele o havia imaginado.

— Obrigada. É lindo — diz ela, e a covinha aparece.

Julian não sabe muito bem para onde a noite deveria ir, considerando que ela já está sem a calça e que ele acabou de fazer uma joia para ela. Mas sente que há uma expectativa. Dela. Dele próprio. Da situação.

Ele pede licença, sai pelo corredor e vai até o banheiro. Apoia as mãos uma de cada lado da pia e encara o próprio reflexo no espelho. Ele sabe que não é feio. Mas, de alguma forma, não tem a confiança que acha que deveria acompanhar aquele rosto. É como se pertencesse a outra pessoa, e tem certeza de que outro homem o usaria melhor. Exibindo força na mandíbula, em vez da sua fraqueza. Mantendo contato visual, em vez de desviar o rosto. Ele lava as mãos, mais para fazer alguma coisa do que por necessidade. Sente a água morna na pele, a espuma escorregando entre as palmas. É mais fácil se concentrar nisso do que na garota semivestida sentada no estúdio dele, esperando que volte.

Quando enfim fecha a torneira e se olha de novo, Julian sente os pensamentos mais claros. Gosta de trabalhar ali. Gosta dessa naturalidade nova que encontrou naquela comunidade de artistas. Gosta de Orla. Mas, para preservar tudo isso, vai ter de interromper o que quer que esteja surgindo entre eles. Há coisas sobre ele — sobre sua família — que são difíceis demais para revelar.

Quando entra de novo no estúdio, Orla está de costas. O cobertor foi deixado na cadeira giratória, e ela está de pé, diante da janela. Ele ergue os olhos e vê o reflexo dela observando-o no escuro das vidraças.

Ele vai até o aquecedor, bem ao lado dela, e pega a calça jeans. A calça está dura, então ele a sacode para arejar o tecido e retomar a maciez, e entrega a peça para ela.

— Acho que já secou. Você já pode se vestir.

Ele percebe a surpresa dela e sente um aperto lá dentro ao perceber que a magoou. Os dois desviam o olhar, mas não antes de Julian ver o rosto dela se tingir de vermelho, rápido, como se tivesse levado um tapa. Ele sente o constrangimento no jeito como ela desliza os pés pelas pernas de papelão da calça jeans. Ouve no zíper fechado de forma seca. Na saída rápida, descalça, sem dizer nada. No ruído do serrote, mais tarde, no fim do corredor, cortando madeira. E no longo bocejo da noite. E ele se sente mal. Muito mal. Sentado à mesa, imóvel, exceto pela ponta dos dedos, que empurram as lascas de prata e ouro a esmo na bancada. Mas continua certo de que provavelmente vai ser melhor assim.

Quando amanhece, Sílbhe está à janela. Os campos além do jardim parecem viçosos, mas, pela poça rasa que se formou sobre as pedras, ela sabe que estão encharcados e que provavelmente torceria o tornozelo ou coisa pior se saísse para correr. Ela deixa a cortina cair e volta para a cama. Cian estica o braço.

— Gosto quando você fica em casa comigo — diz ele, e ela se deixa puxar para o calor do corpo dele, sabendo que Julian não está no quarto ao lado para ouvir e que Maia está no sótão, que eles transformaram em quarto no ano passado. Sílbhe não quer que os netos saiam de casa, ainda assim, é grata por esses momentos fugazes em que ela e Cian se encontram sozinhos. Já se passaram seis anos, mas o romance dos dois ainda parece novo.

Mais tarde, Cian calça os chinelos e vai até a cozinha. Então com um bule de chá, um prato de torradas com mel. Sílbhe se recosta no peito dele enquanto comem, e os dois riem da decadência tranquila de encher o edredom de migalhas e do luxo de terem encontrado um lar um no outro.

Lá em cima, no sótão, Maia está sentada na cama com o laptop sobre os joelhos. Faltam sete anos para ela chegar à idade que a mãe tinha quando morreu. E foi só recentemente, depois de algo que Jules disse, que ela sentiu uma urgência de preencher a própria vida com coisas que a mãe

não pôde viver. Não se trata de viajar o mundo nem de fazer bungee jumping de um avião, mas coisas pequenas e cotidianas que a mãe nunca chegou a experimentar. Maia é uma das funcionárias preferidas no Doyle's, mas ultimamente tem sentido a vida escapando pelas bordas, percebendo que já viu crianças de doze, treze anos crescerem e se tornarem mães, entrando pela porta com um carrinho de bebê e as próprias mães, agora avós, do lado. E, enquanto a vida delas mudou, evoluiu, trocou papéis entre as gerações, a de Maia permaneceu a mesma.

No começo da primavera, ela passou a descer do ônibus alguns pontos antes. Pisava no asfalto cinza e ficava ali, observando o veículo se afastar até virar um pontinho na paisagem, antes de começar a andar. Ansiava por colocar um pé na frente do outro e pelo espaço para pensar que esse hábito oferecia. Ela se viu reparando na dança de acasalamento do melro, nas flores amarelas e brilhantes forrando os barrancos inclinados perto da ponte, nos campos salpicados de minúsculas flores selvagens dos dois lados da estrada; coisas que a avó sempre apontava, mas que, de alguma forma, Maia nunca tinha de fato enxergado. Ainda assim, os nomes lhe vieram à mente. Prímula. Amor-perfeito. Estrela-de-belém. Ela se abaixou, se desequilibrando um pouco por causa do peso da bolsa, para observar de perto as pétalas branco-esverdeadas aninhadas na grama exuberante.

Naquela noite, revirando um armário à procura de cotonetes, deu de cara com o frasquinho de Florais de Bach Rescue que costumava carregar no blazer da escola. Abriu a tampa e inspirou o cheiro denso do álcool conservante. A avó que havia lhe dado, logo depois de chegarem da Inglaterra. "Só quatro gotinhas, sempre que você estiver meio insegura, e acalma os nervos", tinha dito. E, de alguma forma, sempre que estava longe de Sílbhe, a leve ardência daquelas gotinhas na língua transmitia o mesmo consolo de um medalhão de são Cristóvão. No banheiro, ela virou o frasco para ler a pequena lista de ingredientes: cisto, clematite, impatiens, abrunheiro-de-jardim, estrela-de-belém. *Estrela-de-belém*. O nome trouxe consigo aquela sensação estranha que aparece quando algo em que você quase nunca pensa aparece, e então aparece de novo, logo em seguida. Como se o universo estivesse chamando sua atenção, avisando que aquilo tem um significado.

Ela pesquisou na internet, seguindo links como migalhas de pão numa floresta. Dos Florais de Bach à homeopatia; das manchetes, alegando efeito placebo, aos artigos que explicavam a teoria; dos profissionais locais aos cursos de formação com quatro anos de duração...

No dia seguinte, quando o ônibus a deixou na beira da estrada, Maia foi até um trecho de grama salpicado de estrelas-de-belém. Ela se abaixou, passou a palma das mãos pelas pétalas, esperando por um sinal. Do universo. Da mãe. Mas não veio nada, só uma insegurança. Ela se levantou e mirou a paisagem. Imensa em sua vastidão; pequena em sua familiaridade. Ela não queria uma vida grandiosa... mas se perguntou se, dentro dos limites do que lhe parecia seguro — a avó, aquela paisagem, a Irlanda —, será que não dava para entreabrir uma porta para algo novo?

Agora, lá em cima, no sótão, ela abre o e-mail e vê a pilha de mensagens não lidas na tela. A maioria é de promoções para as quais nunca se inscreveu, outras são notificações do Facebook, mas lá no meio ela encontra o que estava esperando. Aquela que disseram que chegaria por volta do dia dez. Ela paira o cursor sobre o título e então clica.

> Prezada Maia,
>
> Temos o prazer de confirmar que sua candidatura tardia foi aprovada e que você vai integrar a turma de primeiro ano da Escola Irlandesa de Homeopatia, iniciando o curso para se tornar uma homeopata qualificada...

Depois de ler o e-mail e rolar pelas páginas dos anexos, Maia deixa o laptop de lado, sai da cama e vai até a janela do sótão. Percorre a paisagem com o olhar, até os olhos se fixarem na linha trêmula onde o azul-acinzentado encontra o verde. E, mesmo com os campos inundados, ela sente que, pela primeira vez, está pronta para seguir adiante.

GORDON

GORDON SABE QUE O PAI E O AVÔ BUSCARAM SATISFAÇÃO NOS OSSOS E NAS CARTILAGENS DO corpo humano, mas ele é testemunha do que acontece quando não se consegue ultrapassar, ou mesmo se equiparar, ao chefe da família, então deixa a medicina para Maia e se esquiva de mansinho para a respeitabilidade dos números. Ele os introduz em todas as partes da vida, admirando sua lógica e sua ordem. Encontra conforto nas voltas de um cubo mágico. No quadriculado de um jogo de sudoku com o cronômetro marcado para dois minutos e meio. Na mistura de letras e números na gangorra da álgebra. Nos uns e nos zeros da linguagem binária da tecnologia. Na segurança do padrão de criptografia avançada de 256 bits. Na precisão da linguagem de computação:

```
var c = new System.Security.Cryptography.SHA256Managed();byte[] hash = c.Co
mputeHash(Encoding.UTF8.GetBytes(s));
```

Nas férias, quando volta para casa, deixa o computador aberto com linhas de código indecifráveis, na esperança de que o pai veja. Letras brancas, amarelas e azuis sobre fundo preto, numa fonte séria e monoespaçada. Essas são as ferramentas do seu ofício: seus bisturis, suas pinças, seus afastadores. Às vezes, rola o texto para cima e para baixo, e os números das linhas se mesclam num borrão, enquanto seu código limpo e preciso passa pela tela. O fato de entender algo que é impenetrável para os outros, de ter escrito cada linha, com seus colchetes e pontos e vírgulas, é que dá beleza à coisa. E o cérebro do computador prova isso, trabalhando a partir dos seus comandos, produzindo o resultado pretendido e dizendo: "É, faz sentido. Você é Deus."

Mas, quando ele conta para o avô que sua graduação lhe garantiu uma vaga num dos grandes bancos, programando algoritmos que tomam decisões de investimento num piscar de olhos, o avô faz cara de quem

sentiu um cheiro desagradável passando debaixo do nariz. Gordon sente uma pontada de irritação, a camisa de repente apertada demais nas costas. Ele chama o garçom e pede uma dose dupla e cara de uísque. Em geral, prefere gim, mas a bebida não tem o mesmo peso diante dos homens da família. Quando o garçom chega com o uísque, Gordon gira o copo e vira tudo em dois goles rápidos que ardem na garganta. O avô embola o guardanapo de pano e joga na mesa.

— Com você, é sempre pérolas aos porcos. Acho que terminamos por aqui — diz ele, fazendo um gesto para pedir a conta.

O pai de Gordon não diz nada, mas ergue as sobrancelhas num movimento quase imperceptível, na certa aliviado por, pelo menos dessa vez, não estar na linha de fogo. Enquanto os três esperam num silêncio pétreo, a imagem de um brinquedo de infância surge na cabeça de Gordon. Enquanto Maia havia ganhado um trio de bonecas russas tradicionais, todas com o mesmo sorriso bonito, o conjunto dele era pintado à mão com caras de monstros, cada um mais perturbador que o outro. Às vezes, antes de dormir, ele virava as bonecas para a parede. E agora, tantos anos depois, fica desconcertado ao sentir uma semelhança naquela mesa, algo sombrio e desagradável conectando o mais velho ao mais novo.

Gordon começa o dia cedo, com a abertura das bolsas. Ele observa os colegas em busca de sinais de como se comportar e logo percebe que não há um protocolo. Vale tudo. Ele pode ser a versão mais desagradável de si mesmo, que a pessoa do lado vai dizer ou fazer coisa pior. É uma fraternidade. E, mesmo tendo começado baixo na hierarquia, ele é atraído para os braços fortes dos almofadinhas que batem o ponto na hora em que o pregão fecha e vão para os bares de vinho, para regar as entranhas com champanhe. Seus dias são uma eterna farra de trabalho e bebida, e ele adora isso. É como enfiar a cara no meio dos peitos de uma mulher gostosa e ficar ali, deixando-se engolir por aquele calor, aquela maciez. Ele não imaginava que o setor bancário fosse assim, mas aparentemente é. É um mundo de excessos, selvagem, babilônico.

Terça-feira é dia de escaldar as xícaras de café com suco de limão, de aspirar as cortinas, de varrer o degrau da frente e de limpar os armários da cozinha, passando um cotonete nas frestas de todas as portas para tirar qualquer migalha que possa ter caído ali. É dia de lavar a roupa de

cama, de espanar as plantas e de fazer lasanha. É dia de olhar para o calendário sem nada anotado pendurado na parede da cozinha e percorrer com os olhos todas as terças-feiras idênticas que já passaram e todas as que ainda estão por vir. Como num daqueles espelhos que refletem a mesma coisa de novo e de novo, só que cada vez menor. Porque Cora está minguando a cada semana que passa, a cada semana que se interpõe entre ela e a vida que um dia teve como mãe, bailarina, estudante, filha de alguém, com o coração saindo pela boca ao aprender a andar de bicicleta ou ao sentir a felicidade de morder um biscoito de aveia quentinho recém-saído do forno, antes que a calda tivesse tempo de endurecer.

Cora sempre disse a si mesma que, assim que os filhos saíssem de casa, ela também sairia. Mas isso ainda parecia um risco, com Gordon precisando de uma base para ficar nas férias da faculdade. Talvez nunca mais o visse se estivesse a quilômetros de distância, numa cidade que ele nunca tivesse nem ouvido falar. Mas agora ele se foi de vez, e o quarto dele virou um altar a uma era que ela não sabe muito bem se pode chamar de feliz ou sequer digna de ser preservada. E quem é ela para dizer o que constitui uma infância feliz? Toda família tem seus altos e baixos.

Ela tem cinquenta e quatro anos e sente que o mundo inteiro está seguindo em frente sem ela. Ganhou uma vida, mas de algum modo não conseguiu vivê-la. Não trabalha fora de casa desde os vinte e três. Não tem amigos em quem confiar, mal tem relação com a própria mãe. A filha quase nunca pede para falar com ela quando liga e, se pede, é como um apêndice no fim da ligação. "Tenho que ir. Estou correndo. Não posso parar. Nossa, olha a hora!" Ela sabe que o contato vai se encerrar antes mesmo de Maia dizer essas palavras. E Cora não insiste, não faz drama. Apenas diz que ama a filha, que ela precisa se cuidar, se lembrar de se divertir. Porque está feliz por ela ter saído, por ter a própria vida em Londres. Ela não tem o direito de se sentir abandonada. Essa bagunça nunca foi responsabilidade de Maia. Mas, de algum jeito, tudo isso acabou fazendo do marido sua única constante na vida, a única pessoa capaz de fazê-la sentir que ainda existe.

Nem a televisão Cora tem como companhia agora — o controle remoto viaja de um lado para o outro dentro da pasta do marido. O telefone fixo do corredor foi substituído pelo celular dele, mas às vezes

Cora ainda pega o fone e ouve o nada. Desconectado, não oferece nem aquele eco de concha do mar, aquele ruído que sugere alguma possibilidade. É só um pedaço de plástico encostado à orelha. Um dia, ela lava um pote de iogurte e encosta na lateral da cabeça, deixando-se levar pela sensação de estranheza, de estar ouvindo outro mundo lá dentro. Lembra-se de quando fez um furo no fundo e ligou um pote ao outro com barbante. Ela e Maia ficavam sentadas, uma na cozinha, outra na sala, deixando as vibrações viajarem de uma para a outra.

Alguns dias, ela se deita de costas nas faixas de luz do sol que atravessam as portas de vidro da sala e se espalham pelo carpete da sala de estar, só para sentir o momento em que a luz muda ou escurece. Sua planta preferida é a maranta que Maia mandou no Dia das Mães. Não só por ter vindo da filha mas porque as folhas grandes se fecham como uma coluna vertical à noite e depois se abrem lentamente, como palmas estendidas, ao longo do dia. Ela adora os barulhinhos que faz quando as folhas se desenrolam e roçam na parede.

Mas há dias, como hoje, em que ela sente raiva dessas coisas, que não bastam e só realçam sua solidão. Nessas horas, ela tem vontade de agarrar as folhas com a mão e arrancá-las dos caules, jogar a planta do outro lado da sala, espalhar terra pelo chão impecável e esfregar a sujeira no carpete com os pés descalços.

Em vez disso, Cora pega uma panela com água quente e sabão, vai até a frente de casa, deixa a porta aberta e molha um pano para limpar a pintura branca dos pilares falsos do pórtico. A água esfria depressa, e suas mãos ficam rígidas de frio enquanto ela torce o pano cada vez que ele escurece com a sujeira.

— Desculpa, estou um pouco atrasado hoje — diz o carteiro, assustando Cora.

Ela se vira e vê o braço dele esticado, oferecendo a correspondência, a bolsa atravessada no peito como um estudante crescido. Cora o encara, e ele aproxima um pouco mais as cartas, como quem diz que não pode ficar ali o dia inteiro. Ela aceita em silêncio, surpresa por ele não saber que aquilo é proibido. Porque hoje em dia as cartas vão direto para a caixa que Gordon instalou do lado de fora, em cima do canteiro de plantas, e da qual só ele tem a chave.

— Obrigada — diz ela, por fim.

O carteiro vai embora, e ela fica observando-o ir de casa em casa.

Cora se senta no sofá, com a correspondência no colo. Ela sabe que Gordon está numa reunião com um representante farmacêutico até o meio-dia. Às vezes, ele solta esse tipo de detalhe só para pegá-la no flagra, aparecendo bem na hora em que disse que estaria ocupado. Mas hoje o celular dele tocou, e deu para ouvir a voz do homem do outro lado da linha quando os dois concordaram em atrasar a reunião em meia hora. E, assim, ela se senta com o peso das cartas. É improvável que haja algo ali que seja do interesse dela, mas Cora quer o que elas representam: possibilidade, uma conexão com o mundo exterior. Ela abaixa os olhos e examina cada envelope. Observa o carimbo do correio, as letrinhas miúdas do endereço do remetente no verso. Banco Lloyds, BX1 1LT. BX é o código postal de onde mesmo? Buxton, Brixton? Ela não se lembra de os bairros de Londres terem códigos postais tão específicos. Em seguida, um envelope de tamanho A4. Sente sua espessura, contorna com os dedos as bordas do que está dentro e conclui que é uma revista médica.

O terceiro envelope está endereçado a ela — Sra. Cora Atkin —, impresso em letras pretas elegantes. Que engraçado, pensa ela, que pessoas, empresas ainda escrevam para ela, acreditando que é uma mulher que recebe a própria correspondência, que vai abrir, ler o conteúdo e tomar alguma providência. Ela se levanta, sai e deposita os dois primeiros envelopes na caixa trancada. Depois volta com o terceiro, que parece quase vibrar em seu colo. Tem a sensação de que, se olhasse tempo suficiente, o texto lá dentro acabaria se revelando através do branco do envelope. Mas, como isso não acontece, ela vai até a cozinha, põe a chaleira no fogo e segura o envelope sobre o bico de onde sai o vapor, o calor fazendo seus dedos arderem. A cola não solta com a facilidade que ela esperava e exige a ajuda da lâmina de uma faca de manteiga. Mas, por fim, ela consegue. Cora olha para o relógio: onze e trinta e cinco. Com as consultas da manhã ainda em andamento, tem certeza de que Gordon não vai aparecer em casa antes da reunião, então ela puxa a folha dobrada de dentro do envelope.

Prezada Sra. Atkin,

Em relação ao espólio da Sra. Sílbhe Murphy, solicitamos a gentileza de confirmar o recebimento dos valores relativos à venda da propriedade da

falecida, bem como de quaisquer quantias remanescentes após a dedução de taxas e dívidas pendentes.

Atenciosamente,
David Causley, advogado

Cora lê as palavras. Uma, duas, três vezes. E então uma quarta. E uma quinta. Incapaz de compreender o que está vendo. Sua mãe. Uma propriedade. Falecida. Sente uma pulsação forte nos ouvidos. Não precisa mais de potes de iogurte, nem de barbantes, nem do roçar das folhas na parede. Ela consegue ouvir o próprio sangue pulsando, ouve a si mesma. E está tomada de fúria.

Vai até o hall, arranca um casaco do gancho e o veste, enfiando a carta no bolso. Está sem chave, mas bate a porta ao sair, sem ligar para o que Gordon vai achar ou como ela vai entrar de novo, caso mude de ideia.

Faz mais de vinte anos desde que as filhas delas faziam aula de natação juntas. Mas Cora não tem mais ninguém a quem recorrer. Ela é a única pessoa que, um dia, pousou a mão em seu braço e disse que estaria lá, caso Cora precisasse. Charles Street. Ela não lembra o número da casa, só que tinha uma porta azul e um vitral com o desenho de um farol. Ela sente como se voasse até lá, embora leve bons vinte minutos até virar a esquina da rua. Observa as casas, tentando identificar aquela que encaixa na sua memória. E então encontra o farol. Mas a porta agora está pintada de um amarelo-manteiga. Ela bate, e quem atende é uma mulher mais nova, de uns trinta anos, da idade de Maia.

— Fern? — pergunta Cora.

A mulher faz que não, e, atrás dela, uma criança grita:

— Mamãe, eu não alcanço.

Ela começa a fechar a porta.

— Espera. Mehri e Fern. Elas moravam aqui. Você sabe para onde foram?

— Ah, Mehri — diz a mulher, com um lampejo de reconhecimento no rosto. — Sim. Não lembro ao certo, só sei que ficaram por aqui pela região.

— Será que você não anotou o endereço novo delas?

A criança grita de novo, e a mulher responde:

— Desculpa, já tem cinco anos que a gente se mudou para cá. Eu mal sei que dia é hoje, imagina lembrar o endereço de alguém de tanto tempo atrás.

Cora olha com atenção para a mulher pela primeira vez. Ela tem aquele ar de cansaço que parece acometer algumas mães, como se os filhos ainda sugassem vitaminas e minerais do corpo delas muito tempo depois de terem largado o peito, deixando uma pele esbranquiçada, com aparência de arroz-doce, e bochechas que imploram por óleo de rosa-mosqueta.

— Desculpe o incômodo — diz Cora. E está sendo sincera, mas, ao se afastar, sente vontade de chorar, porque não tem ideia do que fazer agora.

Então começa a andar. Não sabe para onde está indo, só que precisa se manter em movimento, colocando um pé na frente do outro para não ser engolida pelos próprios pensamentos. O rosto da mãe surge em sua mente — as mãos, o perfil. Mas ela não pode se deixar levar por isso, e, toda vez que uma imagem de Sílbhe aparece, Cora pisca forte, espremendo as pálpebras como as engrenagens de um caminhão de lixo, comprimindo, esmagando, até ela desaparecer de novo. Em vez disso, pensa em Gordon. No que fazer agora. Está sem chave para entrar em casa. E percebe que deixou o envelope aberto no sofá. Se tivesse ficado com *todas* as cartas, poderia simplesmente dizer que o carteiro entregou diretamente a ela e que ela viu que uma das cartas tinha o seu nome. Ele não ia gostar, mas talvez deixasse passar. Porém, o fato de parte das cartas estar na caixa de correio trancada e uma ter sido aberta sugere que ela estava tentando enganá-lo.

— Droga — murmura Cora, andando por uma rua onde nunca esteve antes. — Droga, droga, droga.

É isso, e não o fato de ele ter escondido dela que a mãe dela morreu, que faz Cora sentir que não pode voltar para casa. Mas ela não tem para onde ir. Não sabe o telefone de Maia. Não tem dinheiro. Ir à polícia nem passa pela sua cabeça, depois da visita deles tantos anos antes. Não pode ir à biblioteca, onde Gordon costuma pegar livros emprestados e para onde, às vezes, os dois vão juntos, nas manhãs de sábado, para devolvê-los.

Então ela vai parar no único lugar que consegue imaginar onde não há nenhum elo com ele, onde espera que ninguém conheça Gordon, onde

talvez exista algum código de ética em torno da confidencialidade, onde talvez haja pessoas que se importem.

Na recepção da clínica veterinária, ela diz que seu cachorro não está bem, que os olhos dele estão rolando para trás na cabeça, e pergunta se pode falar com um veterinário por um instante.

— Mas a senhora tem cadastro com a gente?

— Acabei de me mudar para a região — mente ela, baixinho, embora não reconheça ninguém sentado nas cadeiras de plástico cinza da sala de espera. Examina os rostos, observa a porta, o estacionamento lá fora.

Entre um paciente e outro, o veterinário de cabelos cacheados a chama para conversar, apoiando o cotovelo no balcão da recepção, o pomo de adão se movendo ao engolir.

— Será que, hã... a gente pode... — E Cora faz um gesto com a cabeça em direção à sala de onde ele acabou de sair.

— Ah, claro, claro — diz ele, confuso. — Não vou demorar — acrescenta para a senhora sentada com uma caixa de transporte de gatos aos pés.

Eles param em lados opostos de uma mesa de metal com tampo de borracha, onde normalmente um bichinho de estimação estaria sendo persuadido a sair da caixa para ser examinado. O que ela precisa dizer soa dramático, como algo sensacionalista saído de um filme ou de um livro. Mas agora ela está ali, e não tem escolha.

— Eu preciso de ajuda — diz Cora, e sente o lábio inferior começar a tremer. Ele alcança uma caixa de lenços no parapeito da janela, acostumado a lidar com as emoções dos clientes. Ela aceita o lenço, mas não o usa. Se parar, não vai conseguir continuar. — Eu não tenho dinheiro, nem telefone, nem amigos. E o meu marido, ele... — a sensação é igual à de dirigir por uma ponte alta, sem estrada do outro lado para recebê-la — ... ele não é gentil. — Ela percebe que o veterinário não entendeu e tenta de novo. — Quer dizer... acho que ele me agride. Não fisicamente. Mas... ele abusa. De mim.

— Só um momento — diz o veterinário. Ele abre a porta uns poucos centímetros e diz para a recepcionista: — Você pode encaixar meus pacientes com Carolyn, por favor? Vou demorar um pouco.

Cora não sente o tempo passar, mas, quando olha para o relógio, ele marca as horas e os possíveis movimentos de Gordon a poucos quilômetros dali: ligando para casa depois da reunião com o

representante farmacêutico, o turno da tarde no consultório, um intervalo de quinze minutos às três da tarde. O veterinário sai por alguns minutos para fazer umas ligações e volta com notícias. Traz um cobertor para ela. Pede desculpas — é um dos que eles usam com os animais —, mas garante que está limpo. Cora não tinha percebido que estava com frio, mas, quando ele envolve seus ombros com o tecido, o peso e o calor parecem exatamente com o que ela vinha precisando.

— Todo mundo sente mais frio quando está em choque — explica ele.

Ela está em choque?, pergunta-se Cora. É, talvez esteja.

— Você gosta mais de gato ou de cachorro? — pergunta o veterinário, enquanto aguardam um retorno da organização que ele espera que possa ajudá-la. E então ela percebe que não sabe, que não tem ideia dos seus gostos e desgostos, ou de quem é a pessoa dentro do próprio corpo. Mal se sente uma pessoa.

— A minha mãe tinha um gato — diz, sentindo os olhos se encherem de lágrimas.

A recepcionista chama pelo interfone, e ele sai da sala para atender uma ligação. Quando volta, está segurando uma gatinha cinza.

— Essa é a Fumacinha — apresenta ele. — Está com a gente há alguns dias, mas já está pronta para voltar para casa, assim que a dona sair do trabalho, hoje à noite. — Ele coloca a gata no colo de Cora, e, quase por instinto, ela começa a ronronar. Cora abaixa a mão até o pelo macio e é como se estivesse passando os dedos em veludo.

Já são quase cinco da tarde quando uma mulher entra na sala, com o veterinário logo atrás. A princípio, Cora acha que é a dona de Fumacinha, que veio buscar a gata, mas então ela se apresenta:

— Oi, Cora, o meu nome é Della. Eu trabalho no Abrigo para Mulheres Bowen House. Você está segura agora.

E Cora desaba de alívio, porque acredita nela, porque Della parece gentil e forte ao mesmo tempo, como se tivesse um calor acolhedor mas também um destemor e botas com biqueira de aço. É isso que lhe dá forças para sair pela sala de espera vazia e entrar no carro de Della.

Só quando estão se afastando e ela vê o rosto do veterinário desaparecendo é que Cora percebe que não lhe agradeceu, não sabe o nome dele, não se lembra de quando a gata saiu do seu colo. Olha para baixo e vê que suas roupas estão cobertas de pelos. Passa a mão, tenta limpar, e se lembra da saia do uniforme escolar suja do mesmo jeito.

Quantos anos devia ter? Catorze, o último ano em que usou uniforme, antes de vir para Londres, para estudar balé.

Maia está no fim de um turno que invadiu a noite, obrigando-a primeiro a mandar uma mensagem para os amigos dizendo que ia se atrasar e depois avisando que nem ia mais. Ela se senta no banco no centro do vestiário, o armário ainda aberto, tentando reunir forças para tirar o uniforme, quando o telefone toca.

É um número privado, e ela quase não atende, até que se lembra de que o encanador tinha dito que ia ligar para ela ou para Kate para combinar de consertar o vazamento do chuveiro, que estava causando infiltração no teto do corredor, a mancha crescendo mais a cada manhã.

Mas, quando aperta o botão verde para atender, é a voz da mãe que ela ouve.

— Maia?

— Mãe?

Os pais não têm mais telefone fixo, e, ultimamente, quando Maia liga para o celular do pai, o peso do sinal de discagem ecoa no seu ouvido, e, de alguma forma, ela não consegue ultrapassar o obstáculo de pedir para falar com a mãe. Tem falado mais com ele. Um dia, ligou do trabalho para pedir conselhos sobre como lidar com um dos médicos do hospital, e ele ficou tão contente de ouvir a filha, foi tão generoso em compartilhar sua experiência, que ela quase se deixou esquecer o monstro que ele era quando morava em casa. Não lembra quando foi a última vez que falou com a mãe. Mas agora ali está ela, do outro lado da linha — do nada, inesperadamente —, e a voz dela soa trêmula, estranha.

— Está tudo bem, mãe? O número do meu pai não apareceu... Eu não sabia que era você.

— Está... Eu estou bem. Posso... Posso passar o telefone para... para Della? Vai ser mais fácil — diz ela, a voz falhando na última palavra, como se cada sílaba fosse uma montanha a escalar e despencar.

— Pode... mas quem é Della?

Maia ouve o farfalhar do telefone mudando de mãos, e então a voz de uma mulher. Firme, confiável, mas direta.

— Oi, Maia, o meu nome é Della. Estou ligando de um abrigo para mulheres. Você está em algum lugar onde a gente possa conversar?

Maia se endireita no banco.

— Acho que sim — diz, olhando ao redor para o vestiário vazio.

— Pelo que a sua mãe me contou, entendi que você está ciente do abuso que ela vem sofrendo em casa. — Maia engole em seco. É quase como engolir uma pedra. Porque sim, em algum nível, ela está ciente; e nunca acreditou que o abuso tivesse parado no dia em que saiu de casa. — Fomos chamados hoje porque as coisas pioraram. A sua mãe está fora de perigo imediato, mas... eu tenho uma notícia difícil para dar a você.

Maia engole em seco de novo, desconfortável, e leva a mão aos olhos, mesmo com o vestiário mergulhado na penumbra.

— Acreditamos que a sua avó tenha morrido há alguns meses, e...

— Não, não pode ser. — Alívio. Confirmação. — Eu falei com ela na semana passada...

— Desculpe, Maia, eu quis dizer a sua avó materna. A sua avó Sílbhe — diz Della.

O coração de Maia dispara ao ouvir aquele nome inesperado. Ela vê a chama nele, no í, e então, enquanto processa as palavras de Della, sente essa chama vacilar, como se uma rajada de vento tivesse atravessado o cômodo. Segue-se uma longa pausa. Um silêncio tão denso que Maia quase esquece que há alguém na linha.

— Você ainda está aí, Maia?

— Estou.

— Sei que não estou te dando muito tempo para assimilar tudo isso, mas estou prestes a encerrar o turno e não quero te deixar no escuro caso o seu pai entre em contato.

— Meu pai?

— É. Infelizmente, ele escondeu essa informação da sua mãe, e acreditamos que tenha desviado a herança para que não houvesse qualquer chance de ela ter independência financeira.

— Você falou com ele? Tem certeza disso? — pergunta Maia, mesmo sabendo que ao pronunciar essas palavras está tomando o lado dele. E que essa mulher, Della, vai julgá-la por isso.

— Maia, vou deixar você digerir tudo isso durante a noite. Imagino que amanhã vá ter perguntas. Se quiser, posso te ligar de novo durante o dia, o que você acha?

— Ah... sim. Obrigada. — Ela pensa na agenda do dia seguinte, surpresa ao perceber que, apesar de tudo, ainda tem uma vida, compromissos, turnos. — Meio-dia, pode ser? Assim eu tenho um tempo

antes do próximo plantão. Sou médica — completa, sem saber o quanto essa mulher já sabe a seu respeito.

— Posso tentar, mas os meus dias costumam ser imprevisíveis. Se eu não conseguir, ligo assim que puder.

— Você tem algum número para eu retornar, caso perca a sua ligação? — pergunta Maia, afastando o celular do rosto, só para ver mais uma vez que o número está oculto.

— Acho que por enquanto é melhor eu ligar para você. — E Maia entende o que ficou implícito. Que Della ainda não sabe de que lado ela está.

Ao fim da ligação, Maia permanece sentada entre os escombros da sua realidade em ruínas. Sente o peso de não ter correspondido às expectativas da mulher. Ou talvez pior, de tê-las confirmado. E, à medida que absorve as notícias sobre Sílbhe, sobre o pai, sobre a mãe, começa a reconhecer também o próprio papel nisso tudo. Ela, Maia, é alguém que cuida dos outros. É incansável no trato com os pacientes. Admirada pelos colegas por sempre tentar enxergar o panorama completo. Respeitada pela maneira como interpreta todos os sinais para tratar a pessoa, e não só os sintomas. E, ainda assim, na sua vida pessoal, ela fingiu que o que sabia não era verdade, porque parecia grande e difícil demais para enfrentar. Aos dezoito anos. E em todos os anos desde então.

A porta se abre e, quando Maia olha para cima, vê o rosto de Kate, com o cabelo ruivo e espesso ainda marcado por ter passado o dia todo preso.

— Está tudo bem? — pergunta Kate, com uma expressão que deixa bem claro que ela já sabe que não está.

E é aí que Maia leva outro choque. Um que percorre o corpo inteiro, infiltrando cada célula com vergonha, mesmo quando Kate, sem saber de nada, a envolve num abraço e deixa um beijo com gosto de nicotina em sua bochecha. Porque agora ela entende: não apenas escondeu de sua família o relacionamento com Kate. Ela também escondeu de Kate todos os fatos sobre a sua família. Ela editou todas as partes desagradáveis de si mesma para deixar uma versão que não chega nem perto da verdade.

Sete anos depois

2015

Bear

É novembro. Bear e Lily deveriam estar no show de uma banda que ele queria ver. Ela ouviu algumas faixas no iPhone e, considerando o nome, achou mais acessível do que tinha imaginado. Uma coisa meio pop-metal. Mas Bear está no Egito, dando uma consultoria nuns artefatos, e não conseguiu terminar a tempo, então mandou uma mensagem pedindo desculpas e avisando que tinha remarcado o voo para encontrá-la em Paris. Lily passa a tarde guardando os livros da biblioteca com uma rispidez que não lhe é característica, furiosa com a mudança de planos súbita, com o fim de semana agora sem nada para fazer, com o desperdício de dinheiro. Nem era ela que queria ver aquela banda! Mas, depois de reorganizar os pensamentos e o carrinho de livros devolvidos, ela encara o teto de vidro da Bibliothèque Nationale de France e se deixa aplacar — ela e sua decepção — pela grandiosidade do prédio. Ela fecha os olhos, respira fundo e tenta algo parecido com serenidade.

Lily tinha combinado de deixar os ingressos na recepção, para o irmão mais novo de uma colega vir buscar, mas ele faz questão de falar com ela pessoalmente. E parece tão esfuziante, tão ansioso em agradecer — com um skate debaixo do braço e as bochechas vermelhas por causa do frio —, que Lily fica quase feliz por ela e Bear não terem conseguido ir.

À noite, uma amiga manda uma mensagem e pergunta se ela já jantou. São quase nove horas, e, embora esteja ocupada com um trabalho de tradução, seu estômago está roncando. Enquanto o laptop desliga, ela passa um batom, um pouco de perfume no pescoço, toca-o de leve com os pulsos, então bota o casaco comprido de inverno, apaga a luz e fecha a porta ao sair, enrolando um cachecol no pescoço enquanto desce a escada. Um gato malhado preto e marrom mia na entrada do prédio, pedindo que ela abra a porta, e os dois saem juntos, cada um seguindo seu caminho pela rua.

— *À bientôt, minou*.

Bear está deitado no sofá do apartamento perto do Nilo, relendo um livro abandonado que encontrou logo que chegou. Não está muito interessado no livro. Só quer ter palavras na sua frente, algo para desviar a cabeça do tédio da noite. Os últimos dias num trabalho que se estendeu além do prazo são sempre os mais longos. Mal pode esperar para ir com Lily à livraria de edições em inglês, na rue de Rivoli, e poder escolher os próprios livros. Bear solta um suspiro, e Cameron, que também vai embora dali a alguns dias, sugere uma partida de mexe-mexe com sete cartas, já procurando o baralho.

Às nove e vinte e cinco, andando pela rue Faidherbe, Lily manda uma mensagem para Bear: "Indo jantar com a V, sem o seu belo equipamento. Saudade. Lj." É como eles chamam o restaurante La Belle Équipe, onde foram comer algumas vezes; Bear adora brincar com traduções erradas.

Cameron embaralha as cartas. Sob o livro abandonado, o celular de Bear acende com uma mensagem nova.

Lily guarda o celular no bolso do casaco e encosta a mão ali, sem querer perder a vibração da resposta chegando.

Bear olha suas cartas. Três ases e uma sequência completa de quatro cartas. Quais as chances de pegar essa mão?

Lily vira na rue de Charonne. Um vento sacode seu cachecol, e ela o segura pela ponta que se soltou e o joga de volta por cima do ombro.

Bear dá um gole na cerveja e revela suas cartas.

Lily está quase no restaurante. Veronique está a uma mesa debaixo do toldo, o rosto iluminado pelas lampadinhas e pelo brilho de um aquecedor externo.

— Sortudo, filho da mãe! — exclama Cameron, juntando as cartas.

Um SEAT León preto vira na rue de Charonne.

Cameron embaralha as cartas. Sob o livro, o celular de Bear acende de novo, em silêncio.

Lily cumprimenta Veronique com um beijo, sentindo o aroma conhecido do perfume da amiga. As portas do carro se abrem.

Cameron dá as cartas de novo.

Um homem grita. Suas palavras são em outra língua, mas é uma frase que qualquer um reconheceria, embora seu significado tenha se alterado há muito tempo pelo uso indevido. Veronique arregala os olhos, fitando por cima dos ombros de Lily.

É tarde demais para mudar qualquer coisa.

Quando Bear pega o livro de novo e olha para o celular embaixo dele, vê duas notificações na tela de bloqueio, uma com a mensagem de Lily e outra com uma notícia da BBC, uma em cima da outra, como se tivessem sido feitas para andar juntas.

Indo jantar com a V, sem o seu belo equipamento.

Saudade. Lj.

Últimas notícias
Múltiplos ataques em Paris.
Pelo menos 18 pessoas mortas.

Os próximos dois dias são um vácuo de mensagens não respondidas e um turbilhão de ruídos. O burburinho do Cairo dá lugar a um saguão de embarque branco e moderno, um borrão de pessoas, Bear atualizando sem parar as notícias no celular e repassando as mesmas fotos em busca do rosto dela, do tecido do seu casaco, à medida que o número oficial de mortos vai aumentando. Uma noite sem dormir. Uma longa espera por um voo, enquanto as mensagens chegam, num fluxo de notificações, mas nunca a que ele queria receber. Então vem o zumbido constante do avião vibrando através do seu corpo. A espera ansiosa na fila da imigração. O tumulto de Paris, que lança obstáculos no caminho do seu táxi, enquanto ele dá voltas pela cidade. Bear dá o nome e os detalhes de Lily aos funcionários do hospital, que já atenderam tanta gente desesperada que a simpatia virou procedimento.

E então, no trânsito, chega uma mensagem dos pais de Lily. Frases curtas, quase um telegrama, com palavras racionadas.

Acharam Lily.
CTI do Salpêtrière.
Viva.
Levou um tiro.

Bear pede ao taxista que mude de trajeto e se recosta no banco de trás, chorando, enfim alheio ao resto do mundo. Ela está viva. O fato de que está ferida mal lhe ocorre. Ele limpa o rosto na manga do casaco, sob o olhar curioso do motorista pelo retrovisor.

Nos dias seguintes, os pais de Lily organizam tudo da cabeceira dela no hospital, insistindo que será mais fácil quando ela voltar para a Inglaterra, com médicos que falam inglês, *a língua certa*, mesmo Lily sendo fluente em francês.

— O que ele está dizendo? — pergunta a mãe, antes mesmo de o cirurgião terminar de falar.

Em conversas que só Lily é capaz de traduzir, eles discutem se a reconstrução inicial do quadril foi bem-sucedida, a possibilidade de danos à cartilagem, aos nervos. Uma possível substituição do quadril. Enquanto isso, os pais repetem, em sussurros assombrados:

— Graças a Deus não foi na coluna!

E falam sobre ela voltar a morar com eles, como se fosse algo já decidido.

Eles não pedem a opinião de Bear. E Lily também não. Ele fica surpreso, mas não deixa isso transparecer no rosto. Então, quando os dois têm um breve momento a sós, ele diz:

— Me diz o que eu posso fazer por você. Como posso ajudar.

Ele queria que ela dissesse : "Só fica aqui comigo. Do meu lado." Mas Lily pede:

— Você pode empacotar as minhas coisas?

E de novo ele é tomado pela estranha sensação de que as coisas não são como esperava.

Ele pega algumas caixas vazias no supermercado mais próximo do apartamento de Lily e começa empacotando os livros. Depois o laptop, os papéis dela. As gavetas da escrivaninha. Aqui ele desacelera, manuseando os pertences dela com reverência. Cada item parece ter sido escolhido com o mesmo cuidado do grampeador que ela comprou algumas semanas antes, quando estava com ele ao lado, numa loja no Marais. Mas há também uma frugalidade. Ela não tem, nem precisa, de muita coisa.

Ele tira os suéteres das gavetas e os coloca numa mala vazia, reparando nos que não têm etiqueta no pescoço, como se Lily tivesse achado que coçava e tivesse cortado fora. No guarda-roupa, algumas das blusas e dos cardigãs pendurados dizem a Bear "aquele café, naquele dia", enquanto outros itens pertencem a uma vida que ele não reconhece. Ele dobra as peças com cuidado, respirando o cheiro dela, que parece entranhado nas fibras. *Lily*. Quando passa para a impessoalidade das

calças e dos jeans, ele se pergunta por que essas peças não carregam as mesmas histórias. Por que só a parte de cima da roupa de uma pessoa fala com você?

No chão do guarda-roupa, há duas caixas grandes e baixas. Ele levanta a tampa da primeira e sente o desconforto de ver o próprio reflexo numa vitrine quando não se está esperando. A caixa está cheia de envelopes endereçados por ele, com sua caligrafia, selados com os selos que comprava em cada país novo que visitava. Ele viajava com menos bagagem do que Lily e se dá conta de que não tem sua parte da correspondência entre os dois. Não se lembra de ter jogado fora as cartas dela. Mas talvez as tenha deixado numa gaveta provisória, ou perdido no meio de papéis. Fica atônito com a própria certeza de que sempre receberia mais palavras dela e que por isso podia tratá-las com tanta displicência. Como se fossem inesgotáveis. Ele chegou tão perto de ficar sem nada; só com os próprios pensamentos para reler.

Ele abre a segunda caixa, com a palavra "Nós" na tampa. Eles. Ele e Lily. É mais bagunçada, como a camada terrestre de sambaqui, rica em artefatos do cotidiano, coisas que contam uma história. Alguns são fáceis de entender. Canhotos de ingressos de um museu. Cartões de embarque. Uma pulseira de um festival. Mas outros exigem um pouco de adivinhação: um saquinho de papel listrado cinza e branco com uma pena dentro. Ele segura o saquinho, vasculha a mente tentando conectar os detalhes, mas nada lhe ocorre. Estuda os itens e os cataloga mentalmente.

Pedrinha de granito em formato de coração com um veio de calcita branca. Origem desconhecida. Perguntar a Lily.

Guardanapo bege, dobrado ao meio, com um anel de café. Logo: Irini's Café. Uma busca no Google revela que o café fica em Santorini, onde passaram uma semana juntos em setembro de 2010 — Lily estava no meio da catalogação de uma coleção de livros para a venda dos bens de um italiano, e Bear estava entre um emprego e outro, depois de encerrar o que passou a chamar de "a escavação da barata voadora". Ele se lembra do baklava e do café da manhã no mesmo lugar todo dia.

Asa de borboleta azul-acinzentada. Parcialmente desintegrada. Preservada dentro de um guardanapo limpo. Será que era uma borboleta-azul? Vai ver ele a achou em Totternhoe Knolls e deu para Lily na volta. Teria sido lá pelo final de 2003, quando eles tinham dezesseis anos.

Ele segue examinando a caixa, intrigado com as lacunas de conhecimento. Estuda cada objeto em busca de pistas, a memória instigada por um logo ou um código postal, mas completamente em branco diante de outros. Quando termina de reorganizar tudo com cuidado, já passa das duas da manhã. Sente como se tivesse acabado de viajar no tempo por todos os anos deles juntos. E pelos anos separados. Bear se deita na cama de Lily e vira de lado, de frente para a parede. Sua mente se enche de imagens desconexas, homens sem rosto entrando num carro, cruzando a cidade enquanto Lily troca de roupa e segue em direção a eles. Ele jogando baralho. A cabeça cheia de arrependimentos, analisando como seus destinos se moveram despercebidos, como placas tectônicas. E não uma vez, mas duas. Primeiro quando deixaram de ir ao show que foi alvo dos ataques — no limite, prestes a cruzar uma falha geológica rumo a outro plano, até que a pressão cedeu. Eles seguiram adiante. Só para Lily se deparar com outra falha geológica.

Ele se pergunta onde estariam agora se ele tivesse vindo, como planejado. Ter ido ao show teria sido melhor ou pior? O irmão da colega de Lily saiu ileso, ao menos fisicamente. Será que teria feito alguma diferença se ele tivesse visto a mensagem de Lily antes, se sua resposta tivesse feito com que ela parasse por um instante na rua para ler? É muito provável que sim. Uns poucos segundos poderiam ter feito toda a diferença. Ele vê dedos enluvados no gatilho, o branco de um osso, uma radiografia numa tela iluminada, o rosto dela, a barricada formada pelos pais, cuja presença parece lhe dizer: “Você não foi suficiente.” A expectativa deles de que ele não vá dar conta.

Ele pensa nas caixas de lembranças de Lily e se dá conta de que aquilo, sim, são as verdadeiras riquezas. O que diabos ele estava fazendo, se pergunta, peneirando terra em outro continente, à procura dos restos fragmentados da vida de outra pessoa, de mil, dez mil anos atrás? Procurando cacos de porcelana, lascas de argila, como se fossem preciosos. Como se tivessem mais importância do que os alicerces da sua própria vida com Lily, que ela vem preservando esse tempo todo.

Na manhã seguinte, Bear se senta na beirada da cama e observa o pedaço do banheiro visível pela porta entreaberta. É o único cômodo que ainda não arrumou. Vê a toalha dela dobrada no toalheiro. Os frascos de perfume e loções organizados nas prateleiras. E se dá conta, mais uma vez, dos espaços em que esteve ausente. Como teria sido a vida deles,

pergunta-se, se seu creme de barbear e o cortador de unha não estivessem guardados num nécessaire, mas misturados com as coisas dela?

Da cama do hospital, Lily vê que a bolsa do cateter pendurada ao lado já está quase cheia. Está inchada, com um líquido cor de palha que parece desconectado do próprio corpo. Ela observa os tubos finos de plástico entrando na bolsa e se pergunta o que vai acontecer se ninguém vier esvaziar aquilo logo. Será que o líquido volta para seus rins? O botão de emergência está fora de alcance. Ela pensa em bater na mesa de cabeceira ou gritar por ajuda. Mas Lily não quer ser *esse tipo* de paciente. Não quer acordar quem está roncando leve no quarto ao lado. Então espera, e, à medida que a luz da manhã se espalha pelas paredes, os medos se multiplicam. Ela não quer ficar sozinha. Com as palavras do cirurgião ecoando na cabeça: "*Vous avez failli mourir sur la table.*" "Você quase morreu na mesa de cirurgia." Ela quer a mãe. E quer ir para casa.

Bear e Lily estão sentados num banco, lado a lado, de frente para o lago onde ele trabalhou como barqueiro nas férias da faculdade, a cadeira de rodas dela estacionada no caminho, logo ao lado.

Depois da escuridão de novembro passado, Lily vem detectando nos pais — e em Bear — uma vontade de seguir em frente, de se livrar do que aconteceu como se fosse um casaco de inverno que ficou pesado demais. Mas ela não sabe se está pronta quando ainda tenta entender tudo, quando já consegue circular pela casa dos pais, mas a ferida ainda dói e ela sente um cansaço esmagador no corpo inteiro se tenta andar demais.

— Ontem li mais um daqueles artigos — comenta Lily. — De alguém dizendo o quanto é grato por estar vivo. Que nem se importa de ter perdido uma perna.

— Para que ler isso se te faz mal?

— Porque eu fico torcendo para encontrar um no qual eu me reconheça — responde Lily, olhando para o outro lado do lago, onde uma mãe e uma criança alimentam os patos, cisnes deslizam velozes pela água. — Sempre achei que as pessoas fossem, no fundo, boas. Eu sabia que tinha gente ruim por aí, mas de alguma forma elas não pareciam tão reais. Até isso acontecer. Agora eu me sinto tão... tão *vitimada*. Aquele

homem me viu sorrindo, me viu abraçando Veronique. E mesmo assim ele quis me matar.

— Essas pessoas, os terroristas, não pensam assim. Podia ser qualquer um. Sim, o que eles fazem é movido pelo ódio, mas não é pessoal.

— É *lógico* que é pessoal.

— Eu sei que as consequências são pessoais. Mas o ato em si não é. Ficar pensando assim vai te corroer por dentro.

Ela se vira para ele.

— Você precisa mesmo fazer isso?

— O quê?

— Racionalizar tudo. Eu sei de tudo isso, mas não muda o que eu sinto.

Alguns dos cisnes subiram na margem e estão abrindo as asas, fazendo o menino se esconder atrás do carrinho. A mãe joga pedaços de pão na água para espantá-los. Bear e Lily assistem ao drama em silêncio, longe demais para ouvir o que é dito, só acompanhando os gestos: a mãe convencendo a criança a voltar para o carrinho e os dois se afastando em direção à saída do outro lado do parque.

— Desculpa. Maia vive dizendo que isso é uma coisa que os homens fazem. Mas eu entendo que seja irritante.

— É uma coisa que *você* faz; eu não ligo para o que os outros fazem — responde Lily.

— É. Desculpa, uma coisa que *eu* faço.

— Muito irritante — murmura Lily. E eles ficam ali, em meio à irritação dela, até que, enfim, Lily pergunta: — Quando é que você vai embora?

— Para onde?

Lily solta um suspiro agudo, e, embora elas não se pareçam, o som o faz lembrar da mãe dela. Bear imagina que os pais de Lily tenham perdido a paciência com ele, que estejam dizendo a ela que esse relacionamento não tem futuro, que ele não é comprometido. Ele torce para que Lily o defenda, mas teme que ela concorde.

Ele ia esperar mais um pouco para contar, mas agora o assunto parece urgente.

— Tenho uma entrevista de emprego num museu.

— Qual museu? — pergunta Lily. — Penn? Peabody? O de Gizé ainda está em construção, não é?

— Não, eu quis dizer aqui. Na Inglaterra.

— Ah. — Silêncio. E então: — Por quanto tempo?

— É uma vaga permanente.

— Ah. — Lily observa a mãe voltar com o carrinho no sentido contrário, refazendo o trecho de onde os cisnes os haviam afugentado minutos antes. Agora ela se abaixa, e a criança se estica para fora do carrinho para ver o que a mãe pegou do chão.

O silêncio se prolonga, e Bear entende que ela não acredita que ele vá aceitar um emprego permanente. Ela nem cogita a possibilidade. Em vez disso, está observando um caminhão contornar o lago devagar, parando ao lado de cada lixeira enquanto um funcionário do parque esvazia o conteúdo. Desde os ataques, Bear notou que ela passou a registrar tudo o que acontece ao redor, dando atenção parcial a ele e à conversa dos dois.

— Sabe, quando eu era pequeno, a Abelhinhas fazia uma brincadeira comigo. Me prendia entre as pernas, uma armadilha de urso, e eu tinha que tentar escapar. E, quando eu conseguia, ela me ensinava a levantar as mãos e a dizer que eu era um urso, que era livre e selvagem. — Ele ergue as mãos com as palmas voltadas para fora, os dedos em forma de garras, desviando a atenção de Lily do caminhão por um instante. — Era só uma brincadeira, mas sei lá, talvez eu tenha mesmo acreditado nisso. Que eu tinha que sair por aí, me aventurar. Uma coisa meio selvagem. — Bear olha para Lily, mas de lado, e a expressão dela é difícil de decifrar. — Mas desde Paris eu fico pensando que talvez tenha entendido tudo errado. Que liberdade talvez seja só escolher a vida que você quer. Mesmo que essa vida seja num lugar só. Fazendo mercado juntos. Discutindo sobre quem esqueceu de comprar papel higiênico.

Lily faz que sim com a cabeça, um gesto quase imperceptível, e Bear não sabe como suas palavras foram recebidas. Mas então ela diz:

— Mandou bem, Atkin. — E é igualzinho ao que dizia quando eles tinham catorze anos e se sentavam lado a lado na aula de matemática, só que seu tom agora tem um quê de ácido. — Mas talvez você pudesse ter percebido isso antes de eu ter quase morrido.

Ele estende a mão e aperta a dela com carinho.

— Achei que a gente estava feliz. Que cada um de nós estava fazendo o que queria, não era isso? — É uma pergunta, mas ele sabe que também é só uma meia verdade.

Lily ri, uma risada fraca.

— Acho que só consigo admitir isso agora, que não estou mais a fim de continuar fingindo, mas acho que venho tentando me moldar desde a adolescência para ser uma mulher que você pudesse amar. Sem pedir demais, sem te prender. Mostrando o quanto posso ser independente e viajada. À sua altura. — Ele tenta interromper, mas Lily levanta a mão. — Mas estou cansada. Cansada de verdade. E não faço ideia se você está dizendo isso de coração. Se vai mesmo trabalhar aqui na Inglaterra, se é capaz de ficar de vez. Então vou ser honesta. Sim, eu quero que você arrume um emprego que te traga de volta para mim toda noite. E pode até te surpreender, mas sim, eu também quero ter filhos. E não num futuro nebuloso e distante. Em breve. Nos próximos anos. E não, eu não quero ter que criar um filho sozinha. E não, eu não quero ter que passar o resto da minha vida pedindo desculpa por isso, ou me sentindo uma vilã, como se eu fosse um ogro que prendeu uma borboleta numa redinha. Nem quero que Maia fique me julgando por exigir que o irmãozinho querido dela pense em outra pessoa antes de em si mesmo...

Ela para de repente. Como se estivesse chocada pelas próprias palavras — pela menção a Maia —, quando, pouco antes, parecia que estava só começando.

Eles ficam em silêncio. Um minuto, e mais outro. Até que, por fim, Bear ri. É uma risada que faz o encosto do banco todo tremer. Lily olha para ele, na dúvida. E então ele diz:

— Meu Deus, que pessoa insuportável que eu sou, hein?

Bear se levanta e se agacha no chão, diante dela, apoiando as mãos em suas coxas. Encosta a testa nos joelhos dela e, por um instante — para ele, para ela —, parece que assumiu sem querer uma pose de oração. Arrependido. Pedindo perdão. Fica ali, em silêncio, por um tempo.

— Obrigado — murmura contra a saia dela. — Por ter me esperado. Por ter me aturado. — Ele ergue os olhos. — Você sabe o que eu amo em você, Lily? O que eu amo de verdade? — Ela faz que não com a cabeça. — Porque, sim, é verdade, eu amo que você fale tantas línguas, que conheça tantas cidades da Europa como a palma da mão, que seja minha igual. Aliás, nem minha igual: você é melhor do que eu. Mas eu também amo o jeito como você dorme encolhida feito um ratinho — diz ele, imitando a pose. — Amo que, quando você me manda uma carta, você assina com nome e sobrenome, e eu nunca entendi por quê, mas nunca perguntei, com medo de você parar. Amo que você põe limão em tudo

que cozinha. Amo que no inverno você anda com aqueles aquecedores estranhos de mão na bolsa, para dar para pessoas em situação de rua. Amo que consigo te reconhecer no meio de uma multidão, não só pelo cabelo ou pelo rosto, mas pelo jeito como você se move. Amo que os gatos sempre te seguem até em casa, e que você acha que isso acontece com todo mundo... e até acontece, mas não todo dia. Não toda vez que alguém sai de casa. — Lily está sorrindo, mas ele ainda não terminou. — Amo que, quando apresento você a alguém, você sempre sabe o que dizer para fazer a pessoa se sentir à vontade, mesmo nunca a tendo visto na vida. E, mesmo que não faça muito bem para o meu ego, amo que elas sempre acabam gostando mais de você do que de mim. Amo como as suas roupas têm um jeito meio drapeado... Não sei explicar direito, mas o jeito como os seus pulsos aparecem na barra das mangas é sensual, e eu amo os seus tornozelos no verão, quando você usa jeans, e aquele osso comprido que sobe do alto do seu pé... — Ela está rindo agora. — Estou falando sério. Sei que não estou dizendo coisa com coisa, mas acho que tem a ver com delicadeza, graciosidade. Eu amo isso em você. E amo o jeito como você foi delicada comigo. Mas sinto muito por isso. E sinto muito por ter sido tão *in*delicado, por ter agido feito um Indiana Jones ridículo esses anos todos.

Lily se inclina para a frente e beija a testa de Bear.

— Eu amo saber tudo isso. — Ela respira fundo. — Mas não sei se é suficiente. Eu no mínimo preciso saber o que isso significa. Para a gente. Para o nosso futuro. Se é que vamos ter um futuro juntos.

Bear se levanta, massageia os joelhos por um segundo, então tira a carteira do bolso. Vasculha o conteúdo até encontrar o que estava procurando.

— Eu me matriculei numa academia — diz ele, mostrando uma carteirinha, enquanto volta a se sentar ao lado dela. Lily pega o cartão e observa a pequena foto impressa no documento. Bear está sorrindo, usando uma das camisetas largas e velhas de Cora. — Está vendo a linha embaixo do meu nome? — Ela lê as palavras "Plano anual", então levanta os olhos para ele. — Faz alguns meses já. Foi antes de eu me candidatar para a vaga no museu. Porque eu já sabia. Já sabia que queria ficar.

— Mas por que você não falou nada? Por que não me contou que fez um plano anual numa academia?

— Não sei. Porque eu sou esquisito. Porque queria testar a sensação antes de enfiar caraminholas na sua cabeça? Porque as pessoas se matriculam e desistem depois de um mês? Mas eu estou te contando agora, porque não teve um único dia em que eu me sentisse preso a isso, ao que isso representa.

Lily estica o braço e pega a mão dele sobre o banco. Depois de um tempo, diz:

— Não consigo te imaginar numa academia. O que você faz lá?

— Musculação. Os outros caras são todos uns armários, mas são gente boa. Eles até se ofereceram para ficar de olho para mim.

— Vai, explica — pede ela.

— É só ficar do lado, prontos para ajudar, para o caso de a outra pessoa não dar conta de levantar o peso. Isso te permite puxar mais peso sem correr o risco de se machucar. E acaba ficando mais social também, porque você acaba trocando ideia.

— E já dá para notar alguma diferença?

Bear viu seu reflexo no espelho do vestiário da academia e achou que os bíceps estavam um pouco mais definidos. O peito, agora, tem dois morrinhos, em vez de ser aquela tábua lisa de sempre.

— Acho que não — diz ele. — Acabei de começar.

— E por que você está fazendo isso? — Agora Lily olha diretamente para ele, sem dividir a atenção com a van do funcionário do parque ou com o menino fazendo embaixadinhas à beira do lago.

— Não sei direito.

— É para se defender de algum agressor? — Ela está rindo com os olhos, mas não é com desdém, e Bear acha que talvez um pedacinho do muro que ela construiu esteja começando a ruir.

Ele se pergunta se há alguma verdade no que ela disse, se foi por *isso* que entrou na academia. Porque ele nunca foi de malhar. Não combina com ele. É quase constrangedor; não contou nem para Maia. Bear se move no banco na direção de Lily, encosta o ombro no dela e beija de lado seu cabelo.

— Aquilo que você falou antes. Nada daquilo me assusta, tá bom? Acho que também quero tudo isso.

— Ah. Bom, ainda bem, então — diz Lily, e se encosta nele, aninhando a cabeça no calor do espaço entre o ombro e o queixo, respirando seu cheiro de biscoito, enquanto os dois olham para o lago.

Bear sempre achou estranho quando as pessoas decidem morar perto de onde cresceram, como se não tivessem imaginação para conhecer outro lugar. Mas, depois de sete anos no exterior, a ideia de estar perto de Abelhinhas e da esposa dela, Charlotte, em Brighton, e de ter Cora, Mehri e Roland a apenas uma hora de distância... parece a coisa certa.

Lily está esparramada no sofá, toda coberta de poeira de tanto desempacotar caixas.

— Olha só para isso — comenta Bear, observando a paisagem de telhados misturados, iluminados de vermelho e dourado pelo sol do fim da tarde, abrindo caminho até o mar.

— Acho que vou gostar de morar no alto dessa colina — diz Lily, vindo apoiar os cotovelos no parapeito da janela, ao lado dele. — Eles vão chegar de lá. — Ela olha para a rua, pensando na estação de trem por onde seus pais e Cora talvez possam chegar, do lado em que fica a casa de Charlotte e Abelhinhas.

— Parece um castelo. A gente vai poder ver as pessoas chegando.

— Acho que não tem inimigos chegando, não — diz Lily, rindo. — Eu gosto da sua irmã. — Foi uma tentativa meio desajeitada de tranquilizá-lo; os dois queriam se mudar para Brighton, mas a cidade sempre foi a casa de Maia. Ele percebe que Lily disse "gosto". E não "amo". E também que ela entendeu o que ele estava tentando fazer. Ele se debruça um pouco mais para fora da janela, tentando espiar a rua ao lado. — Você quer que eu fique aqui te esperando chegar toda noite do trabalho?

— Quem me dera — responde Bear, voltando para dentro e dando um beijo preguiçoso na bochecha dela, embora, na verdade, esteja torcendo para encontrá-la com o nariz enfiado num livro. Antes dos ataques, Lily era uma leitora voraz, com um vasto arquivo de autores e títulos na cabeça, pronta para citar algum num quiz ou indicar algo a um amigo. Mas agora ela tem achado cada vez mais difícil lembrar as coisas, e reclama que o raciocínio está lento. Que às vezes, quando pedem a ela que procure algo no sistema da biblioteca, demora alguns segundos até as palavras da pessoa chegarem à ponta dos seus dedos. Os médicos dizem que isso é normal depois de um trauma, mas ela fica frustrada.

— Quer ir para a cama? — pergunta Bear, achando que ela pode estar exausta da mudança.

— Quero, Bear, preciso ir para a cama com você... desesperadamente... agora! — diz ela, revirando os olhos.

— Foi o que pensei — diz ele, rindo, feliz de ter sido mal interpretado.

***

Tem seis meses que Bear trabalha no museu. Ele não sabe por que um dia achou que esse tipo de trabalho seria restritivo; ele fala com especialistas do mundo inteiro e viaja sempre que considera adquirir uma nova peça para o acervo permanente. Mas o que mais o surpreende são as crianças. Ele participou de uma oficina numa tarde e foi como abrir uma porta para uma sala secreta. Ele acompanhou as crianças procurando por fragmentos de louça quebrada que os funcionários haviam escondido numa caixa de terra e ouviu suas conversas engraçadas: "Isso aqui é do tempo dos dinossauros." "É, eles saíram pisando nos pratos e quebraram tudo." Quando percebeu que uma das crianças parecia relutante em participar, ele se ajoelhou ao lado dela e mostrou como usar a ferramenta para escavar a terra sem danificar os artefatos escondidos. Pouco depois, quando ela e outra menina colocaram lado a lado dois cacos com a mesma estampa azul e branca, os colegas ficaram admirados, como se as duas tivessem reunido as metades de um cachorrinho de verdade. Ao voltarem à escavação, Bear viu um menino que antes estava atacando a terra com a espátula agora usando a borda da ferramenta para descascar o solo com cuidado, camada por camada, com medo de deixar passar alguma coisa. Ele se lembrou da alegria que sentia quando fazia isso. De ser um menino cheio de energia e de encontrar paz ao descobrir uma forma de concentrá-la. De canalizar essa energia num trabalho minucioso, paciente. E ficou imaginando quem teria se tornado caso não tivesse passado todas aquelas horas cavoucando a terra enquanto a mãe trabalhava por perto.

Mais tarde, Bear perguntou ao chefe se podia conduzir uma oficina infantil semanal. Richard sorriu como se estivesse conversando com uma das crianças e explicou:

— Na verdade, nós seguimos um calendário específico para todas as escolas, tudo planejado com muito cuidado e meses de antecedência, para todo mundo receber o mesmo nível de atenção.

Naquele fim de tarde, Bear voltou de trem para casa, irritado e na dúvida se, no fim das contas, trabalhar com a burocracia de uma grande instituição era mesmo para ele. Mas então pensou na sua existência

nômade anterior e, de alguma forma, aquilo também já não parecia certo. Ele queria — precisava — estar com Lily. E com a família.

Eles ficaram indo e vindo, com Bear propondo ideias e Richard dizendo não, o que o levou a formalizar as propostas primeiro por escrito, depois numa apresentação de PowerPoint. Até que, um dia, Richard se sentou na beirada da mesa de Bear e anunciou:

— Houston, chegamos a um meio-termo. Eu movi mundos e fundos para conseguir isso, então essa é de fato a minha oferta final. Que tal você conduzir uma sessão semanal para crianças que estudam em ensino domiciliar? Pode ser algo mais... — Richard fez um gesto com a mão, como quem sugere algo mais fluido e indefinido — ... informal. Você pode montar o conteúdo como quiser, dependendo das crianças que aparecerem. Pode ser uma coisa totalmente independente do nosso programa escolar. Uma atividade avulsa, digamos assim.

Ao fim da sua última aula, um menino quieto, de cabelo encaracolado — um dos que sempre aparecem agora —, ficou esperando, enquanto a mãe olhava, ansiosa do fundo da sala. Quando Bear terminou de responder a todas as perguntas e encerrou a aula, o menino se aproximou.

— Valeu, Bear — disse ele, e então, abrindo um sorrisão, acrescentou: — Curto muito as suas aulas, a gente vai *fundo* na matéria. — Dava para ver que ele tinha passado a semana inteira pensando na piada.

Eles trocaram um *high-five*, e Bear sugeriu que na sessão seguinte eles terminassem com alguns minutos para piadas arqueológicas. Ele já estava planejando usar uma camiseta velha que Cora havia lhe dado com os dizeres: "MINHA VIDA ESTÁ EM RUÍNAS."

***

Lily e Charlotte estão preparando o almoço, esperando Bear, Maia e Cora voltarem.

— Está um dia esquisito, né? — comenta Charlotte. — Na maior parte do tempo, parece que estamos todos no mesmo barco, mas aí chega o aniversário e eu lembro que eles têm esse vínculo horroroso. E é algo que vão carregar para sempre.

Lily seca folhas de alface entre camadas de papel-toalha. Está pensando em Bear. No que ele lhe disse na véspera do seu aniversário,

algumas semanas antes.

— Sabe, Charlotte, Bear me falou uma coisa outro dia. E não sei se é algo que eu conseguiria perguntar para Cora ou para Abelhinhas... mas achei que talvez você... — Charlotte para de escorrer o milho na peneira da pia e se vira para escutar, o contorno do cabelo preto se assentando de novo na altura do queixo.

— Bear acha... ou ele imagina que talvez exista alguma ligação entre o fato de ele se chamar Bear e a morte de Vihaan. Ele... Ele simplesmente não consegue imaginar o pai ter concordado com um nome desses. E reparou, há alguns anos, que a data de emissão da certidão de nascimento dele bate com o aniversário de morte de Vihaan.

Charlotte começa a passar os dedos pelos grãos de milho como quem mexe em contas de um rosário, e, quando as duas se encaram, Lily percebe que, com aquele silêncio, Charlotte está lhe perguntando se ela quer mesmo saber. E está lhe pedindo que pense no que faria com essa informação. E Lily pensa em Bear. No que ele ganharia se a desconfiança virasse fato. Se seu próprio nome — sua essência — se tornasse inextricavelmente conectado à morte de um homem. E Lily pensa em como iria se sentir se decidisse não compartilhar com Bear o que descobriu e ficasse com esse conhecimento para si.

— Desculpa, esquece que eu falei isso — pede ela. — Acho que, qualquer que seja a resposta, talvez seja melhor não saber.

— É, eu também.

— Obrigada — diz Lily, captando a sugestão contida na resposta, mas grata por poder continuar alegando ignorância.

À noite, depois que as crianças voltam para suas próprias vidas, Cora se senta com Mehri no quintal da casa da amiga, as duas enroladas num cobertor de lã, para se proteger do frio do outono.

— Essa data sempre me deixa me sentindo boba — diz Cora. — Mais um ano que Vihaan não viveu por causa das escolhas que eu fiz.

— Bom, é — diz Mehri. — Quer que eu te passe aquela vassoura? Vai ajudar na autoflagelação. — Ela dá um gole no vinho. — Falando sério, quanto tempo ainda falta para a gente chegar no ano em que você aceita que isso não foi culpa sua? Foi culpa *dele*... daquele monstro que te enganou para casar com ele. Admitir isso não significa que você fique menos triste pela morte de Vihaan.

Cora sente a verdade dessas palavras, mas não é tão fácil assim seguir em frente. Ela não sabe nem o que quer. Estar em dívida com Vihaan é uma forma de tentar viver uma vida melhor.

— Fern ligou ontem à noite — diz Cora, querendo ao menos mudar de assunto. — Ligou mais para dizer que ia pensar em mim hoje, mas acabamos conversando um pouco.

— Alguma coisa que eu precise saber?

— Nada que ela já não tenha te contado.

— Rá, como se eu soubesse o que acontece na vida dela... Eu sou só a mãe dela. — Mehri ri, mais orgulhosa do que ressentida. — Aquela lá não para quieta. Se dedica mais ao trabalho do que a qualquer homem.

— Ela disse que parou de ver o microbiologista — comenta Cora. Elas nunca conheceram nenhum namorado de Fern e costumam se referir a eles mais pelas profissões ou pelos hobbies do que pelos nomes.

— Qual foi o problema dessa vez... Mais organismos do que orgasmos?

Mesmo sabendo que Fern não pode ouvir, Cora sente uma pontada de culpa — não sabe se deviam sequer estar *pensando* na vida sexual dela, quanto mais discutindo isso, embora saiba que Mehri diria isso na frente da filha, e que Fern responderia na mesma moeda. Mehri sempre tratou a maternidade como quem cozinha um panelão de alguma coisa: uma pitada disso, uma pitada daquilo, e no fim com certeza vai dar certo. Já a abordagem de Cora sempre pareceu mais com preparar um bolo: medir tudo com cuidado, tentando não estragar nada. Ela admira o estilo de Mehri.

— Ela não falou exatamente isso — diz Cora —, só disse que sentiu um "clima ruim". Eles saíram para jantar há uns dias, e ele tentou escolher o prato dela. — Mehri deixa escapar uma gargalhada no banco ao lado dela. — Eu sei que não demonstra uma boa compreensão da personalidade da Fern, mas até agora ele parecia bem promissor. Fiquei na dúvida se ela não exagerou. Se anda mais sensível a essas coisas por causa do que aconteceu.

— Sério, esse assunto de novo? Cora, você é a minha amiga mais querida, então vou falar com o maior carinho do mundo: você não é responsável por tudo o que acontece no mundo. Sim, as vidas se esbarram, a gente se afeta e muda o rumo uns dos outros. Mas isso é a vida. Não é só com você. Cada um faz suas próprias escolhas.

— Você acha que eu sou egocêntrica?

— Um pouco — responde Mehri, e Cora nem precisa olhar para a amiga para saber que está sorrindo. — Mas eu sou mandona e como e bebo demais; e você e Roland continuam me amando mesmo assim. Todo mundo tem seus defeitos, *azizam* — diz Mehri, dando um tapinha na mão dela. *Querida*. *Amor*. Cora sempre se sente tão acolhida quando Mehri a chama assim.

Em alguma rua próxima, alguns fogos de artifício começam a estourar antes da hora, e as duas mulheres levantam a cabeça quando o céu se enche de pontos coloridos.

Num fim de semana, quando Bear passa na casa de Cora para consertar uma torneira pingando na cozinha, com a cabeça enfiada no armário debaixo da pia, ele diz:

— Pedi para Cian fazer uma coisa para mim.

Cora se surpreende. Ela ainda mantém contato com Cian de vez em quando, mas já faz alguns anos desde que a mãe morreu, e eles nunca souberam ao certo qual era o papel dele na vida de Sílbhe. Sempre se referiam a Cian entre si como "o amigo da vovó", mas Sílbhe nunca deu muitos detalhes, só mencionava o nome dele com tanta frequência que ficou claro para a família que havia algo ali: "Ah, eu e Cian vamos à ópera" ou "Não, Cian me levou de carro".

No enterro dela, ele já estava com os olhos vermelhos desde o começo e chorou num lenço engomado como se ela tivesse sido tudo para ele. Antes da cerimônia, o agente funerário avisou que ele havia pedido que ela fosse enterrada com duas joias. Quando Cora abriu a primeira caixa, encontrou a aliança de casamento da mãe. Não sabia dizer quando a mãe tinha parado de usá-la, talvez quando os dedos ficaram retorcidos, por causa da artrite. Mas havia também uma correntinha fina, que parecia nova. Na segunda caixa, uma pulseira tão pequena que só poderia ter sido feita para o pulso de passarinho da mãe. Trazia a inscrição gravada: "Você vai com o meu coração. Com amor sempre. Um beijo, C."

— Temos a sua permissão? — perguntou o agente funerário. E Cora fez que sim, sentindo que o fato de ser consultada era uma transgressão, a transgressão de ver de perto aquelas coisas que Cian havia preparado com tanto cuidado.

— Quando foi a última vez que você falou com ele? — pergunta Cora, passando a chave inglesa que Bear está tentando alcançar.

— A gente sempre escreve um para o outro. Depois que a vovó morreu, eu continuei mandando e-mail de onde quer que estivesse. E acho que não parei só porque voltei. Gosto dele. E tem me feito bem, sabe, depois de Paris e tudo o mais.

— E ele responde?

— Responde. Não estou só mandando mensagens para o vazio. — Bear ri de dentro do armário.

Cora sente aquele espanto momentâneo que às vezes a acomete ao perceber que Abelhinhas e Bear são adultos de verdade, independentes, que mantêm relacionamentos com pessoas da família por conta própria. Ela não sabe por quê, aos trinta e oito e aos vinte e nove anos, isso a surpreende, mas surpreende. E se sente mal por não ter tomado mais cuidado para manter ela própria um contato mais próximo com Cian.

— E o que você pediu para ele fazer?

— Ah, sei lá, uma tornozeleira. Ou então um medalhão — diz ele, rindo.

— Ah! — exclama Cora, entendendo de repente. — Você quer dizer uma aliança! Pelo amor de Deus, Bear, sai desse armário e me conta direito.

Ele termina de apertar a rosca e se arrasta para fora.

— Só quando eu tive que arrumar o apartamento de Lily é que percebi que tudo dela tem uma forma perfeita, sabe? Como se ela realmente tivesse pensado em cada coisa. — Cora sorri. — Então achei que o anel tinha que ser uma coisa assim, muito... ergonômica, sabe? — Aí ele se dá conta do que disse, e Cora percebe que o filho está genuinamente nervoso com aquilo. Um tipo de insegurança que não é comum nele, o desejo verdadeiro de acertar. — Nossa, parece que estou falando de dar um espremedor de alho novo para ela, né?

— Não, eu entendi o que você quis dizer. Um anel daqueles que ela ia gostar de ficar girando no dedo, só porque é gostoso de tocar.

— Isso — concorda ele. — Foi mais ou menos isso que falei para Cian no telefone, na semana passada. E acho que ele entendeu. Pedi que fizesse de ouro e platina.

— Ah, é bem contemporâneo, misturar metais assim. Gostei — disse Cian, com uma risadinha suave. — Para quando você vai precisar? —

Bear respondeu que não tinha pressa, era só algo que ele queria já deixar encaminhado. — Bom, meu filho, vai ser uma honra e tanto fazer isso.

E, mesmo sendo só um jeito de falar, por um segundo ele se sentiu inesperadamente tocado, quase sem ar. “Meu filho.” Quando ouve a voz de Cian, Bear sente uma estranha saudade de algo que nunca teve.

JULIAN

JULIAN ANDA PELOS CORREDORES DO SUPERMERCADO NA FITZGIBBON STREET, INDO DO SETOR de biscoitos e batata de saquinho para os freezers de sorvete, já com um pote de picles na mão. Os desejos de Orla parecem existir em algum nível primitivo, e a vontade que Julian sente de satisfazê-los parece tão inerente a ele quanto os próprios desejos dela. E, como um competidor numa gincana de um programa de televisão, ele caça os itens de que precisa, ouvindo os segundos contando num relógio mental. No caixa, ele para por um segundo e olha as manchetes dos jornais: "ATAQUES TERRORISTAS MATAM MAIS DE 100 — FRANÇA DECLARA ESTADO DE EMERGÊNCIA"; "MASSACRE EM PARIS".

Assim que entra, Orla exclama:

— Você voltou! — Como se ele fosse um explorador chegando de uma expedição. Uma vez ela falou que, quando pedia que ele passasse no mercado, ficava com medo de ele ser atropelado e eles nunca mais terem um futuro juntos por causa do desejo dela de comer sorvete de menta com choc-chip. Julian acha engraçado que a fome vença essas preocupações. "Jules ou biscoito de gengibre? Jules ou biscoito de gengibre? Biscoito de gengibre." Ela parece ter uma confiança inata de que vai ficar tudo bem. Mas, quando ele ouve uma notícia como a dos ataques em Paris, isso só confirma sua visão de que tudo pode, *sim*, acabar de uma hora para a outra. Sua própria vida lhe mostra que essas coisas acontecem com gente de verdade.

Eles se sentam no sofá encostado na janela, ela com os pés no colo dele, enquanto toma sorvete direto do pote. Ele passa a mão nos pelos claros das pernas não depiladas; ela revira os olhos, mas não se mexe.

— E aí — pergunta Orla, entre uma colherada e outra —, já pensou em algum nome?

Orla sugeriu que eles homenageassem a mãe dele: Cora, se for menina; Cormac, se for menino. Ele gosta da ideia de incluir a mãe, a quem foi

negada não só a chance de ser mãe, mas agora a de ser avó também. Talvez fosse um jeito de afastar a escuridão com uma nova esperança. Mas Julian pensa nela como "mãe". Uma palavra suave, que pertencia só a ele e a Maia. Cora era uma palavra *dele*. Ele se lembra de como era ouvir o nome dela de uma determinada maneira. *Cora!*, como se fosse um aviso. *Cora!*, um sinal de alerta. Mesmo hoje, a memória o deixa tenso, com um vazio no estômago. Julian se pergunta se daria para resgatar isso para ela, para a próxima geração. Libertar o nome. No entanto — e parece desleal admitir isso, como se a culpa pudesse ter sido dela —, fica inseguro diante da ideia de forjar uma ligação entre a filha e alguém que morreu tão tragicamente. *Tragicamente. Tragédia. Trágico*. Palavras que pertencem aos jornais. E à sua família, embora ele não as queira.

Ele nunca quis nada disso. Ainda que a avó buscasse oportunidades para falar sobre o que aconteceu, para conscientizar as pessoas, ele nunca quis se prender ao assunto ou carregar isso como parte de quem é. Odiou ter de confessar o passado para Orla; só de pensar na possibilidade, já ficou na defensiva, naquela noite da enchente, tantos anos atrás.

Foi Cian quem o instigou a consertar as coisas com ela.

— Faz tempo que não ouço você falar daquela menina. Como era mesmo o nome dela, Orla? — E, quando Julian fez que sim, ele comentou: — Sabe, eu ainda me arrependo dos anos que não tive com a sua avó.

Julian olhou para ele, viu os olhos marejados, e aquelas palavras o acompanharam nas semanas seguintes, ecoando na cabeça enquanto ele trabalhava.

No começo, pensou em escrever para ela, colocar tudo numa carta, onde pudesse escolher as palavras certas. Mas não queria registrar no papel as verdades sobre os pais.

E então, numa noite em que os dois ficaram trabalhando até mais tarde, ele ficou esperando-a desligar a serra de fita e deu uma batidinha no vidro da porta aberta da sua sala. Quando Orla levantou os olhos e viu quem era, uma sombra de incerteza cruzou seu rosto.

— Você tem um minuto? — perguntou ele, e, quando ela fez que sim, ele atravessou a sala e se recostou na parte de cima do aquecedor. — Eu queria pedir desculpa por aquela noite da enchente. — Ela disse que ele não tinha nada do que se desculpar e começou a varrer a serragem para um canto da sala com uma eficiência que dizia "tenho mais o que fazer".

— Eu queria explicar uma coisa. Você pode largar a vassoura por um segundo, Orla?

— Eu...

Em vez de se segurar, como normalmente faria, ele a interrompeu. Agora que estava ali, só queria terminar logo com aquilo.

— Quando eu tinha cinco anos, a minha mãe foi assassinada. — Diante disso, ela parou de varrer na hora. Ficou no meio da sala, sem saber o que dizer. — Não é algo que eu costumo contar por aí. Quer dizer, eu nunca falo isso para ninguém. Mas, naquela noite, eu senti que não dava para começar nada sem... sem contar isso. E eu não sabia se estava pronto. Eu não queria perder o que a gente tinha. A nossa amizade.

Orla ergueu os olhos diante daquilo. Não com frieza, mas como quem diz: "Bom, não deu muito certo, né?" E ele respondeu:

— É... — disse, reconhecendo o que ficou subentendido. Por um instante, a tensão se quebrou e os dois riram. — Mas eu queria te contar agora. Se você quiser ouvir.

Ela se sentou num banquinho, e ele reparou no jeito como pousou as mãos no colo, com as palmas voltadas para cima. Um gesto que, embora ele talvez estivesse lendo demais, parecia indicar falta de julgamento.

— O meu pai — começou ele. E a palavra ficou entalada na garganta como uma bola de chiclete. Não estava acostumado a usar pronomes possessivos, não para se referir àquele homem indigno de um nome. — Ele... Bom, ele abusava da minha mãe. Violência doméstica, acho que é o termo. E um dia ele matou a minha mãe.

— Meu Deus. — As mãos já não estavam nos joelhos, mas pressionadas contra o rosto.

Julian se levantou, sem saber que reação poderia estar crescendo naquele espaço entre os dois; na cabeça dele, os segundos se estenderam, viraram minutos, horas, dias. Mas, por fim, Orla ergueu o rosto e perguntou:

— Você está bem? — Para logo em seguida cobrir a boca com a mão. — É lógico que não. Desculpa, que idiota eu sou! — E então: — Não sei nem o que dizer. Que coisa horrível. Coitadinho.

Julian teve vontade de varrer a conversa para o canto junto com a serragem. Fez um gesto para que ela não se desculpasse e tentou amenizar algo que, na verdade, não tinha como ser amenizado.

— Mas você entende por que eu não podia começar nada sem te contar antes?

— Porque você ainda está lidando com isso? — perguntou ela, na dúvida.

— Não. Porque não seria justo. Eu não queria te enganar. Tipo, entrar num relacionamento, ou seja lá o que fosse, e aí depois você descobrir: "Ah, sabe aquele cara com quem você está saindo? Pois é, metade dos genes dele vem de um assassino."

— Ah — disse ela.

Ele sentiu aquela palavra — "assassino" — pesando no silêncio, contaminando tudo.

— Você entende agora? Por que foi difícil para mim? Aquela noite?

Orla desenhou círculos na serragem com a ponta do sapato. E, quando levantou o olhar de novo, perguntou:

— Você acredita mesmo nisso? Dos genes?

— Bom, eu acho que não demonstro nenhum sinal. Tenho um temperamento bem tranquilo e tal, mas...

— Nem começa — cortou ela. — Já sei. — Antes de voltar a falar, ela olhou pela janela atrás dele por um segundo ou dois. — Eu já saí com alguns caras na minha vida. Mas nunca pensei em contar que o meu pai teve um caso com a secretária.

— Isso é diferente — devolveu ele.

— Não sei se é. Acho que o gene da traição é algo que bastante gente gostaria de saber que existe.

— O gene da traição não mata ninguém.

— Nem você, Jules. Uma pessoa que é capaz de matar não confessa toda a história da família antes mesmo de beijar uma garota.

Ele sorriu então, ou pelo menos deixou o esgar escapar do rosto.

— Então quer dizer que você não se sentiria enganada? Não ia ficar horrorizada?

— Só pelo que você sofreu. Por algo tão terrível ter acontecido com alguém que eu conheço e de quem eu gosto.

— Então você...

Ela o interrompeu de novo.

— Era isso que eu ia dizer mais cedo. Achei que você não estava a fim. Eu estou saindo com outra pessoa.

— Ah — respondeu ele, e o alívio que tinha sentido pouco antes foi se desfazendo.

E assim os dois entraram numa espécie estranha de amizade. Descontraída, em termos de confiança e carinho, mas desajeitada por causa da atração que existia entre eles, palpável, mas não mencionada.

Mas algo naquela conversa, sobre quem ele era e do que era feito, mudou tudo, e foi como se uma porta tivesse sido aberta, uma porta através da qual Julian pôde enxergar novos relacionamentos e uma vida maior se desenhando à frente. Mesmo que não fosse com Orla.

Por dois anos, eles ficaram naquela terra de ninguém, trabalhando no mesmo corredor. Camaradas, colegas, amigos. O relacionamento de Orla não durou muito, mas eles continuaram se esquivando. Até que, numa noite em que iam só tomar uma cervejinha rápida, acabaram ficando até o dono do bar fechar as portas.

Ele se lembra do som dos sapatos deles na calçada molhada, da conversa ecoando na noite, enquanto andavam sem rumo por ruas desertas, da sensação do braço dele roçando no dela, de dois pacotes de batatas fritas e do gosto salgado do beijo dela.

Depois, Orla diria que sempre soube que eles iam acabar juntos. Mas que sentia que Julian precisava de um tempo para se encontrar.

— Como se eu fosse um girino criando coragem para virar sapo, enquanto você esperava na beira da lagoa para me beijar? — Julian riu. — Fala sério, Orla.

— Fala sério você, com aquele "Acho que a sua calça já secou".

Ele sempre ri quando ela menciona isso. Sente que é outra pessoa hoje em dia. Aquela insegurança parece mais serena. Não chegou a desaparecer por completo, mas, se antes era como uma fitinha de papel na frente de um ventilador, seria como se o ventilador estivesse bem fraquinho, e o papel só tremula na brisa.

Mas algumas coisas continuam sendo território proibido. Como a Inglaterra. Onde ele não tem nenhum revendedor atacadista, embora haja cada vez mais interesse. De vez em quando, recebe uma encomenda de alguém em Londres, ou em Bath, ou em alguma outra cidade que não conhece. Ele está trabalhando numa agora, um anel de noivado encomendado por um homem de Oxford chamado David, que descobriu o trabalho de Julian depois de passar férias com a namorada na Irlanda. Enquanto discutiam o design da peça numa longa troca de e-mails,

acabaram surgindo alguns detalhes sobre a vida do casal: que ela tem cabelo preto e pele clara e que dá aulas de inglês numa escola de ensino médio. Que, como Julian, ela havia assistido recentemente a uma retrospectiva sobre Philippe Petit cruzando o vazio entre as antigas Torres Gêmeas num cabo de aço. Que o nome dela é Lily.

No fim de semana passado, viram um gavião raro na Inglaterra, um bútio-vespeiro; David quis saber se eram mais comuns na Irlanda. Julian perguntou a Cian, que disse que sim, mas mais para o fim do ano, quando os ventos fortes desviam sua rota. Julian contou a David um pouco sobre o estúdio onde trabalha, na Antiga Fábrica de Chocolate; e comentou que está prestes a ser pai. Imagina que os dois casais teriam bastante em comum para tomarem uma cerveja juntos algum dia e gosta da ideia de que a aliança que produziu vai fazer parte da vida de David e Lily. Mas, ainda assim, quando pensa em mandar caixas por atacado atravessando o mar da Irlanda, todas com algo que ele criou, parece demais.

Orla já sugeriu isso várias vezes, principalmente agora que o bebê está para nascer. O dinheiro seria bem-vindo. Mas Julian não quer ver suas joias — as caixas com seu nome — expostas por lá, como se fosse um lugar pelo qual ele não guarda ressentimento, um lugar com o qual estivesse em paz. Porque não foi só seu pai que matou sua mãe mas também o país adotivo dela, onde pessoas que poderiam tê-la salvado durante todos aqueles anos de abuso simplesmente viraram o rosto.

Como a avó, ele também culpa Deus. Porque, se existe um Deus, então ele também falhou com sua mãe. Quando chegar a hora, Julian não quer que seu filho seja batizado nessa Igreja. Orla diz que é só um rito de passagem, exigido para entrar em noventa por cento das escolas locais. E que isso não precisa significar mais nada. Mas há algo nisso que soa hipócrita demais.

Orla deixa o pote de sorvete vazio no chão, e Julian pergunta:

— Por que você ainda vai à igreja?

— Tradição — responde ela.

— Mesmo reclamando todo domingo de manhã?

— Só enquanto ainda estou na cama. Não significa que não goste quando chego lá. Nem é pela religião em si. É mais pelo acolhimento, ver rostos conhecidos, sentir que você faz parte de uma coisa maior. E o incenso também. Cheira a lar. Dá uma sensação de casa. Segurança, sabe?

Você se senta lá em silêncio, só ouvindo, e acaba pensando nos seus problemas. E eu não sei se é o pé-direito alto que faz tudo isso sumir, o espaço abençoado, mas eu sempre saio me sentindo mais leve. Pronta para enfrentar a semana.

— Mas e a confissão? Por que contar os seus pecados para outra pessoa?

— Para ser perdoada — responde ela, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — A alternativa é guardar tudo dentro de mim. Deixar aquilo crescer lá dentro, até você ficar com cara de leite azedo.

— E eu tenho cara de leite azedo? — pergunta ele, fazendo careta.

— Nem precisa fazer careta. Até sorrindo você conseguiria talhar creme de leite. — Orla ri, cutucando a barriga dele com os dedos dos pés.

Ela está sentada no sofá encostado na janela, com vista para a rua. O cabelo loiro está iluminado por trás, pelo sol. A mão descansando na barriga.

— Você está igual a uma madona. Que coisas ruins você faz que precisam ser confessadas? — pergunta Julian. Ele não consegue pensar em nada que ela faça que mereça ser chamado de pecado.

— Coisas.

— Que coisas?

— Sei lá. Tipo, nem sempre pensar coisas boas. Por exemplo, quando a Gráinne expôs o trabalho dela em Londres, no ano passado, em vez de ficar feliz por ela, eu fiquei com uma inveja horrível martelando na cabeça. Pensando que o trabalho dela nem é tudo isso, que aquela peça amarela enorme que os críticos adoraram parecia feita por uma criança. E que, às vezes, acho que ela é melhor em inventar significados depois da obra pronta, para parecer profunda, do que em fazer um bom trabalho desde o início. — As bochechas de Orla coram como a pele de um pêssego. — É, acho que isso ainda está pesando um pouco aqui dentro. — Ela ri, e, para Julian, é como se a auréola dela só aumentasse e a tornasse ainda mais bonita.

— Mas eu concordo com tudo isso — argumenta ele. — Pensar não é pecado, vai. Você deu um abraço nela e pagou uma rodada de bebidas para comemorar. Não é como se tivesse entrado no estúdio dela e rasgado todos os quadros.

— Ah, mas vontade eu tive! — Ela ri. — Mas é, isso faz parte de tentar ser um bom católico. Perceber quando os seus pensamentos não são

saudáveis. Fazer penitência e tentar ser melhor da próxima vez. Mas, de um ponto de vista egoísta, isso também impede que a coisa te consuma por dentro.

A versão da fé que Orla tem sempre faz sentido para Julian. Mas então ele pensa nos padres, nos coroinhas abusados, nas mães solo forçadas a abrir mão dos filhos. Nos homens que batem nas esposas e depois vão ao confessionário buscar absolvição. E ele não quer fazer parte disso.

Maia atravessa a ponte e, na rua principal, vira para o sul, na direção da cidade, sobre a qual paira um dossel de nuvens escuras. Desliga o rádio e aproveita o restante do trajeto para refletir sobre os pacientes do dia.

Confere as horas e corre para atravessar a rua em direção à Doyle's, enquanto as primeiras gotas pesadas de chuva começam a cair. Quando o sino sobre a porta toca, Maureen ergue os olhos e sorri.

— Ai, quem me dera ter você aqui do meu lado. O mundo inteiro resolveu pedir café da manhã completo hoje, nem te conto. E Lizzy não veio. Ligou dizendo que está doente. De novo. Aquela menina ainda vai acabar comigo, ah, se vai.

— Pelo menos eu posso pegar o meu próprio café — diz Maia, indo até a cozinha.

— Ah, sai daí, menina. Vai sujar o seu uniforme todo — devolve ela, enxotando Maia. Maia nunca tinha pensado nas roupas azul-marinho e brancas que usava para trabalhar como um uniforme, mas supõe que, no fundo, são isso mesmo.

Ela atravessa a rua de novo, tentando não derramar a bebida quente na roupa, e acende as luzes e liga o aquecimento do consultório.

A primeira paciente do dia é uma mulher de meia-idade. Ela primeiro apareceu com dores de cabeça persistentes, na época do divórcio, e acabou voltando um ano depois, com sintomas de menopausa. Maia faz algumas perguntas para ajudar na escolha do remédio. "Você prefere bebidas quentes ou frias? Sabores picantes ou azedos?" Às vezes, esses detalhes não ajudam muito a formar uma imagem clara, e Maia sabe que vai precisar passar horas consultando sua cópia surrada do *Matéria médica*, de Murphy. Mas, em outros casos, alguns pequenos comentários parecem ser uma peça fundamental no quebra-cabeça, e todos os outros sintomas logo se encaixam ao redor dela.

— Acho que sei o que a gente vai tentar dessa vez — diz Maia, indo até sua caixa de remédios. Existe algo de reconfortante em abrir uma gaveta e ver as tampinhas cuidadosamente rotuladas em ordem alfabética, com suas diferentes potências.

Enquanto Maia coloca as pílulas num pote e prepara um rótulo, a mulher comenta que viu o ex-marido com uma velha amiga.

— E como você se sentiu? — pergunta Maia.

— Não sei — admite ela. — Às vezes é mais fácil não pensar. Ia ser igual a abrir uma represa.

Maia faz que sim com a cabeça. Ela sabe bem o que é isso. Faz alguns anos que tem feito terapia, mas ela própria também tem demorado a levantar as pedras mais pesadas e encarar a terra escura que existe por baixo, onde seus medos e suas angústias se escondem da luz como tatuzinhos-de-jardim. Já falou da infância, disse só o suficiente sobre aquele dia horrível para registrar que ele aconteceu. Mas esconde os detalhes até de si mesma.

Recentemente, ela tem lutado com outras coisas também. A ideia de que Julian, nove anos mais novo, está tocando a vida num ritmo que ela mal consegue acompanhar: casado, com casa financiada e um bebê a caminho. As pessoas vivem dizendo que ela deveria ir ao festival anual de encontros na cidadezinha de Lisdoonvarna, onde há mais de um século casais são formados. Brincam que ela precisa pôr as mãos no livro da sorte de Willie Daly para quebrar o feitiço e conhecer o Príncipe Encantado. E ela sorri, porque quer dar uma de *gente boa*. Mas por dentro se sente tão inglesa: o que eles têm com isso e por que ela tem de ser *gente boa* o tempo todo?

Mas não é só isso — não é só o fato de que Julian a está deixando para trás ou de ela ainda não ter encontrado o homem certo. Uma noite, assistindo à televisão com Sílbhe e Cian, entra uma matéria sobre o referendo pela legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

— Não é só uma questão de bom senso? Que cada um devia poder viver a própria vida em paz? — comenta Cian.

— Só demorou tudo isso por culpa da Igreja — acrescenta Sílbhe.

Maia fica surpresa com o alívio que sente ao ouvir essas opiniões ditas em voz alta.

A matéria inclui uma sequência com considerações do público — num ponto de ônibus, nos corredores de um supermercado. A maioria é

favorável, tirando um senhor mais velho, de boina, que afirma, muito sério:

— Não, eu não acho certo.

Duas mulheres são entrevistadas numa praia. Uma loira, a outra morena. As duas estão de gorro de lã. Uma tem piercings nas orelhas; a outra, um brinquinho no nariz. Não se tocam, mas dá para ver que são um casal. E estão esfuziantes. Simplesmente esfuziantes. A pergunta do repórter se perde ao vento, mas a resposta é clara. Elas declaram que se amam e que só querem ter a chance de passar a vida juntas, como qualquer casal heterossexual.

Maia assiste ao restante do jornal no mesmo desconforto que sente sempre que passa uma cena de sexo quando está vendo televisão com Sílbhe e Cian. Como se tivesse de permanecer imóvel, sem dar nenhum sinal de que está ciente do que acontece na tela, para não lembrar aos dois que ela está bem ali. Mesmo sentindo uma vontade urgente de descruzar as pernas, ou de tirar um fio de cabelo do rosto, ou de respirar. Ela percebe que o referendo é para ela uma questão pessoal e fica vermelha — mas não sabe bem por quê; os dois já deixaram bem claro o que pensam. Eles não se importariam se ela fosse lésbica.

Então, o que a leva à terapia não é culpa, nem pressão da família ou da Igreja. Mas algo mais difícil de encarar: o próprio julgamento.

— Sempre achei que fosse por causa do que aconteceu com a minha mãe. Que era por isso que eu não estava com ninguém. Mas aí eu vi esse casal sendo entrevistado na televisão sobre o referendo. Duas mulheres. E percebi que talvez eu queira aquilo. Que de algum jeito aquilo parecia certo, sabe? Mas eu também senti vergonha.

— Vergonha de talvez ser lésbica?

— De talvez ser uma impostora. De só querer isso porque está na moda.

— Você pode explicar melhor?

Maia olha para o relógio, se certificando de que ainda tem tempo suficiente para entrar no assunto.

— Todo mundo diz que ser homossexual não é uma escolha. Que você já nasce assim. Mas eu tenho trinta e sete anos. E só estou pensando nisso agora.

Elas abordam a questão durante várias sessões. E para Maia é como se ela e a terapeuta fossem duas velhinhas do grupo de colcha de retalhos

da avó, reunidas com lupas, inspecionando os pontos, examinando por todos os ângulos. "Bom, parece uma colcha. Tem cara de colcha. Tem até enchimento. Mas será que é mesmo uma colcha?"

— E se eu só quiser um relacionamento com uma mulher porque tenho medo de me envolver com um homem? Vai que ele acaba sendo igual a *ele*.

— Isso faria diferença para você?

— Faria. Significaria que eu estaria tomando uma decisão de vida baseada no medo, numa tentativa de evitar uma coisa.

A terapeuta faz uma pausa.

— Estou tentando me colocar no seu lugar... — Maia olha para os próprios pés e imagina a terapeuta vindo se sentar no lugar dela. Ela se lembra de quando se sentava no colo da mãe, as duas ocupando o mesmo lugar. — E se as duas coisas pudessem coexistir? — propõe a terapeuta. — E se você fosse lésbica e também tivesse um medo mais do que compreensível de se envolver romanticamente com um homem?

Maia afasta a memória da mãe e pensa na pergunta.

— Então a minha homossexualidade seria o quê? Natural e ao mesmo tempo artificial? — As duas riem. — Mas eu continuo me perguntando por que agora.

— E chegou a alguma resposta?

— Com certeza não teria sido uma opção na casa do meu pai. Mas já faz tantos anos que moro com a minha avó.

— Mas as coisas que a gente não consegue admitir para si mesma na primeira infância passam a ser aceitáveis de uma hora para a outra porque as circunstâncias mudaram ou porque você fez dezoito anos?

Maia não pensa em como vai conhecer alguém, não entra em sites de namoro, nem cogita contar à família. Em vez disso, fica só revirando a possibilidade de ser lésbica na cabeça, como se fosse uma pedrinha lisa na palma da mão, e, às vezes, pensa naquele casal da televisão. E, quando o direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo se torna lei, em dezesseis de novembro de 2015, uma bolha de esperança infla no seu peito, como se alguma parte distante do seu futuro tivesse, de repente, sido garantida.

GORDON

NENHUM DOS DOIS VOLTOU PARA CASA AINDA. O FILHO VAI ENCONTRAR MAIA DEPOIS DO trabalho; e o marido... Onde ele está? Ele não diz a Cora a que horas vai voltar. Então ela prepara o jantar como de costume e, enquanto o relógio passa das seis e meia para as sete horas, e o queijo derretido sobre a caçarola de feta com espinafre começa a se solidificar de novo, ela espera. Espera a chave girando na fechadura, espera para ver com que humor ele vai chegar. Sua mente tropeça na ideia de que, talvez desta vez, ele esteja morto. Que talvez, em algum ponto do trajeto entre o trabalho e casa, ele tenha sido atropelado por um motoqueiro ao atravessar a rua, e agora esteja num hospital, os paramédicos tentando reanimar seu coração. Mas então ela afasta o pensamento, como se ele pudesse voltar e adivinhar o que ela andou pensando.

Às oito da noite, ela cobre a travessa intocada com papel-alumínio e a guarda na geladeira. Então faz um pão com manteiga e come de pé, pronta para jogar no lixo, se for preciso.

Ele vai se aposentar no ano que vem. Cora tenta imaginar como vai ser sua vida quando isso acontecer e diz a si mesma que talvez as coisas mudem quando ele deixar de ser médico. Quando concordou em voltar para casa na última vez, acreditou que seria em outros termos e só depois percebeu que não era bem o que tinha imaginado. No começo, ele foi gentil e atencioso, elogiava a comida dela, conversava sobre o trabalho, livros e política, a levava para jantar. Voltava para casa com um suéter de caxemira, lhe dava joias. Chegou a sugerir que renovassem os votos de casamento. Acordava cedo — "Não, pode dormir, eu me viro" — e trazia chá com torradas na cama para ela. E Cora acreditou. Ela sentia como se estivesse nas nuvens.

Mas também se sentia cansada. Gordon dizia que devia ser por causa da reviravolta emocional, o alívio de voltar para casa depois do último episódio. Era assim que ele se referia às tentativas dela de sair de casa,

como se fossem breves flertes com a loucura. Mas ele beijava sua testa, fazia o jantar para ela, e toda noite ela adormecia com a cabeça no peito dele, o braço dele ao redor dela, enquanto ele contava as notícias do dia — que o primeiro-ministro tinha renunciado; que o anterior tinha voltado ao posto. "Quem precisa de rádio ou televisão quando se tem a mim?", brincava ele. E assim eles caíram naquela rotina: ele cuidando dela, ela sendo cuidada por ele. E as semanas e os meses passaram como num borrão. Uma época de torpor, em que ela começou a questionar os ressentimentos que um dia sentiu, se perguntando se havia entendido errado as ações dele; será que ela realmente não via o sacrifício que era para ele ter de fazer as compras toda semana, depois de passar o dia inteiro na clínica? Ou que não tinha parado para apreciar as coisas que ele comprava para agradá-la, o aspargo que às vezes aparecia, embora ele próprio detestasse?

— Eu adoro a primavera — disse ela, admirando os narcisos no jardim de um vizinho ao abrir as cortinas, um dia pela manhã.

— Muito cedo para fevereiro, não? — respondeu ele. E ela tinha certeza de que já era abril.

Cora se perguntou se ele não teria razão; se o cansaço dela não era só alívio por estar de volta, por aquela mudança na relação deles depois de tantos anos. Mas, algumas semanas depois, o cansaço continuava igual, e seus pensamentos estavam cada vez mais turvos e confusos.

— Não se preocupe — disse ele, trazendo-a para os braços. — Deve ser só uma fadiga pós-viral. Vou marcar uma avaliação.

— Que tipo de avaliação? — perguntou ela.

— Só para ter certeza de que está tudo bem, cognitivamente falando. Nada de mais; eu faria a mesma coisa com qualquer paciente meu. É bem normal depois que você entra na casa dos sessenta; eu mesmo devia fazer uma.

Ela se sentiu tocada por aquele momento de vulnerabilidade tão fora do comum. Era raro ele admitir qualquer tipo de fraqueza.

No dia da avaliação, ela acordou mais disposta e chegou a questionar se aquilo era mesmo necessário.

— Deve ser adrenalina — comentou Gordon.

Ainda assim, quando pediram que ela contasse de trás para a frente de dez até um, ela tropeçou nos números e, quando perguntaram quem era

o primeiro-ministro atual e pediram que dissesse em que mês estavam, ela viu a forma como o avaliador olhou para Gordon.

— Mas eu achei...

E Gordon cobriu a mão dela com a sua.

— Está tudo bem, você está indo muito bem — disse ele, e Cora teve certeza de que havia algo errado, mas, ao mesmo tempo, sentiu um estranho conforto por estar sendo cuidada por ele.

Ela havia se habituado com Gordon ajudando em casa. Com a sensação de ser amada. Lembrava o começo do relacionamento deles e justificava que ela tivesse ficado com ele por todos aqueles anos. Mas então, sem o menor aviso, tudo voltou ao que era antes. Uma noite, enquanto colocava detergente na esponja, debaixo da torneira aberta, ela perguntou:

— Você prefere lavar ou secar a louça? — E ouviu Gordon suspirar.

— Você já parece bem melhor. Acho que pode muito bem voltar a cozinhar e cuidar da louça.

— Ah, é, verdade — gaguejou ela.

E assim retomaram os velhos papéis: ela cuidava da louça enquanto ele assistia ao jornal na sala.

Cora não se lembra mais do que o fez explodir. Só se lembra de como terminou. Com costelas machucadas, e ela juntando as coisas para ir embora de novo; não tinha voltado para viver daquele jeito. Mas então Gordon lhe mostrou um documento. *Uma certidão de interdição e tutela*. Prova de que tinha controle legal sobre a saúde e o bem-estar dela, sobre as finanças e os bens dela.

— Ah, Cora. Você achou mesmo que eu ia deixar você ir embora depois da última vez? — Ele encostou um dedo na bochecha dela, como se quisesse consolá-la. Então voltou para o sofá. — Achei que você fosse me dar mais trabalho... Mas não, tão desesperada para ser amada. — Gordon deu um tapinha no sofá, convidando-a a se sentar com ele. — Mas você acreditou mesmo que tinham tirado John Major do armário para mandar no país de novo? — perguntou ele, balançando a cabeça diante da estupidez dela.

Naquele ponto, ainda fazia parte dos planos dela arrumar um jeito de entrar em contato com Maia. Até com a polícia. Só precisava esperar que ele saísse para o trabalho na manhã seguinte. Mas, quando acordou, Gordon disse que alguém ia cobrir suas consultas na parte da manhã e

avisou que os dois iriam sair para uma aventura. Ela sabia que ele estava só provocando; ainda assim, ficou confusa quando estacionaram no pátio de um asilo. E então, quando ele disse à recepcionista que eles tinham hora marcada para uma visita e que estavam interessados em conhecer a ala de pacientes com demência, pois estavam pensando em internar um parente, ela entendeu.

A ala para pacientes com demência ficava no terceiro andar — "uma proteção a mais, caso a pessoa seja propensa a vagar por aí", explicou Erica, a gerente, enquanto os conduzia por duas portas de segurança consecutivas, que abriu com um chaveiro eletrônico. Erica era rápida e eficiente, mas tomava o cuidado de, entre uma pergunta e outra de Gordon, cumprimentar todos os residentes pelo nome, com muita gentileza. "Com certeza, podemos continuar administrando qualquer medicação já prescrita", "Não, ninguém nunca escapou do prédio", "Sim, estamos habituados a lidar com casos de paranoia, acusações contra a equipe e familiares são comuns em pacientes com demência". E, como se quisesse ilustrar esse ponto, assim que entraram na sala de convivência, uma senhora sentada numa poltrona com estofado de vinil, usando um babador de plástico, começou a gritar:

— Não, não, não! Eu sei o que vocês querem! Não me machuquem! — Os olhos tão selvagens quanto os cabelos desgrenhados.

— Essa é Elsie — esclareceu a gerente, como se o nome justificasse o desespero.

Eles voltaram para casa em silêncio. Foi só quando pararam no acesso de carros e Gordon desligou o motor que ele falou:

— Está vendo? É bom estar em casa, não é?

O motor estalou ao esfriar. Ele não precisava dizer mais nada. Ela havia entendido. Sentiu como se a coluna, os espaços entre as vértebras estivessem se comprimindo. Como se ela estivesse afundando no estofado do carro e talvez nunca mais fosse conseguir sair.

Mas a presença do filho morando com eles de novo acabou mudando as coisas. Cora segue esperando que tudo volte a ser como antes — os dois contra ela —, mas o filho parece diferente. Cora percebe que há algo de frágil nele, como pele clara queimada de sol, os olhos piscando por causa da luminosidade. Sua vontade é de puxá-lo para perto, de abraçá-lo, mas esse nunca foi o tipo de relação que tiveram, e ela não sabe por onde começar.

***

Rob abre o pote de cola de pele de coelho, e o cheiro atinge Gordon na mesma hora. Não é tão ruim quando está fresca, mas depois de um tempo o cheiro lembra que um bicho morreu. Rob faz uma careta e fecha a tampa com um estalo.

— Está vendo o que eu ganho por tirar férias? Quer preparar mais um pouco enquanto me conta como andam as coisas?

— Qual a proporção? Oito para um? — pergunta Gordon, já sabendo a consistência que Rob prefere para selar as telas.

Rob faz que sim, enquanto Gordon abre o armário. Ele é grato por poder fazer essas tarefas simples — ter um propósito no ateliê de Rob ajuda quando ele precisa sair da casa dos pais; faz com que a relação deles pareça mais recíproca, menos coisa de padrinho e afilhado.

— E aí, como foi a semana? — pergunta Rob, ligando no canto da sala um aquecedor elétrico todo salpicado de tinta.

— Ah, sei lá, foi tudo bem... — diz Gordon.

— Hum... Não sei se gostei dessa resposta. Você bebeu? — Rob estava arrumando o pequeno ateliê que mantinha em cima de um pet shop, mas agora se recosta num aparador entulhado de tintas e materiais, olhando para Gordon. Ele tem esse jeito, Rob. Faz parecer que os dois estão só batendo papo, mas, no segundo seguinte, Gordon sente como se toda a atenção dele estivesse concentrada ali. Não como o pai de Gordon faria, é mais como alguém vendo o time do coração bater um pênalti: sem piscar, querendo ver a rede balançar. É bom ter alguém torcendo por ele, mas a intensidade disso às vezes assusta.

— Não, não foi isso — responde Gordon, e Rob relaxa visivelmente. — É só aquele lance de olhar para trás e ver o babaca que você foi com um monte de gente ao longo da vida, sabe?

Rob dá uma risada baixa.

— É, sei bem como é.

Faz mais de uma década que Rob não chega perto de álcool, mas seus olhos estão sempre vermelhos, como se o corpo tivesse escolhido carregar os arrependimentos feito uma tatuagem. Ele já teve mulher e filho em outra época.

Pensar na sua própria queda deixa Gordon constrangido. Ela foi espalhafatosa e cinematográfica, e não de um jeito bom, só de uma forma

que parece um clichê. Perder a compostura no trabalho; chegar ao escritório numa segunda-feira ainda tropeçando de bêbado do fim de semana. E, quando antes ele era parte da patotinha — "Aê, Gordon, amigão!" —, em meio à névoa, ele começou a sentir que estava virando um pária. O clímax veio perto da saída 8, na rodovia M25, onde ele capotou um Porsche e os bombeiros tiveram de cortar as ferragens para tirá-lo do amontoado de metal. Ele se lembra de alguém falando com ele, avisando sobre ruídos altos, garantindo que ficaria tudo bem, e se lembra também de querer morrer, de tão insuportável que era a bondade injustificada daquela pessoa.

Perder tudo, no entanto, foi um alívio inesperado. Ele sempre quis ser alguém na vida, e, agora que não é nada, isso de alguma forma parece maior.

— Eu estava pensando numa garota. Lily — conta Gordon a Rob, enquanto nivela uma medida de grânulos de pele de coelho cristalizada. — A gente... tinha catorze anos. Eu me sentava do lado dela na aula de matemática. Em retrospecto, ela era uma das poucas pessoas da escola que eram legais comigo. Sem motivo. Só porque deu na telha. E eu...

Ele conta a Rob sobre a noite da festa em que encurralou Lily contra uma árvore e como passou a falar mal dela a partir de então e encorajou os outros garotos a fazerem o mesmo.

— Eu não fazia ideia de como aquilo ia afetar Lily, no que ia dar. Mas depois daquilo tudo mudou. Quando os garotos passavam por ela no corredor, até os que não eram do nosso ano, ficavam cheirando os dedos e fazendo, sei lá, barulho de ânsia de vômito ou algo assim.

Ao abrir a garrafa de água deionizada, Gordon lança um olhar de relance para Rob, tentando captar a reação dele. Rob está com a mão espalmada no queixo, o polegar roçando a barba por fazer. Mas parece mais pensativo do que crítico, então Gordon continua, embora sua vontade fosse guardar tudo aquilo numa caixa e esconder.

— E as meninas também meio que se afastaram dela. Ela começou a gaguejar nas aulas. E eu não entendi na época, mas hoje acho que ela começou a ter ataques de pânico também. Depois daquele ano letivo, ela nunca mais voltou para a escola. Achei que tivesse se mudado ou coisa assim, mas uma das garotas, a mãe dela devia conhecer a mãe de Lily, descobriu que ela havia pirado de vez. Eu me lembro de ficar fazendo

piada com a galera, todo mundo rindo do hospício do bairro, o nome era Maudine, acho que nem existe mais, mas eu fiquei em choque.

— E você acha que as duas coisas estão relacionadas? O que aconteceu entre vocês e o surto dela?

— Devem estar. Antes daquilo, ela era uma menina normal. Quer dizer, normal, não. Especial. Inteligente. Muito boa em inglês e tal. E muito simpática, que nem eu falei.

Gordon tem consciência de que muito do que acabou de dizer soa mal. "Pirou". "Hospício". Queria saber escolher melhor as palavras. Houve uma época — quando provocava a mãe para agradar o pai; quando fazia "parte da patotinha" no trabalho — em que suas palavras se encaixavam perfeitamente com quem ele era. Era o esperado dele. Mas agora elas já não combinam mais com quem ele é, nada disso se parece com ele, ou pelo menos com a parte que ele ainda quer preservar.

Algumas semanas atrás, quando chegou mais cedo a uma reunião do grupo de apoio, Gordon ficou esperando num jardim próximo, sentado ao lado de uma réplica do *Davi* toda coberta de musgo: o nariz faltando, um dos membros arrancado. E, desde então, não consegue tirar da cabeça a imagem daquela estátua depredada — não só faltando um braço mas reduzida a escombros; lábios e dedos descarnados, uma confusão de partes quase indistinguíveis. Ele tem uma sensação avassaladora de que tudo o que está tentando fazer — no grupo de apoio, com Rob, em cada aspecto da vida — é tentar usar essas partes quebradas e deformadas para construir algo novo. E está se dando conta de que não dá para esconder as rachaduras.

Gordon volta a atenção para Rob.

— Enfim, outro dia eu pesquisei o nome dela na internet. É, pois é — diz ele, notando a expressão na cara de Rob, como se dissesse: "Péssima ideia, cara." — Ela está casada. Tem dois filhos. Trabalha com advocacia. Primeiro fiquei só feliz por ela, sabe? Porque as coisas deram certo. Mas aí entrei no site da firma dela. — Ele se encolhe ao se lembrar do momento em que se deu conta. — E ela... ela é advogada de direitos humanos, especializada em justiça para mulheres e meninas. Estupro, agressão. E eu... eu fiquei pensando: "Fui eu que fiz isso." O que eu fiz mudou o rumo da vida dela. E ela ainda carrega isso. — Ele suspira. — É no mínimo a motivação dela, o que faz com que ela seja boa no que faz. Não que eu esteja querendo levar crédito por nada... É mais o contrário.

O fato de que ela pegou a minha... — e, embora Rob já esteja assentindo, Gordon para, tentando encontrar as palavras certas desta vez — ... a minha podridão e transformou numa coisa boa. Ela venceu, apesar de mim.

Gordon se dá conta de que Rob não falou uma palavra esse tempo todo e fica preocupado de ter passado do ponto; ele não sabe bem se deveria despejar esse tipo de coisa no padrinho.

— Foi mal, falei demais, né?

Rob faz que não com a cabeça devagar, e seus olhos parecem ainda mais vermelhos que o normal.

— Só estou triste por você. E por ela. Mas você tem razão, ela tirou uma coisa boa disso.

Eles ficam em silêncio por um tempo, até que Rob pergunta:

— Mas você não bebeu?

— Não, só fiquei me sentindo um lixo.

— Ótimo — diz Rob com uma cara de satisfação tranquila.

***

— Me deixa ir junto, Maia — pede Kate, batendo as cinzas do cigarro no cinzeiro da mesinha de cabeceira. Maia finge estar ocupada, revirando a bolsa à procura de alguma coisa. — Maia? — repete Kate, sentando-se na cama.

— Eu já te expliquei — diz Maia. Kate não deveria nem estar de folga hoje; isso só virou uma questão porque o Dr. Shah pediu para trocar de plantão com ela.

— Isso foi antes do acidente. Antes de você dizer que achava que ele estava virando alguém de que você gostava.

— Ainda é cedo demais.

Ela se lembra de Gordon na ala psiquiátrica, depois do acidente. Ele sempre teve uma presença física tão marcante. Sólido, forte. Mas, na primeira vez em que ela entrou no quarto, ele estava sentado na cama do hospital, totalmente concentrado em tentar espetar com o garfo um pedaço de uma cenoura cozida demais, e ele lhe pareceu tão pequeno. Tão vulnerável. Eles nunca se tocavam — não naquela época —, mas ela encostou a mão no pulso dele e se sentou ao seu lado na cama. Nenhum dos dois disse uma palavra, mas, depois de um tempo, gotas pesadas de

lágrimas caíram no prato dele. Ela fez carinho na marca de nascença no braço dele, contornando as bordas com a ponta do dedo.

— Parece um coração — disse Maia. — Eu nunca tinha reparado nisso antes.

Ele se afastou, não com agressividade, mas só o suficiente para virar o braço de forma a deixar visível apenas a parte de dentro.

— É um coração deformado — respondeu Gordon, numa voz rouca. Maia teve de se esforçar para ouvir as palavras que vieram em seguida. — Eu já devia ser ruim antes de nascer. — E então ele começou a soluçar, chorando tão alto que a enfermeira de plantão olhou para eles. Sob aquele olhar, Maia se sentiu impelida a se aproximar do irmão e reconfortá-lo, a deixar o ombro dela se molhar com a dor dele.

— Cedo demais para quem? Para você ou para ele? — pergunta Kate. — Porque, depois do que ele passou, acho que saber que você é lésbica não vai ser nada de mais.

— Esse nunca foi o problema. O problema é ele contar para o nosso pai.

— Isso é que eu não entendo, Maia. Você já tem trinta e oito anos.

— Trinta e sete.

— O quê? Para de desconversar. Você pode dizer que eu sou uma amiga ou que a gente divide o apartamento. Você não precisa nem contar nada para ele.

— Não faz isso.

— Isso o quê?

— Isso — diz Maia, conferindo o cabelo no espelho e tirando um fio vermelho de Kate que devia ter vindo junto com a escova. — Essa teimosia. Você não é assim.

— Não. Não sou mesmo. Só com você, porque não tenho opção. Eu passei sete anos, sete anos!, fingindo para todo mundo no trabalho que a gente não está namorando, só para não correr o risco de alguém comentar com alguém que por acaso talvez conheça o seu pai e que essa pessoa por acaso resolva contar para ele. Tipo: "Oi, Dr. Atkin, fiquei sabendo que a sua filha é lésbica!" Porque claro que isso ainda é o tipo de coisa que as pessoas fazem questão de comentar em 2015.

— E a gente passou sete anos tendo essa mesma discussão.

Kate dá um trago no cigarro, e, quando volta a falar, sua voz está mais calma.

— Tudo que estou pedindo é para você me deixar conhecer o seu irmão. Porque eu te amo. E eu quero conhecer as pessoas da sua família, mesmo que elas não sejam perfeitas. — Ela vê a mandíbula de Maia se contrair, então acrescenta: — Não estou falando do seu pai. Mas de Gordon. E da sua mãe, se algum dia der para fazer isso de um jeito seguro.

Maia se senta na beirada da cama, dobrando e redobrando o tecido do vestido. Kate se ajoelha ao lado, afasta o cabelo dela para o lado e encosta o rosto na pele quente do pescoço.

— Quanto tempo você leva para se arrumar? — pergunta Maia, baixinho, enquanto a chuva tamborila na janela lá fora, fazendo barulho nas latas de lixo recém-esvaziadas.

— Eu me arrumo rapidinho.

— Então tá — diz Maia, sem saber direito com o que acabou de concordar, mas sabendo que Kate merece mais.

Kate já está enrolando o cabelo num coque quando entra no banheiro, e, enquanto ela se apressa para se trocar, Maia fica esperando, sentada, já de casaco. A discussão a deixou fisicamente cansada, mas, ao pensar no caminho até a estação de metrô, ela se pega feliz de estar com Kate. Com o resto — o irmão, o jantar —, ela vai lidar à medida que for acontecendo.

A irmã apresenta a mulher apenas como Kate. E Gordon não sabe bem por quê, mas, enquanto ficam ali na esquina decidindo o que fazer com a hora que ainda têm até a reserva do restaurante — Maia com dificuldade de impedir que o guarda-chuva vire do avesso —, ele percebe que elas devem ser um casal. Maia nunca mencionou nenhum namorado, mas também nunca falou de nenhuma namorada. Com nove anos de diferença entre os dois, ele nunca soube muito da vida dela. Isso só começou a mudar nos últimos meses. Agora, ele sabe que ela adora séries de hospital e fica tentando diagnosticar os pacientes antes dos médicos do programa; que ela nunca ficou com a conta no vermelho, embora tenha uma multa acumulada de vinte libras na biblioteca e morra de vergonha de aparecer lá para pagar; que ela vai de bicicleta para o trabalho todo dia, mas não consegue correr, porque os tornozelos são fracos demais por causa de todos os anos de balé na infância; que ela tem uma gata chamada Poppy.

Maia olha do irmão para Kate daquele jeito ansioso de quem acabou de apresentar duas pessoas e não sabe bem o que uma está achando da outra. Gordon decide que o melhor é presumir que elas são um casal e deixar que o corrijam se for o caso e, enquanto descem a St. Martin's Lane rumo à galeria em que decidiram se abrigar da chuva, ele pergunta a Kate:

— Há quanto tempo vocês estão juntas?

— Sete anos, acho. Não é, Maia? — responde Kate, e Maia faz que sim com a cabeça, o rosto corando.

Gordon faz uma careta.

— Sete anos. Desculpa, acho que nunca perguntei.

— Ah, tranquilo... Maia ainda não conhece o meu irmão. Pelo menos não pessoalmente — diz Kate. — Ele mora na Austrália.

Para Gordon, é um alívio que Kate esteja tentando fazer tudo parecer normal. Mas, pela segunda vez no dia, ele se vê confrontado com a versão antiga de si mesmo. Primeiro com Lily, e agora, há poucos meses, antes do acidente. Uma pessoa em quem não se podia confiar, em quem nem a própria irmã podia confiar.

As vozes — e até os passos — deles ecoam pela galeria, e Gordon se pergunta se foi o melhor lugar para vir. Embora Rob converse com frequência sobre arte com ele, quando Kate comenta sobre a luz ou a expressão de alguém numa obra, Gordon não consegue pensar em nada interessante para dizer, então, em vez disso, só murmura, como quem concorda. Maia está mais calada que o normal, mas, de vez em quando, ele flagra um gesto de intimidade entre as duas — um olhar, o jeito como ficam lado a lado diante de um quadro, os ombros quase se tocando — e se sente cabisbaixo. Como se estivesse do lado de fora, justo agora que tinha começado a sentir que estava entrando na vida da irmã. Ele afasta a sensação, sabendo que não tem direito de sentir ciúme.

— Gostei desse aqui — diz ele, apontando para um Cézanne, decidido a se esforçar.

Kate não parece se incomodar com a simplicidade do comentário e diz:

— Ah, eu também. É um dos meus preferidos.

— É, tem muita energia — continua Gordon, e Maia se vira para ele. Os olhos deles se encontram por apenas um segundo, mas ele capta algo indefinível, como um agradecimento ou uma aprovação. É como se ela

estivesse relaxando no próprio corpo pela primeira vez desde que se encontraram hoje.

Eles param diante de uma imagem perturbadora, um quadro emprestado de uma galeria de Madri. Um homem nu, ensandecido, de olhos arregalados, consumindo uma figura menor, apertando seu corpo todo ensanguentado e sem cabeça nas mãos. Maia indica com a cabeça e pergunta baixinho:

— Esse te faz pensar no papai?

Gordon analisa a obra de arte — os olhos percorrendo cada detalhe —, depois lê o título ao lado: "*Saturno devorando um filho*, Francisco Goya, c. 1820-23." Ele sente um vazio no peito. Uma dor num lugar lá dentro que nem sabia que existia, e a sensação é intensa demais para continuar olhando.

Num restaurante italiano perto do metrô, os três conversam, descontraídos, enquanto enrolam macarrão no garfo. O clima só muda quando a chuva dá uma trégua e Kate pede licença para fumar um cigarro lá fora. Assim que ela se levanta da mesa, Maia diz:

— Desculpa, eu não devia ter falado aquilo. Lá na galeria, sobre o quadro e o papai. Foi um comentário idiota.

Gordon parece surpreso por ela ter tocado no assunto e dispensa o pedido de desculpa.

— Mas é assim que você enxerga as coisas? — pergunta ele. — *Você* acha que o meu pai me consumiu?

Ele soa tão vulnerável, tão sincero, que Maia queria poder voltar atrás. Ela olha pela janela para a silhueta de Kate lá fora, recostada na parede. A ponta do cigarro brilhando no escuro, primeiro perto do rosto, depois junto do corpo, o pontinho vermelho tremendo levemente conforme ela bate as cinzas com o indicador. Maia não precisa de luz para enxergar; ela conhece as unhas curtas e limpas de Kate, e o jeito como ela fecha os olhos por um instante antes de soltar o ar. Maia então se volta para o irmão, sentindo os olhos dele nela, esperando por uma resposta.

— Não sei se "consumir" é a palavra certa. Manipular, talvez. Você era recompensado por ser cruel com a mamãe, antes mesmo de... Sei lá, antes de formar uma consciência própria, eu acho.

Ela hesita, sem saber se aquilo é o que ele precisa ouvir. Mas ele continua ali, parecendo um bichinho preso numa armadilha, implorando

para ser solto, então ela continua:

— Isso bagunçou com você. Ele não estava nem aí para a sua formação como indivíduo, só queria te usar para machucar a mamãe.

Gordon baixa os olhos, e os dois ficam em silêncio. O garçom aparece para perguntar se está tudo certo com a comida, e os dois fazem que sim, dizem que está ótima, embora o macarrão esteja gelado nos pratos. Eles jogam conversa fora, mas é como se o quadro continuasse ali, com eles — e, de repente, nenhum dos dois tem mais apetite.

Maia vê Kate pisando no cigarro com a sola do sapato lá fora e, numa enxurrada de palavras, na pressa para salvar a situação, diz:

— Mas não foi só você. Nós dois erramos com a mamãe. Na minha idade, na minha profissão, seria de imaginar que eu ia achar um jeito de ajudar, de dar um jeito nas coisas. Mas com família é diferente. Não consigo entender o controle que ele tem sobre ela. — Kate já está quase na mesa agora. — Não entendo por que ela fica; por que não vai embora. O mínimo que a gente pode fazer é estar presente quando ela precisar.

Kate se senta.

— Está tudo bem? — pergunta, o cabelo escurecido em pontos onde a água da chuva deve ter pingado do toldo do restaurante.

— É. A gente estava só falando do meu pai. Nada como isso para acabar com o clima da noite. — Maia diz isso olhando para Gordon, na esperança de que ele entenda que os dois estão juntos nessa. Porque, sempre que pensa na mãe, sente o corpo queimando de culpa. Por não ter feito o bastante. Por não ser uma filha em quem Cora confiasse. Por não ter peitado o pai depois de adulta, porque, no instante em que ele aparece, é como se ela tivesse nove anos de novo, vazia e apavorada, como se o vento passasse direto por dentro dela. A medicina é a única coisa comum entre eles. O único assunto seguro entre os dois. O que, ao mesmo tempo, é um alívio, mas não deixa de ser uma traição. Então é mais fácil não pensar demais. Apenas existir nos intervalos de calma entre os surtos de pânico, que chegam do nada e a deixam sem fôlego até Kate aparecer e ajudá-la a se acalmar. Até ela achar um jeito de normalizar o fato de a mãe ainda estar naquela casa. Sem acesso direto aos próprios filhos, sem nem uma chave para entrar e sair na hora em que bem entender.

Eles dispensam a sobremesa, e Kate pede a conta.

— Desculpa — diz Gordon, quando Maia abre a carteira.

— Fui eu que sugeri o jantar. Está tudo bem. — Ela sabe que houve um tempo em que ele teria jogado o cartão de crédito na mesa sem pensar duas vezes e que agora deve ser difícil não poder ajudar com a conta.

Lá fora, os três se abrigam numa portaria do outro lado da rua.

— Espero que não tenha sido demais para você — diz Maia, observando o rosto de Gordon em busca de algum sinal de que a pequena conexão que eles estabeleceram entre si tenha se desfeito. Ele evita seu olhar, mirando as pessoas pela janela do restaurante do qual acabaram de sair.

"Ele deve estar morrendo de medo de voltar para casa", pensa Maia. Imaginar os três naquela casa a deprime. Reunidos naquela mesa, sem a menor alegria. A mãe já foi embora quatro vezes. Na primeira e na segunda, Maia achou que seria para sempre. Desde então, começou a contar as tentativas, e o único propósito que via nelas era o de se aproximarem do número sete. Sete é o número mágico. Um talismã. É a média de vezes que uma mulher tenta abandonar um parceiro abusivo até enfim conseguir. Uma noite, ela comentou isso antes de dormir e, pela pausa de Kate, pelo suspiro quase imperceptível e pela mão que apertou a sua, percebeu que ela estava pensando: "Mas isso é só uma média. Devem ter uns pontos fora da curva. As que nunca conseguem sair ou as que perdem a vida tentando." E Maia sabe que, quando se trata da família, seu raciocínio não tem nada de científico ou de racional.

— Então, é isso — despede-se Gordon.

Mas Maia ainda não está pronta para se despedir. Precisa arrancar algum tipo de promessa dele.

— Você não vai... Gordon? — Ela o chama pelo nome para trazer a atenção de volta para ela. — Você... er... não vai falar disso com o papai, vai?

— Disso o quê? — pergunta ele, e Maia percebe que Gordon não está ouvindo o que ela está falando.

— De mim e Kate, e...

— Ela não quer que você conte para o seu pai que ela é lésbica — explica Kate, sem rodeios.

— Ah, entendi. Pode deixar.

Gordon observa o casal na janela, a taça de vinho na mão da mulher, o líquido aveludado indo até os lábios da mulher na taça que ela inclina

para beber. Maia está falando alguma coisa, e ele sabe que a irmã está agradecendo e comentando que a noite foi ótima e que eles têm de fazer aquilo mais vezes, mas, na sua cabeça, ele já desceu metade da rua.

Assim que se despedem na estação de metrô de Leicester Square, Gordon segue pela rua. A calçada está lotada de gente, mas ele não enxerga ninguém. Seus olhos estão focados nos letreiros das lojas, pensando no vermelho aveludado do vinho da mulher. Ele já sente o gosto na língua, quase capta o perfume do vinho ao imaginar o som da rolha saindo da garrafa que ele vai comprar.

Por fim, encontra uma lojinha de esquina e vê as luzes brancas lá dentro. Percorre os corredores com a determinação de um cão farejador, contornando os outros fregueses como se fossem obstáculos inanimados. Então encontra o que está procurando. Fileiras de merlot, shiraz, pinot noir, malbec. Gordon escolhe o cabernet sauvignon mais barato, e a garrafa em sua mão traz um conforto imediato, aquele rótulo imaculado, o conteúdo escuro e promissor. Ele quer mergulhar no vinho, consumir e se deixar ser consumido.

Mas então, no caminho para o caixa, seus olhos se detêm em outra coisa. Lá no alto, na prateleira atrás do balcão. *Gordon's*. A garrafa de vidro verde que ele conhece tão bem. As letras cursivas soletrando seu nome. E dizendo: "O seu gim." E agora dizendo também: "Lily." E "advogada", e "agressão", e o que ele sentiu hoje ao dividir com Rob as memórias daquela noite e suas consequências. E depois, quando percebeu que nem a própria irmã confiava nele. E ele pensa: "Meu Deus." E, numa ânsia de se afastar daquela garrafa, daquele nome, do *próprio* nome, do vinho tinto e do erro que estava prestes a cometer, ele empurra o vinho de volta numa prateleira próxima, esmagando os sacos de batata frita tamanho família. E sai correndo da loja.

— Ei! — grita alguém atrás dele. E ele ergue as mãos vazias para quem quer que o esteja vendo correr e dispara pela rua.

Sete anos depois

2022

Bear

Pearl cava a terra seca com uma pazinha e, quando conclui que já tem um buraco grande o bastante, deixa a ferramenta de lado e deita galhos de árvore sobre o buraco, para formar uma tela, avaliando o tamanho de cada galho, para ter certeza de que vai chegar do outro lado. Ela então pega um regadorzinho azul e vai até a torneira do jardim, nos fundos de casa. A voz da mãe chama lá de dentro, perguntando se ela precisa de ajuda, e Pearl, girando a alavanca dura de metal, responde:

— Não. Pode deixar.

A alavanca gira, e ela sorri. Orgulhosa de não precisar de ajuda, como costuma ser o caso. Pearl leva o regador de volta para o buraco na grama e bota um pouquinho de água em seu trabalho. Então observa a terra escurecendo e como o lugar onde os galhos estão parece um pouquinho melhor. Ela se agacha, a barra do vestido arrastando na lama. Pega três folhas lustrosas que tirou mais cedo do pé de louro e coloca sobre os galhos, para escurecer a toca lá embaixo. Um esconderijo perfeito para insetos e outros bichos rastejantes. Amanhã, ela vai olhar para ver se alguém apareceu. Mas, por enquanto, vai atravessando o gramado para conferir as casinhas que construiu nos outros dias, levantando com cuidado uma folha de cada vez, para não assustar os bichinhos com um raio súbito de luz.

Lily observa Pearl pela janela enquanto dobra um cesto de roupa lavada. Ela se parece tanto com Bear. Uma independência, um gosto por revirar terra, uma gentileza. Durante a pandemia, enquanto Lily trabalhava catalogando os e-books da biblioteca, Bear ficou a cargo da educação da filha, dando menos prioridade aos trabalhos que os professores mandavam pela internet e preferindo atividades práticas. Na ladeira da rua deles, eles levantavam as pedras da calçada para procurar tesouros. E praticavam adição e subtração com moedas romanas. Lily ouvia Pearl tentando pronunciar os nomes em latim — *aureus*, *denarius*,

quinarius — e rindo com Bear de um imperador que cunhou treze moedas diferentes com a própria cara num reinado de um ano só.

— Vamos fazer moedas com a nossa cara? — perguntou Pearl. — Mais até do que Quieto fez!

Mais tarde, quando o trabalho de Bear no museu passou a ser remoto, ele e Pearl transmitiram suas aventuras arqueológicas para a comunidade de crianças de ensino domiciliar e as encorajaram a enterrar suas próprias cápsulas do tempo.

Para Lily, foi uma época boa. Os três sempre ao alcance da voz, protegidos. Uma teia protetora em volta de casa. Na hora que antecedia o pôr do sol, eles davam um pulinho na rua.

— Não esqueçam as máscaras! — exclamava Pearl, torcendo para eles pararem no café que servia sorvete pela vitrine.

E, na beleza tranquila do mundo, eles desciam de bicicleta bem no meio das ruas sem carro, sentindo o asfalto lisinho correndo sob as rodas, com Pearl sentada no guidão de Lily.

— Mais rápido, mamãe, mais rápido! — pedia ela, e Bear gritava da bicicleta ao lado, enquanto as gaivotas grasnavam no céu. Dias felizes. Dias que, mesmo com o medo rondando nas bordas, brilhavam com uma liberdade e uma novidade estranhas.

Aconteceu numa quinta-feira. Um dia comum, com a pauta ditada pelas batidas noturnas da caixa-d'água no sótão.

— Hoje dou um jeito nisso — disse Bear, com a cara enfiada no travesseiro, a luz do sol entrando pelas cortinas finas. Sentado na cama, ele repassou mentalmente as soluções que havia encontrado num fórum de encanadores no começo da semana. Instalar defletores na caixa-d'água, trocar os diafragmas ou, a opção que escolheu, instalar uma válvula flutuante esférica maior.

— A gente podia chamar alguém para dar uma olhada — sugeriu Lily.

— Para que arriscar? E eu posso subir com Pearl; ela vai adorar fuçar lá em cima.

Lily pensou em todos os perigos possíveis — a área perto dos beirais, sem piso entre as vigas; o vão completamente aberto do acesso ao sótão —, mas não ficou preocupada. Ela se espreguiçou, tranquila, porque Pearl estaria com Bear. Um dia, Charlotte, esposa de Abelhinhas, comentou com Lily como ela se sentia protegida, carregando sua cesta de compras pelos corredores largos do supermercado chique da cidade,

como se nada de ruim pudesse acontecer naquele espaço amplo, cercada de produtos perfeitamente organizados.

— É assim que eu me sinto quando estou com Bear — disse Lily, as palavras saindo antes de poder pensar no que estava dizendo.

Charlotte riu.

— Sorte a sua. Não conte para Abelhinhas, mas acho que vou continuar indo ao mercado para ter a minha dose de paz.

Lily ficou um pouco sem graça. Achou que sua visão de Bear — um homem — poderia parecer um clichê. Ela acrescentou:

— Acho que foram aqueles anos todos trabalhando no exterior naquelas escavações. Vai ver, quando você passa tanto tempo no meio do nada, acaba se tornando muito capaz. — Embora ela soubesse que não era isso. Era o jeito como ele tinha mudado depois de Paris.

Charlotte fez que sim, os cabelos pretos batendo no queixo.

— É. É verdade... É engraçado como ele transmite mesmo uma segurança. Você também, lógico, mas você me entendeu.

Lá no sótão, Bear e Pearl tiraram a tampa da caixa-d'água.

— Conseguiu pegar? — perguntou Bear. Pearl se aproximou para agarrar uma das laterais, e juntos encostaram a tampa nas vigas. As gotinhas de condensação começaram a encharcar o piso de compensado empoeirado.

— Dá pra ver o jardim da Sra. Greene daqui — comentou Pearl, ficando na ponta dos pés para espiar pela janelinha empoeirada do telhado, toda cheia de teias de aranha.

Bear mergulhou as mãos na água e encaixou a chave inglesa numa porca de latão.

— Como estão os pés de ervilha dela?

— Altos. Beeem altos. A treliça dela é maior que a nossa.

— E aí? Você acha que a planta subiu por causa do suporte mais alto ou será que ela botou esse suporte porque a planta cresceu e o outro ficou pequeno?

— Não sei — respondeu Pearl, com a cara colada no vidro empoeirado. — Mas bem que eu queria saber o segredo dela.

Bear sorriu para si mesmo — ele adorava quando Pearl falava feito gente grande.

Enquanto trabalhava, Pearl fuçava uma pilha de livros antigos.

— Não me lembro de nenhum desses. Você está guardando caso venha outro neném? — perguntou, folheando as páginas grossas de pano, parando para espiar o próprio reflexo num círculo espelhado.

— Não. É mais para quando a gente for velho poder se lembrar de quando lia para você — respondeu Bear, apertando o braço de metal da válvula nova. — Pronto. Quer me ajudar a colocar a tampa de volta?

Ela deixou o livro de lado e se levantou.

— Por que tem que ter tampa?

— Para não entrar rato.

— Tem rato aqui? — perguntou Pearl, espiando os beirais enquanto eles deslizavam a tampa de plástico de volta no lugar.

— Não, é mais "por via das dúvidas" — disse ele, esfregando o rosto ao sentir uma coceira na pele. — Merda!

Pearl cobre a boca, dando uma risadinha.

— Cinquenta centavos!

— Acho que levei uma picada. — Mesmo antes de terminar a frase, Bear sente o inchaço começar entre o nariz e a bochecha.

Pearl pisca para ele na penumbra.

— Ai, dá pra ver. Tá doendo, papai?

Ele aperta a pele inchada com o dedo.

— Só um pouco. Mas vai passar. Espero que não tenha um ninho aqui — comenta ele, olhando ao redor. — Mas acho que a gente teria ouvido. Deve ter sido só uma vespa solitária que subiu atrás da gente. — Ele repara nos livros que Pearl deixou jogados de lado. — Agora vamos arrumar esses livros e escolher alguns para levar lá para baixo.

Eles demoram tempo demais folheando as páginas. Meia hora depois, Pearl pega *Uma lagarta muito comilona* e diz que, se ela quisesse virar borboleta, com certeza começaria com sorvete. Pergunta ao pai o que ele comeria primeiro, e, quando ele responde "melancia", Bear percebe que está com a voz rouca, que a garganta está esquisita. Acelera as últimas páginas e arruma a pilha de livros.

— Anda, vamos descer. Aqui, vou te levar igual bombeiro — chama ele, com a voz arrastada, erguendo Pearl nos ombros e se segurando nos degraus de metal com apenas uma das mãos. Ela ri de novo, e ele se tranquiliza por saber que a filha não percebe a pressa, não repara no jeito rápido com que ele a coloca no chão, guarda a escada e fecha a porta de alçapão do sótão com a haste comprida. Mas, por dentro, seu coração

está disparado, o rosto inchando, a língua engrossando, enquanto ele cruza o corredor. Ele pega o iPad no carregador do escritório e chama Pearl para o quarto dela. Lá, abre o aplicativo de vídeos infantis, e ela fica toda boba de poder ver desenho no meio do dia. Antes do almoço, até.

Bear está ficando tonto agora, mas só precisa aguentar mais um pouco até conseguir se afastar de Pearl. Cambaleia escada abaixo, segurando firme no corrimão. Cadê Lily? No jardim? Na cozinha? Ele espia a sala vazia e chama o nome dela. Mas as palavras ficam presas na garganta e na língua, que a cada segundo cresce mais, como massa de pão. Desaba no sofá e esmurra a mesinha de centro. Uma vez, duas...

— Bear? É você? — E então Lily aparece. Na porta. De vestido branco, o cabelo preto, os lábios se movendo com palavras que ele não consegue distinguir.

Ela se ajoelha ao lado do sofá, tenta fazê-lo falar, entender o que está acontecendo.

— Pearl! Pearl? Você sabe o que aconteceu com o papai? — Bear agarra Lily pelo pulso, balança a cabeça de um lado para o outro, mas é tarde demais. Pearl já está na escada, o rostinho espremido por entre os balaústres de madeira, apavorada demais para se aproximar. — Ai, meu Deus, eu não pensei — diz Lily, olhando de volta para Bear. Ele afrouxa a mão no braço dela. Pisca. Como quem diz: "Está tudo bem, agora já foi."

Lily tenta acalmar a voz e se vira para Pearl.

— Você sabe o que aconteceu? Você estava lá com ele no sótão.

— A gente leu uns livros — diz Pearl, os olhos arregalados.

— Mas não aconteceu nada? — Ela observa o rosto inchado de Bear e toca sua pele. — Ele não se machucou?

O lábio inferior de Pearl treme. Ela faz que sim com a cabeça.

— Uma vespa.

E Lily tem apenas alguns segundos para fazer mágica. Segundos para reverter o que agora já parece inevitável. Embora ela não tenha uma cartola da qual tirar um elixir da vida. Nem uma varinha mágica para girar no ar.

Mas então os segundos acabam. E o que se segue são apenas os minutos frenéticos e incrédulos, minutos em que ela se agarra à esperança como a um bote salva-vidas furado. Nos quais o ar é soprado numa garganta fechada; e dedos pequenos e gordinhos digitam com cuidado o número da emergência no celular da mãe; e juras são feitas a

um Deus desconhecido; e os paramédicos correm até eles sob feixes de luzes azuis, ainda acreditando que há alguém para salvar.

Horas depois — ou talvez uma vida inteira —, Lily e Pearl voltam para uma casa mergulhada na escuridão. A chave na porta parece estranha. E, quando acendem a luz do hall, a claridade incomoda seus olhos.

Um silêncio terrível se instala em cada canto de cada cômodo e permanece por dias. Suas vozes se perdem nessa quietude. Suas palavras saem como esponjas jogadas contra uma rocha, batendo e caindo no chão, sem a menor chance de abrir uma fenda. Elas circulam pela casa como criaturas perdidas na floresta. E se agarram uma à outra, sem nunca se afastarem. Um copo de água, uma ida ao banheiro, um lenço esquecido, alguma coisa no cômodo ao lado; elas andam como uma só, sem querer deixar a outra fora do campo de visão.

Elas seguem os protocolos do governo e só encontram a família ao ar livre. Poucos dias antes do enterro, elas se sentam no calçadão com Abelhinhas e Charlotte e ficam olhando para o mar.

— Come uma, mamãe — oferece Pearl, estendendo o saquinho de batata frita. Lily sente o vinagre na garganta e tosse, e uma mulher passa ajeitando ostensivamente a máscara no alto do nariz. Elas a observam se afastando... grande e gorda, protegida pela crença de que o vírus é o único risco.

— Ela devia era prestar atenção nesse chão todo quebrado — diz Charlotte.

— Ai, não diz isso. Parece até que você está rogando praga — repreende Maia.

Lily ri, um som baixo e culpado. Mas que se espalha para as outras, crescendo até virar um guincho, um berro, um rugido que faz seus ombros tremerem e seus olhos lacrimejarem. Até que — inevitavelmente — o riso se esvai. E ao menos essa parte Pearl entende.

Em casa, elas se sentam no sofá e Pearl deita a bochecha na almofada do assento.

— Foi aqui que o papai morreu? — pergunta, sabendo que sim, mas precisando que Lily diga em voz alta. De novo e de novo. Como se aquilo só pudesse se tornar crível ao ser recontado.

Elas montam quebra-cabeças, constroem torres de Lego, leem livros, e a cada peça de quebra-cabeça, cada bloco de Lego encaixado, cada

página virada, Lily sente a ausência de Bear. Um dia, elas fazem scones e, ao pressionar o cortador na massa grossa, Lily se espanta com o fato de que Bear possa estar morto e que elas estejam ali, cozinhando. Que o mundo continue girando. Que ela continue funcionando.

— O papai vai ficar morto pra sempre? — pergunta Pearl.

— Vai — responde Lily, e a palavra afunda feito pedra.

Pearl dorme na cama grande, e Lily, com cuidado para não acordá-la, passa a noite indo ao banheiro para chorar nas mãos, com a luz da rua entrando pela janela e iluminando as escovas de dentes deles. A de Bear já está dura pelo desuso. Ela a enxágua, querendo trazê-la de volta à vida. Mas, no mesmo instante, sente que lavou fora o que fazia valer mantê-la ali, e a joga no lixo. Dos catorze aos trinta e dois. Não é, não foi o suficiente. Ela queria envelhecer com ele. Queria sentir seus braços ao redor do corpo. Queria enterrar o rosto no calor doce e com cheiro de biscoito do seu pescoço.

Cora passou os últimos dias visitando os jardins onde costumava trabalhar. Os donos deixaram que ela ficasse com sua antiga chave. Ajoelhada perto das peônias, lágrimas caindo na terra, ela viu, dia após dia, os botões fechados se abrindo pouco a pouco, mentalizando-os totalmente abertos no momento certo, quando vão mirar o céu e cantar — em seu estado mais maravilhoso —, na manhã em que seu filho partir deste mundo, na manhã em que seu corpo lindo voltar ao pó.

Agora, ao sair do carro, ela é recebida pelo coro da alvorada. Abre o portão rangente dos jardins, anda pelas trilhas de cascalho, atravessa o pomar, a grama ainda úmida de orvalho. E encontra as peônias perfeitas. Generosas. Magnânimas. Como Bear. Ela se inclina sobre elas, enfia o rosto entre as flores, deixa que as pétalas acariciem suas bochechas. As calças ficam encharcadas nos joelhos. Quando sente que já passou tempo o suficiente ali — mas quando é que esse tempo vai ser suficiente algum dia? —, ela se afasta. Tira da bolsa seu par preferido de tesouras de poda. Está acostumada a podas drásticas, a cortar fundo, mas nunca cultivou flores para corte. Ela hesita diante das primeiras flores do pé, esticando o pescoço para avaliar cada galho de todos os ângulos. Por fim, escolhe uma. A primeira, pensa ela, não será a melhor. Mas será uma boa. Com dois dedos, segura a base da flor e, com a outra mão, posiciona as lâminas mais abaixo no caule e corta.

O velório é feito respeitando o distanciamento social, os presentes isolados em suas bolhas, o número de convidados limitado.

Cora está com Mehri, mas não pode tocar a neta, não pode atravessar o vazio e puxar Lily para um abraço. E, assim, elas se reúnem no estacionamento antes da cerimônia, os choros abafados pelas máscaras. Os pêsames insuficientes, pousando em algum lugar nos dois metros que as separam.

Pelas janelas do carro funerário, Cora vê o arranjo de peônias, hortênsias e eucaliptos adornando o caixão de Bear. As flores estão lindas. Exatamente como ela havia imaginado. Mas a intimidade dos dias que passou cuidando delas... o momento em que as levou ao florista, e então o momento em que ficou sentada na soleira de casa com elas nesta manhã, conversando baixinho antes de a cidade despertar... essa delicadeza, essa doçura, já se foi.

Lá dentro, todos se sentam afastados. A capela, suas palavras, seus gestos, tudo é transmitido ao vivo para que pessoas que Cora nem conhece — amigos de Bear, colegas do museu, gente do mundo todo — possam ver das suas telas de computador. Assistindo à dor deles. Ela torce para que a imagem esteja borrada demais para as pessoas perceberem como as costas de Abelhinhas tremem durante a missa; e torce para que o som seja ruim o suficiente para não capturar o gemido grave, quase animalesco, que Pearl solta quando a cortina se fecha em volta do caixão. No meio da sua leitura, Cora ergue o rosto e vê o olho intrusivo da câmera. Ela se embaralha nas palavras, mas não se importa com quem percebe. Numa onda fugaz de raiva, ela torce para que aquilo deixe as pessoas desconfortáveis e que as faça desviar o olhar, embora ninguém tenha culpa de nada disso.

— Parece que eu não tenho nada — diz Maia para Lily ao telefone, certa noite. — É como se ele estivesse aqui, e agora não está mais, e não consigo dar conta disso. A falta de... de uma transição.

Não tem nada de lógico, nem de gentil, mas às vezes Lily sente como se ela e Pearl acabassem com ainda menos de Bear se ela reconhecesse o quanto outras pessoas significaram para ele. Ainda assim, se pega dizendo:

— Você sabia do sonho que ele costumava ter?

— Acho que não... Que sonho?

— Era com você. Ele tinha esse sonho desde que saiu de casa.

— Ah — diz Maia, e Lily percebe que aquilo é novidade para ela.

Lily a imagina sentada na sala de estar, de olhos inchados, só querendo *alguma coisa*. E ela com certeza pode lhe dar isso, não pode? Então respira fundo.

— No sonho, ele estava morrendo...

— Desculpa, mas não sei se vou aguentar ouvir isso agora. Achei que fosse uma coisa boa.

— Sei que parece ruim, mas sério, Abelhinhas, acho que você vai querer ouvir. Acho que pode ajudar.

Lily ouve Maia recuperar o fôlego e sabe que ela está chorando de novo. Diante do silêncio, Lily continua:

— O sonho era sempre igual. Ele não sabia muito bem qual era a causa, só que estava morrendo e ficava apavorado e sozinho. Mas aí você aparecia. Empurrando-o num balanço, ou soprando as falas de uma peça da escola. Sempre uma coisa diferente. Mas sempre terminava igual. Numa corrida... Uma competição na escola. Ele estava ganhando, mas não queria ganhar. Morria de medo de alcançar a linha de chegada, porque sabia que teria uma fita branca, e que, quando arrebentasse a fita com o peito, pronto, ele iria morrer. Mas aí você aparecia na multidão. Ele dizia que sempre ficava tão feliz, tão aliviado por você estar lá. Aí ele começava a correr de costas, para tentar manter o passo com você. Só que, por mais que ele lutasse, era puxado para a fita de novo. Mas já não estava mais com medo. Ele só me contou isso porque eu cansei de ele puxar o edredom na cama. E eu ficava lá, acordada, mas ele voltava a dormir com a maior cara de satisfação. Ele dizia que com ele sempre foi assim: que você sempre estava lá, sempre fazendo com que ele se sentisse seguro e amado.

— Ah — sussurra Maia, com uma voz baixa e trêmula. Lily fica ali, ouvindo a respiração da outra. — Obrigada — agradece Maia, por fim.

— Eu devia ter te contado antes — diz Lily. — Acho que eu queria poder ser essa pessoa que o reconfortava desse jeito. Mas fiquei me perguntando se você não estava lá com ele, do lado dele, quando ele realmente morreu.

Lily não sabe por que mantém o celular de Bear carregado na mesa de cabeceira. Talvez para ver as mensagens ou os e-mails ocasionais que

ainda chegam de quem não ficou sabendo e pelo breve instante em que ela pode imaginar que, em outra vida, se as coisas tivessem sido diferentes, que ele poderia estar ali para ler aquilo com os próprios olhos, para digitar uma resposta com os próprios dedos. Mas um dia o telefone *toca*, um som inesperado que faz Lily e Pearl erguerem os olhos do quebra-cabeça e parar. Elas correm escada acima, aflitas para atender antes de o telefone parar de tocar. Pearl se joga na cama, e Lily atende a ligação.

Quem fala do outro lado é um homem. Ele pode falar com Bear?

Há um segundo de silêncio, espanto. Um constrangimento do outro lado da linha. Ah, ele sente muito. Muitíssimo. Ele ligou para falar do carro elétrico que o marido dela encomendou no ano passado. Ela não sabia? A pandemia acabou atrasando a produção, mas o carro está finalmente pronto para entrega. Já está pago.

Enquanto o homem fala, Lily fica imaginando Bear conferindo a conta bancária, economizando para comprar o primeiro carro deles. Eles nunca precisaram, morando tão perto do centro e da estação, mas ela sempre quis ter um carro. Queria dirigir pelo interior, ouvindo música. Viajar nas férias sem depender de táxi na última etapa da viagem. Visitar os pais e Cora sem ter de ficar repassando mentalmente os horários dos trens. Ela imagina Bear pesquisando na internet. Imagina-o indo à concessionária, seu marido lindo, fazendo algo fofo por ela no meio de um dia qualquer, antes de o mundo parar. Onde será que ela estava nesse dia? Talvez caminhando à beira-mar ou na biblioteca. E ela seguiu em frente, alheia a tudo isso. Ao que ele estava fazendo e a essa surpresa. Alheia também ao que era ter alguém assim na vida, alguém que planeja surpresas, que tenta colocar asas nas suas costas.

Pearl, que ouvia tudo com a orelha colada na de Lily, interrompe:

— Pergunta qual é a cor, mamãe!

O homem escuta.

— É preto — diz ele. Exatamente a cor que Lily teria escolhido.

E agora já é 2022. Dois anos se passaram desde a morte de Bear. E Pearl, essa criança que eles fizeram juntos, tem seis anos. Ela pede:

— Me conta a história do... — E Lily inventa alguma aventura estrelada pelo pai magnífico dela. Às vezes, teme estar transformando-o num deus mítico, numa criatura boa demais para ter realmente pisado

neste mundo. Mas ela não consegue diminuir nada. Não consegue fazer dele alguém menos maravilhoso do que foi. — A gente teve sorte, né, mamãe? — diz Pearl, e Lily faz que sim com a cabeça.

Um dia, quando Pearl sai para passear com Maia, elas encontram um casal de velhinhos com um filhotinho de cachorro. O bichinho pula em folhas levadas pelo vento, tropeça nas próprias patas, persegue o próprio rabo, mal consegue manter a atenção antes de se encantar com a próxima coisa. Maia pergunta se elas podem fazer carinho, e, enquanto os adultos conversam por cima da sua cabeça, Pearl toca nas orelhas macias do cachorro, que esfrega o focinho na perna dela, querendo chegar bem perto. Ela capta trechos da conversa: que os cães não precisam viver tanto quanto as pessoas porque são muito bons em encontrar alegria na vida. Como se fôssemos colocados neste mundo para extrair certa dose de felicidade e pudéssemos ir embora quando a missão estivesse cumprida.

— O papai era assim também, Abelhinhas? — pergunta Pearl, enquanto vão se afastando.

Maia prende a respiração por um segundo e seus olhos ardem.

— Mais ou menos isso — responde, sentindo os dedinhos de Pearl se enroscarem na sua palma, até envolver os dela.

— Ainda bem que você é assim bem séria — diz Pearl, apertando a mão dela. E Maia entende o que ela quis dizer; que Pearl quer... que Pearl precisa que as outras pessoas em sua vida fiquem por mais tempo.

— Não se preocupe, não vou a lugar nenhum.

Maia sorri, pensando no irmão mais novo. Lembrando-se de como ela sempre viveu à sombra daquela exuberância, daquela habilidade de tornar tudo mais especial, mas como isso foi, na verdade, um privilégio. E olha só a pérola que ele deixou para eles. Uma linda e competente pérola.

— Me conta a história do meu nome — pede Pearl, sentada de pernas cruzadas na bancada da cozinha, enquanto elas lavam a louça juntas. E Lily conta como foi. Como Bear disse que eles tinham de pensar em como os próprios nomes combinariam com aquela nova pessoinha que estava vindo para completar os dois.

— É lógico! Animal, vegetal e mineral — disse ele, animado. — O nome dela tem que ser um mineral.

Lily puxou uma lista no celular. Jade, Rubi, Opala, Esmeralda, Cristal; e foi lendo os nomes até que... Pearl, pérola.

— Pearl — repetiu Bear, experimentando a sonoridade.

— Mas diz aqui que pérola não é bem um mineral. — E Lily leu a explicação: — "Embora a pérola tenha um mineral em sua composição, por ter origem orgânica não pode ser considerada oficialmente um mineral."

Recentemente, Lily e Pearl têm brincado desse jogo de adivinhação. Primeira pergunta: animal, vegetal ou mineral? Pearl tenta descobrir no que Lily está pensando, mas, quando é a vez dela de dar as pistas, a resposta inicial é sempre a mesma: "Animal." Lily então inventa perguntas que possam levá-la por uma rota bem sinuosa até chegar à resposta que já sabe qual é.

— É... o papai? — acaba perguntando, e Pearl sorri, satisfeita.

Os dias de aula são longos, e Pearl sai da escola exausta. Assim que passam pelos portões, ela pede para ir sentada no cangote, e, mesmo cansada depois do expediente na biblioteca, Lily encara a ladeira com o corpinho quente da filha pendurado nas costas, a lancheira vazia batendo de leve no quadril. O peso das duas queima na base da coluna, mas aquilo faz Lily se sentir mais viva, como se seu próprio corpo a arrancasse do estupor do luto.

Elas estão planejando adotar um gato.

— Não é como se ele fosse substituir o papai — explica Pearl a Cora, ao contar para a avó do plano delas. E Cora faz que sim com a cabeça, entendendo que elas estão abrindo as portas de casa para um animal, para poderem manter viva a trindade de animal, vegetal, mineral. Que existe força na escolha de não seguir mancando para sempre, sem aquela energia animal nas suas vidas. Bear ficaria tão orgulhoso.

Foi durante a primeira quarentena, antes da morte de Bear, quando as calçadas e as janelas ainda estavam cobertas de arco-íris desenhados à mão, e toda quinta-feira, às oito da noite, as portas se abriam para aplaudir os profissionais de saúde que cuidavam dos doentes, que Maia recebeu notícias dele. A carta chegou entre boletos e o panfleto de uma pizzaria.

Ela não reconheceu a caligrafia. Talvez por causa do leve tremor da idade, ou talvez porque já tivesse apagado aquilo de algum antigo arquivo mental. E assim, leu a primeira linha sem perceber de quem vinham aquelas folhas escritas à mão.

Prezada Maia,

Tudo bem? Talvez você não se lembre — talvez nem tenha sido você —, mas anos atrás, em 2009 talvez, acredito que nós nos vimos num engarrafamento. Tinha certeza de que era você, e acho que você também me reconheceu. Penso muito em você desde então, e já quis escrever em muitas ocasiões, mas, por respeito à nova vida que você certamente construiu, preferi não me intrometer. De alguma forma, a pandemia mudou as coisas. Eu já estou com mais de setenta anos, com a morte à espreita em todos os cantos, e tenho uma compreensão maior de como o tempo é finito. De como o contato é agora ou nunca...

Maia dobrou a carta e a enfiou de volta no envelope, como se o conteúdo pudesse saltar da página direto para sua mente se ela não fosse rápida o suficiente. E carregou aquilo na bolsa por dias, sentindo sua presença, uma sombra do pai por cima do ombro, enquanto decidia o que fazer. Ela ficou se perguntando como ele tinha conseguido seu endereço; fazia anos que ela não tinha qualquer contato com os avós.

Uma tarde, ela guardou as fichas dos pacientes mais cedo, foi até a praia de pedrinhas e se sentou debaixo do quebra-mar de madeira, para se abrigar. Ela pegou a carta de novo, agora consciente de que seus dedos estavam tocando um papel que ele também havia segurado. Olhou para o céu, na esperança de que a maresia pudesse limpá-la daquilo, mas a única coisa que sentiu foi o sal pesando em cima dela e marcando ainda mais aquela sensação ruim. Relutante, olhou para a carta e começou a ler.

Quando terminou, recostou-se no quebra-mar. Não sabia quanto tempo tinha se passado até Charlotte aparecer na praia e se sentar ao seu lado.

— É uma carta do meu pai — explicou Maia, virando um canto do envelope para ela. — Era ele, naquele dia, no engarrafamento. — Charlotte estava peneirando as pedrinhas da praia pelos dedos longos. — Ele escreveu para fazer as pazes, aparentemente. Para renovar a minha fé

na humanidade. No nosso potencial de mudança. — Maia soltou uma risadinha.

— E ele mudou? — perguntou Charlotte.

— Talvez. Depois que saiu da prisão, foi procurar uma instituição de caridade para agressores domésticos. E acabou trabalhando para eles. Ele devia ser bom nisso; a mamãe sempre falou que ele era um médico excelente, antes de tudo. Um médico melhor do que marido, pelo menos.

Charlotte olhava para o mar, mas Maia sabia que tinha toda a sua atenção. Ela tinha um talento especial para sentir quando esperar em silêncio, em vez de fazer perguntas.

— Parece que eu tenho uma meia-irmã. Ele teve outro relacionamento. Um relacionamento normal, segundo ele. Mas eles terminaram. Ele diz que foi só porque deixaram de se amar, e não por causa de nada mais sinistro. Mas parece que a filha não tem muito contato com ele. Ela tem dezessete anos.

— Caramba. Uma irmã. Nunca passou pela minha cabeça — disse Charlotte.

— Nem pela minha. — E, depois de um tempo, acrescentou: — Ele pediu desculpas. Para mim, na carta. E para a mamãe, e para Bear também. Se eu quiser passar adiante.

— Você vai contar para ela?

— Não sei se isso traria algum bem. Só serviria para remexer um monte de sentimentos ruins.

Elas ficaram em silêncio, até que Charlotte perguntou:

— Você vai responder?

— Não sei. Acho que vou ficar aqui mais um pouco e ver se me ocorre uma resposta.

— Tá bom, então — disse Charlotte, se levantando. Alisou a calça e completou: — Eu vou para casa. Você vem jantar?

Maia ergueu os olhos, estreitando as pálpebras contra a luz do sol do fim de tarde.

— Volto sim, umas sete — disse, e Charlotte apertou seu ombro e saiu andando pela praia.

Maia ficou observando o sol começar a se pôr. As ondas quebrando cada vez mais perto, atingindo uma faixa de seixos e invadindo a seguinte. Quando chegaram aonde ela estava, Maia tirou os sapatos, equilibrou-os sobre um poste velho e entrou no mar de Brighton,

sentindo a água gelada fustigando a pele. Com a água batendo na altura das coxas, o vestido colado nas pernas, ela tirou a carta de dentro do envelope, enfiou na água e ficou olhando a tinta fluir das páginas, até sobrar em suas mãos apenas o papel manchado e se desintegrando. Queria que levasse alguns minutos, mas bastaram uns poucos segundos. Ela amassou o que restou, depois deu meia-volta e voltou pela praia com os seixos machucando a sola dos pés. Quando chegou ao calçadão, jogou a maçaroca de papel e água salgada numa lixeira e ouviu o baque suave no metal. Então se sentou no paredão, calçou os sapatos e voltou para sua vida com Charlotte, deixando o pai que um dia havia tido com a dele.

***

Perder Bear fez Cora envelhecer. Pela falta de despedida. Pela distância de Pearl e Lily em meio ao luto. Mas, como da outra vez, quando Vihaan foi morto e Gordon foi preso, foi Mehri quem veio ampará-la. Mehri, com quem ela ri e chora em meio à escuridão. Mehri, que, agora que a vida começa a se abrir de novo, a conduz com gentileza em direção à luz, como uma criatura emergindo da hibernação. O sangue correndo mais frio, mais lento, mas, ainda assim, com a sensação de que sobreviveu.

Numa noite, ao chegar à casa da amiga, as duas conversam na cozinha, e Cora ouve vozes masculinas e percebe que Roland está com alguém na sala de estar, no fim do corredor.

— Quem é? — murmura ela, e Mehri responde que é Felix, um amigo de Roland, que apareceu sem avisar para emprestar uma agulha de vitrola.

— O cara com quem eu saí?

— Com quem você saiu? — pergunta Mehri, e Cora pede que ela fale baixo. — Ah, é. Esse mesmo! Meu Deus, há quanto tempo foi isso? Uns vinte anos? — Mehri balança a cabeça, sem acreditar.

Cora sabe que é uma coincidência o fato de os dois estarem ali; mesmo assim, ela fica pouco à vontade de aparecer na sala para dizer oi.

— Ah, Cora, né? — cumprimenta Felix. — Que bom te ver de novo. — O sorriso dele é instantâneo e genuíno, e nada em seus modos parece sugerir que ele ficou ressentido de que Cora não tenha levado as coisas adiante, ou que sequer se lembra do que aconteceu. Ele tem um rosto

simpático, embora Cora fique surpresa de notar que está bem mais velho. Mas logo se lembra de que ela também envelheceu; os dois estão com quase setenta anos.

— Íamos preparar o jantar. Quer ficar para comer com a gente, Felix? — convida Mehri.

Os quatro preparam a refeição juntos, o chiado do vinil ao fundo, Mehri e Roland agitados na cozinha, enquanto Cora e Felix cortam legumes à mesa.

Cora conta sobre Pearl, sobre como ela pega o trem até Brighton toda semana para cozinhar com a neta.

— Nós fazemos muito pão. Ela gosta de enfiar os dedos na massa, modelar em formato de bichinhos. Principalmente gatos. Ela acabou de ganhar um gatinho.

— Era o meu ramo. Agora estou aposentado.

— Ah, é verdade. — Ela havia esquecido que ele era veterinário.

— Eu gostava de saber os nomes que os donos davam. Sempre achava graça quando escolhiam nome de gente. Tipo Derek. Ou Clive.

— Bom, a Pearl chamou o gato dela de Gato. — Ela vê Felix sorrir. — Mas não é tão sem graça quanto parece — acrescenta, e de alguma forma ela se vê contando mais a ele. — Nós perdemos o meu filho, o pai de Pearl, durante a pandemia. O nome dele era Bear. Acho que Gato é como se fosse uma forma de se lembrar dele. Ele... — Cora para de cortar e fita o teto, tentando encontrar as palavras certas. — Ele era igual ao nome. Fofo e simpático, bom de abraçar. Mas também corajoso e forte.

Felix pousa a faca e cobre a mão de Cora com a sua, enquanto ela se recompõe. Ela está ciente de Mehri e Roland ao fundo, ainda se movimentando na cozinha; por um instante, tinha esquecido que eles estavam ali. Sabe que Mehri deve ter se surpreendido ao vê-la falando tão abertamente. Ela mesma se surpreendeu.

— E o gato faz jus ao nome? — pergunta Felix.

— Ah, faz sim, igualzinho. Ele vive na dele. Mas, e eu não sei como conseguiu isso, ele fez a casa virar um lar de novo. Quando penso, fazia muito tempo que aquela casa não era mais um lar.

Felix fica um tempo em silêncio. Então ele diz:

— É, eu entendo bem o que você quer dizer. Eu perdi a minha esposa para um câncer logo antes da pandemia. A nossa casa... Nos últimos anos, tem sido difícil passar tanto tempo sozinho lá. Um gato teria sido

bom. Nem que fosse só pelo barulho dele andando pela casa, usando a caixa de areia.

É estranho perceber o quanto eles viveram desde a última vez que se viram. Que ambos sofreram perdas tão grandes. Cora notou um cansaço nele, como se seus nervos, como os dela, estivessem à flor da pele.

À medida que a noite avança, eles mergulham numa visão de túnel, ansiosos pelo que o outro tem a dizer. Mal percebem quando Roland e Mehri se retiram para fazer uma salada de frutas, ou para falar com Fern ao telefone. Por um momento, Cora se pergunta se estão sendo mal-educados, mas sabe que os amigos não vão se importar.

A conversa primeiro é séria, depois leve. Em certo ponto, Cora se vê demonstrando um passo de balé específico para ilustrar uma história da juventude.

— Eu nem sei quantos anos têm desde que fiz isso na frente de alguém — comenta ela, sentando-se de novo.

— Pois é. Somos amigas há trinta e cinco anos, e eu jamais ganhei nem um *plié* — diz Mehri, voltando para a sala. Ela para atrás da cadeira de Cora e dá um beijo na sua bochecha. — Estamos indo dormir, *azizam*.

— Que horas são?

— Ah, já passou de meia-noite — responde Mehri.

— Nem percebi que tinha ficado tão tarde. — Cora toca a tela do celular e vê que, na verdade, já passou de uma da manhã.

— A noite é uma criança — diz Mehri, colocando sua taça de vinho na bancada da pia. — Mas, se vocês ainda estiverem animados, podiam lavar as taças antes de ir embora... — completa, com os olhos brilhando. Então se vira para Felix. — Foi um prazer quase não conversar com você. Nem me lembro da última vez que vi Cora se divertindo tanto. Você deveria aparecer mais vezes.

Mehri os deixa com a louça, um com o outro. E mais tarde Felix se oferece para acompanhar Cora até em casa e ela aceita, ambos meio sem pensar; os dois já estão absorvidos numa conversa que vai continuar a se desenrolar lentamente ao longo de todos os anos que ainda lhes restam.

Julian

Julian entra de novo no seu estúdio, repassa as fotos no celular e manda para Cian uma imagem da remessa de caixas que, quinze minutos antes, estavam empilhadas diante dele. Agora, a bancada encostada na parede está livre pela primeira vez em meses. São apenas onze da manhã, mas ele fica com a sensação de que deveria marcar aquele momento de alguma forma. Se fumasse, iria se sentar nos degraus dos fundos do prédio, perto da saída de emergência, e aliviar o estresse dos últimos meses numa nuvem de nicotina e alcatrão. Ele pensa nas caixas de joias, sacolejando pela cidade na carroceria de uma van, protegidas por plástico-bolha, a caminho do porto e depois para um lugar ironicamente chamado Liberty. Uma loja de departamentos em Londres que, segundo Cian, foi construída com a madeira de navios antigos e que tem uma escada de mogno que range quando se pisa nos degraus e faz parecer que o prédio inteiro está adernando numa onda. Cian diz que o lugar também tem fantasmas. Julian se pergunta se eles vão encontrar alguns dos fantasmas dele. Se não acabou fundindo alguns no metal enquanto fazia as peças dessa remessa. Não é o tipo de pessoa que se entrega a pensamentos mágicos, mas se preocupa que talvez os próprios pensamentos, as memórias, o estresse desse período talvez tenham se fundido em cada peça, de alguma forma, embora Maia diga que não acha que seja assim que funciona.

Julian se apoiou muito em Maia durante a pandemia, depois que Orla saiu de casa com as crianças. Naquela primeira quarentena, quando os revendedores todos fecharam as portas e o desemprego teve a maior alta mensal da história do país, foi como despencar em queda livre com o chão lá embaixo esperando para recebê-lo. Não tinha nada que ele pudesse fazer para evitar. E, enquanto muita gente parecia estar fazendo pão caseiro e plantando legumes, os profissionais autônomos não receberam apoio nenhum. Pelo menos não no início, e logo as interações

entre Julian e Orla começaram a parecer uma lixa se esfregando em si mesma.

— Por que você comprou mais café?

— O quê?

— Café é um luxo, não é essencial.

— É essencial para mim.

— Mais do que alimentar os próprios filhos?

As palavras poderiam ter sido ditas por qualquer um dos dois, dependendo do humor, de quem estivesse mais ansioso num dado momento. E a mulher que ele um dia romantizou, o jeito dela quando olhava para ele, a forma como sua pele brilhava naquela última hora antes do pôr do sol, quando tudo parecia banhado a ouro... ele não enxergava mais. Era só Orla. Calça jeans um pouco apertada demais, olheiras profundas, um hábito irritante de estalar a língua, distraída, até parecer que o barulho vai abrir um buraco no crânio dele.

Em maio daquela primeira quarentena, um vazamento na máquina de lavar inundou a cozinha, e Julian passou dois dias tentando consertar, em meio a uma pilha cada vez maior de ferramentas, sempre com a impressão de que se visse mais um vídeo do YouTube iria encontrar a solução.

— Deixa eu passar aí para dar uma olhada para você — ofereceu Cian. — Prometo tomar cuidado. Vou de máscara.

Mas Julian recusou, preocupado demais com a possibilidade de passar o vírus para ele, de quebrar as regras, de um vizinho ou a polícia descobrirem. E, assim, eles passaram a lavar as roupas na banheira, torcendo peça por peça, deixando tudo pingar no antigo varal de teto. A casa inteira parecia úmida, e as tábuas de madeira do piso da cozinha foram ficando escuras nos pontos que não secavam. À noite, começaram a aparecer lesmas, os corpos grossos se esticando igual chiclete para atravessar qualquer fresta. Julian enfiou palha de aço nas rachaduras sob os rodapés e em volta dos canos, mas isso não ajudou em nada, e, numa dessas noites, quando Orla desceu para tomar um copo de água, encostou sem querer numa lesma que vinha descendo pela torneira da cozinha. Todos acordaram, luzes acesas, os adultos se encarando enquanto tentavam acalmar as crianças e colocá-las de volta na cama.

— Essa casa! — resmungou Orla, se enfiando de novo debaixo das cobertas.

— E você não acha que exagerou um pouco, gritando daquele jeito?

— Não foi de propósito, seu idiota.

Julian ficou deitado com as mãos espalmadas sob as cobertas, uma tampa sobre a raiva. Sempre com medo de quem ele poderia se tornar se agisse diferente.

Outro dia, quando as meninas estavam brigando, Julian perguntou:

— Você vai lidar com isso, Orla? — Ele estava sentado à mesa da cozinha, fazendo a contabilidade, enquanto ela preparava o jantar.

— *Eu* que vou lidar com isso? — devolveu Orla, enquanto o barulho aumentava no cômodo ao lado. Julian ergueu os olhos da papelada e viu a frustração, ou talvez até um lampejo de ódio, no rosto dela. — Já passou pela sua cabeça que *você* também pode ir lá mostrar quem manda? Eu sei que, se você fizer isso pela primeira vez na vida, não vai ser o Sr. Bonzinho, mas elas são suas filhas também, Jules. Por que você só fica com a parte boa da história?

Ele suspirou e ergueu as mãos diante da bronca, como se fosse se defender.

— Não faz isso! Por que você sempre faz isso?!

— Eu não fiz nada.

— Fez, sim! Essa sua cara! Essa cara que tenta me fazer parecer uma lunática descontrolada. Eu posso estar irritada, mas o que estou falando faz todo o sentido. Quando você impõe um limite para uma criança, isso faz com que ela se sinta segura. Entendeu? Segura. Na hora, ela pode até te olhar como se você fosse um idiota, mas, no fundo, isso é ser o adulto responsável.

— Orla — repreendeu Julian, estremecendo com o jeito de ela falar e com a possibilidade de as meninas ouvirem.

— Você precisa mesmo ser tão passivo na sua própria vida o tempo todo? Eu estou tentando te dizer uma coisa, te dar uma chance, e você não consegue nem ouvir. Só fica pensando em *como* eu estou dizendo isso.

Àquela altura, uma das meninas — Aoife, pensou Julian — estava chorando, e ele conseguia ouvir as palavras "Me devolve!" por sobre os gritos de Orla. Ele foi até a sala de estar, onde as duas estavam engalfinhadas por causa de algum brinquedo.

— Está bem, quem quer um biscoito?

Mas, antes que elas pudessem responder, Orla apareceu, pronta para mais um sermão.

— Essa é a sua solução? Um biscoito?! Está quase na hora do jantar, mas você prefere dar um biscoito a agir feito um adulto? Quando é que você vai crescer, Jules? Quando é que vai começar a colocar a gente em primeiro lugar? — E saiu da sala batendo a porta.

Ele se sentiu exausto. Porque, no fim das contas, não importava *qual* fosse o motivo da discussão, eles sempre voltavam àquilo. Ao fato de que ele não conseguia esquecer o passado, sua hostilidade em relação à Inglaterra, para garantir um futuro para eles.

À noite, ele ficou remoendo as palavras de Maia na cabeça, algo que ela disse uma vez sobre o desprezo ser a coisa mais corrosiva num relacionamento, o sinal mais claro de que um casamento estava mal. Era como ele se sentia. A completa carnificina das palavras duras na casa úmida; corpos hostis que não mais se voltavam um para o outro. E ele não conseguia enxergar o que precisava fazer para mudar aquilo, embora Orla gritasse isso para ele em praticamente toda discussão que tinham e embora ela o tivesse feito em todos os anos em que passaram juntos, como se toda a frustração dela houvesse nascido de uma única raiz. Foi só quando Cian disse as palavras que Julian realmente ouviu.

Às vezes é assim: quando a pessoa mais calada, mais reservada em suas opiniões, mais relutante em impor o que está pensando aos outros, finalmente fala, você ouve. Ah. *Ah*, e de repente você está de cara com a verdade.

— Julian, meu filho. Se você continuar com esse orgulho besta, vai perder a sua família de vez. Venda as suas coisas para a Inglaterra. É só um lugar. Não é o seu pai.

Mas àquela altura a família já tinha ido embora. Para a casa dos pais de Orla. Quando a Irlanda começou o *lockdown* de novo, em outubro, Orla disse que, para o bem dos dois — e das crianças também —, eles não podiam encarar outra quarentena juntos. "Eu não posso morar com você assim, Jules. Sempre enchendo o saco para tentar te transformar na pessoa que eu queria que você fosse; não gosto da pessoa em que estou me tornando." Embora ela não tivesse levado tudo, a casa parecia vazia. Ganchos vazios no hall de entrada, prateleiras sem livros e jogos, escovas de dentes faltando na pia do banheiro.

Sem Aoife e Niamh, e sem Orla para recebê-lo à noite, do trabalho, Julian começou a trabalhar até tarde. Passava mais tempo no computador, entrando em contato com revendedores, tentando movimentar os negócios. Às vezes, mandar e-mails era que nem jogar pedras num poço; a única confirmação de que chegaram a algum lugar era a ocasional resposta automática: "Esse usuário de e-mail não existe mais." A todo lugar que recorria, se deparava com histórias de falências e demissões. Talvez por isso ele se sentisse menos sozinho, mas não foi o que aconteceu. Julian ficou imaginando aquelas pessoas encontrando novos papéis empolgantes, largando a vida antiga e abrindo start-ups ou arrumando empregos em empresas capazes de enfrentar a pandemia. Às vezes, ele imaginava que elas tinham começado a fazer as próprias joias, e então tinha a sensação de que estava diante de um elevador se fechando, sem espaço ali dentro para ele. Vasculhou e-mails antigos, atrás de contatos que um dia procuraram por ele. Ficou com vergonha de ver quantos deixou sem resposta. E agora tinha de ir atrás deles, implorar.

Às vezes ele dormia na Antiga Fábrica de Chocolate, interrompendo o trabalho só para dar boa noite a Aoife e Niamh por Zoom. As chamadas eram frustrantes. Era difícil manter a atenção delas pelo computador, e as crianças zanzavam feito dentes-de-leão, aparecendo vez ou outra, com as bochechas brilhando, e os pijamas cheirando — ele conseguia imaginar muito bem — a sabão infantil e amaciante de roupas, antes de sumir de novo.

— Vem falar com o papai, Niamh. — E então uma conversa paralela, negociando uma história para dormir. — Não, não, vai, rapidinho. O papai está esperando. Ele ouvia Orla tentando fazer aquilo funcionar, tentando juntar todo mundo na tela, mas nunca conseguindo de verdade.

Às vezes, elas apareciam juntas, enchendo a tela do laptop dele com suas caras nos segundos finais antes de serem dispensadas da obrigação. Em outras, só restavam ele e Orla ali no fim. Os dois tristes, mas sem saber como consertar as coisas.

— Você parece cansado — observou ela.

E ele esfregou o rosto, sentindo-se exausto de repente.

— Estou bem. Talvez só precise ver os meus olhos, marcar um oftalmo.

Às vezes, ele pegava o carro e ia visitar as filhas. Os pais de Orla não gostavam da ideia de recebê-lo dentro de casa, embora Julian

desconfiasse de que aquilo era um pretexto conveniente: uma desculpa para excomungar de vez o genro irresponsável da família. E então eles iam para o parque, onde ficavam soltando fumaça pela boca na escuridão do fim de tarde e batendo os pés no chão para se esquentar, enquanto Niamh subia uma última vez no trepa-trepa. No caminho de volta até os portões, eles balançavam as meninas no ar pelas mãos, e Julian se pegava tirando fotos mentais, como se sempre houvesse um fotógrafo alguns metros à frente deles. Aqui estão vocês, quando ainda eram quase uma família. Aqui estão vocês, quando ainda acreditavam que talvez fosse possível consertar tudo.

Dezembro chegou com uma enxurrada de encomendas, e Julian trabalhou até a véspera do Natal. Mas foi só um respiro, não uma rota de saída. Continuavam privados do oxigênio que advém de se ter dinheiro e o mínimo para sobreviver, como havia sido o caso um dia. Janeiro veio com uma calmaria que o deixou sem esperanças. Todo mundo na Antiga Fábrica de Chocolate sentiu o baque. Lojas fechadas, feiras canceladas, exposições adiadas indefinidamente. Em abril, um marceneiro que havia se mudado para o antigo estúdio de Orla alguns anos antes tirou a própria vida. Foi encontrado na floresta, com um bilhete no bolso. Aquilo pareceu tornar todo mundo mais simpático um com o outro por um tempo, mais atencioso.

— Está tudo bem com você? — passaram a perguntar uns aos outros, parando por tempo suficiente para ouvir mais do que um simples "tudo bem".

— Você não faria isso, faria? — perguntou Orla, quando ele contou.

— O que você acha?

— É por isso que estou perguntando. Porque quero saber.

— Eu tenho você e as meninas — respondeu ele, e ela fez que sim, um gesto breve e contido, e ele ficou se perguntando se ainda tinha mesmo Orla, ou se aquilo já havia acabado. Mas, de todo modo, não era uma opção. A vida da mãe tinha lhe ensinado que é preciso fazer tudo o que se pode para continuar existindo. Aí percebeu que talvez sua resposta tivesse soado manipuladora, como se estivesse insinuando que sua perspectiva poderia mudar caso Orla decidisse encerrar de vez o relacionamento. Então ele acrescentou: — Mas, mesmo que não tivesse, a resposta seria a mesma. Eu não faria uma coisa dessas.

E ela sorriu de leve, aliviada.

Mas Julian continuou pensando na conversa. Porque a vida da sua mãe também não tinha lhe ensinado que é preciso fazer tudo o que se pode pelos filhos? Que você deve lutar — lutar de verdade — para dar a eles a melhor vida possível, para estar presente? Ele não sabia dizer se estava fazendo isso. Não do jeito que a mãe havia feito. Não com unhas e dentes.

Ele passou a voltar para casa com mais frequência, quando não estava trabalhando. Pegou uma lixadeira emprestada para lixar o chão da cozinha, pintou de novo as paredes manchadas e começou a ver a casa com os olhos de oito anos atrás, quando entraram ali pela primeira vez. Uma casinha de conto de fadas. Com pequenas lareiras de ferro fundido, alcovas estreitas, janelas vitorianas emolduradas por venezianas originais e assentos com vista para a rua. Ele conseguia imaginar Orla e as meninas em todo canto, ouvir suas vozes. E Julian se perguntava onde estariam se a pandemia não tivesse acontecido, se não tivessem ficado sem dinheiro. Se ele tivesse se saído melhor, se tivesse feito o que era preciso a tempo. Se o amor não fosse apenas duas pessoas comuns, conectadas por finos fios de seda, tão fáceis de romper quanto uma teia de aranha.

Ele não estava devastado só por ela não estar mais lá — aquela presença tangível do dia a dia, das meninas —, mas pelo fato de que ela poderia simplesmente ir embora. Ele tinha se permitido acreditar que ela era dele; e ele, dela. Mas talvez essa ideia sempre tenha sido boa demais para ser verdade. Às vezes ele acordava e sentia como se sua cabeça estivesse sendo empurrada para dentro do travesseiro, tamanha a força do choque. E, em silêncio, se perguntava se um quarto era mesmo um quarto, se sua mão era de fato uma mão, se ele estava mesmo deitado ali.

E, sem aviso, enquanto estava naquele lugar estranho de reconstruir a casa em torno dos restos incertos do seu casamento, a morte da mãe o atingiu de novo. Como se toda a sua infância tivesse sido um copo longo e diluído da ausência dela, mas agora ele estivesse diante do concentrado puro. O nada absoluto do que lhe restava.

Julian nunca foi de fazer jardinagem. Nem Orla. Mas um dia, ao passar a mão sobre os galhos de um pinheirinho, se perguntou por onde começar, sentiu um cheiro que reconheceu na mesma hora, e voltou direto para o jardim de casa na Inglaterra. Lá, um tronco grosso escondia quase toda a sua visão, mas, quando ele espiou por trás da árvore, viu a

mãe vindo na sua direção, se abaixando à medida que se aproximava, estendendo as mãos com braços longos e graciosos. Os lábios dela se moviam, mas era a expressão dela que o reconfortava e o convencia a sair. Até que ela disse:

— Está tudo bem, pode sair agora.

E então a visão se foi. E Julian estava sozinho de novo, cercado pelos muros do próprio jardim.

Ele sempre teve só aquele punhado de memórias, repetidas com tanta frequência que já não o emocionavam mais. Mas desta vez a imagem veio fresca, viva em sua mente. A voz dela pareceu surpreendente e real. Ele tinha esquecido.

Nos dias que se seguiram, ele trabalhou no jardim sempre que podia. Voltava para casa na hora do almoço, na esperança de encontrar a mãe ali. Tentava não perseguir as memórias, com medo de assustá-las, embora às vezes perdesse para a impaciência e inspirasse o cheiro do pinheiro como se estivesse inalando Vick VapoRub, mas nada acontecia. Ele enfiava uma pá sob raízes emaranhadas e esvaziava vasos de terracota, o tempo todo fingindo que não estava concentrado no espaço atrás de si, que não estava gritando: "Eu estou aqui, eu estou aqui. Por favor, apareça."

Numa noite, depois de visitar Orla e as meninas, Julian encontrou uma lanterna de cabeça numa caixa cheia de tralhas de acampamento que eles guardavam no depósito do jardim. Com o feixe quase todo engolido pela sombra, ele avançava às cegas sobre uma budleia grande, quando sentiu um toque no ombro.

Por um segundo irracional, achou que era a mãe. Mas, ao se virar, viu que era Maia.

— Desculpa, não queria te assustar. Eu vi as luzes todas acesas, então sabia que você ia estar em casa.

— Ah, é, eu estava tentando jogar um pouco de luz aqui fora — explicou ele, deixando a tesoura cega cair na pilha de galhos cortados. Era uma novidade, Maia entrar na casa sem bater. Algo que só passou a fazer depois que Orla foi embora. Mas ele gostava daquilo; a sensação de que não estava sozinho.

Sentaram-se no degrau dos fundos, com canecas de chá entre eles. Maia ainda estava de casaco, mesmo com o clima ameno para meados de abril. E ele contou que tinha ouvido a voz da mãe.

— Ah, sim, os pinheiros — comentou Maia. — Eles ficavam nos fundos do jardim. Quando ela sabia que ele ia perder a cabeça, mandava a gente se esconder lá atrás. Você se lembra das tigelas?

— Tigelas?

— A sua era azul; a minha, amarela. Ela sempre deixava prontas, com uns lanchinhos dentro. Uva-passa, maçã desidratada. Coisa que não estraga. "Hora do piquenique" — disse Maia, com a voz carregada.

— Isso era a Hora do Piquenique? Eu me lembro disso. — Outra memória. — Mas eu não sabia que era por causa disso. — Ele queria aqueles fragmentos da mãe de volta, mas todos vinham carregados de tanta tristeza. Mesmo as partes que ela tentou amenizar para eles. — Ela amava muito a gente, né?

Maia fitou o céu, escuro e sombrio, mas sem estrelas.

— Pai celeste — disse ela.

— O quê?

— O seu nome.

— Ah, é — disse ele. Julian não lembrava por que sabia o significado, talvez tivesse sido a avó que contou ou ele leu em algum livro.

— Imagina se você tivesse se chamado Gordon. Que era o que ele queria.

Julian olhou para a irmã e parou de enrolar o barbante do saquinho de chá na alça da caneca. Isso ele não sabia.

— Era esse o plano. Mas, no dia de registrar o seu nome, ela não conseguiu. Depois ela falou que "pai celeste" era uma homenagem a ele. Eu cheguei até a cortar umas luas e umas estrelas de papel para botar em volta do prato dele no jantar. Mas não era uma homenagem. Era o jeito dela de dizer que você nunca ia ser igual a ele. Que você ia ser melhor que ele.

Julian não respondeu. Apenas soltou um suspiro profundo e demorado. E foi como se estivesse guardando aquele suspiro a vida inteira. Maia pegou sua mão no escuro, e nenhum dos dois soltou. Ficaram ali, de mãos dadas. Só olhando para cima, os dois acompanhando as luzes de um avião que cruzava o céu.

— Pois é — lamentou Maia, quando o viu secar os olhos com a mão livre.

— Por que você nunca me contou isso? — perguntou ele.

— Eu tinha esquecido. Quer dizer, esquecido, não. Eu não pensava mais nisso.

— Você se lembra de mais alguma coisa?

Ela olhou para ele então, o rosto parcialmente iluminado pelas luzes de casa.

— Ai, Jules. Um monte de coisa. Eu tinha catorze anos. Só nunca soube o quanto você queria saber.

Nas semanas seguintes, Maia foi desencaixotando as memórias de infância sempre que vinha visitar. Sem Orla e sem a namorada de Maia, Meg, eles retomaram a antiga rotina de quando moravam juntos. Enquanto raspavam a tinta descascada das esquadrias das janelas ou preparavam o jantar, ele ficou sabendo que a mãe cultivava ervas no parapeito da janela da cozinha; que ela usava joias de prata, nunca de ouro; que inventou uma história sobre uma lagartixa que morava no teto do banheiro só para convencê-lo a deitar a cabeça para trás na hora de lavar o cabelo. "Está vendo? Está ouvindo o barulhinho que ela faz?" Às vezes, era difícil saber se as palavras de Maia despertavam uma memória real ou se ele estava só se imaginando em qualquer cena que ela pintava, mas tinha certeza de que se lembrava da água morna escorrendo pelas costas enquanto a mãe enxaguava a espuma do seu cabelo com uma jarra de plástico. Também descobriu coisas sobre *ele*, o homem cujo nome não carregava. No início, teve medo de que, quanto mais soubesse, mais fosse atormentado pelo vínculo genético. Que, de algum modo, corresse o risco de incorporar aquele código ainda mais profundamente no seu DNA. Mas cada memória que Maia revelava só parecia destacar o quanto eles eram diferentes.

Os dois evitavam o assunto da morte da mãe; Maia não oferecia nada, Julian não perguntava. Até que ele não aguentou mais.

— Me conta o que aconteceu? Naquela noite?

Enquanto ela contava, Julian chorava. Pela mãe. E por eles.

— Você quer que eu fique? — perguntou Maia.

— Acho que prefiro ficar sozinho um tempo — respondeu ele.

Eles se abraçaram na porta. E então Julian subiu as escadas da casinha e, sem nem trocar de roupa, puxou as cobertas por cima do corpo e dormiu por dois dias seguidos, acordando só para tomar um copo de água ou ir ao banheiro.

Ele se lembrava do telefone tocando. E percebeu que Maia veio ver como ele estava. Mas não se lembra de ter dito uma palavra. Meses depois, Maia contou que chegou a desabafar com Meg que achava que tinha quebrado o irmão. Durante aquelas semanas, sentia que estava fazendo algo essencial, algo que já devia ter feito há muito tempo, mas depois passou a duvidar.

No terceiro dia, quando ele acordou, o relógio de cabeceira marcava sete e meia da manhã. Como se nunca tivesse saído da rotina. Sentou-se na beirada da cama, sentindo-se atordoado, chocado com o próprio fedor, um gosto ruim na boca. No banheiro, deixou as roupas sujas caírem no chão e, de pé no chuveiro, com a água quente escorrendo na pele, o banheiro obscurecido pelo vapor, foi que se deu conta de uma coisa. Ele não era o pai. Havia passado a vida inteira achando que andava por uma linha estreita, prestes a cair e se tornar igual. Mas no fim das contas o limite estava bem longe. O limite era um abismo imenso e intransponível. Julian jamais seria como o pai. Mesmo que permitisse a raiva aflorar — se levantasse a voz numa discussão —, ele nunca seria capaz de cometer as mesmas crueldades do pai. Nem perto disso. E agora ele finalmente conseguia enxergar isso. Ele se recostou na parede do boxe e chorou até não restar mais nada.

Foi o acaso que trouxe Meg de volta para a vida de Maia. Uma amiga do curso de homeopatia havia convidado Maia para um churrasco no verão, mas, quando começou a chover, todo mundo se apertou dentro da casa, e ela acabou se sentando do lado de Meg no sofá.

— Ah! Acho que a gente já se conhece. Fui no seu consultório há uns anos. Por causa da minha alergia a pólen, lembra?

Foram só umas poucas consultas, mas Maia havia simpatizado com ela. Meg gostava de usar azul, da cor de um botão de centáurea — o mesmo tom que estava usando no churrasco —, e tinha uma expressão convidativa e generosa.

— É Meg, né?

— Isso, boa memória. — Ela apontou para o jardim lá fora. — Dizem que quando chove o pólen gruda no chão, mas nunca foi assim comigo: era só começar a chover que eu mal conseguia respirar. Mas olha eu aqui, respirando. O mérito é todo seu. — Ela sorriu. — Desde então

recomendei você para um monte de gente. Só um minuto, me deixa pegar uma bebida para a gente.

Quando voltou, Meg tirou os sapatos e se afundou nas almofadas do sofá, com os pés dobrados sob a saia. Uma intimidade que parecia sugerir que ela não tinha pressa para sair dali, que não ia inventar que precisava ir ao banheiro ou que tinha visto um amigo do outro lado da sala.

— Não sei você, mas acho que rola um desequilíbrio aqui. Tipo, você sabe um monte de coisa estranha sobre mim... "e a sensação é de catarro descendo pela garganta ou é como se você tivesse um chumaço de algodão no nariz?" E eu não sei absolutamente nada sobre você.

Maia riu da imitação perfeita.

— E você está pensando em me ver de novo? Quer dizer, para se tratar — perguntou ela, e se arrependeu na mesma hora.

Mas Meg levou numa boa.

— Deus me livre. De jeito nenhum. Nunca mais. — Ela riu. E, enquanto falava, se aproximou, e sua mão roçou de leve o joelho de Maia. Só a ponta dos dedos. E por um brevíssimo instante. Mas Maia sentiu alguma coisa.

— Vinte perguntas, o que acha? — sugeriu Maia, surpresa pela própria impulsividade. Mas Meg apenas sorriu.

— Tá bom, vamos começar com uma bem fácil. Ovo: frito ou mexido?

— Mexido — respondeu Maia, aliviada de entrar numa conversa com uma fórmula previsível. Um lugar seguro onde pudesse se conter.

— Irlanda ou Inglaterra?

— Irlanda. Eu já era adolescente quando me mudei para cá e nunca peguei o sotaque. Mas o meu irmão mais novo é totalmente irlandês; ele só tinha cinco anos. Desculpa, falei demais.

— Ué, ninguém disse que deviam ser respostas de uma palavra só. Manhã ou noite?

— Manhã. Gosto da sensação de possibilidade.

— Cidade ou campo?

— Campo. Eu cresci na casa da minha avó, no meio do nada. — Maia pensou no apartamento dela, ali na cidade, não muito longe da casa de Julian. Foram vários anos até o lugar parecer de fato um lar, e a transição foi suavizada pelas pequenas coisas que a avó trazia a cada visita: um vaso favorito, uma fôrma de bolo já bem velha; pelas visitas de Cian, que

sempre passava para consertar alguma coisa. “Estamos morrendo de saudade, mas estamos tão orgulhosos”, Sílbhe sussurrou certa vez no cabelo dela, ao se despedir. Era um orgulho feroz. Daqueles que faziam com que elas se abraçassem mais forte.

Um homem com camisa de time esbarrou no sofá, e Meg cobriu o copo com a mão, mas manteve os olhos fixos em Maia.

— Verão ou inverno?

Maia sorriu.

— O verão é o meu dia preferido na Irlanda.

— Passado ou presente?

— Presente. — Era a verdade, mas doía um pouco dizer aquilo; era como se estivesse apagando a mãe. Ela ergueu o rosto, pronta para a próxima pergunta, e viu Meg hesitar. Como se tivesse lido o conflito estampado em sua expressão.

— Louça suja: lavar antes de dormir ou só no dia seguinte?

— Ai, nossa, antes de dormir. Com certeza. Mas deixo as taças de vinho para o dia seguinte; taça é melhor lavar sóbria. — Mas algo nela a fazia se sentir compelida a ser honesta, então acrescentou: — Se bem que eu não sou muito de beber. — Tinha a impressão de que Meg era uma daquelas pessoas que estão sempre com uma garrafa de vinho tinto na bancada da cozinha.

— Foi mal, eu devia ter perguntado. Tudo bem esse drinque? — perguntou Meg, erguendo o próprio copo.

— Ah, tranquilo, não é que eu não beba. É só que... eu não queria enganar ninguém. Fazer parecer que todo fim de semana tem uma pia cheia de taças de vinho na minha cozinha.

— Bom saber — respondeu Meg, com um sorriso maroto no rosto. — Mas enfim, andar: rápido ou devagar?

— Devagar. Dá mais tempo para conversar. Se eu estiver andando rápido, é porque estou atrasada.

— Ficção ou não ficção?

— Ficção, mas, se eu puder escolher, acho que prefiro poesia. — Meg arregalou os olhos de leve, e Maia ficou se perguntando se a resposta tinha soado pretensiosa. Ou será que ela estava indicando que as duas tinham aquilo em comum?

— Lógica ou instinto?

— Ah, instinto, sempre.

— Final feliz ou triste?

— A minha vontade é dizer feliz, mas...

— Concordo. Previsibilidade ou emoção?

— Acho que previsibilidade. — Maia se incomodou com o quão séria ela deve ter soado.

— Compromisso ou aventura?

— Acho que pela minha última resposta já dá para imaginar — respondeu ela, na esperança de aliviar o clima.

— Arrependimento ou dúvida?

Maia refletiu por um instante.

— Hummm... arrependimento. Acho que é melhor viver e errar.

— Reservada ou receptiva? — Meg deitou a cabeça de lado e sondou Maia, sem desviar o olhar mesmo quando um grupo perto da porta do jardim caiu na gargalhada.

— Agora? Mais receptiva a cada nova pergunta — respondeu Maia, tentando conter o sorriso.

— Ser amada ou respeitada?

— Nossa, amada — disse Maia, gostando de como a palavra soou nos lábios de Meg. Como uma coisa bela e acolhedora. — Acho que o respeito ia acabar vindo com o amor, de qualquer maneira — acrescentou Maia, sem saber como era capaz de continuar dando respostas tão sensatas, quando estava toda eufórica por dentro.

— Hétero ou gay?

Uma mudança de ritmo, uma pausa, uma respiração funda.

— Gay — disse Maia.

— Então essa vem sem explicação? — perguntou Meg, o sorriso transparecendo no olhar.

Àquela altura, a chuva devia ter parado, porque o grupo que estava encostado perto da porta estava saindo para o sol, deixando a sala mais silenciosa e as palavras de Maia mais expostas.

— Tem poucos anos que me descobri. Em 2015, com o referendo. Mas eu... tenho bastante certeza.

Meg fez que sim com a cabeça e sorriu.

— Então — começou, fazendo uma pausa, parecendo insegura pela primeira vez —, isso são só vinte perguntas num churrasco ou poderia ser algo mais?

— Essa é a sua última pergunta?

— Não estou contando — disse Meg. — Mas acho que ainda falta pelo menos uma.

— E você já sabe qual vai ser? A última pergunta.

— Depende da sua resposta para essa.

— Ah, então mais. Por favor — disse Maia, movendo a mão até a ponta dos seus dedos roçarem os de Meg.

— Vem comigo para casa?

Meg é o primeiro relacionamento sério de Maia. E dá certo, mesmo que ela deixe a louça suja para o dia seguinte e ache que o campo, com aquele céu imenso e o verde infinito, tem um quê de claustrofóbico.

Elas se sentam uma do lado da outra na cama e leem trechos dos seus livros uma para a outra. E Meg adotou Julian como se fosse seu; às vezes, quando ele liga, é ela quem atende e dá conselhos, sempre perspicazes, mas proferidos com mais sarcasmo e orientação do que os de Maia. No corredor, ao lado dos sapatos, vão se acumulando amostras de tinta enquanto testam cores novas para as paredes do apartamento de Maia. Elas escolhem um tom quente de azul chamado Hematita Bruta. No armário do banheiro, elas têm uma caixa compartilhada de absorventes, e essa divisão amigável faz Maia se sentir estranhamente inteira. Maia conta a Meg coisas que nunca tinha dito em voz alta — nem para a família —, e Meg diz "Ai, pobrezinha" e segura a sua mão, e, de alguma forma, isso basta. E nos domingos elas vão à praia e andam de mãos dadas pela areia molhada, o vento batendo nos casacos, os cabelos revoltos, enquanto Meg segura o rosto de Maia entre as mãos, amada.

Em junho, numa terça-feira, Cian vem contornando a lateral da casa, trazendo um punhado de mudas de cenoura que estava desbastando e, pela janela, vê Sílbhe estirada no chão da sala. Ele corre até ela, torcendo para que esteja só machucada e fique boa logo. Mas, em vez disso, encontra-a com a boca entreaberta, o rosto sereno em repouso. Cian se ajoelha ao seu lado e faz aquilo que fazemos por instinto: aproxima o ouvido dos lábios; confere o pulso. Mas isso só confirma o que ele já sabe. Encosta no rosto a mão ainda morna de Sílbhe e chora. Porque eles não tiveram tempo suficiente. Porque ele não está pronto para que a vida compartilhada pelos dois chegue ao fim.

Ele fica com ela enquanto a luz cai e o frio começa a se infiltrar pela porta da frente aberta, enquanto o corpo começa a enrijecer. E passa a

noite sentado com ela, ainda incapaz de avançar para a próxima fase que sabe que deve acontecer. Um período de ligações e condolências. E da ausência dela. Por ora, só mais um pouquinho, seriam só os dois.

***

Quando o telefone toca, Julian está lendo um e-mail de agradecimento pelas amostras que ele enviou e confirmando uma encomenda considerável. Ele nunca tinha ouvido Cian chorar antes.

Ao chegar à casa, algo dentro dele se parte, e os dois se abraçam apertado, segurando-se com força.

Lá dentro, Cian serve duas doses generosas de uísque *single malt*, e eles brindam em silêncio à vida de Sílbhe, enquanto esperam pelo som do carro de Maia subindo a rua.

Naquela noite, são só os três. Orla e Meg se oferecem para ir, mas parece mais certo assim. Ficam à mesa até altas horas, conversando, rindo, chorando. Cian ainda não dormiu, mas, quando pensa em ir para a cama, não consegue encarar o fato de que Sílbhe não vai estar ao seu lado. Então fica na cozinha com Maia e Julian, aquecido pelas memórias trocadas. Existe um entendimento entre eles de que conviveram com uma pessoa silenciosamente magnífica.

Quando o relatório do legista chega, descobrem que Sílbhe viveu com um buraco no coração. Provavelmente nunca chegou a saber, ainda assim é um milagre que tenha chegado aos oitenta e oito anos. E eles se maravilham mais uma vez com tudo o que ela lhes deu. Como viveu por eles e por causa deles. E apesar de tudo.

Agora, Julian volta para o estúdio vazio, depois de se despedir da sua primeira remessa por atacado com destino à Inglaterra. Ele se senta diante da bancada, coloca os óculos aos quais ainda está se acostumando e, sem fazer nenhum plano, passa o dia apenas brincando. Vendo aonde o metal vai levá-lo. Havia muito tempo que não fazia isso. Nos últimos anos, sempre que se sentava para desenvolver uma peça nova, sua mente pulsava com a pergunta ansiosa do que será que iria vender. Hoje, no entanto, ele está lixando o contorno de um coração. Percebe que se parece com a marca de nascença no seu antebraço. Ambos suavemente deformados. Pensa na mãe, como tem acontecido com frequência

ultimamente. Pensa em como ela deve ter olhado — e talvez até tocado — esse pedacinho de pele elevada. Menor e mais escura na época, mas ainda assim a mesma. Surpreende-se ao perceber o consolo que encontra nesse elo tangível com o passado. Com ela.

Enquanto trabalha, pensamentos sobre Orla invadem sua cabeça. Lembra-se dela descendo as escadas com uma das suas obras de arte imensas em módulos, embrulhada em plástico-bolha, para ser recolhida pelo correio. Ele não lembra exatamente quando foi, mas deve ter sido no período entre contar a ela sobre a mãe e eles finalmente ficarem juntos.

— Quer que eu te ajude com isso? — perguntou ele, tentando aliviar um pouco do peso. Mas ela passou direto por ele como se não fosse nada, e Julian seguiu subindo, mas olhou por cima do corrimão, para conferir se ela ainda estava dando conta no lance de escadas logo abaixo.

— Você acha que eu não sinto você me olhando, Jules? Não vai duvidar de mim, hein! Eu sou pequena, mas sou poderosa! — exclamou ela. Dava para ouvir o sorriso na voz dela, mesmo com a cara colada no pacote. Tão Orla. Tão destemida em ser exatamente quem era.

Ela está ensinando as filhas a serem assim também. No primeiro Dia do Livro, Niamh foi à escola com uma fantasia de balão de ar quente de *A Voyage in the Clouds*. Uma caixa de papelão marrom presa à cintura e uma redoma feita de balões canudos compridos, presos por duas molduras circulares em cima da cabeça. Julian ficou com medo de que alguma outra criança pudesse estourar os balões, mas Orla disse:

— Aquela ali vai precisar de mais do que um balão estourado para perder a pose.

E Julian pensou: "Mas são vinte e quatro balões que podem estourar nessa fantasia."

No dia da festa, a maioria dos balões estourou quando Niamh resolveu jogar futebol no pátio da escola.

— Mas conta para o papai qual foi o placar! — foi tudo o que Orla disse.

Enquanto lixa a prata em que está trabalhando, Julian quase consegue vê-la sentada no sofá — no sofá deles, e não no sofá da casa dos pais dela, onde deve estar agora —, com Aoife no colo e Niamh do lado, fazendo cócegas nelas, beijando as filhas, dando tapinhas leves no alto das cabeças e dizendo:

— Quem vai ficar coberta com o amor da mamãe? — E depois abrindo os dedos na cabeça delas. — *Ploft!* — E fingindo que está quebrando um ovo, o amor escorrendo por entre os cabelos delas.

Julian pega o celular do bolso para ver que horas são e vê o nome dela. "Dei um pulo em casa... A gente pode conversar?" Ele repara que ela nunca deixou de chamar a casa deles de casa.

"Você ainda está aí? Chego em dez minutos. Bjs", digita ele, já a meio caminho da porta.

Ao trancar o estúdio, Julian olha para o celular e vê os três pontinhos que indicam que ela está escrevendo uma resposta.

"Beleza. Eu estava te esperando. BjO"

Ele sempre gostou do jeito como ela assina com um beijo e a inicial, aquele círculo forte e indestrutível.

Julian queria ter contado do pedido que a Liberty fez para ela saber que ele está mudando. Ele para no meio da escada, pega o celular, abre a foto com o dedo pairando sobre a imagem da remessa, então aperta "enviar", como se estivesse despachando algum tipo de pombo-correio para chegar antes dele. Lá fora, desce a Dooley Street correndo. Ele sabe que Orla ainda vai estar em casa, mas de repente não quer perder mais nem um minuto. Julian não entende por que — ou como — a estranheza daquele período esgarçou os laços que antes os uniam com tanta força, mas tem certeza de que ainda dá tempo de costurá-los de novo.

Enquanto corre, sente a própria esperança se empinar feito uma pipa ao vento e corre mais rápido, querendo mandá-la mais alto, querendo acreditar em finais felizes. Querendo todas aquelas coisas grandiosas e sinceras que viu nos filmes se derramando na vida com Orla e querendo sentir tudo aquilo. Sentir de verdade. Fazer uma serenata para ela com uma caixa de som. Ficar na chuva até os dois se reencontrarem, a água escorrendo pelos seus rostos. Mas então — como uma agulha arranhando um disco de vinil — os pensamentos freiam de repente, e ele se sente ridículo. Quase consegue ouvir a risada de Maia e Meg. Em seguida, no entanto, vem a voz de Cian, incitando-o: "Ah, para de bobeira. Manda ver, filho!" E Julian sorri e acelera o passo de novo, porque, sim, ele quer viver uma vida grande e destemida. Quer brigar, porque eles têm algo que vale a pena salvar. Ele quer chutar o rodapé de raiva e que os dois riam dos seus dedos machucados e da sua birra, porque nenhum deles tem medo. Porque ele não é nada como o pai, e essas coisas não vão

acordar um monstro escondido dentro dele. Em vez disso, ele é amor, e fúria, e tristeza, e euforia, e todas as coisas que farão a história deles seguir com os dois juntos.

Passa correndo pela loja onde uma vez satisfez os desejos de gravidez dela. Julian ou biscoito de gengibre? "Seu burro", pensa ele, percebendo que ela sempre o escolheu. Foi ele quem teve dúvidas: Orla ou o passado? Orla ou o medo de talvez machucá-la? Ele percebe agora. Nunca houve escolha. Ele fez uma venda para a Inglaterra, e isso não o matou. Não mudou nada, só tirou um peso do peito. Desvia de dois funcionários da prefeitura, de macacão e luvas, carregando um ninho de vespas pela escada lateral do prédio da lavanderia, desvia de uma mulher que parou no meio da calçada por algum motivo que só ela poderia explicar e segue em frente, dobrando a esquina da cabine telefônica e enfim avistando sua casa.

Lá dentro, Orla anda de um lado para o outro. Jules deve ter passado esses meses todos trabalhando naquela casa, naquela encomenda — vencendo seus medos por ela —, e ela nem se deu conta. Ela se pergunta quanto custou vender para a Inglaterra. Se foi ela quem o forçou a fazer isso. Ou se, talvez, essa mudança tenha vindo dele. Observa as lombadas dos livros, os enfeites da prateleira da lareira, e se pergunta se eles ainda carregam aquilo — aquela essência — da vida que construíram juntos. Coisas que, para eles, têm um significado, mas que não dizem nada a mais ninguém. Ela para diante de um peso de papel de vidro com um mundo dentro e corre o dedo pela superfície, deixando um rastro na poeira.

Lá fora, ouve passos na calçada. Alguém para na porta. Ouve a respiração ofegante. Uma chave na fechadura. Ela olha para cima. Jules está na porta com cara de quem acabou de correr uma maratona, as mãos nos joelhos, recuperando o fôlego, sorrindo diante da incerteza dela. Ele se endireita, solta o ar.

— Orla, eu te amo pra caralho. Volta pra casa. Você devia estar aqui, comigo.

Ela sente um frio na barriga de surpresa — pelas palavras dele, por essa versão mais decidida do Julian que ela conhece — e sorri, mostrando as covinhas.

Bastam três passos para ele atravessar a pequena sala de estar, mas, de alguma forma, para Orla é como se ele estivesse se movendo em câmera

lenta, como se a cada passo ela tivesse tempo para absorver todos os detalhes. E então os braços dele a envolvem.

— Volta pra mim? — pede ele em seu cabelo. E ela faz que sim contra seu peito, a poeira já caindo do dedo, as partículas se dispersando pela sala, enquanto ela agarra o tecido do casaco dele, sente o calor do seu pescoço, os cachos macios, o ardor glorioso de ser amada por inteiro.

GORDON

GORDON ALMOÇA NA SUA ESTAÇÃO DE TRABALHO, NO SILÊNCIO DO ESCRITÓRIO, E FICA pensando no Wordle do dia, entre uma mordida e outra do sanduíche.

— Com que palavra você começou? — pergunta Amy.

— EARTH — diz Gordon. Toda vez que Amy pergunta, ele inventa uma palavra diferente de cinco letras, mas a palavra dele é sempre SOBER. — E a sua?

— AUDIO — responde Amy, sem tirar os olhos da tela. — Disseram que era uma boa palavra para começar, mas o que você faz com esse monte de vogal, se vier alguma pista?

Gordon fecha a lancheira vazia.

— Tomara que você descubra. Já está perdendo de três — provoca ele, mandando o seu resultado. — Até já.

Ele vai até o corredor principal e, como faz todo dia, aproveita o momento em que sai pela porta de acesso dos funcionários e atravessa de um mundo para outro. O eco frio da escada de concreto dá lugar ao piso polido e silencioso da galeria, perturbado apenas pelo barulho de uma excursão escolar ou de um grupo de turistas animados. Às vezes, ele pega um fone de ouvido e escuta o audioguia enquanto percorre as salas; outras vezes, senta-se num dos bancos espalhados pela galeria e deixa os olhos viajarem pelo quadro à frente. Ele sabe que não faz o menor sentido — já leu *O pintassilgo* —, mas a impressão que tem é de que, enquanto estiver envolto na calma daquelas salas, nada de ruim poderá acontecer.

Foi o padrinho que arranjou o emprego para ele. Um dia — quando Gordon começou a achar que talvez pudesse voltar a trabalhar, mas ainda não tinha certeza se aguentaria de novo a adrenalina do mundo corporativo —, Rob ligou e mencionou que uma galeria estava procurando alguém para cuidar da equipe de mídia digital e do site. Não exige tanto do cérebro dele quanto programar algoritmos do mercado

financeiro, mas ele gosta de fazer parte daquele mundo e de saber que, de uma forma pequena e invisível, está ajudando a levar arte para as pessoas. Não como Rob, com os quadros dele — nem como os curadores da galeria —, mas ainda assim é alguma coisa. Já é o suficiente.

Gordon conheceu Comfort no verão de 2019, num trem enguiçado em algum lugar perto da estação de Victoria. Ela estava sentada na frente dele, se abanando com o programa de uma exposição da Dulwich Picture Gallery.

— Gostou da exposição? — perguntou ele, e ela pareceu confusa por um segundo, antes de dizer que o programa tinha sido deixado por outro passageiro. Mas os dois continuaram conversando, e, quando o vagão finalmente voltou a andar, ela pareceu decepcionada.

Quando o trem parou na estação, ela digitou o número dela no celular dele e disse:

— Você parece legal. Por favor, não seja um daqueles caras que nunca ligam.

Comfort é alguns anos mais velha que Gordon e tem uma filha adolescente, Ida, de um relacionamento anterior. Ida parece uma versão em miniatura da mãe, com os mesmos cachos grossos e pretos e o mesmo hábito de arregalar os olhos quando alguém está falando, como se estivesse ouvindo pelo branco deles. Ida o chama de "Gord", e faz isso de um jeito que parece ao mesmo tempo desdenhoso e um tantinho carinhoso. "Ah, você está aqui, Gord?", diz ela, no tom de censura que reserva para os adultos. No início, aquilo o incomodava — como um lembrete de quem ele tinha sido na escola —, mas, com o tempo, ele passou a associar o apelido só a Ida e à pessoa que ele é agora. Ida é engraçada e mais interessante do que Gordon se lembra de ser aos catorze anos. Ela gosta de mangá e de ver vídeos no YouTube de pessoas fazendo coisas estranhas. Um dia, ela mostrou a ele um carro sendo embrulhado em vinil até a lataria ficar todinha espelhada em dourado. É hipnotizante, e a sensação é de que ele está conhecendo todo um mundo novo.

Quando veio a pandemia, Gordon estava saindo com Comfort havia menos de um ano, mas foi Ida quem levantou a possibilidade de ele ficar com elas.

— O Gord vai tentar se enfiar na nossa arca para esperar esse troço passar, ou vai ficar sozinho em casa?

Gordon sorria de como Ida fazia parecer que tinha sido ele que havia enchido a paciência delas para ficarem juntos na quarentena. Algumas semanas depois de começado o confinamento, ela ainda se divertia entrando num cômodo e dizendo:

— Ai, meu Deus. Você *ainda* está aqui?!

— Eu sei que já passei do prazo de validade por aqui, mas, se você aguentar só mais uns dias, acho que o Boris está prestes a liberar geral — dizia ele, com uma expressão sofrida e as mãos erguidas num gesto dramático de quem não tinha culpa de nada.

E os dois continuam se divertindo com isso até hoje, quase três anos depois, agora que ele já abriu mão do próprio apartamento e divide o aluguel no apartamento no térreo delas, com um jardinzinho interno.

— Ai, meu Deus! Você *ainda* está aqui?

— Eu sei, eu sei. Era só um pulinho, para tomar um chá, e estou empacado até agora.

A presença de Ida fez com que a coisa pulasse direto do encantamento dos primeiros encontros para a rotina de um casal de velhos, mas Gordon gosta disso. Nos filmes, parece que o amor está escondido nas pétalas de rosas vermelhas e na vista da Torre Eiffel, mas é um alívio encontrá-lo ali, sentados um do lado do outro, numa estufa de vidro abafada em Willesden, aninhados no cheiro forte de adubo e nos primeiros frutos verdes brotando na videira.

Ele contou para Comfort sobre seu colapso mental logo de cara. E ela ouviu, com os olhos mais arregalados que o normal, enquanto ele descrevia a situação em casa, quando era criança.

— Eu era um garoto insuportável. Fui muito cruel com a minha mãe, mas na época eu não via como estava sendo manipulado. Isso não é desculpa, mas...

— Quando Ida era pequena, ela acreditava na Fada do Dente e no Papai Noel. Escrevia cartinhas para eles, porque eu falava para escrever. Você acha que ela sabia que era mentira?

— Mas Maia entendia o que estava acontecendo.

— E uma criança em cada cem não acredita no Papai Noel; Maia era essa criança.

Essa sempre foi a pedra no sapato dele — a razão por que achava a infância tão difícil de perdoar —, mas, de alguma forma, a lógica de Comfort parecia simples. Não desculpava a pessoa que ele tinha sido nos anos intermediários, mas ajudava a entender como ele havia chegado até ali.

Cora está sentada no escuro da Royal Opera House, sozinha, com *O lago dos cisnes* chegando ao fim do segundo ato. É o momento da "Dança dos pequenos cisnes", e quatro mulheres se movem em perfeita sincronia, de mãos dadas, braços sobrepostos num X perfeito. Cora assiste, com as próprias panturrilhas e coxas retesadas, enquanto no palco elas executam sequências deslumbrantes de *entrechat*, *quatre*, *relevé passé*. O movimento dos pés é limpo e preciso. Os gestos são leves. Cora sente um aperto de leve no peito; conhece bem essa sensação de estar no palco fazendo mágica. As bailarinas olham para um lado, depois para o outro, curiosas, serenas, enquanto, sob as plumas dos tutus, suas pernas se movem como que num lago imaginário. Ela reconhece a coreografia. É feita para o corpo de baile, mas que pode render papéis maiores. O quarteto tem de se mover junto, para manter a mesma distância entre as bailarinas. E todas têm de ter a mesma musicalidade, o mesmo ritmo; uma contagem para cada passo, até que, nos momentos finais, elas se separam e tentam voar, antes de cair no chão.

Ela estuda o rosto das bailarinas, tentando identificar a estrela, quem tem a determinação necessária para se destacar das demais. São tão jovens! Cora gosta de imaginá-las fora do palco, fofocando, se alongando, comentando sobre os bailarinos. Ela se pergunta se ainda fumam entre um ensaio e outro. Se os bailarinos ainda sobrevivem à base de cigarro e café, como muitos faziam na época dela.

Ecos daquele tempo ressoam sem convite pelo palco, despertados pelo *tap-tap* dos pés que ela escuta sob a música. "Se vier do coração, você vai subir mais alto", a voz da professora, se sobrepondo ao *plim-plim* de um piano. O ritual de amaciar sapatilhas de ponta novas. Prender a biqueira na dobradiça de uma porta; subir devagar a meia-ponta para quebrar o arco. E então olhar o relógio, vencendo a dor, os pés já sangrando, com mais seis horas de ensaio pela frente.

Hoje Cora percebe que seu casamento foi uma versão ampliada e ainda mais terrível da sua carreira no balé. Esperanças. Sonhos. E então

agonia e decepção. Sacrificar-se por algo que no fim era inatingível. Ela está com sessenta e oito anos agora, e, embora saiba que a ideia de pendurar as chuteiras — ou as sapatilhas — é uma expressão que as pessoas associam à obsolescência e à redundância, para ela aquilo evoca liberdade para vagar com os pés no chão.

Cora mora numa casinha vitoriana geminada na zona oeste de Londres, não muito longe de Maia e Gordon. Na fachada, tem jardineiras que mudam conforme a estação. Um jardinzinho murado. Plantou vasos com arbustos e árvores ornamentais e está aos poucos aprendendo o nome de tudo: *Salix integra*, louro, lilás-anão, hebe, giesta, hibisco, erva-de-são-joão. Este ano, começou a cultivar ervas e folhas de salada protegidas por uma estufa não aquecida. Ver os brotinhos surgindo e crescendo até virarem comida de verdade parece o maior dos prazeres — e, como a colheita é maior do que consegue dar conta, ela deixa maços amarrados com barbante sobre o muro da rua com um bilhete escrito à mão convidando os passantes a pegarem. Da primeira vez que fez isso, ficou com receio de ninguém querer, mas, quando abriu a porta e não encontrou nada, sentiu uma onda silenciosa de amor da rua deserta.

Aos sábados, ela compra pão na padaria do bairro e pega dois jornais grossos de fim de semana. Lê aos poucos, ao longo da semana, e gosta de deixar os encartes na mesa lateral da sala ou ao lado da cama. Esses sinais de vida, esse rastro de si mesma ocupando um espaço, sem precisar esconder as evidências, ainda a fazem suspirar com um contentamento inesperado. O mesmo vale para o som do rádio Roberts que ela tem na cozinha. O que ela quer ouvir são vozes femininas — suas histórias, seu olhar sobre a vida. Essas mulheres, com tantas experiências distintas, entrando em sua casa, abrindo a porta para um mundo maior com seu humor, sua lucidez, sua paixão.

Ela ainda se assusta quando a porta de um carro bate lá fora ou alguém que não está esperando toca a campainha. Seu corpo carrega as dores e as cicatrizes de alguém maltratado. Ela tenta suavizar com ioga e pilates, mas não tem como escapar da artrite que se alojou nos ossos quebrados que nunca calcificaram direito. Sente o peso da preocupação dos filhos e da responsabilidade que eles acreditam ter por ela. Durante a pandemia, faziam visitas do portão, deixavam presentes higienizados na sua porta.

— Tem certeza de que você está bem? Você podia ficar com um de nós? Não precisa ficar sozinha. — Embora eles todos soubessem que não ia dar certo, com Maia e Kate trabalhando no hospital; Ida indo à escola.

— Eu estou ótima! Tenho os meus livros e os meus podcasts. A internet todinha para me fazer companhia! — Essas coisas ainda parecem novas e maravilhosas, mesmo agora.

Eles pareciam céticos, como se ela estivesse se contentando com pouco. Incapazes, mesmo tendo testemunhado sua vida de perto, de entender de verdade que ela já havia suportado uma quarentena muito mais severa por mais de quarenta anos. A covid-19, essa ela aguentava. Essa, para ela, era fácil.

E ela tinha Gordon — a criança com quem havia tido dificuldade de criar um vínculo; o jovem que um dia lhe pareceu tão indecifrável —, a quem devia sua liberdade. Quando ele foi morar com os dois, depois do acidente de carro, no começo manteve distância, como se estivesse reaprendendo qual era o seu papel ali dentro. Mas ela se lembra da noite em que tudo mudou. Ele tinha acabado de voltar de um jantar com Maia. Cora estava na cozinha, dobrando roupas ainda quentes da secadora. Tinha ouvido-o entrar, tirar os sapatos, pendurar o casaco. Um pé na escada, dois. Mas então ele apareceu na porta da cozinha, o cabelo molhado da chuva.

— Eu estava pensando no trem a caminho de casa... Você deve sentir falta dela. De Maia.

Cora olhou para ele, surpresa. A realidade nua e crua daquelas palavras a pegou desprevenida; ela quase nunca se permitia sentir saudades da filha.

— Ah, é. Sinto, sim — respondeu, alisando os vincos de uma camisa.

— Acho que ela sente a sua falta também — continuou ele. — Sabia que ela vai tirar um período sabático? Vai passar um mês na Austrália com uma amiga.

Ela deixou a roupa cair. Porque não, Cora não fazia a menor ideia. Não sabia de nenhum detalhe da vida da filha. Um turbilhão de perguntas lhe veio aos lábios, mas então o pai dele apareceu ao lado, e ela voltou à pilha de roupas.

— A noite foi boa? — perguntou ele.

— Foi, sim. Fomos a uma galeria e depois a um restaurante no fim da Long Acre.

— Você está com a vida ganha. Eu fiquei aqui, com a gororoba queimada da sua mãe.

E o filho dela — aquele filho estranho e insondável — respondeu:

— Engraçado, você sempre diz isso, mas eu não me lembro da mamãe queimar a comida nem uma vez.

Ela não ousou levantar os olhos, não quis dar sinal de que havia escutado o diálogo entre os dois, mas ouviu o marido pigarrear e, pelo canto do olho, viu que foram os sapatos *dele* que deixaram a cozinha primeiro. Em seguida Gordon, pouco depois.

Numa tarde, quando o marido ainda estava no trabalho, Gordon entrou em casa e a encontrou na sala de jantar, regando as plantas.

— Achei que você fosse gostar disso — disse ele, colocando uma barra de chocolate na mesa. Ela olhou para o filho, sem saber se era alguma armadilha. Ele deve ter percebido sua incerteza, porque acrescentou: — Pode pegar. Não vou contar.

E eles ficaram sentados um de frente para o outro, com a barra no meio, e cada um comeu um ou dois pedaços. Ela ainda se lembra de como aquele primeiro quadradinho derreteu no céu da boca, como o sabor se espalhou pela língua, uma doçura que parecia uma toalha quentinha depois de um banho de banheira.

— É bom, né? — comentou ele. — É de uma lojinha nova que abriu ali no centro, logo depois do parque. Vende cartão, umas coisinhas também. Você ia gostar. — Ela ficou comovida. O fato de ele ter imaginado que ela pudesse gostar de entrar numa loja, qualquer loja.

— Tinha umas amostras. Amêndoas e caramelo salgado, eu acho.

— Deve ser uma delícia — comentou ela.

Ele fez que sim, então continuou:

— Eles só ofereceram quando eu já estava saindo. Senão, tinha trazido para você.

— Ah, não, imagina — disse ela, querendo não desestabilizar o frágil equilíbrio daquilo que, o que quer que fosse, estava surgindo entre eles. — Esse aqui está incrível. Não dá nem para imaginar um que seja mais gostoso. E o exame de vista?

— Ah, me falaram para pegar óculos de leitura desses prontos mesmo. — Ele remexeu na bolsa e tirou um estojo. — Que tal?

Cora sorriu, disse que combinava com ele e se deu conta de que o filho — seu menino — estava envelhecendo. Que dali a poucos anos ele faria

trinta e cinco anos, depois quarenta, logo cinquenta — talvez até começasse a perder cabelo ou ficasse grisalho.

Gordon dobrou o papel da embalagem do chocolate e o guardou de volta na bolsa, depois passou a mão pela mesa, juntando as migalhas com a outra em concha.

— Obrigada — disse Cora. E se perguntou se ele sabia que ela estava agradecendo não só pelo chocolate mas por ter tido o cuidado de não deixar nenhuma evidência.

No jantar, Cora ficou tensa, sem saber se o filho ia entregá-la. Mas ele não disse nada. E depois disso dividir aquelas guloseimas proibidas virou um ritual entre eles.

Aos poucos, começaram a conversar. Cora perguntava como tinha sido o dia dele, ou como Maia estava. E ele contava de alguma coisa que tinha achado interessante no estúdio de Rob, ou sobre algum quadro que tinha visto.

— Você sabia que Michelangelo não era só artista? Ele fazia dissecação, e, se você estuda bem as pinturas dele, dá para ver que tem imagens anatômicas escondidas. Olha só — disse ele, pegando o celular. Passou o aparelho para ela, que segurou com cuidado, como se pudesse explodir nas suas mãos. — Isso, para aumentar é assim. É, abrindo os dedos na tela.

Ela riu então. Riu diante da estranheza de ver a imagem aumentando ali, bem debaixo dos seus dedos.

— É o teto da Capela Sistina. Está vendo aqui onde... — disse ele, apontando.

— Ah, é! Que coisa mais incrível! — exclamou ela ao perceber que Deus e um grupo de anjos emergiam de um rim, e não de alguma forma qualquer. Ficaram em silêncio enquanto ela afastava a imagem e aproximava de novo. — Nossa — sussurrou Cora, o espanto indo muito além da pintura.

Na noite em que Gordon contou ao pai que tinha arrumado um emprego na galeria, Cora ficou observando o marido fitar o filho com cara de desdém e perguntar:

— E paga tanto quanto o outro?

— No mercado financeiro?

— Do que mais eu estaria falando? Você não trabalhava com mercado financeiro?

— Não paga tão bem, mas vai ser difícil encontrar um lugar que pague aquele salário... ou aqueles bônus.

— E você acha que vai aguentar? Sem o seu carrão e os jantares de trezentas libras?

Cora tremeu por dentro ao ouvir o marido se recusar a reconhecer que o filho era uma pessoa diferente agora. Mas, em vez de devolver a granada, ela viu Gordon relaxar os ombros, levantar as mãos em rendição, como quem diz: "Sei lá. Pronto. Você ganhou." Existe um poder sutil em abandonar a luta. Ele deixou o pai de mãos abanando, a vara que ele se preparava para usar se desfazendo no ar.

Poucos meses depois, o filho anunciou que estava pronto para sair de casa. Cora já estava esperando aquilo. Ele tinha ficado mais do que ela havia antecipado, e ela suspeitava de que talvez tivesse sido por sua causa. Tentou não demonstrar tristeza, mas já sentia falta dele ali ao lado, enquanto ela cozinhava, limpando a cozinha para ela, pronto para assumir qualquer erro que ela tivesse cometido — "Não, fui eu que lasquei o prato" —, atenuando com sua presença o isolamento da mãe.

— Deixei um celular e dinheiro dentro de uma caixa de plástico, enterrada debaixo das hortênsias. Para qualquer emergência — disse Gordon na manhã do dia em que ele partiria. E ela entendeu que era isso que ele estava fazendo uns dias atrás, quando foi até a garagem procurar ferramentas de jardinagem. — Só dá para notar que a terra foi revirada se souber o que está procurando.

Ele nunca havia falado de forma tão direta sobre a situação dela, e a sensibilidade do filho fez os olhos de Cora se encherem de água.

— Obrigada, mas vou ficar bem — disse ela, embora a sensação fosse a mesma de quando a mãe a deixou na escola pela primeira vez. Cora voltou a limpar as portas dos armários, pensando na mãe, na ausência de despedida, no fato de que ela não foi ao enterro, e como isso ainda doía. A partida de Gordon já era dor demais para um só dia.

Poucas horas depois de Gordon partir, a tampa da panela de pressão estourou, acertando a parede da cozinha e soltando um chiado de vapor escaldante. Ela passou a semana dormindo no chão ao lado da cama, sem nada para se cobrir. Foi acordada com o marido puxando-a pelos cabelos. Teve o rosto enfiado num prato de comida que ele insistia que estava fria, mesmo enquanto queimava sua pele.

Quando a campainha tocou na hora do almoço, uma semana depois, foi uma surpresa ver o filho parado na porta de casa.

— Ah! — exclamou ela, cobrindo instintivamente o lábio cortado, que ela havia sentido rasgando de novo ao sorrir para o filho. — Ai, olha o meu estado. Eu não sabia que você vinha. — Ficou atarantada, sem saber como esconder as mudanças no rosto desde que ele tinha saído de casa. — Eu caí — disse, conduzindo-o para dentro de casa. — Aquela porcaria de tapete. O canto fica levantando e...

— Mãe, não. Para. Eu sei que foi ele. Mas está tudo bem agora, você está em segurança. — Ele abriu a mão para ela, e na palma havia duas chaves.

— Ah, não precisa devolver. Ou foi o seu pai que pediu para trazer?

— Não são minhas. São dele.

E então Gordon contou tudo. Contou como ele tinha passado na clínica onde o pai atendia. Que tinha mostrado os vídeos salvos num servidor seguro na internet. Imagens registradas por câmeras minúsculas escondidas por ele pela casa, antes de ir embora.

— Eu queria ter certeza de que teria provas suficientes. Me desculpa por ter te deixado sozinha essa semana toda. Eu sei que foi difícil.

— Você estava filmando a gente? — Ela olhou ao redor, pousando os olhos num porta-retratos, num abajur.

— As câmeras estão nos detectores de fumaça.

— Ah — disse Cora, sentindo os olhos se arregalarem ao olhar para cima. Então se lembrou de que Gordon tinha trocado as pilhas recentemente, mas a maioria dos aparelhos parecia desaparecer no meio da decoração da casa. — Ainda está filmando agora? — perguntou Cora, levando a mão ao cabelo, envergonhada de repente. Então se deu conta. — E você contou para... Mas... O que ele disse? Ele está vindo para cá?

— Ele não volta mais. Eu falei que, se ele não quiser um escândalo nem quiser ir parar na cadeia, é melhor sumir. Ou então eu mando os vídeos para os outros sócios do consultório e para a polícia... Então essas chaves agora são suas — disse ele, entregando a ela. — Ele vai passar a escritura da casa para o seu nome até o fim da semana.

Cora se sentou no sofá. As mãos pousadas no colo. Olhou ao redor — o aparador, o móvel da televisão, a mesinha de centro de madeira. A cozinha. O hall... Aqueles cômodos que por tantos anos foram o mundo dela já começavam a se desfazer diante dos seus olhos. Um vazio tão

específico. Uma ausência de qualquer coisa que pudesse sugerir que era um lugar que ela podia chamar de casa.

Cora ainda se lembra do misto de independência e medo que sentia toda vez que usava aquelas chaves para entrar naquela casa. Ela não ficou lá por muito mais tempo — só mais algumas semanas; com uma parte de si sempre esperando que ele fosse surgir logo atrás dela.

Ela só o viu mais uma vez, no dia do divórcio. Tanto Maia quanto Gordon tiraram o dia de folga e ficaram ao lado dela — foram andando juntos até o escritório do advogado, sentaram-se à mesa, de frente para ele. Nenhum dos dois falou com o pai. Cora podia jurar que mal olharam para ele.

Já ela cruzou os olhos com os dele. Por apenas um segundo. E ele foi o primeiro a desviar a cara. Ela se lembra disso porque ficou surpresa na hora. E porque logo depois ela notou uma manchinha na camisa dele. Dois pingos alaranjados, como se uma panela de sopa de tomate tivesse respingado ali. Volta a essa imagem com frequência. Pensa no que aquilo parece lhe dizer: que ele não percebeu; que estava sozinho; que era falível. E isso, de algum modo, a faz sentir menos medo.

É verão agora. Gordon está na Espanha com Comfort, Ida, a mãe, Maia e Kate. Elas querem ir a um lago passear de barco, e ninguém se opõe quando ele diz que, em vez disso, talvez prefira dar um pulo numa galeria ali perto. Ele percorre as salas a esmo, querendo ser surpreendido pelo quadro que sabe que vai encontrar ali. Aquele que viu há tantos anos, quando a obra foi emprestada para uma galeria em Londres.

Por fim, entra numa sala menor e mais escura que as demais. E ali, em vez de molduras douradas, os quadros estão expostos em molduras de ônix. O lugar está quase vazio: só um casal jovem e uma criança com a avó. Seus passos ecoam entre os sussurros e o silêncio. Ele avança devagar pela sala, analisando uma obra de cada vez. São sombrias, pesadas, macabras. A voz do audioguia explica que são conhecidas como as "pinturas negras" de Goya, aplicadas diretamente nas paredes da casa dele e só transferidas para uma tela depois da sua morte. É difícil imaginar alguém pintando aquelas imagens terríveis na parede da sala de casa.

Gordon anda devagar, sem permitir que os olhos pulem para a obra da frente, mas já sabe que está quase lá. E então lá está ela, na metade da

parede à esquerda. *Saturno devorando um filho*. Ele para. Olha. Ouve.

O audioguia explica como movimentos de arte contemporânea — até mesmo na literatura e no cinema — têm raízes nessa obra, criada em isolamento, sem autocensura. Depois, fala sobre como o deus mitológico — Saturno — pode ser visto como a personificação de sentimentos como o medo da perda do poder; que, segundo a lenda, ele devorou os filhos por puro terror de ser suplantado. E então, quase como num adendo, o narrador menciona que um dos filhos de Saturno — Júpiter — escapou. Que a mãe de Júpiter protegeu a criança, manteve-a em segurança. E que, já adulto, ele voltou e cumpriu a profecia. Que o filho de fato suplantou o pai.

Ele estuda as feições de Saturno. Lembra-se do medo que sentiu diante daquele rosto na primeira vez que viu o quadro, lembra-se do desamparo que o invadiu naquela noite no restaurante, conversando sobre o quadro com Maia. Mas agora Gordon vê algo diferente na figura. Onde antes havia poder e fúria, agora ele enxerga desespero. Medo.

Gordon se agacha, toca o chão escuro e frio com as mãos e sente o cheiro de óleo e lona de pintura envelhecida que permeia o espaço. Não sabe ao certo por que esse quadro mexe tanto com ele, ou por que ele se sente tão disposto a traçar paralelos entre aquela obra e a própria vida. Mas é um alívio descobrir que a parte mais recente da sua história — aquela liberdade, por ele, por sua mãe — estava escondida ali o tempo todo.

Gordon se levanta, vira as costas para a pintura e volta pelas salas da galeria. Passa pelos dias de praia de Sorolla, por paredes cheias de altares a outras histórias e desfechos alternativos; talvez alguns deles até pertencentes a ele próprio. E por fim emerge na claridade do dia e atravessa o parque, pronto para reencontrar a família.

Epílogo

29 de julho de 2022

A dor no peito, quando veio, foi súbita, mas ele a reconheceu na hora, como um rosto familiar no meio da multidão. Os sintomas gravados na memória, apesar de passados tantos anos desde a faculdade de medicina. Não é muito diferente de uma azia. Uma dor irradiando para o pescoço e a mandíbula. Uma sensação de desgraça iminente.

Agora, deitado no chão da cozinha, com o café derramado encharcando a manga da camisa, ele enfrenta a dor, mantendo-se firme, pronto para observar os sintomas que o conduzirão até o fim. Mas então ele vê o rosto de Cora. Suas próprias mãos, não mais trêmulas e inúteis como ele acreditava que fossem, mas sólidas, brutais. Empurrando, esmurrando, exatamente como a dor dentro do seu peito agora.

Tenta evocar os pacientes, as pessoas que um dia ajudou, mas só consegue vislumbres fugidios, até que o rosto machucado de Cora retorna. A filha incapaz de olhá-lo nos olhos. Os gritos do filho ainda bebê. E esta é a verdade. As pessoas que deveria ter amado ele só soube ferir.

Ele grita então, um som gutural. Porque é tão óbvio. Ele teve uma vida. E podia tê-la vivido de outro jeito.

Não encontrará paz; a compreensão naquele instante final é tão clara e óbvia para ser ignorada. Ainda assim, agarra-se a um momento pescado do ar. De um tempo em que ele poderia ter direcionado a vida deles para outro caminho.

Quando seu último sopro lhe escapa, ele está caminhando com Cora pelos jardins do Embankment. Ela usa uma bota ortopédica num dos pés, mas ele está descalço. Quase pode sentir a grama entre os dedos. Chegam ao portão da Villiers Street e uma sensação estranha o percorre, como se a água do mar invadisse sua pele e o preenchesse. Eles diminuem o passo.

É, ele gosta dela. Mas desta vez solta sua mão. Eles trocam algumas palavras, então ela sorri, se vira e vai embora.

Ele a observa seguir até o fim da rua, observa como ela não parece se tornar familiar, observa enquanto ela dobra a esquina e desaparece de vista.

À medida que seu corpo esfria, o ar vibra com as possibilidades não vividas de como suas vidas poderiam ter se desenrolado, que outros caminhos poderiam ter tomado.

Há uma criança. Ela está na porta de uma igreja ao lado da mãe, que observa um quadro de avisos, com anúncios fixados atrás do vidro. Aula de balé às terças à tarde ou então dança irlandesa no sábado de manhã. A mãe pesa as opções e decide que seria corrido demais ir direto da escola para o balé. Olha para a menina, que está enrolando o caule de um dente-de-leão no dedo, e começa a explicar o que é dança irlandesa, conta dos sapatos especiais que elas vão ter que comprar. A menina abandona o sonho de usar sapatilhas de balé junto com a flor colhida e, alguns anos depois, abandona também a dança irlandesa, mais interessada em trabalhar na horta com o pai.

Há um jovem. No começo da carreira, ainda no primeiro ano como clínico, num consultório. Ele escuta enquanto um vendedor exalta um carro novinho em folha, com teto solar retrátil, toca-fitas, freio ABS. Mas, antes que consiga explicar o sistema antiderrapante, algo faz os dois olharem para a frente. É quando o jovem avista um conversível de dois lugares no canto do pátio. "Aquele está à venda?", pergunta, já andando na direção do carro, admirando o poder e o requinte do design clássico mais antigo. Seis meses depois, debaixo de uma chuva forte, os freios falham. O pai do jovem está no centro cirúrgico do mesmo hospital quando, dois andares abaixo, anunciam a hora da morte.

Há uma garota. Às vésperas de completar catorze anos, um aluno novo entra na sua turma. Ele tem cabelo comprido, usa calça jeans larga. Lábios como os do vocalista dos Rolling Stones. Quando saltam do ônibus e seguem pela mesma faixa de asfalto, suas casas separadas por apenas quatrocentos metros de distância uma da outra. A cada dia que passa, o passo deles vai ficando mais lento para aproveitarem mais o tempo juntos. "Eu vou com você até a sua casa", oferece ele. Mas, quando chegam ao portão dela, os dedos manchados de amoras, não estão prontos para se despedir, então voltam para a rua. E, em meio ao vaivém

suave daqueles dias, os adornos da infância — balé, cambalhotas, trançar o cabelo da melhor amiga — vão sumindo. Quase despercebidos.

Há um menino. Dez anos. Ele desliza pelos corredores do hospital ao lado do pai, observando como todos o tratam com deferência, como os colegas parecem ansiosos para não desperdiçar o bem mais precioso dele: o tempo. Mais tarde, quando o pai o manda até a cantina, ele se imagina recebendo aquele louvor, como se ele também pudesse um dia ser um cirurgião e pudesse inspirar o mesmo respeito. Até que, ao parar na fila atrás de dois homens de jaleco branco, ele entreouve a conversa deles. E vê o homem que ele sempre havia idolatrado pelos olhos de outra pessoa. Refugia-se numa cabine de banheiro, tranca a porta, ardendo de vergonha. Então sai, decidido a nunca ser igual a ele.

Há uma mulher. Ela empurra um carrinho de bebê com a filha de nove anos ao lado. Elas deixam a rua fustigada pelo vento e entram num prédio. Quando a escrivã olha para ela e pergunta como quer chamar o filho, ela hesita. Então se ouve dizendo o nome do falecido pai, Hugh. Ela não sabe de onde veio a ideia. Não tinha nem pensado nisso antes. Mas, assim que o nome sai da sua boca, ele parece perfeito.

NOMES DAS PERSONAGENS

(com o significado original em itálico)

Cora — o coração da história

Gordon — *grande montanha*, imponente, intransponível; um obstáculo difícil de atravessar

Bear [urso] — fofo, bom de abraçar, corajoso, forte

Julian — *pai celeste*; Jules ou jewels [joias], joalheiro

Maia — *mãe*

Atkin (sobrenome) — kin, no sentido de parentesco, *família*; estar "at kin" pode ser interpretado como estar em paz ou em guerra

Vihaan — *amanhecer*, representando o início de uma nova era

Sylvia/Sílbhe — dos cabelos prateados

Cian — *resiliente*

Orla — *princesa dourada*; all [tudo]

Lily [lírio] — *pureza*, *inocência*; tradicionalmente, um símbolo tanto de virgindade quanto de luto

Pearl [pérola] — *preciosidade*

Mehri — *gentil*, *ensolarada*; merry [feliz], alegre

Fern [samambaia] — que oferece abrigo e sombra

Roland — *famoso em todo o país*

Felix — *feliz*, *sortudo*, *afortunado*; associado também a uma marca de ração de gato

Kate — *pura*

Charlotte — *livre*

Meg — *pérola*

Comfort [conforto] e **Ida** [em inglês, sonoridade próxima de "êider", pato marinho de penugem macia] — juntos, um edredom [eiderdown]

Aoife — *princesa guerreira*

Niamh — *brilho*

Eileen — I lean; um nome que sugere dependência, mas que convida a uma confissão semelhante na boca de outra pessoa

NOTA DA AUTORA

EMBORA ESTE LIVRO SEJA UMA OBRA DE FICÇÃO, ALGUMAS DAS OBRAS DE ARTE DESCRITAS foram inspiradas no trabalho de artistas reais. Caso estejam interessados: as imensas obras de Orla, feitas com réguas e metros reciclados, foram inspiradas no trabalho primoroso de **Rose Vickers** — você pode encontrá-la no Instagram, em @rosevickers.studio • Sou apaixonada e uso há muitos anos as joias produzidas pelo joalheiro alemão **MANU**, e foram essas peças que me vieram à cabeça quando descrevi as criações de Julian (@manu_schmuck) • Quando Julian e Orla estão no bar com os amigos da Antiga Fábrica de Chocolate e comentam rapidamente sobre o trabalho de um artista que trabalha com papel, imaginei **Matthew Shlian** — sempre me fascinou a maneira como ele brinca com as sombras (@matthewshlian) • Quando as mulheres se reúnem na porta da casa de Bear depois que ele sai de casa, o quarto dele é descrito como uma "natureza-morta". Essa ideia veio do poema "Empty Nest" [Ninho vazio], de Carol Ann Duffy, publicado na antologia homônima, uma coletânea que me proporcionou consolo imenso quando meus próprios filhos saíram de casa.

A imagem da capa foi pintada em acrílico pela artista espanhola **Eva Navarro** como parte de uma obra maior chamada *Pursuing a Dream* [Perseguindo um sonho]. Eva opta por não revelar o rosto de seus retratados, para que o observador possa se identificar com eles e imaginar a sua história, o que, acredito, explica como essa figura parece incorporar cada uma das versões do filho de Cora: em um momento com a confiança tranquila de Urso, e no outro com a hesitação de Julian, e em outro ainda com a arrogância de um jovem Gordon. Assim que a minha editora me mostrou essa imagem, pareceu coisa do destino — e me sinto muito sortuda por ter uma obra tão linda de Eva na minha capa. Você pode conhecer mais do trabalho dela em evanavarro.com.

AGRADECIMENTOS

MEU FELIZ E SINCERO AGRADECIMENTO A **KAROLINA SUTTON**, A AGENTE DOS SONHOS. Enquanto eu mantinha a minha esperança num pote bem fechado, sua crença neste livro sempre pareceu capaz de encher piscinas inteiras. Sou imensamente grata por isso, pela sua visão editorial, pelo seu calor, pelo seu humor e por ser a voz mais tranquilizadora do outro lado do telefone. Para pegar emprestadas as palavras de Bear: você é um enxame, e eu te adoro • Obrigada a **Anna Stein**, minha agente maravilhosa nos Estados Unidos, por estar lá nas horas certas — seja dando uma pausa nas férias para a nossa primeira reunião, fazendo mágica nos Estados Unidos, ou juntando todo mundo com a melhor comida e o melhor papo. Agradeço a cada pedacinho disso. Você é demais • Obrigada a **Jake Smith-Bosanquet** e a **Zoe Willis** por garantirem que este livro chegaria a tantos leitores em tantas línguas diferentes — é difícil imaginar dois agentes literários mais gentis e, ao mesmo tempo, mais obstinados. E, Zoe, muito obrigada por fechar o primeiro acordo de publicação de *Os nomes* no mundo (isso mesmo, antes até do que no Reino Unido) — receber a notícia de que você encontrou um lar para o meu livro na Grécia será para sempre um momento mágico • Muito obrigada a **Michelle Weiner** — você parece vir só com notícia boa, e sou muito grata por todo o trabalho que faz nos bastidores para que isso aconteça • Por fim, obrigada a **Izzy Redfern** por ser uma presença tão acolhedora na Creative Artists Agency e por organizar... bem, tudo.

Ah, **Francesca Main**. Se eu estivesse lendo isto em voz alta, você ouviria um suspiro de alegria na minha voz e já seria o suficiente, porque ia dar conta de praticamente tudo o que você precisa saber sobre o privilégio maravilhoso que é tê-la como minha editora aqui no Reino Unido. Foi um prazer enorme tanto receber suas edições minuciosas quanto acompanhar sua dedicação em compreender meus personagens e suas motivações ao considerar cada mudança. Sua gentileza, seu raciocínio, seu humor e seu cuidado brilham em tudo o que você faz,

tanto dentro quanto fora da página. Da mesma forma, **Pamela Dorman**, na Penguin US, e **Lara Hinchberger**, na Penguin Canada. Obrigada a vocês três por terem gostado, de coração, do manuscrito que primeiro chegou às suas mãos e então por terem me ajudado a transformá-lo em algo ainda melhor. Sou grata por seu carinho e entusiasmo e pela sabedoria em me encorajarem a fazer grandes mudanças. O livro ficou mais rico, mais cheio de nuances, por causa de vocês, e foi um prazer imenso trabalhar com todas vocês.

Obrigada a **Susie Bertinshaw**, **Holly Kyte** e **Jade Craddock** pelo copidesque e pela revisão tão criteriosos e por conferirem tantos detalhes. Sou muito grata por me salvarem de incontáveis erros e por permitirem que eu não fosse salva quando quis manter certas esquisitices • Também na Orion, devo muito a: **Anna Valentine** (um nome excelente e uma mulher excelente), **Katie Espiner**, **Sandra Taylor**, **Lindsay Terrel**, **Jen Wilson**, **Virginia Woolstencroft**, **Cait Davies**, **Javerya Iqbal**, **Leanne Oliver**, **Lynsey Sutherland**, **Sian Baldwin**, **Esther Waters**, **Eleanor Wood**, **Karin Burnik**, **Paul Stark**, **Louise Richardson**, **Hannah Cox** e **Alice Graham**. E, não menos importante, a **Sam Eades**, por todo o carinho com que cuida de autores estreantes • Na Penguin US, gostaria de agradecer a **Marie Michels** e **Natalie Grant**, junto com **Brian Tart**, **Andrea Schulz**, **Kate Stark**, **Molly Fessenden**, **Carolyn Coleburn**, **Yuleza Negron**, **Patrick Nolan**, **Mary Stone**, **Rebecca Marsh**, **Andy Dudley**, **Rachel Obenschain**, **Claire Vaccaro**, **John Francisconi** e muitos outros — fiquei comovida com o entusiasmo de vocês por *Os nomes* e me sinto imensamente sortuda por trabalhar com um time como esse.

Aos meus **editores** e **tradutores** pelo mundo, é um privilégio mágico poder alcançar leitores em línguas que eu mesma não falo. Obrigada.

Um imenso obrigada a **Henu Cummins** pelos conselhos generosos e pela visão profissional, fundamentais na construção do personagem de Gordon pai e na dinâmica familiar construída ao redor dele. Sou muito grata por você ter cedido o seu tempo para conversar comigo quando o livro ainda era só uma ideia e depois pelo seu encorajamento e apoio quando leu o primeiro manuscrito. O mundo é um lugar mais gentil e seguro porque você está aqui • A **Peter** e **Guy Jenner** por serem tão atenciosos em ouvir as minhas perguntas a respeito de ourivesaria • A **Geoff O'Sullivan** (por intermédio de **Anna Stein**) por responder às

minhas perguntas sobre a vida na Irlanda com tanta generosidade e bom humor. Qualquer discrepância é tudo minha culpa.

Embora nenhum nome usado neste livro tenha sido inspirado em pessoas reais, alguns personagens compartilham seus nomes com filhos de amigos e familiares, escolhidos, no entanto, unicamente por causa do seu significado ou porque evoluíram de forma natural. De todo modo, a **Bea**, **Maya**, **Felix** e **Pearl** da vida real: vocês têm os nomes mais lindos, e espero que não se importem que os meus personagens também os carreguem na hora de contar esta história.

Ao **Merry Women's Book Group**, obrigada por me desafiar a ler livros com e sem enredo, pelos banquetes compartilhados e pelas gargalhadas escandalosas. Juntas, vocês são uma alegre garrafa de prosecco antialérgico; individualmente, vocês são **Donna**, **Emily**, **Maria** e **Marieke** • E ao meu outro maravilhoso clube do livro: **Shauna**, **Michèle**, **Pippa**, **Sue**, **Audrey**, **Jennie**, **Fiona** e os muitos cachorros que leem com a gente. Obrigada pela amizade, pela incrível gentileza e por celebrarem comigo a alegria dos livros.

A **todo amigo** que me acolhe de volta na vida dele quando emerjo do casulo da escrita, que me diz uma palavra de incentivo, que compartilha da minha alegria de *enfim* realizar esse sonho... obrigada • Um abraço especialmente apertado de gratidão a **Joanne** e **Jenny** pelos conselhos nas áreas de biblioteconomia e da língua francesa, respectivamente (além de muito mais); a **Shauna** por sugerir que eu fizesse aula de escrita e por me encorajar a pegar numa caneta de novo; a **Kathryn** pelo incentivo carinhoso em tudo o que eu me proponho a fazer; e a **Samson**, **Charlotte**, **Ben**, **Catherine**, **Tamsin** e à **maravilhosa família Smith** por estarem presentes em momentos de tristeza e de alegria. Vocês tornam a minha vida mais feliz.

A **Sarah**, obrigada por ler aquele primeiro capítulo e por oferecer um apoio tão generoso. E então por sempre intuir exatamente o que poderia ajudar em cada estágio da escrita. Até que, por fim — quando o livro estava pronto para ser enviado aos agentes —, você disse: vai arrumar um lugar na estante onde o seu livro vai morar. E aqui está ele. Obrigada, obrigada, obrigada, Sarah. Você me deu mais do que eu posso descrever.

À pequena **Bea**: se algum dia você ler este livro e chegar até esta página, é mais provável que já seja a jovem Bea. Ou talvez até uma Bea

adulta. Mal posso esperar para conhecer todas essas versões suas e descobrir quem você vai se tornar. Até lá, eu te amo, sempre.

A **mamãe** e **papai**, obrigada por despertarem em mim o amor pelas palavras e pela leitura desde cedo; por fazer dos livros uma parte das nossas casas, das nossas férias, das nossas conversas; e por amarem este livro tão completamente. Obrigada também por serem meus confidentes amados e as melhores pessoas com quem comemorar.

À minha irmã, **Laura** — é um baita privilégio que os meus dilemas de escrita se misturem com nossas conversas e risadas diárias. Não tenho nem como medir a minha gratidão (e já posso até imaginar os diferentes aparelhos de medida que você vai fazer questão de botar na minha frente depois de ler isso, mas não, nenhum deles é grande o suficiente) por você trazer o seu brilhantismo como editora de verdade para a nossa relação e por estar sempre pronta para polir as minhas palavras, repassar uma cena difícil ou oferecer conselhos certeiros. Com amor, obrigada, e minha mais profunda admiração, sempre.

Aos meus filhos — este livro cresceu na colmeia da criatividade de vocês e, à medida que foram ganhando o mundo, fiquei emocionada e encantada ao perceber que ela continua sendo nutrida a distância por meio de conversas constantes. A felicidade de Julian ao encontrar seu lugar na Antiga Fábrica de Chocolate é, em grande medida, inspirada pela vida que eu tenho o prazer de compartilhar com vocês dois e com o seu pai. **M**, obrigada por estar sempre tão disposta a embaralhar as minhas palavras na página até elas caírem nos lugares certos, por tornar o nosso tempo juntas na França tão mágico e pelo feedback sempre sincero e perspicaz (este livro tem 95% menos leite por sua causa). Um amor imenso, do tipo que vai correndo ao lado do trem, para você, minha menina maravilhosa. E **F**, obrigada por sugerir que o quadro de Goya talvez funcionasse — isso me deu um ponto focal para a narrativa de Gordon filho, bem como um desfecho. Não consigo mais imaginar este livro sem isso — muito, muito obrigada. E obrigada também por ser quem você é — o tipo de pessoa que liga do nada para dizer que uma palavra específica que eu usei funcionou muito bem, por você ser você... e que *você* maravilhoso você é.

Ao meu marido, **Ian** — por onde começar a te agradecer? Na ausência de coisa melhor: obrigada por ser o meu primeiro leitor, meu parceiro de trama e por insistir que "ninguém fala assim na vida real", até eu

encontrar a voz do meu personagem. De verdade, este livro só existe por causa da sua fé inabalável em mim e porque você me deu a coragem e a chance de errar e tentar de novo. Então, obrigada por isso e pelos milhares de ovos mexidos de almoço. Você é maravilhoso, e eu me sinto incrivelmente sortuda por dividir esta vida com você.

Este e-book foi desenvolvido
em formato ePub por Flex Estúdio para
Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Os nomes

Site oficial da autora
https://www.florenceknapp.com/

Perfil da autora no Instagram
https://www.instagram.com/florenceknapp_

Perfil da autora no Threads
https://www.threads.com/@florenceknapp_

Substack da autora
https://florenceknapp.substack.com/

Página do livro no Skoob
https://www.skoob.com.br/pt/book/122616118

Página do livro no Goodreads
https://www.goodreads.com/book/show/217245618-the-names

Página da autora no Goodreads
https://www.goodreads.com/author/show/17201569.Florence_Knapp